

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

JAMES PATTERSON

E HOWARD ROUGHAN

Lua de Mel

*Até que
a morte
os separe*



ARQUEIRO



JAMES PATTERSON
E HOWARD ROUGHAN

*Lua de
Mel*



ARQUEIRO

*Lua de
Mel*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Título original: *Honeymoon*
Copyright © 2005 por James Patterson
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, EUA.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução
Cássia Zanon

preparo de originais
Victor Almeida

revisão
Ana Grillo e Caroline Mori

diagramação
Abreu's System

capa
Rodrigo Rodrigues

imagem de capa
Barbara Abate / Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P597L Patterson, James, 1947-
 Lua de mel [recurso eletrônico] / James Patterson e Howard Roughan;
 [tradução de Cássia Zanon]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
 recurso digital

Tradução de: Honeymoon
Formato: epub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-132-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Roughan, Howard. II. Zanon, Cássia, 1974-. III. Título.

12-9433

CDD 813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Suzie e Jack.
Com amor, Jim.*

*Para minha linda noiva, Christine.
Com amor, Howard.*

PRÓLOGO

QUEM FEZ O QUÊ?

AS COISAS NEM SEMPRE SÃO o que parecem.

Num instante, estou bem.

No instante seguinte, estou curvado, com a mão na barriga, em pura agonia.

Que merda está acontecendo comigo?

Não faço ideia. Tudo o que sei é o que sinto, e não consigo acreditar no que estou sentindo. É como se a camada que reveste meu estômago subitamente se desprendesse numa queimadura corrosiva. Estou gritando, gemendo e, principalmente, rezando... rezando para que a dor pare.

Mas ela não para.

A queimadura continua, abrindo um buraco cheio de bolhas, enquanto a bile no meu estômago escorre efervescente, pingando nas minhas entranhas. O ar é tomado pelo cheiro de minha própria carne se derretendo.

Estou morrendo, digo a mim mesmo.

Mas, não: é pior que isso. Muito pior. Estou sendo esfolado vivo... de dentro para fora.

E é apenas o começo.

Como um fogo de artifício, a dor sobe e explode na minha garganta, bloqueia o ar e exige um esforço extra para respirar.

Então eu desabo. Meus braços se mostram inúteis, incapazes de impedir a queda. Caio de cabeça no piso de madeira de lei e racho o crânio. Sangue vermelho-vivo e grosso jorra de cima da minha sobrancelha direita. Pisco algumas vezes e continuo, sem me preocupar com o corte. Precisar de uma dúzia de pontos é o menor dos meus problemas no momento.

A dor piora e continua a se espalhar.

Pelo nariz. Saindo pelas orelhas. Direto nos olhos, onde posso sentir as veias estourando como plástico bolha.

Tento me levantar, mas não parece possível. Quando finalmente fico em pé, tento correr, mas tudo o que consigo fazer é tropeçar para a frente. Minhas

pernas estão pesadas. O banheiro está a três metros de distância, mas poderiam ser trinta quilômetros.

De alguma forma, consigo chegar até lá e me tranco. No entanto, meus joelhos cedem e, mais uma vez, caio no chão. O piso frio de cerâmica recepciona meu rosto com um barulho medonho enquanto sinto meu dente rachar ao meio.

Posso ver o vaso sanitário, mas, como todo o resto do banheiro, ele parece se mexer. Tudo está girando quando alcanço a pia. Agitando os braços, tento me equilibrar. Nada. Meu corpo inteiro começa a tremer, como se mil volts estivessem passando por minhas veias.

Tento rastejar.

A dor está oficialmente espalhada por todos os lugares, incluindo as unhas das mãos, que enfio no rejunte da cerâmica, tentando prosseguir. Agarro desesperadamente a base do vaso e levanto a cabeça por cima do assento.

Por um instante, minha garganta se abre e eu inspiro com força, em busca de ar. Começo a ofegar, e os músculos do peito se esticam e se contorcem. Um a um, eles se rompem como se tivessem sido cortados por lâminas afiadas.

Alguém bate à porta. Viro a cabeça depressa. As batidas ficam cada vez mais fortes – são praticamente murros.

Se ao menos fosse o Anjo da Morte para me tirar deste sofrimento torturante.

Mas não é... não ainda. Então me dou conta de que talvez nunca venha a saber o que me matou nesta noite. Mas sei com certeza *quem foi*.

PARTE UM

CASAIS PERFEITOS

capítulo 1

NORA PODIA SENTIR QUE CONNOR a observava.

Era sempre assim quando ela arrumava a mala para uma de suas viagens: ele encostava o corpo de 1,90m na porta do quarto, enterrava as mãos nos bolsos da bermuda Dockers e franzia a testa. Ele detestava a ideia de ficarem separados.

Normalmente, ele não diria nada. Apenas ficaria ali, parado e em silêncio, enquanto Nora enchia a mala e de vez em quando tomava goles de água Evian, sua marca preferida. Mas, naquela tarde, Connor não conseguiu se conter.

– Não vá – disse ele, com a voz profunda.

Nora se virou com um sorriso carinhoso.

– Você sabe que preciso ir. E sabe que também detesto isso.

– Mas eu já estou com saudade de você. Simplesmente diga não, Nora... não vá. Eles que vão para o inferno.

Desde o primeiro dia, Nora se sentiu cativada pela forma como Connor se permitia ser vulnerável quando estava com ela. Era um contraste muito grande com sua imagem pública: um administrador de fundos de investimento muito rico e ambicioso, dono da própria empresa, com sede em Greenwich e outro escritório em Londres. Seus olhos de cachorro pidão disfarçavam o fato de que ele era um leão. Poderoso e orgulhoso.

De fato, aos 40 anos, Connor era basicamente o rei de tudo o que se via. E em Nora, de 33 anos, havia encontrado a sua rainha, a sua perfeita alma gêmea.

– Eu poderia amarrá-la e impedi-la de ir... – disse ele, brincando.

– Parece divertido – respondeu Nora, entrando no jogo. Vasculhava a mala, que estava aberta em cima da cama, procurando alguma coisa. – Mas, antes, será que você poderia me ajudar a encontrar meu cardigã verde?

Connor finalmente riu. Divertia-se muito com Nora. Não importava se a piada fosse boa ou não.

– O suéter com botões de pérolas? Está no closet.

Nora riu.

– Você andou vestindo as minhas roupas de novo, não é?

Ela entrou no imenso closet. Quando voltou, com o suéter verde nas mãos, Connor estava ao pé da cama, encarando-a com um sorriso e um brilho no olhar.

– Ai, ai... – suspirou Nora. – Conheço esse olhar.

– Que olhar? – perguntou ele.

– O que diz que você quer um presente de despedida.

Nora pensou por um instante antes de dar um sorriso. Largou o suéter em cima da cadeira e caminhou devagar até Connor, parando intencionalmente a poucos centímetros do corpo dele. Estava apenas de calcinha e sutiã.

– Para você – sussurrou no ouvido dele, inclinando-se em sua direção.

Não havia muito que tirar, mas Connor não teve pressa. Beijou gentilmente o pescoço de Nora, passando pelos ombros e traçando uma linha imaginária com os lábios até as curvas salientes dos seios pequenos e empinados. Ficou um bom tempo por ali. Acariciava o braço com uma das mãos, enquanto tirava o sutiã com a outra.

Nora estremeceu, com o corpo todo arrepiado. *Bonitinho, divertido e muito bom de cama. O que mais uma garota poderia querer?*

Connor se ajoelhou e beijou a barriga de Nora, desenhando lentamente com a língua pequenos círculos ao redor de seu delicado umbigo. Com um polegar em cada lado do seu quadril, começou a deslizar a calcinha para baixo, marcando o progresso com um beijo, outro e depois outro.

– Isto... está... muito... *gostoso* – sussurrou Nora.

Agora era a sua vez. Quando o corpo alto e musculoso de Connor se endireitou, ela começou a tirar a roupa dele. Rápida e habilmente, mas com sensualidade.

Por alguns instantes, permaneceram parados. Completamente nus. Olhando um para o outro, decorando cada detalhe.

Meu Deus, o que poderia ser melhor que isto?

De repente, Nora sorriu e de brincadeira deu um empurrão em Connor, que caiu deitado sobre a cama. Estava muito excitado.

Nora enfiou a mão na mala aberta e tirou de dentro dela um cinto Ferragamo preto, que esticou com firmeza.

– E então, que tal amarrarmos alguém? – sugeriu.

capítulo 2

TRINTA MINUTOS DEPOIS, VESTINDO UM felpudo roupão cor-de-rosa, Nora desceu a ampla escadaria da mansão colonial neoclássica de três mil metros quadrados e três andares. Mesmo para os padrões da Briarcliff Manor e das demais cidades próximas da elegante Westchester, a casa de Connor era impressionante.

Era também impecavelmente mobiliada. Cada ambiente era uma mistura incrível de forma e função, estilo e conforto. O melhor dos antiquários de Nova York reunido ao melhor dos de Connecticut: o Eleish van Breems, o New Canaan Antiques, o Silk Purse, o Cellar. Obras de Monet, de Thomas Cole, o fundador da Escola Hudson River, e de Magritte. Na biblioteca, uma escrivaninha George III que pertencera a J. P. Morgan. Uma caixa de charutos originalmente presenteada a Castro por Nixon, com documentação de proveniência. Uma adega quase lotada com capacidade para quatro mil garrafas.

É verdade que Connor havia contratado uma das melhores designers de interiores de Nova York. Na verdade, tinha ficado tão impressionado com seu trabalho que a convidara para sair. Seis meses mais tarde, ela o estava amarrando na cama.

E ele nunca se sentira mais feliz, mais excitado e mais vivo em toda a sua vida.

Cinco anos antes, encontrara o amor, maravilhara-se com ele, estava envolto em carinho, mas sua noiva, Moira, morreria de câncer. Pensou que jamais voltaria a sentir tudo aquilo, mas, de repente, ali estava ela, a incrível Nora Sinclair.

Nora atravessou o saguão de mármore e passou pela sala de jantar. Tinha pouco tempo antes de viajar para matar o apetite que despertara em Connor.

Entrou na cozinha, seu ambiente preferido em toda a casa. Antes de se matricular na Escola de Design de Interiores de Nova York, tinha pensado

em se tornar chef. Chegara até a cursar as melhores escolas de culinária de Paris.

Embora tivesse preferido decorar casas a pratos, cozinhar permanecera uma de suas paixões. Cozinhar a relaxava. Ajudava-a a clarear a mente. Até mesmo preparar algo tão básico como o prato favorito de Connor: um grande e succulento cheeseburger duplo com cebolas... recheado com caviar.

Quinze minutos depois, gritou para ele:

– Querido, está quase pronto. Você não vem?

Novamente vestindo bermuda Dockers e uma camisa Polo, ele desceu as escadas e aproximou-se por trás de Nora diante do fogão.

– Não há nenhum outro lugar neste planeta...

– ...em que eu preferiria estar – disse ela, pegando a deixa.

Essa era uma das manias dos dois. Um mantra compartilhado. Pequenos testemunhos sobre aproveitarem ao máximo o tempo que passavam juntos, o que, considerando as suas carreiras agitadas, era sempre um bônus.

Ele espiou por cima do ombro enquanto ela picava uma cebola grande:

– Elas nunca fazem você chorar, hein?

– Não, não fazem.

Connor se sentou à mesa da cozinha.

– Quando o carro vem buscar você?

– Em menos de uma hora.

Ele assentiu com a cabeça e ficou brincando com o jogo americano sobre a mesa.

– Então, onde fica esse cliente que obriga você a trabalhar num domingo?

– Em Boston. Um cara aposentado que acabou de comprar e reformar um enorme sobrado em Back Bay.

Nora cortou o pão e o recheou com os hambúrgueres recém-preparados com queijo e cebolas. Pegou na geladeira uma cerveja para Connor e outra água Evian para si.

– Melhor que o de restaurantes refinados – disse ele, dando a primeira mordida. – E com uma chef muito mais atraente, é preciso acrescentar.

Nora sorriu.

– Também tenho um pouco de Graeter's para você. De framboesa.

Graeter's era o melhor sorvete que ela já experimentara. Bom o bastante para justificar a encomenda de Cincinnati.

Nora tomou um gole da água e o observou dar conta rapidamente do que ela havia preparado. Ele sempre fazia isso. Tinha um excelente apetite! Bom para ele.

– Meu Deus, como eu te amo! – exclamou Connor de repente.

– E eu te amo. – Nora parou e fitou os olhos azuis dele. – Na verdade, eu te adoro.

Ele levantou as mãos para o alto.

– Então, francamente, o que estamos esperando?

– O que você quer dizer?

– Quero dizer, você já tem mais roupas aqui do que eu.

Nora piscou algumas vezes.

– Essa é a sua ideia de um pedido de casamento?

– Não. *Esta* é a minha ideia de um pedido de casamento – disse ele, enfiando a mão no bolso da bermuda e pegando uma caixinha azul-piscina.

Ficando de joelhos, Connor pôs a caixa na mão de Nora.

– Nora Sinclair, você me faz incrivelmente feliz e eu não acredito que encontrei você. Quer se casar comigo?

Com um olhar perplexo, Nora abriu a caixa e viu um diamante enorme. Seus olhos verdes se encheram de lágrimas.

– Sim, sim, sim! – gritou. – Eu quero. Amo tanto você, Connor Brown!

Estouraram o champanhe. Um Dom Pérignon 1985 que ele pusera para gelar antecipadamente. Também havia comprado uma garrafa de Jack Daniel's para tomar sozinho, caso Nora não aceitasse.

Com duas taças servidas, Connor ergueu a sua e propôs um brinde:

– Felizes para sempre – falou.

– Felizes para sempre – repetiu Nora.

Os dois bateram as taças, beberam e ficaram de mãos dadas. Enlouquecidamente apaixonados e aturdidos pela emoção, eles se abraçaram e se beijaram.

A comemoração, porém, foi interrompida por uma buzina na entrada da garagem. O carro que levaria Nora ao aeroporto tinha chegado.

Instantes depois, enquanto a limusine partia, Nora gritou para Connor pela janela aberta:

– *Eu sou a mulher mais sortuda do mundo!*

capítulo 3

NORA NÃO CONSEGUIU PARAR DE olhar para o anel deslumbrante em seu dedo ao longo de praticamente todo o trajeto até o aeroporto de Westchester. Connor caprichara. O diamante tinha pelo menos quatro quilates. Era uma pedra redonda muito brilhante, quase transparente, e flanqueada por pedras retangulares menores. Tudo disposto lindamente em platina. Ficava maravilhoso nela, pensou. *Como se tivesse sido feito para mim.*

– A senhorita precisará que eu a busque na volta? – perguntou o motorista, ajudando-a a sair da limusine diante do terminal de passageiros.

– Não, está tudo certo. Obrigada – disse ela.

Deu uma boa gorjeta ao homem, segurou a alça da mala e entrou arrastando-a, passando pela fila extremamente longa do check-in da classe econômica e indo direto para o balcão da primeira classe. A cada passo, quase podia ouvir a voz de Connor e o começo de um dos mantras dos dois.

“Menos confusão...”, dizia ele.

– Sempre vale mais dinheiro – respondeu ela em voz alta.

Depois de uma decolagem tranquila e da subida à altitude de cruzeiro, Nora finalmente desviou o olhar do anel de noivado. Abriu a última edição da revista *House & Garden*. Uma das reportagens principais era sobre uma casa que ela decorara para uma cliente em Connecticut. OUSADIA EM DARIEN, dizia o título. As fotos estavam gloriosas e o texto que as acompanhava era muito elogioso. Só faltava uma coisa: a menção ao seu nome.

Exatamente o que ela mais queria.

Uma hora depois, o avião tocou o solo no Aeroporto Logan e Nora pegou o carro alugado, um sedã conversível. Com a capota abaixada e de óculos escuros, começou a percorrer o caminho que levava a Back Bay, em Boston.

As estações pré-selecionadas no rádio levaram-na a acreditar em duas coisas. Primeiro, Boston tinha muitas estações de notícias e poucas de

música. Segundo, o locatário anterior não deveria ter alugado aquele carro, pois um conversível precisa de música.

Apertou o botão de busca automática e encontrou uma estação interessante. Com os cabelos voando livremente com o vento e a pele bronzeada banhada pelo sol de meados de junho, acompanhou a clássica “I Only Have Eyes for You”, dos Flamingos.

Em pouco tempo, Nora estacionava diante de um magnífico sobrado na avenida Commonwealth, logo depois do Jardim Público. A relativa tranquilidade daquela tarde de domingo de verão a deixara com um pouco de sorte: uma vaga livre bem na porta.

– Oba! – comemorou Nora.

Desengatou o carro e parou um instante para ajeitar levemente os cabelos. Presos? Soltos? *Presos!* Antes de ir para a porta, olhou para o relógio de pulso. Estava na hora do espetáculo.

capítulo 4

ENQUANTO CAMINHAVA ATÉ AS IMENSAS portas duplas do velho sobrado, Nora enfiou a mão na bolsa para pegar a chave que recebera ao ser contratada por Jeffrey Walker. Com uma casa tão grande e uma campainha temperamental, o próprio Jeffrey pedira que ela entrasse sozinha. Uma vizinha sussurrou na sua mente: *Fofo*.

– Olá? Tem alguém aí? – chamou Nora ao entrar na casa. – Olá? Sr. Walker?

Ficou parada no meio do saguão aguardando. Então, ouviu o som distante de Miles Davis com o seu magnífico trompete vindo do andar de cima.

Chamou de novo. Dessa vez, ouviu passos.

– Nora, é você? – disse uma voz do topo da escada.

– Você estava esperando outra pessoa? – perguntou ela. – Tomara que não.

Jeffrey Walker desceu apressadamente até o saguão, pegou Nora nos braços e a girou no ar. Os dois se beijaram durante um minuto inteiro. Então se beijaram novamente.

– Meu Deus, como você é *linda*! – disse ele, colocando-a de volta no chão.

Ela deu um soco de brincadeira na barriga dele com a mão esquerda. O diamante de quatro quilates de Connor já havia sido substituído por uma safira de seis quilates cercada por dois diamantes.

– Aposto que você diz isso a todas as suas esposas – brincou ela.

– Não, só às maravilhosas, como você. Meu Deus, como senti sua falta, Nora! E quem não sentiria?

Os dois riram e se beijaram outra vez, profunda e apaixonadamente.

– Então me diga, como foi o voo? – perguntou ele.

– Foi bom. Ao menos para um voo comercial. Como anda o novo livro?

– Não é nenhum *Guerra e paz*. Nem um *Código Da Vinci*.

– Você sempre diz isso, Jeffrey.

– E é sempre verdade.

Aos 42 anos, Jeffrey Sage Walker era um escritor de best-sellers de ficção histórica. Tinha milhões de fãs, a maioria mulheres. Elas gostavam de suas histórias e das personagens femininas fortes, mas sua beleza rude exibida nas sobrecapas certamente não atrapalhava. Nunca cabelos descoloridos e raspados foram tão bonitos.

Inesperadamente, ele pegou Nora no colo e a pôs no ombro. Ela gritou enquanto ele a levava escadaria acima.

Jeffrey estava a caminho do quarto, mas Nora se agarrou a uma maçaneta e o obrigou a entrar na biblioteca. Estava de olho na cadeira preferida dele, aquela em que ele escrevia.

– Você sempre diz que é aqui que faz seus melhores trabalhos – disse. – Prove.

Ele a sentou na almofada forrada de couro marrom desgastado e mudou a música. Norah Jones, uma das preferidas dos dois.

Com a voz suave da cantora se propagando e tomando conta do ambiente, Nora se inclinou para trás e levantou as pernas. Jeffrey tirou as suas sandálias, a calça capri e a calcinha. Ajudou-a a tirar o suéter verde enquanto ela ia em busca do zíper de seu jeans.

– Meu lindo e brilhante marido – sussurrou ela, enquanto abaixava as calças dele.

capítulo 5

NAQUELA NOITE, NORA COZINHOU. PREPAROU penne ao molho de vodca, inclusive a massa. Fez uma salada e serviu uma garrafa de Brunello di Montalcino, um vinho tinto da adega de Jeffrey. O jantar foi servido. Tudo estava perfeito e do jeito que ele gostava.

Os dois comeram e conversaram sobre o novo romance dele, que se passava durante a Revolução Francesa. Jeffrey voltara de uma viagem a Paris alguns dias antes. Era cuidadoso com a autenticidade e os detalhes de seus livros e insistia em viajar para fazer pesquisa. Com Nora tendo a própria agenda de trabalho, o casal passava mais tempo separado que junto. Na verdade, os dois haviam se casado em um sábado em Cuernavaca, no México, e voado de volta para casa no domingo. Sem bagunça, sem confusão, sem registros nos Estados Unidos também. Foi um casamento muito moderno.

– Sabe, Nora, eu andei pensando – disse ele, enfiando o garfo no último penne do prato. – Nós realmente deveríamos fazer uma viagem juntos.

– Talvez você possa me dar aquela lua de mel que vem prometendo.

Ele pôs a mão sobre o coração e sorriu:

– Querida, cada dia que passo com você é uma lua de mel.

Nora sorriu e brincou:

– Valeu a tentativa, Sr. Escritor Famoso, mas não vou liberá-lo por causa de uma declaração bonitinha.

– Está bem, aonde você quer ir?

– Que tal o sul da França? – sugeriu ela. – Podíamos ficar no Hôtel du Cap.

– Ou à Itália? – propôs ele, erguendo a taça de vinho. – A Toscana?

– Ei, já sei! Por que não vamos aos dois lugares?

Jeffrey atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

– Lá vem você de novo – disse ele, agitando o indicador no ar. – Sempre querendo tudo. E por que não?

Terminaram o jantar, cogitando outros destinos para a lua de mel: Madri, Bali, Viena, Lanai. Enquanto dividiam um pote de sorvete de baunilha com flocos de chocolate, a única decisão realmente tomada foi a de procurarem um agente de viagens.

Às onze da noite, os dois estavam abraçados na cama. Marido e mulher. Completamente apaixonados.

capítulo 6

NO DIA SEGUINTE, ALGUNS MINUTOS depois do meio-dia, na esquina da Rua 42 com a Park Avenue, em frente à Grand Central Station, uma mulher gritou. Uma segunda mulher virou a cabeça para olhar e gritou também. Em seguida o homem ao lado dela berrou “puta merda”. Então todos correram em busca de abrigo.

Alguma coisa muito ruim estava acontecendo do lado de fora de uma das mais famosas estações ferroviárias do mundo.

A reação em cadeia de medo e confusão logo afastou todos da calçada. Todos, exceto três pessoas.

Uma delas era um gordo com grossas costeletas, cabelos ralos e um bigode escuro. Estava usando um terno marrom mal-ajambrado e de lapelas largas. Mais larga ainda era a sua gravata azul. No chão, perto dos seus pés, uma mala de tamanho médio.

Ao lado do gordo estava uma jovem atraente de provavelmente 20 e poucos anos. Tinha cabelos ruivos que desciam lisos até a altura dos ombros e muitas sardas no rosto. Vestia uma saia curta xadrez e uma camiseta branca. Levava uma velha mochila pendurada em um ombro.

O gordo e a jovem não poderiam ser mais diferentes um do outro. No entanto, naquele instante, estavam bastante unidos.

Por uma arma.

– Se você chegar mais perto, ela morre! – vociferou o gordo com um forte sotaque do Oriente Médio. Pressionava o metal frio do cano da arma contra a têmpora da moça. – Juro, ela morre. Num segundo. Não vai ser problema pra mim.

A ameaça foi feita à terceira e última pessoa na calçada, um sujeito parado a mais ou menos três metros de distância, que vestia uma calça larga de sarja cinza e camiseta preta. Parecia um turista típico. Do noroeste do Pacífico, talvez. Do Oregon? Do estado de Washington? Um corredor, quem sabe? Alguém em boa forma, pelo menos.

E então *ele* sacou uma arma.

O Turista deu um passo para a frente, mirando a testa do gordo de bigode. Bem o meio da testa, na verdade. Não parecia se importar com o fato de a jovem estar na sua linha de fogo.

– Também não vai ser problema para mim – disse ele.

– Eu disse para você parar! – gritou o gordo. – Não chegue mais perto. Fique onde está.

O Turista o ignorou e deu mais um passo.

– *Eu juro que ela morre!*

– Não, você não vai matá-la – disse o Turista calmamente. – Porque, se você a matar, eu mato você. – Deu mais um passo à frente, mas então parou.

– Pense bem, meu amigo. Sei que você não pode perder o que está nessa mala. Mas será que vale a sua vida?

O gordo apertou os olhos e de repente pareceu estar sofrendo muito. Parecia ponderar sobre o que o Turista lhe dissera. Ou talvez não. De repente, seu rosto foi dominado por um sorriso maníaco.

– *Por favooooor* – implorou a jovem, tremendo. – *Por favooooor*. – Lágrimas escorriam por seu rosto. A garota mal conseguia se manter em pé.

– *Cale a boca!* – gritou o gordo. – *Cale esta porra desta boca! Não consigo ouvir os meus próprios pensamentos!*

O Turista se manteve firme, com os pétreos olhos azuis fixos em uma coisa: o dedo do sujeito no gatilho.

Ele não gostou do que viu.

O dedo estava tremendo.

O maldito gordo ia matar a menina, não ia? E isso ele simplesmente não podia deixar acontecer.

capítulo 7

— **E**SPERE! – PEDIU O TURISTA, levantando a mão. – Vá com calma, companheiro. – Deu um passo para trás e riu. – Quem eu quero enganar? Não sou um atirador tão bom assim. De jeito nenhum eu conseguiria acertar você, em vez da menina.

– É isso mesmo – disse o gordo, apertando ainda mais a jovem com o braço direito rechonchudo. – Então: *quem está no comando?*

– Você – respondeu o Turista com um respeitoso aceno de cabeça. – Só diga o que você quer que eu faça, meu amigo. Se você quiser, eu largo a arma na calçada, o que acha?

O homem encarou o Turista. Voltou a estreitar os olhos.

– Certo, mas largue bem devagar – ele disse.

– Você que manda. Bem devagarzinho. Como quiser.

O Turista começou a baixar a arma. Ali perto, o suspiro de uma pessoa escondida atrás de um telefone público pôde ser ouvido, assim como a respiração tensa de alguém atrás de uma caminhonete de entregas na Rua 42. Os curiosos que haviam corrido em busca de abrigo, mas que ainda *precisavam* assistir aos acontecimentos, estavam pensando a mesma coisa: *Não faça isso, cara. Não entregue a arma. Ele vai matar você! E ela também!*

O Turista dobrou os joelhos e se agachou. Então pôs cautelosamente a arma na calçada.

– Viu? Devagar. Agora, o que você quer que eu faça?

O gordo começou a rir, com o bigode farto e malcuidado se amontoando abaixo do nariz.

– O que eu quero que você faça? – perguntou. A risada ficou ainda mais alta. Mal conseguia se conter.

De repente, parou de rir. Seu rosto ficou rígido. O homem tirou a arma da cabeça da moça e a apontou para a frente.

– Eu quero é que você *morra*.

Foi quando ele agiu.

O Turista.

Num piscar de olhos, com um movimento veloz e eficiente, enfiou a mão sob a barra da calça e sacou uma Beretta 9mm do coldre da canela. Estendeu o braço para a frente e atirou, com o barulho do disparo ecoando antes que qualquer um se desse conta do que acontecera. Inclusive o gordo.

O buraco em sua testa tinha mais ou menos o tamanho de uma moeda de dez centavos e, por um instante, ele ficou paralisado como uma estátua, um Buda gigante. Os espectadores gritaram, a jovem de mochila caiu de joelhos e, com um barulho imenso, o gordo caiu sobre a calçada suja e cheia de lixo. Seu sangue escorria como se brotasse de uma fonte.

Quanto ao Turista, devolveu a Beretta ao coldre da perna e a outra arma à pochete. Levantou-se e caminhou até a mala. Pegou-a e a levou até um Ford Mustang azul parado em fila dupla na rua. O motor estivera ligado o tempo todo.

– Tenham um bom dia, senhoras e senhores – disse ele às pessoas que o observavam em silêncio perplexo. – E você... é uma garota de sorte. – Saudou a jovem que segurava a mochila apertada ao peito.

O Turista entrou no Mustang e foi embora.

Com a mala.

capítulo 8

O SINAL FICOU VERDE, E O taxista nova-iorquino afundou o pé no acelerador como se estivesse tentando matar uma barata. Na verdade, quase matou foi um motoboy, aquela rara mistura de ousadia e desejo de morrer para quem sinais vermelhos e placas de “Pare” são simplesmente uma sugestão absurda, uma piada sem graça.

Quando o taxista freou bruscamente no meio do cruzamento, o motociclista desviou e seguiu em frente, com a moto em alta velocidade evitando o para-choque do táxi por menos de um centímetro.

– Idiota! – gritou o motoboy por cima do ombro.

– Vá se foder! – gritou o taxista, mostrando o dedo médio. Olhou para Nora pelo retrovisor e balançou a cabeça, enojado. Então prosseguiu, como se nada tivesse acontecido.

Nora também meneou a cabeça e sorriu.

Era bom estar em casa.

O taxista continuou sua louca disparada pela Segunda Avenida em direção ao sul de Manhattan. Depois de algumas quadras de relativo silêncio, ligou o rádio. Estava sintonizado na estação 1010 News.

Um homem com uma voz profunda e harmoniosa estava acabando de atualizar os ouvintes sobre a mais recente crise de orçamento da cidade quando anunciou uma notícia de última hora no centro e passou a palavra para uma repórter que estava no local.

– *Há mais ou menos meia hora, uma situação tensa, e de certa forma estranha, ocorreu aqui na esquina da Rua 42 com a Park Avenue, em frente à Grand Central Station.*

A repórter descreveu como um homem fez uma jovem de refém sob a mira de uma arma e acabou sendo morto a tiro por *outro* homem que as testemunhas acreditam tratar-se de um policial disfarçado.

– *Quando a polícia chegou ao local, ficou claro que o homem não tem nenhuma ligação com o Departamento de Polícia de Nova York. Na verdade,*

até este momento, ninguém parece saber quem é esse desconhecido. Depois do tiroteio, ele fugiu do local levando uma mala que era do morto.

Quando a repórter prometeu mais informações conforme a história evoluísse, o taxista soltou um suspiro e olhou pelo retrovisor.

– Exatamente do que a cidade está precisando, hein? – disse ele. – Mais um miliciano à solta.

– Duvido que seja isso – disse Nora.

– Por quê?

– A mala. O que quer que tenha acontecido, e por quê, evidentemente tem a ver com o conteúdo da mala.

O taxista encolheu os ombros e assentiu com a cabeça.

– É, você deve estar certa. O que acha que tinha na mala?

– Não sei – respondeu Nora. – Mas pode apostar que não eram roupas sujas.

capítulo 9

HAVIA UMA FRASE DE ALGUÉM, de algum lugar, que Nora adorava e em que acreditava do fundo do coração: “A vida real de uma pessoa é quase sempre a vida que essa pessoa *não* leva.”

Bem, não a vida desta garota.

Na esquina da Mercer com a Spring, no SoHo, ela pagou ao taxista e levou a mala até o saguão de mármore e pé-direito alto de seu edifício. Era um armazém reformado, agora luxuoso. Um paradoxo em qualquer outro lugar que não fosse a cidade de Nova York.

Seu apartamento era o loft da cobertura, metade de todo o andar. Em uma palavra: imenso. Em outra: estiloso. Mobília George Smith, pisos de madeira brasileira polida, uma cozinha de design alemão Poggenpohl. Tranquilo, silencioso e elegante, aquele era o seu santuário. Seu verdadeiro “nenhum outro lugar em que preferiria estar”.

Na verdade, Nora adorava apresentar o apartamento às poucas pessoas que a interessavam.

Na porta da frente estava a sentinela da casa: um nu masculino de 1,80m de altura, esculpido em argila por Javier Marin.

Havia *duas* salas de estar íntimas: uma delas ornada com suntuoso couro branco; a outra, complementar, em preto. Tudo projetado por Nora.

Ela adorava cada objeto da casa e havia garimpado antiquários, brechós e galerias de arte do SoHo ao noroeste do Pacífico, passando por Londres, Paris e por minúsculas cidadezinhas da Itália, da Bélgica e da Suíça.

Tinha coleções espalhadas por todo o lugar.

Prata: várias preciosidades Hermès, mais de uma dúzia de tigelas de prata, que amava.

Art Glass: molduras francesas, caixas de opalina branca, verde e turquesa.

Quadros de um seletor punhado de artistas promissores de Nova York, Londres, Paris e Berlim.

E, é claro, o quarto: muito vivo e estimulante, com paredes cor de vinho-escuro, castiçais e espelhos dourados, um bloco esculpido de madeira antiga sobre a cama.

Vá em frente, decifre-me se puder.

Nora pegou uma garrafa de Evian na geladeira e deu alguns telefonemas, um deles a Connor, que ela chamava de “sua manutenção masculina”. Em seguida, fez uma ligação semelhante a Jeffrey.

Pouco depois das oito horas daquela noite, Nora entrou no Babbo, um restaurante no coração de Greenwich Village. *Sim, definitivamente é bom estar em casa.*

Mesmo numa segunda-feira, o Babbo estava lotado. Os sons misturados de talheres, copos, louças e pessoas modernas da cidade enchiam o restaurante de vários andares de um zumbido pulsante.

Nora viu a melhor amiga, Elaine, com Allison, outra amiga querida. As duas estavam no primeiro piso, o mais casual, sentadas a uma mesa perto da parede. Passou pela *hostess* e seguiu para encontrá-las. Trocaram beijos no ar. Nossa, como ela adorava aquelas meninas!

– A Allison está apaixonada pelo nosso garçom – anunciou Elaine quando Nora se sentou.

Allison revirou os grandes olhos castanhos.

– Eu só disse que ele é bonitinho. Ele se chama Ryan. Ryan Pedi. Até o nome é bonitinho.

– Para mim, parece amor – disse Nora, entrando na brincadeira.

– Pronto, a testemunha confirma! – disse Elaine, advogada de um dos mais importantes escritórios da cidade, especializada em horas faturáveis.

Por falar no diabo... o jovem garçom, moreno e alto, apareceu à mesa para perguntar se Nora queria beber alguma coisa.

– Apenas água, por favor. Com gás.

– Não, hoje você vai beber conosco, Nora. E ponto final. Ela quer um Cosmopolitan.

– É pra já. – Baixando levemente a cabeça, ele se virou e se afastou.

– Ele é bonitinho – sussurrou Nora, escondendo os lábios com uma das mãos.

– Não disse? – explicou-se Allison. – É uma pena que mal tenha idade para beber.

– Nem deve ter *carteira de motorista* – disse Elaine. – Ou estamos ficando tão velhas que eles estão parecendo cada vez mais jovens? – Pronto, agora estou deprimida. – Ao dizer isso, deixou a cabeça cair.

– Mudança de assunto de emergência! – declarou Nora. Virou-se para Allison. – E então, qual é o novo preto para este outono?

– Acredite se quiser, mas talvez seja realmente o preto.

Allison era editora de moda da *W*, ou, como ela gostava de dizer, a única revista capaz de quebrar seu dedão do pé se você a deixar cair em cima dele. Como ela já explicara, o modelo de negócio era simples: grandes anúncios com modelos magricelas vestindo roupas de estilistas. Isso nunca sai de moda.

– E quais são suas novidades, Nor? – perguntou Allison. – Parece que você está sempre fora da cidade. Você anda muito sumida, menina.

– Eu sei, é uma loucura. Acabei de voltar. Ter uma segunda casa parece ser a última moda.

Allison suspirou.

– Eu já tenho problemas suficientes para pagar a primeira... o que me faz lembrar de uma coisa: eu contei a vocês sobre o cara que se mudou para o meu andar?

– O escultor que fica tocando aquele monte de música New Age esquisita? – perguntou Elaine.

– Não, não é ele. Aquele se mudou há meses – disse ela, com um aceno de mão indiferente. – Esse novo cara acabou de comprar o apartamento da ponta.

– E qual é o veredicto? – perguntou Elaine, sempre advogada.

– Solteiro, adorável e oncologista – respondeu Allison, dando de ombros. – Imagino que não exista na vida nada melhor que se casar com um médico rico.

As palavras mal tinham saído da boca de Allison quando ela, desesperada, a cobriu com uma das mãos.

Um silêncio recaiu sobre a mesa.

- Meninas, *tudo bem* – disse Nora.
- Sinto muito, querida – disse Allison, envergonhada. – Eu não devia ter dito isso...
- Sério, vocês não precisam se desculpar.
- Mudança de assunto de emergência! – declarou Elaine.
- Agora vocês duas estão sendo bobas. Olhem aqui, só porque Tom era médico, não quer dizer que nunca possamos falar sobre médicos. – Nora pôs a mão sobre a de Allison. – Conte mais sobre o seu oncologista.

Allison contou, e as três seguiram conversando. Eram amigas havia tempo suficiente para não permitirem que um momento extremamente constrangedor as atrapalhasse.

O jovem garçom voltou com o Cosmopolitan de Nora e apresentou os pratos especiais do dia. As três amigas beberam, comeram, riram e fofocaram maldosamente. Nora parecia completamente à vontade, confortável e relaxada. De tal forma que nem Allison nem Elaine puderam perceber aquilo em que ela realmente estivera pensando durante todo o restante da noite: na morte de seu primeiro marido, o Dr. Tom Hollis.

Ou melhor, no assassinato dele.

capítulo 10

UM COPO CHEIO D'ÁGUA e uma aspirina: um pouco de prevenção medicinal depois das bebidas do jantar com Elaine e Allison. Nora nunca se embebedava, abominava a ideia de perder o controle, mas, graças à animação e à boa companhia das amigas, ficara um pouco alta.

Dois copos d'água, duas aspirinas.

Então vestiu seu pijama preferido de algodão e abriu a última gaveta da enorme cômoda. Escondido sob vários blusões de cashmere da Polo, havia um álbum de fotografias.

Nora fechou a gaveta e apagou todas as luzes, exceto a do abajur sobre a mesa de cabeceira. Sentou-se na cama e abriu o álbum na primeira página.

– Onde tudo começou – sussurrou para si mesma.

As fotos estavam organizadas cronologicamente, um resumo fotográfico de todo o seu relacionamento com o primeiro amante que teve na vida, o homem que ela chamava de Dr. Tom. O primeiro fim de semana que passaram juntos em Berkshires, um concerto em Tanglewood, fotos dos dois na suíte do Gables Inn de Lenox.

Na página seguinte havia fotos de uma conferência médica a que ele a levara em Phoenix. Na ocasião, o casal se hospedara no edifício principal do Biltmore, um dos seus hotéis prediletos.

Depois, algumas fotos não posadas do casamento no salão de festas do Jardim Botânico de Nova York.

Essas páginas eram seguidas pelos registros da lua de mel dos dois em Nevis. Maravilhosa, uma das melhores semanas que teve na vida.

E então, muitas lembranças no caminho: festas, jantares, caretas para a câmera. Nora tocando o nariz com a língua. Tom curvando o lábio superior como Elvis. Ou era para ser o Bill Clinton?

Até que as fotos acabaram.

Em seu lugar, havia recortes.

As últimas páginas do álbum estavam cheias de notícias de jornais. As inúmeras reportagens e o obituário... agora amarelados pela passagem do tempo. Nora guardara tudo.

MÉDICO FAMOSO DE MANHATTAN MORRE COM MISTURA DE REMÉDIOS, disse o *New York Post*. MÉDICO VÍTIMA DO PRÓPRIO REMÉDIO, informou o *Daily News*. No *New York Times* não houve exageros, apenas um simples obituário com um título factual: DR. TOM HOLLIS, FAMOSO CARDIOLOGISTA, MORTO AOS 42 ANOS.

Nora fechou o álbum e se deitou na cama sozinha com seus pensamentos sobre Tom e o que havia acontecido. O começo de tudo, na verdade: o começo de sua vida. A mente de Nora então se voltou naturalmente para Connor e Jeffrey. Olhou para a mão esquerda, sem nenhuma aliança naquele momento. Sabia que tinha uma decisão a tomar.

Instintivamente, começou a criar uma lista na cabeça. Organizada e concisa. Todas as coisas que adorava em um e em outro.

Connor x Jeffrey.

Os dois eram muito divertidos. Ambos a faziam rir e se sentir especial. E certamente não havia como negar que eram ótimos na cama... ou em qualquer lugar que escolhessem fazer sexo. Eram altos, estavam em excelente forma física e eram bonitos como astros de cinema. Não, na verdade, eram mais bonitos que os astros de cinema que ela conhecia.

O fato era que Nora adorava estar com Connor e com Jeffrey em igual medida, o que tornava sua decisão ainda mais difícil.

Qual dos dois iria matar?

capítulo 11

CERTO, AGORA É QUE TUDO começa a ficar complicado.

E também realmente perigoso.

O Turista se acomodou em uma mesa de canto dentro de uma Starbucks na Rua 32 Oeste, em Chelsea. Praticamente todas as mesas estavam ocupadas por vagabundos, mas o ambiente parecia seguro e protegido. Talvez justamente porque houvesse tantos deles. Caramba! Por três dólares e uns trocados dava para conseguir alguma coisa junto com o café.

A mala de que havia se apropriado na frente da Grand Central Station estava no chão, entre suas pernas, e ele já tinha algumas informações sobre ela.

Um: não estava trancada.

Dois: nela havia roupas masculinas, a maioria amarrotada, e uma nécessaire de couro marrom.

Três: a nécessaire continha os aparelhos de barbear de praxe, mas também algo interessante, um pen drive. Custava mais ou menos dez dólares em qualquer loja de informática. E toda a confusão fora por causa disso, não? Irônico: era menor que um dedo.

Mas aquela coisinha podia guardar muita informação. E obviamente guardava.

O Turista já estava com o Mac a postos. Chegou o momento da verdade. Se ele tivesse coragem. E ele tinha.

Lá vamos nós!

Ele conectou o pen drive no Mac.

Por que um gordo infeliz precisou morrer por causa disso na Rua 42?

O ícone do drive apareceu.

O Turista começou a arrastar e copiar os arquivos do pen drive.

Lá vamos nós.

Dois minutos depois, o Turista estava prestes a examinar os arquivos.

Mas teve que parar.

Uma menina bonita, de cabelos negros e vermelhos espetados, estava tentando espiar da mesa ao lado.

Por fim, o Turista olhou para ela:

– Sabe aquela velha piada... eu poderia mostrar o que tem neste arquivo, mas então teria que matar você?

A garota sorriu e devolveu:

– E aquela outra piada... você mostra o seu, que eu mostro o meu?

O Turista riu.

– Você não tem um Mac.

– Azar o seu. – Ela deu de ombros, levantou-se e se preparou para ir embora. – Você até que é bonitinho para um idiota.

– Vá cortar os cabelos – disse o Turista, rindo.

Afinal, voltou a olhar para a tela do computador.

Enfim, lá vamos nós!

O que ele viu na tela fazia sentido... de certa maneira. Pelo menos fazia sentido neste mundo maluco.

O arquivo continha nomes, endereços, nomes de bancos na Suíça e nas Ilhas Cayman. Contas no exterior. E quantias. O Turista fez um cálculo rápido de cabeça. Uma quantia estimada, mas suficientemente aproximada. Um pouco mais de 1,4...

...bilhão.

capítulo 12

NOVA YORK ATÉ PODE SER a cidade que nunca dorme, mas às quatro da manhã certamente há partes dela que não estão muito acordadas. Uma delas era um estacionamento mal-iluminado no Lower East Side. Enterrado cinco andares abaixo do nível da rua, era o retrato da imobilidade: um casulo de concreto. O único barulho que se ouvia naquele instante era o zumbido monótono das lâmpadas fluorescentes do teto.

Isso e um impaciente dedo médio batucando no volante de um Ford Mustang azul parado ali.

Dentro do Mustang, o Turista olhou para o relógio e meneou a cabeça. Seguiu batucando com o dedo, *o dedo médio*. Seu contato estava atrasado.

Dois dias atrasado, na realidade.

Um compromisso perdido.

Problemas de preparação? Sem dúvida.

Dez minutos mais tarde, um par de faróis finalmente iluminou a parede mais distante ao lado da rampa que levava ao andar superior. Uma van branca apareceu. Na lateral, a logomarca de uma floricultura: FLORES DE LUCILLE.

Ah, qual é?, pensou o Turista. *Uma van de entrega de floricultura?*

A van se aproximou lentamente do Mustang e parou a cinco metros de distância. O motor foi desligado e um homem alto e magro como um palito desceu. Vestia terno cinza, camisa branca e gravata. Começou a caminhar na direção do Mustang. Havia outra pessoa dentro da van, que preferiu não sair.

O Turista se encontrou com o Homem Magro no meio do caminho.

– Você está atrasado – falou.

– E você tem sorte de estar vivo – disse o contato.

– Sabe, algumas pessoas consideram isso uma habilidade.

– Vou lhe dar alguns créditos pelo tiro. Bem no meio da testa, pelo que fiquei sabendo.

– Bom, o cara tinha uma testa bem grande. O alvo era maior. A menina está bem?

– Abalada, mas vai ficar bem. É profissional. Como você.

O Homem Magro enfiou a mão no bolso do casaco. Aquilo não era nada bom! Pegou o maço de cigarros e ofereceu um ao Turista.

– Não, obrigado. Estou parando. Estou sem fumar há quinze dias.

O sujeito acendeu o cigarro e apagou a chama do fósforo.

– O que a polícia de Nova York está dizendo? – perguntou o Turista.

– Não muita coisa. Digamos que eles estão lidando com testemunhos conflitantes.

– Você mandou alguém para lá, não mandou?

– *Dois* testemunhas, na verdade. Fizemos ambas declararem que você tinha uma cicatriz e usava cavanhaque.

O Turista sorriu e esfregou o queixo barbeado:

– Que ótimo. E a imprensa?

– Estão em cima do caso. O conteúdo da mala é o único mistério maior que sua identidade. Por falar nisso...

– Está no porta-malas.

Os dois foram até a traseira do Mustang. O Turista abriu o porta-malas. Tirou a mala e a pôs no chão. O outro homem a observou por um instante.

– Você ficou tentado a abri-la? – perguntou.

– Como você sabe que eu não abri?

– Você não abriu.

– Não. Mas *como* você sabe disso?

O homem soltou um anel de fumaça.

– Se tivesse aberto, estaríamos tendo uma conversa muito diferente agora.

– Eu deveria saber o que isso quer dizer?

– Claro que não. Você não está por dentro.

O Turista desistiu.

– E agora?

– Agora você desaparece. Tem outro trabalho, certo?

– Outro *trabalho*? É, já estou envolvido em uma coisa interessante. Quem está na van?

– Você se saiu bem desta vez. Ele pediu que eu dissesse isso a você. Deixe as coisas como estão.

– Eu *sou* bom. Foi por isso que me contrataram.

Os dois trocaram um aperto de mãos e o Turista ficou observando o Homem Magro levar a mala até a van. Por alguns instantes, ponderou se eles conseguiriam descobrir que ele tinha conferido o conteúdo do pen drive. De qualquer maneira, ele estava definitivamente por dentro agora. Mesmo que quisesse desesperadamente não estar.

capítulo 13

FOI UMA MANHÃ CHEIA PARA Nora. Primeiro, ela passou uma hora deliciosa na Sentiments, uma loja de presentes na 61 Leste, e agora ia trabalhar para um cliente na ABC Carpet & Home, perto da Union Square. Depois disso, iria ao showroom do D&D Building e, por fim, à Devonshire, uma loja inglesa de jardinagem.

Estava fazendo compras para Constance McGrath, uma de suas primeiras clientes. Constance, o tipo de pessoa que nunca diria “pode me chamar de Connie”, havia acabado de se mudar de seu elegante apartamento de dois quartos no East Side para um apartamento de dois quartos ainda mais elegante no Central Park West. Para ser mais exato, um apartamento no edifício Dakota, local onde foi filmado *O bebê de Rosemary* e onde John Lennon foi assassinado. Ex-atriz de teatro, Constance ainda tinha uma queda pela dramaticidade. Explicou a mudança para o outro lado do Central Park da seguinte forma: “O sol se põe no oeste e, neste meu último apartamento, eu também me recolherei.”

Nora gostava de Constance. A mulher era exuberante, direta e gostava de invocar uma das expressões preferidas dos decoradores: *Dinheiro não é problema*. Também tinha sobrevivido a dois maridos.

– Quem diria! – disse uma voz masculina.

Nora se virou e viu Evan Frazer com os braços estendidos para abraçá-la. Evan era o representante da Ballister Grove Antiguidades, que ocupava grande parte do quinto andar.

– Evan! Que bom ver você.

– Eu que o diga! – Deu um beijo em cada bochecha de Nora. – E então, para qual cliente podre de rico você está fazendo compras hoje?

Nora quase pôde ver os cifrões nos olhos dele.

– Ela prefere se manter anônima, é claro. Mas, para a sua sorte, está trocando parte de seus adornos franceses por um visual mais inglês.

– Então você veio ao lugar certo – disse ele, com um sorriso cheio de dentes. – Mas, também, você sempre vem.

Durante a hora seguinte, Evan percorreu com Nora todo o seu inventário de mobília inglesa. Sabia o que estava fazendo: o que dizer e o que não dizer – *principalmente* o que não dizer – a Nora Sinclair.

Nora detestava que algum vendedor lhe dissesse que algo era lindo. Como se isso fosse influenciar sua opinião. Ela tinha a própria estética. Seu próprio gosto. Parte desse gosto era inato, desenvolvido e aperfeiçoado pela experiência. Confiava cegamente nele.

– Esta aqui abre de um ou dos dois lados? – perguntou ela ao lado de uma mesa de jantar de mogno com acabamento de madeira polida.

– Só de um lado – explicou ele. – Mas podemos fazer o segundo facilmente.

– Um já está bom.

Olhou para o preço, mas apenas por formalidade, considerando que as compras eram para Constance McGrath. Dando um passo para trás e uma última olhada, Nora expressou sua versão do clássico “vou levar”. Por que dizer duas palavras quando podia ser muito mais enfática com apenas uma?

– Feito! – declarou.

Evan imediatamente pegou um cartão de vendido da prancheta e o pôs sobre a mesa. Foi a quarta e última venda que ele fez naquela manhã. Combinando o gabinete, a cômoda e o sofá que também foram negócios “feitos”, Nora estava satisfeita.

Os dois se sentaram num enorme sofá enquanto Evan fazia a nota fiscal. Nenhuma palavra foi dita a respeito dos dez por cento de Nora. Eles eram subentendidos.

Depois de se despedir de Evan, Nora parou para comer alguma coisa em um dos restaurantes da loja, El Mercado. Percebeu que não precisaria ir ao D&D nem à Devonshire, afinal. Havia resolvido tudo na Sentiments e na Ballister Grove. Após comer uma salada e um crepe de doce de leite de sobremesa, fez uma ligação para Constance para contar das compras da manhã. Também retornou as ligações de Jeffrey e Connor para fazer a “manutenção masculina” do dia.

capítulo 14

AGORA NORA TINHA UM IMPORTANTE trabalho a fazer no escritório de um advogado, na Rua 49 Leste, perto do East River.

– E então, Srta. Sinclair, como posso ajudá-la? – perguntou Steven Keppler, um advogado tributarista de meia-idade com um péssimo penteado que tentava disfarçar a calvície.

Nora deu um sorriso caloroso.

– Por favor, pode me chamar de Olívia.

– Então está bem, Olívia. – Keppler deu um sorriso um pouco aberto demais. – Sabe, eu tenho um barco com seu nome.

– Sério? – perguntou Nora, fingindo espanto. – Vou pensar nisso como um bom sinal.

O que considerou um sinal ainda melhor foi a forma como Steven Keppler cobiçava seus seios e suas pernas.

Isso geralmente garantia uma navegação tranquila.

Os outros advogados homens na lista de Nora estavam com a agenda lotada por duas ou três semanas. O mesmo aconteceria com Steven Keppler, não fosse por uma vaga repentina, provocada pela doença de um cliente. Um *timing* fortuito para ela. Em menos de 24 horas, Nora teve seu horário marcado. Ou melhor, “Olívia”. Para o que estava buscando, Nora precisou pegar emprestado o nome da mãe.

– Steven, você pode me ajudar montando um negócio para mim – continuou Nora.

E, por sinal, esse negócio não fica no meu sutiã.

– Eu sou especialista nisso – disse o advogado.

Nora tentou não fazer cara de nojo quando ele encerrou a frase combinando uma piscadela com um estalo da língua.

– Onde será esse negócio? – perguntou ele.

– Nas Ilhas Cayman.

– Ah! – disse ele, fazendo uma pausa. Uma leve expressão de preocupação tomou conta de seu rosto. Sua atraente nova cliente de camisa de seda e saia curta estava sem dúvida tentando evitar a lei e não pagar impostos.

– Espero que não seja um problema – disse Nora.

A desagradável cobiça de Keppler entrou em marcha acelerada.

– Ah, não, não vejo por que... hã... po-poderia ser – gaguejou. – Acontece que montar um negócio por lá exige a cooperação de um agente registrado. Resumindo: precisaremos de um morador das Ilhas Cayman, que, apenas nominalmente, aja como representante da sua empresa, entende?

Nora sabia de tudo isso, mas não deixou transparecer. Assentiu com a cabeça como uma aluna concentrada.

– Por sorte eu tenho exatamente um agente desses trabalhando para mim – acrescentou Keppler.

– Que sorte – disse Nora.

– Agora, imagino que você vá precisar de uma conta bancária também, certo?

Bingo.

– Sim, acho que seria uma boa ideia. Você pode fazer isso por mim?

– Na verdade, isso deve ser feito pessoalmente – explicou ele.

Mais uma vez, se remexeu na cadeira.

– Ah, que inconveniente – disse ela.

– Não é? – Keppler se inclinou por cima da mesa. – Talvez eu possa dar um jeitinho e poupar você da viagem.

– Isso seria o máximo! Você é um santo.

Ele abriu uma gaveta e pegou alguns formulários.

– Só preciso de algumas informações suas, Olívia.

capítulo 15

A LIMUSINE SAIU DA MOVIMENTADA ROTA 9 e seguiu velozmente pela pitoresca Scarborough Road, chegando por fim à bela Central Drive e ao estacionamento da mansão de Connor, pouco antes do anoitecer daquela sexta-feira. O motorista mal saíra do carro para abrir a porta para Nora quando foi ultrapassado por Connor, que estava evidentemente mais que ansioso por vê-la.

– Venha cá, moça! Eu já estava ficando maluco pensando em você.

Nora saiu do carro e imediatamente saltou nos braços dele. Os dois se beijaram enquanto o motorista, um velho italiano robusto, abria o portamalas e tirava a bagagem de Nora. Ele tentou não encará-los, mas não conseguiu evitar. Com o sol se pondo num dia lindo, e diante de uma das casas mais estupendas que já tinha visto, ali estava aquele casal adorável clara e absolutamente apaixonado. Pensou que *se aquilo não fosse felicidade, ele não sabia o que era*.

– Aqui está – disse Connor. Enfiou a mão no bolso da calça e tirou um maço de notas. Deu ao motorista uma nota de vinte dólares.

– Obrigado, senhor – disse o homem, que tinha um forte sotaque. – O senhor é muito gentil.

– E muito fofo! – completou Nora, animada, abraçando Connor pela cintura.

Ele é bonitinho mesmo, não pôde deixar de pensar.

O motorista riu espontaneamente e voltou para o carro.

– Tenham uma boa noite – disse ele por cima do ombro.

Nora e Connor riram e ficaram observando o carro se afastar e desaparecer.

Nora se afastou de Connor.

– E então, como estava o trabalho? – perguntou. – Pensando bem, não quero falar sobre trabalho.

– Eu também não – disse ele. – Além disso, só trabalho, sem diversão...

– ...deixa a vida *chata e sem emoção!*

Esse, um dos primeiros mantras dos dois, era também um dos preferidos.

– A gente devia transar aqui mesmo – disse ela, piscando para ele. – Bem aqui, no jardim da frente! Azar dos vizinhos! Eles que assistam, se quiserem. Talvez acabem se inspirando.

Connor estendeu a mão para ela.

– Na verdade, tenho uma ideia melhor.

– É? Melhor do que sexo comigo? O que seria?

– É uma surpresa. Venha.

capítulo 16

– **V**OCÊ QUER TRANSAR NA GARAGEM? – Nora perguntou, dando uma risada.

Connor mal conseguiu conter o riso.

– Não – respondeu. – Não é essa a surpresa. Mas não é uma má ideia.

Guiou Nora pela lateral da casa, parando a mais ou menos três metros da porta da garagem para cinco carros. Todas as portas estavam fechadas. Nora ficou parada ao lado dele, sem saber o que esperar.

– Pronta?

Enfiou a mão no outro bolso da calça, o que não tinha o maço de dinheiro, e pegou o controle das portas da garagem. Tinha cinco botões. Apertou o do meio.

A porta começou a se levantar lentamente.

– Ah, meu Deus! – berrou Nora.

Atrás da porta, virado para a frente, havia um Mercedes SL 500 conversível vermelho, novinho, com um imenso laço branco sobre o capô.

– E então? – perguntou Connor.

Nora ficou sem palavras.

– Se você vai ser minha esposa, vamos precisar que tenha seu próprio veículo, não acha?

Nora ainda estava sem palavras.

Ele estava se divertindo muito com a situação.

– Você está surpresa?

Nora se jogou nos braços dele. As palavras começaram a sair, num tom muito alto.

– Você é simplesmente incrível! Obrigada, obrigada, obrigada! – Estendeu a mão esquerda para ele. – Primeiro um anel lindo, e agora...

– Um chaveiro lindo – completou ele, como se fosse mais um dos mantras dos dois. – Por sinal, ele está esperando na ignição.

Connor carregou Nora para a garagem e a instalou gentilmente no lugar do motorista. Então, correu para o outro lado e tirou o laço do capô.

– Disparar! – gritou ele como um garotinho, saltando por cima da porta do carona.

Nora estava admirando o interior do carro, passando os dedos pelo couro do volante.

– O que você acha? Podemos dar uma volta? – perguntou ela.

– Claro! É para isso que serve o carro.

Ela olhou para Connor, com os cantos da boca curvados em um ar travesso. Sem que ele percebesse, as mãos dela não estavam mais perto da ignição. Estavam brincando no meio das pernas de Connor.

– Ah – disse ele, alegremente, com a voz grossa se derretendo.

Nora passou com agilidade para o lado de Connor. Em cima dele, com os joelhos dobrados, começou a passar os dedos por seus espessos cabelos escuros e a beijar-lhe gentilmente a testa, as bochechas e, por fim, a boca. Desabotoou a camisa esportiva que ele estava vestindo.

– Até onde você acha que estes assentos reclinam? – perguntou ela.

– Vou ter que conferir isso.

Ele passou a mão pela lateral do assento e o encosto começou a reclinar com um zumbido baixo. Os dois começaram a despir um ao outro, e era como se suas roupas estivessem pegando fogo. A camisa dele, a blusa e o sutiã de Nora. Calça e saia, cueca e calcinha.

– Eu te amo – disse Connor, olhando-a nos olhos.

Não havia como não acreditar nesse homem e não sentir algo por ele.

– Eu também te amo.

E ali mesmo, na garagem, Nora estreou seu carro novo.

capítulo 17

— **V**OCÊ SABIA QUE SÓ TEM um ambiente desta casa em que nós ainda não fizemos amor? – perguntou Connor. Parecia estar fazendo as contas mentalmente.

– Bom, a noite é uma criança – disse Nora.

Ele a apertou mais em seus braços:

– Você é insaciável.

– E você é um sortudo.

Os dois finalmente saíram da garagem e estavam parados na cozinha, segurando as roupas e agarrados um ao outro.

– E por falar em insaciável... – disse ele.

Ela segurou o riso.

– Como você sabia que esse era o próximo passo? Muito bem, peladão. Que tal uma omelete?

– Fantástico. Ou podemos sair para comer alguma coisa. Posso ligar para a pousada de Pound Ridge. Ou para o Iron Horse Grill.

Nora balançou a cabeça.

– O que você quer na omelete? Quero cozinhar para você.

– Surpreenda-me – respondeu ele. – Na verdade, vamos fazer da surpresa o tema desta noite.

E, pela primeira vez, Nora sentiu uma dor no estômago. *A hora havia chegado.*

Ele saiu para tomar um banho rápido, não sem antes trazer a mala dela, que ficara na entrada da garagem. Nora a abriu na cozinha e pegou um jeans cuidadosamente dobrado e uma camiseta branca de algodão.

Então, como uma velha amiga, a vizinha surgiu em sua mente.

Qual é, Nora!... não vá desistir agora.

Vestiu-se e começou a preparar a omelete. Deu uma olhada no refrigerador e encontrou metade de uma cebola, um pimentão verde e um pedaço de

presunto da Virgínia, com meio centímetro de espessura. Pronto. Faria uma omelete.

Você já tomou sua decisão. Só está nervosa. Sabe que consegue superar... já fez isso antes.

Uma faixa magnetizada contornava o balcão para guardar facas grandes. Nora olhou para elas, todas penduradas em uma fileira perfeita, absolutamente afiadas. Pegou a maior e ajustou os dedos à suave curvatura do cabo antes de apertá-lo com força.

Esqueça o carro. E o anel. Principalmente o anel.

Quebrou e bateu os ovos. Picou o pimentão verde. Começou a cortar o presunto em cubinhos. Estava parada diante da tábua de corte ao lado da pia, de costas para a entrada da cozinha. Ouviu que Connor se aproximava.

– Estou com tanta fome que seria capaz de comer um boi – dizia ele, e sua voz mais e mais próxima, ficava cada vez mais alta.

Vamos, Nora!

Ele vinha em sua direção.

Agora!

Cortou mais um pedaço de presunto e ficou olhando atentamente para a faca, com os nós dos dedos esbranquiçados devido à força crescente que ela aplicava ao cabo. As luzes do teto reluziam e dançavam na lâmina.

Ainda dava tempo de mudar de ideia.

Os passos de Connor estavam bem atrás dela agora, sempre mais perto. Sentiu seu hálito quente na nuca. Ele estava ali, ao alcance. Virou-se rapidamente, com uma das mãos no alto.

capítulo 18

— **V**OCÊ ACHA QUE ISTO ESTÁ bom? – perguntou ela.

Connor abriu a boca para o pedaço de presunto que ela segurava nos dedos. Mastigou por alguns segundos.

– Delicioso.

– Ótimo, porque não sei há quanto tempo está na geladeira. Como foi o banho?

– Muito bom. Mas não tanto quanto você.

Nora terminou de picar os cubinhos de presunto e começou a fatiar a cebola. *Ainda dava para mudar de ideia.*

Vestido apenas com uma calça de moletom, com os cabelos molhados penteados para trás, Connor foi até a geladeira e pegou uma cerveja.

– Quer uma? – perguntou.

– Não, obrigada. Tenho a minha água. – Levantou uma garrafa de Evian para ele. – Cuidando da cintura... para você.

Abriu a garrafa e tomou um gole. Connor olhou para ela de esguelha.

– Querida, está tudo bem com você?

Ela se virou para ele, e uma única lágrima descia por seu rosto.

– Ah – disse ela, percebendo a lágrima. Limpou-a e forçou um sorriso antes de revirar os olhos. – Acho que eu choro cortando cebola, afinal.

Nora preparou a omelete macia, sem partes queimadas por fora, como ele gostava. Serviu o prato diante de Connor na mesa da cozinha. Ele pôs sal e pimenta e deu a primeira garfada.

– Fantástico! Acho que é a melhor que você já fez.

– Que bom que gostou.

Ela se sentou ao lado dele, que deu mais algumas garfadas, sob o olhar atento de Nora.

– E então, o que você quer fazer amanhã? – perguntou ele.

– Não sei. Talvez a gente possa dar uma volta no meu carro novo.

– Vamos realmente sair da garagem?

Ele riu e levantou o garfo mas ficou imóvel com a mão na metade do caminho até a boca.

Numa fração de segundo, a cor se esvaiu de seu rosto. Ficou branco como leite e a cabeça começou a tremer. O garfo caiu sobre o prato, fazendo barulho.

– Querido, o que foi?

– Eu não... – ele mal conseguia falar. – Eu não sei – disse, com a voz ficando tensa. – De repente estou me sentindo muito...

Agarrou o estômago como se tivesse levado um soco muito forte. Ou sido esfaqueado. Os olhos reviraram e ele se encolheu na cadeira antes de cair no chão, sofrendo uma pancada assustadora.

– Connor! – Nora saltou da cadeira e procurou ajudá-lo. – Vamos lá – disse ela. – Tente se levantar.

Ele se esforçou para ficar em pé, mas as pernas estavam frouxas como borracha. Ela o levou até o banheiro do corredor. Connor caiu novamente, quase desmaiado. Nora levantou o assento da privada, e ele tentou se arrastar até lá.

– Eu... eu... vou vomitar – murmurou, arfante. Estava começando a hiperventilar.

– Vou pegar alguma coisa para você tomar – disse ela, com a voz cheia de pânico. – Já volto.

Correu até a cozinha enquanto Connor tentava erguer a cabeça até a borda da privada. Não era só o estômago. Agora todo o seu corpo estava quente como o inferno. Ele suava por todos os poros.

Nora voltou com um copo na mão. Era um líquido claro e borbulhante, como um antiácido.

– Aqui, beba isto.

Connor pegou o copo com as mãos trêmulas. Não conseguia levá-lo à boca, então Nora o ajudou. Ele tomou um gole, depois outro.

– Tome mais. Tome tudo.

Depois de tomar mais um gole, ele agarrou o estômago de novo, fechou os olhos com força e cerrou os dentes, comprimindo tanto os músculos da mandíbula que eles pareciam prestes a arrebentar a pele.

– *Nora, me ajude* – implorou. – Nora!

Segundos depois, foi como se suas preces houvessem sido atendidas: a terrível tremedeira começou a passar. Tão rapidamente quanto tinha começado, estava parando.

– Acho que o remédio está fazendo efeito, querido.

Connor voltou a respirar com normalidade. Parte da cor havia voltado ao rosto. Abriu os olhos – primeiro lentamente, e, em seguida, por completo. Deu um longo suspiro de alívio.

– O que foi *aquilo*? – perguntou.

Foi quando tudo recomeçou.

Só que dez vezes pior que antes. A tremedeira agora era uma série de espasmos brutais que sacudiam todo o corpo. A falta de ar se transformou numa sufocação rápida e terrível. O rosto de Connor ficou azul, e os olhos, totalmente vermelhos.

O copo caiu de sua mão e se espatifou. O corpo convulsionava violentamente e ele se contorcia de dor. Levou as mãos ao pescoço, desesperado por ar.

Tentou gritar. Não conseguiu. Nenhum som saía de sua boca.

Tentou alcançar Nora. Ela deu um passo para trás.

Nora não queria ver aquilo, mas não conseguia se afastar. Tudo o que podia fazer era esperar que a tremedeira e as convulsões parassem de novo, o que por fim aconteceu.

De vez.

Connor estava deitado no chão de um dos banheiros de sua casa colonial de três mil metros quadrados.

Morto.

capítulo 19

A PRIMEIRA COISA QUE NORA FEZ foi limpar o vidro quebrado do piso do banheiro.

A segunda foi raspar os restos da omelete para dentro do triturador da pia, ligá-lo e então lavar cuidadosamente o prato, o garfo e a frigideira.

A terceira foi preparar uma bebida bem forte para si mesma.

Meio copo de Johnnie Walker Blue, puro, que foi bebido em meio segundo. Serviu-se de mais um pouco e se sentou à mesa da cozinha. Organizou os pensamentos. Repassou suas falas. Respirou fundo e devagar.

Estava na hora do espetáculo.

Então, com calma, Nora foi até o telefone e digitou os números. Lembrou a si mesma: *Os melhores mentirosos não dão detalhes.*

Depois de dois toques, uma mulher atendeu e disse:

– Emergência.

– Ah, Deus! – gritou Nora ao telefone. – Por favor, me ajude, ele não está respirando!

– Quem não está respirando, senhora?

– Não sei o que aconteceu, ele estava comendo quando de rep...

– Senhora – interrompeu a atendente. – *Quem* não está respirando?

Nora fungou, arfando.

– Meu noivo! – chorou.

– Ele engasgou?

– Não! – gritou Nora. – Ele começou a passar mal e... e... depois ele... – Ela parou. Achou que frases interrompidas pareceriam mais convincentes nas fitas da emergência.

– Onde a senhora está? Qual é seu endereço? – perguntou a moça. – Preciso de um endereço.

Nora alternou entre palavras gaguejadas e mais choro até finalmente dar o endereço de Connor em Briarcliff Manor.

– Está certo, senhora, aguarde. Tente ficar calma. Uma ambulância estará aí em breve.

– Por favor, se apressem!

Nora desligou o telefone. Imaginou que ainda tivesse uns seis ou sete minutos. Bastante tempo para as últimas limpezas.

Decidiu que deixaria a garrafa de Johnnie Walker fora, assim como o copo em que se servira. Afinal, quem a culparia por beber algo numa hora dessas? O vidro de comprimidos, por outro lado, definitivamente *não* ficaria.

Devolveu o vidro à mala, escondendo-o no fundo da bolsa de medicamentos. A bolsa, por sua vez, foi enterrada em meio às roupas. Se alguém a encontrasse e lesse o rótulo, veria que ela tomava comprimidos de dez miligramas de Zyrtec para eventuais alergias. Mas tomar um sem necessidade seria extremamente desaconselhável.

Nora fechou a mala e a levou até a suíte principal. Lá, deu os últimos retoques diante de um espelho de corpo inteiro. Puxou a camiseta para fora do jeans e esticou a gola algumas vezes. Em seguida, esfregou os olhos com força, para deixá-los vermelhos, e, piscando muito, forçou algumas lágrimas extras, querendo borrar a maquiagem.

Pronto, aquilo deveria funcionar.

Nora estava preparada para o próximo ato.

capítulo 20

UM TANTO EMOCIONANTE, NA VERDADE. Comovente. O importantíssimo terceiro ato do drama.

Luzes piscantes e o barulho crescente de uma sirene tomaram conta da entrada da garagem. Nora saiu correndo pela porta da frente, histérica, gritando:

– Rápido! Por favor, rápido! Por favor!

Os paramédicos, dois jovens de cabelos muito curtos, pegaram rapidamente suas malas e entraram no casarão.

Nora os levou às pressas até o banheiro do corredor, onde o corpanzil de Connor jazia no chão.

Em um segundo, ela estava de joelhos, chorando descontroladamente, com o rosto encostado no peito de Connor. Um dos paramédicos, o mais baixo dos dois, teve que arrastá-la de volta ao corredor para conseguir espaço para ele e o colega trabalharem.

– Por favor, senhora. Deixe a gente trabalhar. Ele ainda pode estar vivo.

Durante os cinco minutos seguintes, todos os esforços foram feitos para trazer Connor Brown de volta à vida, e cada um deles fracassou. Por fim, os dois paramédicos trocaram aquele olhar famoso, o reconhecimento silencioso de que não havia mais nada que pudessem fazer.

O mais velho dos dois se virou e olhou para Nora, que estava parada em pé na porta do banheiro, atordoada, aparentemente em choque. Palavras não seriam necessárias, porque a expressão no rosto dele já dizia tudo. Mesmo assim, o homem pronunciou o redundante “sinto muito”.

Ela pegou a deixa e explodiu em mais lágrimas.

– Não! – gritou. – Não, não, não! Ah, Connor, Connor!

Minutos depois, chegava a polícia de Briarcliff Manor. Nora sabia que a presença deles era procedimento de rotina. O fato de Connor ter sido declarado morto já significava uma ligação para a polícia. Mais sirenes gritando e mais luzes piscando na entrada da garagem.

Alguns vizinhos se reuniram para ver o que estava acontecendo. E pensar que Nora e Connor havia pouco tinham brincado sobre a possibilidade de eles os flagrarem fazendo sexo...

O policial que mais falava se chamava Nate Pingry. Era claramente mais velho e mais experiente que o parceiro, o policial Joe Barreiro. O objetivo dos dois era simples: preparar um relatório detalhado sobre as circunstâncias e os acontecimentos relacionados à morte de Connor Brown. Em outras palavras: proceder à burocracia necessária.

– Sei como deve ser difícil para a senhora. Tentaremos encerrar tudo o mais rápido possível – disse Pingry.

Nora estava com o rosto enterrado nas mãos, sentada na poltrona da sala de estar, para onde os paramédicos praticamente a haviam carregado. Olhou para os policiais, Pingry e Barreiro.

– Nós não éramos casados – disse, em meio a soluços. Viu os dois policiais olharem para a sua mão esquerda com o anel de diamante de quatro quilates que Connor lhe dera. – Nós havíamos acabado... – fez uma pausa e voltou a cobrir o rosto com as mãos. – Havíamos acabado de ficar noivos.

O policial Pingry andava na ponta dos pés. Por mais que odiasse essa parte do trabalho, sabia que era algo que precisava ser feito. E de todas as habilidades necessárias, nenhuma era mais importante que a dose certa de paciência.

Lentamente, Nora narrou tudo o que havia acontecido. Sua chegada no fim daquela tarde, a omelete que preparara para Connor, até o momento em que ele disse que estava passando mal. Descreveu a forma como o ajudou a ir até o banheiro e o trauma que o corpo dele parecia ter sofrido.

Nora gaguejava e, algumas vezes, se corrigia. Em outros momentos, falava com muita clareza. Como aprendera em livros de psicologia forense, uma coisa em comum entre pessoas “aflitas pela perda” eram os estados cognitivos e emocionais em constante mutação.

Nora chegou a admitir aos policiais que Connor e ela tinham feito amor. Na verdade, fez questão de mencionar o fato. O legista não teria o relatório pronto antes de um ou dois dias, mas ela já sabia qual seria o resultado da necropsia.

Connor tinha morrido de parada cardíaca.

Talvez o sexo, mesmo aos 40 anos, tivesse sido o responsável. Essa seria uma das teorias. Estresse com o trabalho seria outra.

Talvez existisse um histórico de doença na família. O ponto fundamental era que ninguém jamais saberia com certeza.

Exatamente como ela queria que fosse.

Depois de fazer as últimas perguntas, o policial Pingry releu suas anotações. Era um resumo do que Nora lhe contara, ou seja, tudo o que ele precisava saber. Exceto, é claro, a pequena parte sobre como ela tinha envenenado o noivo e depois assistido a ele morrer no chão do banheiro.

– Acho que temos tudo de que precisamos, Srta. Sinclair – disse o policial Pingry. – Se não se importa, gostaríamos de dar uma última olhada pela casa.

– Está bem – disse ela, baixinho. – À vontade.

Os dois policiais seguiram pelo corredor, e Nora permaneceu na poltrona que havia comprado por pouco mais de sete mil dólares no Antiquário New Canaan. Depois de um minuto, ela se levantou. Pingry e o parceiro pareciam gentis e demonstraram convincentes expressões de preocupação, mas o momento da verdade ainda não chegara.

O que eles de fato estariam pensando?

Com passos furtivos, Nora seguiu os policiais enquanto eles passavam de um ambiente para outro. Estava perto o suficiente para ouvi-los, mas distante o bastante para não ser percebida por eles.

No corredor do segundo andar, encontrou o que procurava. Os dois pararam para conversar na sala de cinema de Connor. As primeiras críticas de seu desempenho estavam a caminho.

– Caramba, olhe isto aqui! – disse Pingry. – Acho que só a TV vale mais que o meu salário.

– Essa moça estava prestes a se casar com um sujeito muito rico – disse o parceiro dele, Barreiro.

– É mesmo, Joe. Que azarada ela é.

– Nem me fale. Estava bem pertinho de pegar o pote de ouro.

– É, e aí o pote de ouro cai morto.

Nora se virou no corredor e silenciosamente desceu as escadas. Seus olhos estavam vermelhos e sua aparência, um lixo. Por dentro, no entanto, o sentimento era de alívio.

Bravo, Nora! Por Deus, como você é boa! A polícia não suspeitou de nada.

Ela tinha cometido o assassinato perfeito.

Mais uma vez.

capítulo 21

A MOVIMENTAÇÃO DE ESTRANHOS, EM SUA maioria solene, que entravam e saíam da casa e a cacofonia da comoção provocada pelo evento trágico duraram quase duas horas. Nora não perdeu a ironia: *As coisas realmente ficam animadas quando alguém morre de repente.*

Por fim, tudo terminou. Os paramédicos, a polícia local, o carro da funerária... todos foram embora. Ela finalmente estava sozinha na casa.

Era hora de tratar de negócios. O que a polícia realmente precisava saber, mas jamais iria descobrir.

O estúdio de Connor ficava no lado mais extremo da casa, praticamente uma ala à parte. Segundo as instruções dele quando os dois se conheceram, Nora o havia projetado como um clube masculino particular: sofás de couro, estantes de cerejeira, quadros a óleo retratando cenas de caçadas... faziam muito sucesso entre os meninos. Em um dos cantos havia uma armadura medieval completa. Em outro, uma vitrine continha uma coleção de potes chineses antigos, que eram usados para guardar tabaco. *Um monte de porcaria cara demais, e ela sabia disso.*

Nora até fizera uma brincadeira quando o estúdio ficou pronto:

– Este ambiente ficou tão masculino que fumar um charuto aqui seria redundante.

Mas agora, ironicamente, ela estava sozinha ali. E sentia um pouco de falta de Connor.

Sentou-se na cadeira Gainsborough atrás da mesa de trabalho e ligou o computador. Ele tinha um daqueles conjuntos de três telas, perfeitos para acompanhar vários mercados financeiros simultaneamente. Pela aparência, o conjunto também podia ser capaz de lançar um ataque a míssil. Ou ao menos de pousar alguns aviões a jato.

O primeiro código que Nora digitou foi para acessar a conexão de internet T3. Em seguida, foi o código da VPN criptografada de 128 bits, sua rede

virtual particular. Em termos leigos, era a última passagem segura entre dois pontos pelo ciberespaço.

O ponto um: o computador de Connor.

O ponto dois: o Banco Internacional de Zurique.

Nora levou quatro meses para localizar o código da VPN. Em retrospecto, ela percebeu que deveria ter levado quatro minutos. Como ela poderia imaginar que ele seria tão óbvio a ponto de salvá-lo na agenda do palm? E ainda por cima no S, de “senhas de contas”?

Claro que ele não foi tão claro a ponto de dizer quais senhas se referiam a quais contas. Isso exigiu algumas sessões de tentativa e erro enquanto ele dormia.

Contrariando toda a complexidade de acessar a conta bancária de Connor na Suíça (e todas as conotações de poder e privilégio inerentes a ter uma conta dessas), a página de transações do Banco Internacional de Zurique era incrivelmente simples e básica. Nada de layout sofisticado nem de músicas de fundo.

Apenas três opções, em fontes simples, solitárias na tela.

DEPÓSITO.

RETIRADA.

TRANSFERÊNCIA.

Nora clicou em TRANSFERÊNCIA e foi imediatamente redirecionada a outra página, também simples. Listava o saldo da conta de Connor e oferecia um espaço para indicar quanto dinheiro deveria ser transferido.

Ela digitou o valor.

Havia 4,3 milhões de dólares na conta. Ela pegaria um pouco menos: 4,2 milhões, para ser exata.

Só o que restava fazer era direcionar o dinheiro.

Connor não era o único no relacionamento a ter uma VPN. Nora digitou a senha para sua conta particular nas Ilhas Cayman. Graças ao lascivo advogado tributário Steven Keppler, a conta estava prestes a ser estreada em grande estilo.

Ela apertou o botão EXECUTAR e se recostou na cadeira de Connor. Uma barra horizontal na tela indicava o lento progresso da transferência. Pondo

os pés sobre a mesa, observou o preenchimento da barra.

Dois minutos depois, era oficial. Nora Sinclair estava 4,2 milhões de dólares mais rica.

Sua segunda execução do dia.

capítulo 22

ELA ACORDOU NA MANHÃ SEGUINTE e desceu bocejando para preparar um bule de café. Na verdade, não se sentia muito mal. Nora não sentia quase nada.

Depois de virar a primeira xícara, voltou os pensamentos para o dia e as coisas importantes que deveriam ser feitas. Precisava dar alguns telefonemas... gente que tinha que saber da morte de Connor. Também precisava falar com Jeffrey.

A primeira chamada foi para Mark Tillingham. Ele era o advogado, o testamenteiro e um dos melhores amigos de Connor. Quando Nora ligou, ele estava saindo para jogar sua tradicional partida de tênis das manhãs de sábado. Imaginou-o perfeitamente vestido de branco quando Mark reagiu à notícia com choque absoluto. De certa forma, Nora ficou com inveja daquela emoção.

A seguir, passou para os parentes mais próximos. No entanto, a lista de quem precisava avisar era muito curta. Os pais haviam morrido. Sobrava, portanto, sua única irmã, Elizabeth, mais jovem que Connor e a quem ele chamava de Lizzie.

Os dois eram próximos de todas as formas, exceto geograficamente. Lizzie morava a cinco mil quilômetros de distância, em Santa Bárbara, e tinha uma atribulada carreira de arquiteta. Raramente ia até a Costa Leste, sendo que a última vez tinha sido antes de Nora e Connor se conhecerem.

Nora se serviu de mais uma xícara de café e pensou em qual seria a melhor maneira de contar a uma mulher que ela não conhecia, e com quem nem sequer havia falado, que o irmão dela tinha morrido aos 40 anos.

Sabia que não *precisava* fazer aquela ligação. Podia ter pedido que Mark Tillingham a fizesse. Mas Nora sabia também que uma mulher que realmente amasse Connor iria querer fazer a ligação. Assim, depois de encontrar o número do telefone no palm dele, discou.

– Alô? – atendeu uma voz feminina, um tanto grogue e até mesmo um pouco irritada. Não eram nem sete da manhã na Califórnia.

– É a Elizabeth?

– Sim.

– Meu nome é Nora Sinclair...

Estranhamente, a irmã não chorou. Não naquele momento. Em vez disso, fez um silêncio perplexo, seguido por algumas perguntas pronunciadas em voz baixa.

Nora disse o mesmo que dissera à polícia. Palavra por palavra: *seu roteiro*.

– Embora eu ache que só vamos ter certeza de alguma coisa depois do laudo da necropsia – ressaltou ela.

Mais uma vez, Lizzie fez um silêncio perplexo. Talvez, pensou Nora, fosse a culpa por ter ficado tanto tempo sem ver o irmão. Ou fosse a repentina solidão por ser o único integrante vivo da família. Talvez ela estivesse em choque, assim como Mark Tillingham.

– Vou para aí amanhã de manhã – disse Elizabeth. – Você já fez os planos para o funeral?

– Queria falar com você primeiro. Imaginei que...

Então Elizabeth começou a chorar.

– Espero que não pareça terrível, mas essa é a última coisa... não acho que eu poderia... você se importaria de cuidar disso?

– É claro que não – respondeu Nora.

Estava começando a se despedir quando Elizabeth segurou o choro e perguntou:

– Há quanto tempo você estava noiva de Connor?

Nora fez uma pausa. Queria chorar um pouco também, mas pensou melhor e decidiu, em vez disso, dizer solenemente:

– Uma semana, só.

– Sinto muito. Ah, eu sinto muito! – disse Elizabeth.

Logo depois desse telefonema, Nora passou a tarde concentrada na organização do funeral. Das flores à comida, havia muita coisa que ela podia resolver por telefone. No entanto, algumas coisas na vida (e principalmente na morte) devem ser feitas pessoalmente. Escolher uma casa funerária era um exemplo.

Mesmo nesse assunto, Nora pôde usar suas habilidades de designer de interiores. Escolheu o caixão como escolheria qualquer peça de mobília para um cliente. Para Connor, isso significou uma magnífica peça de nogueira com alças brancas, de marfim entalhado. No instante em que o agente funerário o mostrou, Nora sabia que deveria ser aquele.

– Feito! – disse.

capítulo 23

— **N**ORA, SEI QUE PROVAVELMENTE ESTA não é a melhor hora – começou Mark Tillingham. – Mas tem algo que eu preciso discutir com você. Quanto antes, melhor.

A hora em questão era cinco minutos antes do funeral na manhã daquela terça-feira. O local era o estacionamento lotado da Igreja St. Mary, na Albany Post Road, em Scarborough. Nora encarou o advogado através de seus óculos escuros pretos Chanel, que combinavam com o terninho preto Armani e os sapatos pretos Manolo. Os dois estavam do lado de fora, parados sob um grande azevinho.

– É sobre a irmã de Connor. Ela está perturbada, é claro. Connor e ela eram muito próximos. Elizabeth tem algumas preocupações quanto às suas intenções.

– Minhas *intenções*?

– Sobre os bens.

– O que foi que Elizabeth disse? Não, Mark, deixe-me adivinhar... Elizabeth está com medo de que eu conteste o testamento.

– Digamos que ela está preocupada. O estado não reconhece noivas como detentoras de direitos legais, mas isso nunca impediu que algumas pessoas...

Nora balançou a cabeça.

– Eu não vou contestar, Mark. Por Deus! Eu amava Connor. Deixe-me ser bem clara quanto a isso: eu não tenho nenhum interesse nos bens dele. Pode repetir isso a Lizzie.

O rosto de Mark era o retrato do constrangimento.

– É claro – disse ele. – Mais uma vez, desculpe-me por ter que trazer isso à tona.

– Então é por isso que ela tem me evitado?

– Não, acho que tem mais a ver com ela estar muito triste. Elizabeth e o irmão foram inseparáveis na infância e na adolescência. Os pais morreram quando ambos eram muito jovens.

– Só por curiosidade, o que Connor deixou para ela?

Mark olhou fixamente para os seus mocassins pretos com franja.

– Eu não posso revelar esse tipo de informação, Nora.

– Você também não poderia incomodar a mulher que Connor amava pouco antes do funeral dele.

A culpa claramente venceu o profissionalismo:

– Elizabeth ficará com basicamente dois terços dos bens, incluindo a casa – disse ele, em voz baixa. – Como eu disse, os dois eram muito próximos.

– E o resto?

– Dois primos em San Diego ficam com boas quantias em dinheiro. E o restante vai para diversas instituições de caridade.

– Que bom – disse Nora, suavizando um pouco o tom.

– É bom, sim – respondeu Mark. – Connor era bom nisso. Caramba, ele era bom em muitas coisas.

Nora assentiu com a cabeça.

– Connor era ótimo, Mark. Acho melhor entrarmos, não?

capítulo 24

O FUNERAL FOI MUITO BONITO, TRISTE e emocionante. A Igreja St. Mary, com o lindamente cuidado gramado do Country Club de Sleepy Hollow ao fundo, era o local perfeito.

Pelo menos foi o que todos disseram a Nora. Não houve fila de recepção, mas todos fizeram questão de falar com ela, que já havia conhecido alguns amigos e parceiros de negócios de Connor. De outros, ela tinha ouvido falar e os demais se apresentaram a ela e se atrapalharam com palavras de solidariedade.

Durante todo o tempo, tanto na igreja quanto no cemitério, Elizabeth Brown se manteve a distância. Não que Nora estivesse necessariamente ávida por uma trégua. Na verdade, a irmã de Connor lhe fez um favor ao, sem querer, reforçar a ideia de que a última pessoa a querer Connor morto seria a mulher que passaria a valer milhões de dólares quando se casasse com ele.

Foi apenas na casa em Westchester, onde família e amigos estavam reunidos para homenagear Connor e comer, que Elizabeth se aproximou dela.

– Percebi que você não bebe. Nem mesmo num dia como o de hoje – disse. Nora estava segurando um copo de água com gás.

– Ah, eu bebo, sim. Mas hoje prefiro tomar água.

– Nós não tivemos muita chance de conversar, não foi? Quero agradecer por organizar tudo. Não sei se eu conseguiria fazer isso. – Seus olhos começaram a se encher de lágrimas.

– Não foi nada. Acho que fazia sentido, considerando-se que eu moro aqui. Quero dizer, não *aqui*, mas...

– Eu sei, Nora. Na verdade, isso é algo que quero falar com você.

Um homem passou por elas, um dos colegas de Connor de Greenwich. Elizabeth fez uma pausa, porque não queria que a ouvissem.

– Vamos lá fora por um instante – disse Nora.

Guiou Elizabeth pela porta da frente até os degraus de ladrilho da entrada. Agora estavam apenas as duas. *Será que tinha chegado a hora da sinceridade?*

– Tive uma conversa com Mark Tillingham. Parece que Connor me deixou esta casa – começou Elizabeth.

A reação de Nora foi brilhante.

– É mesmo? Que bom. Fico feliz que permaneça na família. Principalmente com você, Lizzie.

– Ah, que bom. Só que a última coisa que penso em fazer é me mudar para cá e morar nesta casa – disse Elizabeth. Fez uma pausa e deixou a cabeça cair, sem conseguir terminar a frase. Agora havia lágrimas correndo por seu rosto. – Eu não conseguiria.

– Entendo – disse Nora. – Talvez você deva simplesmente vendê-la, Lizzie.

– Acho que sim. Mas não tenho pressa. E é sobre isso que queria falar com você. Primeiro, quero que se sinta livre para usar a casa pelo tempo que desejar. Sei que seria o desejo de meu irmão.

– Que gentil da sua parte! Você não precisava se preocupar com isso. Estou emocionada.

– Pedi que Mark cuidasse de todas as contas e da manutenção da propriedade. É o mínimo que podemos fazer – disse Elizabeth. – E, Nora, quero que fique com toda a mobília. Afinal, foi o que aproximou você do meu irmão.

Nora sorriu. A culpa de Elizabeth estava presente em cada palavra. Logo depois da morte de Connor, ela pensara que a noiva do irmão iria atrás do dinheiro dele. Mas, agora que acreditava no contrário, sua generosidade era uma forma de admitir que estivera errada. *E tinha mesmo*, pensou Nora. *Ao menos tecnicamente.*

Eu já recebi o pagamento.

As duas ficaram paradas diante do casarão e continuaram conversando até que Elizabeth se deu conta do relógio. Seu voo para a Califórnia sairia em menos de três horas.

– É melhor eu ir. Foi o dia mais triste da minha vida, Nora.

Nora assentiu.

– O meu também. Por favor, não deixe de dar notícias.

Elizabeth se despediu com um abraço e caminhou até o carro alugado parado na entrada da garagem. Nora ficou observando, de pés juntos e com as mãos na cintura. Por baixo do exterior duro, no entanto, havia um coração que palpitava de emoção. Ela havia conseguido! O assassinato. O dinheiro.

Nora girou sobre os sapatos Manolo para entrar na casa.

Depois de dois passos, parou. Pensou que tivesse ouvido alguma coisa. Um barulho vindo das cercas vivas e das moitas do jardim. *Um clique.*

Ficou olhando e prestando atenção... mas não ouviu mais nada.

Provavelmente tinha sido um pássaro, concluiu.

Mas assim que deu mais um passo na direção da casa, a câmera digital Nikon D1x chilreou mais algumas vezes em meio aos rododendros.

Clique. Clique. Clique.

Nora Sinclair não era a única que tinha um grande plano.

PARTE DOIS

O CORRETOR DE SEGUROS

capítulo 25

AS COISAS NEM SEMPRE SÃO o que parecem, meu filho.

Esta era uma frase que meu pai gostava de me dizer quando eu era criança. É claro que ele também gostava de me dizer para tirar o lixo, varrer as folhas do jardim, juntar a neve, cuidar da postura e ficar ereto... Mas, em termos de deixar uma impressão significativa, tudo o mais ficava em segundo lugar, mas bem atrás daquela sua primeira lição.

Como os anos acabaram por me ensinar, era uma lição muito simples e, ao mesmo tempo, muito verdadeira.

Enfim, eu estava sentado em meu escritório recém-adquirido, que mais se parecia com um armário de vassouras bem-arrumado. O lugar era tão espremido, que até Houdini reclamaria. Conferia no computador as fotos que eu havia tirado com a máquina digital. Uma depois da outra. Nora Sinclair muito, muito chique vestindo preto da cabeça aos pés. Nora na Igreja St. Mary. No Cemitério Sleepy Hollow. E de volta ao casarão de Connor Brown.

As últimas fotos eram dela nas escadas da entrada da casa, conversando com Elizabeth, a irmã do pobre sujeito. Elizabeth era alta e loira e parecia uma nadadora californiana. Nora era morena e não tão alta. Ainda assim, mais bonita. Ambas estavam deslumbrantes, mesmo vestidas para um enterro. Parecia que estavam chorando e depois se abraçaram.

O que, exatamente, eu estava procurando?

Eu não sabia, mas, quanto mais olhava para as fotos, mais as palavras de meu pai ecoavam em minha mente:

As coisas nem sempre são o que parecem.

Peguei o telefone e liguei para a chefe. Usei a linha direta. Dois toques depois...

– Susan – anunciou ela rapidamente. Nada de alô, nada de sobrenome... apenas *Susan*.

– Oi, sou eu. Preciso que você seja meu teste de som – pedi. – E então, como está a minha voz?

– Como se quisesse me vender um seguro.

– Não estou soando nova-iorquino demais?

– Você quer dizer insistente demais? Não.

– Que bom.

– Mas fale mais um pouco, só para eu ter certeza.

Pensei por um instante.

– Certo, então um velho morre e vai para o céu – comecei, usando a voz que, aos meus ouvidos, era completamente nova-iorquina. – Pode me interromper se já ouviu essa.

– Eu já ouvi essa.

– Não, não ouviu. Confie em mim, você vai achar engraçado.

– Imagino que haja uma primeira vez para tudo.

Deveria ser dito, a esta altura, se é que ainda não está óbvio, que a chefe e eu temos certa afinidade. É claro que alguns homens têm sérios problemas quanto a se reportarem a uma mulher. Quando Susan assumiu o departamento, uns quatro ou cinco sujeitos lhe deram muitos problemas desde o primeiro dia.

E foi por isso que ela despediu todos eles no segundo dia. Estou falando sério. E Susan também estava.

– Enfim, então esse velho chega aos Portões Celestiais e imediatamente vê duas placas – continuei. – A primeira diz: HOMENS QUE ERAM CONTROLADOS PELAS ESPOSAS. O velho nota que essa fila tem mais de dez quilômetros de comprimento.

– Faz sentido.

– Desnecessário esse comentário. Então o velho olha para a segunda placa, que diz: HOMENS QUE *não* ERAM CONTROLADOS PELAS ESPOSAS. Pasmem, há apenas um sujeito nessa fila! Lentamente, o velho se aproxima dele e pergunta: “Senhor, por que está parado aqui?” O cara olha para ele e diz: “Não sei, foi minha mulher que mandou.”

Fiquei ouvindo e, claro, deu para escutar uma leve risada do outro lado da linha.

– O que eu disse? Próxima parada, David Letterman.
– Levemente divertida – disse Susan. – Mas eu ainda não abandonaria o emprego fixo.

Dei uma risada.

– *Essa* é engraçada, considerando que esse nem sequer deveria ser meu emprego fixo.

– Estou percebendo certo nervosismo?

– Eu diria apreensão.

– Por quê? Você tem talento para esse tipo de coisa. Você tem um... – Susan parou no meio da frase. – Ah, já sei. É porque é uma mulher, certo?

– Só estou dizendo que é um pouco diferente, só isso.

– Não se preocupe, você vai se sair bem. Não importa quem ou o que Nora Sinclair se mostre ser, você é o melhor homem para esse trabalho – disse ela.

– E então, quando vai ser a grande apresentação?

– Amanhã.

– Bom. Excelente. Quero que me mantenha informada.

– Pode deixar – respondi. – Ah... Susan?

– O quê?

– Obrigado pelo voto de confiança.

– Nossa!

– O quê?

– Ainda não estou acostumada com essa sua humildade.

– Estou me esforçando. Deus sabe disso.

– Sei que está. Boa sorte.

capítulo 26

O HOSPITAL PSIQUIÁTRICO PINE WOODS, uma instituição administrada pelo estado de Nova York, era localizada em Lafayetteville, a cerca de uma hora e quinze minutos ao norte de Westchester. A menos, é claro, que você fosse Nora em seu novo Mercedes conversível. Zunindo a 130 quilômetros por hora ao longo da Taconic Parkway, uma estrada sinuosa e cercada de árvores, ela chegou ao hospital quinze minutos antes do previsto.

Encontrou uma vaga no estacionamento e, apertando um botão, levantou a capota. *Legal*. Deu uma conferida rápida no visual pelo espelhinho do carro e ajeitou os cabelos. Não havia necessidade de retocar a maquiagem. Na verdade, não estava usando quase nenhuma. Então, por algum motivo maluco, pensou na irmã de Connor, a Loura Gelada. Elizabeth tinha alguma coisa que a incomodava. Era como se algo tivesse ficado mal resolvido entre as duas.

Nora afastou esse pensamento e trancou o conversível, mesmo estando no meio do nada. Vestia jeans e uma camisa simples. Embaixo do braço, carregava uma sacola de livraria. Ao percorrer o trajeto até a entrada do prédio principal, de tijolos vermelhos, não viu uma alma por perto.

Ela conhecia a rotina de cor. Uma visita por mês durante os últimos quatorze anos garantiram isso.

Primeiro fez o check-in obrigatório na recepção. Depois de mostrar uma identidade com foto, Nora assinou o livro de visitas e recebeu um crachá. Em seguida, caminhou até os elevadores, à esquerda do balcão. Um deles estava aberto, à espera.

No primeiro ano em que frequentou o hospital, era o botão do segundo andar que ela apertava. Depois de doze meses, porém, sua mãe fora transferida para um andar mais alto. Ainda que ninguém admitisse isso a Nora, ela sabia que, quanto mais alto o quarto, menor a chance de o paciente receber alta.

Nora entrou no elevador e apertou o oito.

Era o último andar.

capítulo 27

A ENFERMEIRA-CHEFE EMILY BARROWS ESTAVA TENDO um dia daqueles. Nenhuma surpresa. O sistema dos computadores havia caído, ela estava morrendo de dor nas costas e de cabeça, a impressora estava sem toner e alguém do turno da noite tinha derramado café nos prontuários médicos.

E não era nem meio-dia.

Além disso, pelo que parecia ser a centésima vez (e provavelmente devia ser mesmo), ela estava treinando uma nova enfermeira. Patsy era do tipo que sorria demais. Até o nome soava excessivamente alegre.

As duas mulheres estavam sentadas na enfermaria do oitavo andar. A porta de um dos elevadores, que ficava bem diante delas, abriu. Emily ergueu o olhar dos prontuários manchados de café. Um rosto conhecido caminhou em sua direção.

– Olá, Emily.

– Olá, Nora. Como vai?

– Como ela está?

– Bem.

– Nora e Emily tinham basicamente a mesma conversa todos os meses, e ela nunca tinha um fim diferente. A mãe de Nora estava sempre na mesma.

Emily olhou para Patsy. A nova enfermeira sorria insipidamente.

– Patsy, esta é Nora Sinclair – disse Emily. – Sua mãe é a Olívia, do quarto 809.

– Ah – murmurou Patsy, com leve hesitação. Erro de principiante.

Nora assentiu.

– Muito prazer, Patsy. – Desejou sorte à nova enfermeira antes de começar a percorrer o longo corredor.

Enquanto isso, Patsy baixou a voz até um sussurro muito suave.

– Olívia Sinclair... foi a que matou o marido com um tiro, certo?

O sussurro de Emily foi mais direto:

– Foi o que disse um júri. Há muito tempo.

- Você acha que ela não fez isso?
- Ah, ela fez, sim.
- Não entendo. Como foi que veio parar aqui?

Emily espiou pelo corredor. Queria se certificar de que Nora não poderia escutá-las.

– Pelo que me contaram... e é bom lembrar que isso faz muito tempo... Olívia estava muito bem durante os primeiros anos de sua sentença de prisão perpétua. Era uma prisioneira exemplar. Mas então simplesmente pirou.

- Como assim?
- Ela basicamente perdeu o contato com a realidade. Começou a falar numa língua inventada. Só comia alimentos que comessem com a letra b.
- A letra b?
- Poderia ter sido pior. Ela poderia ter escolhido a letra x, ou coisa parecida. Ao menos, com b, tinha biscoito, banana, bolo...

Patsy a interrompeu como uma participante de programa de perguntas e respostas:

- Beterraba?

Emily piscou algumas vezes.

– Ah, acho que sim. Enfim, Olívia tentou se matar. Logo depois disso, foi mandada para cá. – Pensou por um instante. – Ou talvez tenha sido a tentativa de suicídio que aconteceu primeiro, e depois o comportamento maluco. De qualquer maneira, tudo o que sei é que, vinte anos depois, Olívia Sinclair não sabe nem o próprio nome.

– Nossa, que triste! – Para espanto de Emily, a jovem era capaz de demonstrar preocupação sem jamais tirar o sorriso do rosto. – O que você acha que aconteceu?

– Não faço ideia. É como uma mistura de autismo com Mal de Alzheimer. Ela ainda conversa um pouco e faz algumas coisas sozinha. Só que nada faz sentido. Por exemplo, viu a sacola que Nora trouxe?

Patsy balançou a cabeça negativamente.

– Todos os meses Nora traz um livro para ela. Mas, quando eu a vejo lendo, o livro está sempre de cabeça para baixo.

– E a Nora sabe disso?

– Sim, infelizmente.

Patsy suspirou.

– Bem, que bom que ela pode estar aqui para ajudar a mãe.

– Eu concordaria, não fosse por um detalhe – disse a enfermeira-chefe. –

Olívia nem sequer reconhece Nora.

capítulo 28

— OI, MÃE. SOU EU.

Nora atravessou o pequeno quarto e segurou a mão da mãe. Apertou-a, mas não recebeu nenhuma resposta. Não que esperasse alguma. Nora estava acostumada com a falta de reação da mãe.

Olívia Sinclair estava deitada na cama em cima das cobertas e apoiada em dois travesseiros finos. Tinha a feição macilenta e o olhar vidrado. Estava com 57 anos, mas aparentava 80.

– Tem se sentido bem? – Nora observou a mãe se virar lentamente para ela.

– Sou eu, a Nora.

– Você está muito bonita.

– Obrigada. Arrumei os cabelos. Justo para um funeral.

– Eu gosto de ler, sabia? – disse Olívia.

– Sim, eu sei. – Nora enfiou a mão na sacola e pegou o último romance de John Grisham. – Olhe só, trouxe um livro para você.

Entregou o volume à mãe, mas Olívia não o pegou. Nora o colocou sobre a mesa de cabeceira e se sentou numa poltrona perto da cama.

– Você está se alimentando bem?

– Sim.

– O que comeu no café da manhã?

– Ovos e torrada.

Nora forçou um sorriso. Esses momentos eram os mais dolorosos, quando parecia que ela estava tendo uma conversa de verdade com a mãe. Mas sabia que não era o caso. Entretanto, era inevitável que, de modo quase autodestrutivo, testasse a mãe para ter certeza.

– Você sabe o nome do atual presidente?

– Claro que sei. Jimmy Carter.

Nora sabia que não adiantava corrigi-la. Em vez disso, falava à mãe a respeito de seu trabalho e das casas que havia decorado. Contava novidades

sobre as amigas de Manhattan. Elaine estava trabalhando demais no escritório de advocacia. Allison ainda era referência da moda na W.

– Elas realmente gostam de mim, mãe.

– Toc, toc – disse uma voz.

A porta se abriu, e Emily apareceu segurando uma bandeja.

– Está na hora dos remédios, Olívia. – A enfermeira se movia num ritmo rápido, quase robótico. Pegou a jarra sobre a mesa e serviu um copo d'água à paciente.

– Aqui está, Olívia.

A mãe de Nora pegou o comprimido e o tomou com tranquilidade.

– Ah, esse é o mais recente? – perguntou Emily, olhando para o livro sobre a mesa.

– Sim, acabou de sair – disse Nora.

Sua mãe sorriu.

– Eu gosto de ler, sabia?

– Sim, eu sei – disse Emily.

A mãe de Nora pegou o romance, abriu-o em uma página qualquer e começou a ler. De cabeça para baixo.

Emily se virou para Nora, que sempre parecia muito corajosa, muito bonita. Quando estava quase saindo do quarto, ela se lembrou:

– Ah, aliás, o coral da escola local está se apresentando na cafeteria. Vamos descer com todos da ala para ouvir. Você será muito bem-vinda, Nora.

– Não, tudo bem. Eu já estava de saída. Este horário é complicado para mim.

Emily deixou o quarto, e Nora se levantou. Foi até a mãe e lhe deu um beijo na testa.

– Eu amo você – sussurrou. – Gostaria que soubesse disso.

Olívia Sinclair não disse nada. Apenas ficou olhando enquanto a filha caminhava porta afora.

Momentos mais tarde, quando não havia ninguém por perto, Olívia tirou a sobrecapa de seu novo livro e a virou ao contrário. Com o livro de cabeça para cima, e a sobrecapa de cabeça para baixo, começou a ler.

capítulo 29

NOS ÚLTIMOS VINTE MINUTOS, ERA a terceira vez que eu limpava as lentes da câmera.

Nesse meio-tempo, também contei o número de pontos da costura do couro do volante (312), mudei a posição do assento do motorista (subi um pouquinho e inclinei ligeiramente para a frente) e aprendi de uma vez por todas qual era a calibragem mais adequada para os pneus do meu BMW 330i (“30 libras nos dianteiros, 35 nos traseiros”, dizia o manual no porta-luvas).

O tédio estava oficialmente instalado.

Talvez eu devesse ter ligado antes. *Não*, melhor não. A apresentação precisava ser pessoalmente. Frente a frente. Mesmo correndo o risco de ficar com o traseiro dormente de tanto esperar dentro do carro.

Se eu soubesse que isso iria se transformar numa vigília, teria trazido rosquinhas.

Onde ela está?

Dez minutos depois, vi do outro lado da Central Drive um Mercedes conversível vermelho-vivo virar na entrada circular da garagem do falecido Connor Brown. O carro parou em frente à porta e ela saiu.

Nora Sinclair. E acho que devo acrescentar... *uau!*

Ela se abaixou e tirou do banco de trás uma sacola de compras. Enquanto procurava as chaves da casa, eu já estava no meio do gramado.

Chamei.

– Com licença... *hã, com licença!*

Ela se virou. A roupa toda preta do funeral fora substituída por jeans e camisa branca. Os óculos de sol eram os mesmos. Os cabelos estavam lindos... volumosos, brilhosos, da cor castanho-escuro. Estou me repetindo, mas... *uau!*

Finalmente, eu estava diante dela. Cuidei para não exagerar no sotaque.

– Por acaso você é Nora Sinclair?

De óculos ou não, dava para ver que ela estava me avaliando.

– Depende. Quem é você?

– Ah, puxa, sinto muito. Eu deveria ter me apresentado primeiro. – Estendi a mão. – Sou Craig Reynolds.

Nora ajeitou as compras nos braços e nos cumprimentamos.

– Olá – ela disse, com a voz ainda na defensiva. – Você é Craig Reynolds...?

Enfiei a mão no bolso do casaco e desajeitadamente tirei um cartão de visita.

– Trabalho na Seguros de Vida Centennial One – entregando o cartão. Ela olhou para o pedaço de papel. – Sinto muito por sua perda.

Ela suavizou um pouco o tom.

– Obrigada.

– Então, você é mesmo Nora Sinclair?

– Sim, sou eu.

– Imagino que fosse muito próxima do Sr. Brown.

A suavidade desapareceu. O tom de voz voltou a ser de desconfiança.

– Sim, nós estávamos noivos. Desculpe, mas... o que você deseja?

Foi a minha vez de demonstrar certa confusão.

– Quer dizer que você não sabe?

– Não sei o quê?

Fiz uma pausa breve.

– Sobre a apólice de seguro do Sr. Brown. De um milhão e novecentos mil dólares, para ser mais exato.

Ela ficou me encarando inexpressivamente. Eu não esperava menos que isso.

– Então imagino que também não saiba, Srta. Sinclair, que é a única beneficiária.

capítulo 30

NORA SE MANTEVE INCRIVELMENTE CALMA.

– Qual é mesmo seu nome? – perguntou.

– Craig Reynolds... está no meu cartão. Sou o gerente do escritório da Centennial One aqui na cidade.

Quando Nora se mexeu (um movimento muito bem executado, devo dizer) e olhou novamente o cartão, as compras começaram a escorregar de seu braço. Antecipando-me, peguei uma das sacolas antes que caísse.

– Obrigada – disse ela, tentando recuperar as compras. – Se isso caísse, seria uma bagunça.

– Por que você não me deixa levar as compras para dentro? Precisamos conversar.

Dava para ver que ela estava pensando. Um cara que ela nunca vira antes estava pedindo para entrar na sua casa. Um estranho.

Nada menos que alguém trazendo um doce – no meu caso, um doce pagamento de seguro.

Ela olhou para o cartão de visitas mais uma vez.

– Não se preocupe, eu sou domesticado – brinquei.

Ela sorriu levemente.

– Sinto muito. Não quero parecer desconfiada demais. É só que...

– Tem sido muito difícil para você. Sim, eu imagino. Não precisa se desculpar. Se preferir, podemos discutir a questão mais tarde. Você iria ao meu escritório?

– Não, tudo bem. Por favor, entre.

Nora caminhava em direção à casa. Fui atrás. Até agora, tudo corria como planejado. Imaginei se ela dançava bem. Certamente *caminhava* muito bem.

– Baunilha com avelã? – perguntei.

Ela olhou por cima do ombro.

– Como?

Fiz um sinal para o café moído que dava para entrever na sacola de compras.

– Mas posso estar enganado. O aroma também me lembra aqueles modernos grãos *crème brûlée*.

– Não se enganou. É baunilha com avelã mesmo. Estou impressionada.

– Eu preferiria ter sido abençoado com a habilidade de jogar uma bola a 150 quilômetros por hora e ficar rico como jogador profissional de beisebol, mas acabei me saindo apenas com um olfato fora de série.

– Melhor que nada.

– Ah, você é uma otimista!

– Não ultimamente.

Dei um tapa na testa.

– Que idiotice a minha dizer isso! Sinto muito.

– Tudo bem – disse ela, e quase sorriu.

Subimos os degraus da porta da frente e entramos na casa. O saguão era muito maior que todo o meu apartamento. O lustre sobre nossas cabeças valia pelo menos um ano do meu salário. Os tapetes orientais, os vasos chineses. Caramba, que coleção!

– A cozinha é por aqui. – Ela me guiou por um canto. Quando chegamos lá, descobri que ela também era muito maior que todo o meu apartamento. Nora apontou para a bancada de granito da pia, ao lado da geladeira. – Você pode deixar as compras ali. Obrigada.

Pus a sacola onde ela indicou e comecei a esvaziá-la.

– Você não precisa fazer isso.

– É o mínimo que posso fazer depois daquele comentário sobre otimismo.

– Sério, tudo bem. – Ela se aproximou de mim e pegou o saco de grãos de café sabor baunilha com avelã. – Posso lhe oferecer uma xícara de café?

– Claro.

Cuidei para não falar nada além de amenidades enquanto o café era preparado. Não queria ser precipitado e correr o risco de *ela* fazer perguntas demais. Acontece que já havia duas vindo na minha direção.

– Sabe o que eu não entendo? – começou ela alguns minutos depois. Estávamos sentados à mesa da cozinha, segurando nossas xícaras de café. –

Connor tinha muito dinheiro, mas não tinha ex-mulher nem filhos. Por que se preocuparia em fazer seguro de vida?

– Boa pergunta. Acho que a resposta está em como essa apólice surgiu. Sabe, o Sr. Brown não nos procurou. Eu o procurei. Quero dizer, procurei a empresa dele.

– Não sei se estou entendendo.

– Algo que a Centennial One está fazendo cada vez mais são apólices de compensação de trabalhadores. E como forma de estimular as empresas a comprar seguros conosco, oferecemos seguros de vida especiais aos mais altos funcionários.

– É um belo bônus.

– É, e nos ajuda a fechar muitos negócios.

– De quanto você disse que era a apólice do Connor?

Como se ela tivesse esquecido!

– De um milhão e novecentos mil – respondi. – O máximo para empresas do tamanho da dele.

Ela franziu as sobrancelhas.

– Ele realmente me listou como única beneficiária?

– Sim, a única.

– Quando foi isso?

– Quando a apólice foi emitida?

Ela assentiu.

– Recentemente. Há uns cinco meses.

– Acho que isso faz sentido. Embora nessa época estivéssemos juntos havia pouco tempo.

Sorri.

– Ele obviamente teve uma boa sensação a seu respeito desde o começo.

Ela tentou sorrir de volta, mas as lágrimas que começaram a escorrer não permitiram. Começou a secá-las e a se desculpar. Garanti que estava tudo bem, que compreendia a situação. Na verdade, a cena foi um pouco tocante. *Ou ela era muito boa...*

– Connor já havia me dado tanto, e agora *isso*. – Limpou mais uma lágrima. – Como eu gostaria de poder retribuir!

Nora tomou um longo gole do café. Fiz o mesmo.

– E então, o que deve acontecer? Imagino que eu tenha que assinar alguma coisa antes de o pagamento ser feito, certo?

Inclinei-me um pouco sobre a mesa e segurei a caneca com as duas mãos.

– Bem, sabe, é por isso que estou aqui, Srta. Sinclair. Há um probleminha.

capítulo 31

EMBORA FALASSE COMO UM CORRETOR de seguros, Nora não achou que ele se *parecesse* com um.

Para começar, ela notou que ele não se vestia mal. A gravata combinava com o terno, que tinha um corte moderno. Além disso, ele tinha personalidade. Os poucos corretores que ela conhecera tinham tanto carisma quanto uma caixa de papelão. Na verdade, pensando de um modo geral, Craig Reynolds era um homem atraente. Bem-apessoado. E também dirigia um carro muito bom. Mas também, pensou Nora, estavam em Briarcliff Manor, não no East Bronx. É preciso ter boa aparência para administrar o escritório local de uma grande empresa de seguros por essas partes.

Mesmo assim, ela ainda não estava disposta a baixar a guarda.

Desde o instante em que Craig Reynolds apareceu até o momento em que segurou a caneca com as duas mãos e anunciou que havia “um probleminha” com a apólice de Connor, Nora o vinha observando e analisando cuidadosamente.

– Que tipo de problema?

– Na verdade, não acho que vá ser realmente um problema. Acontece que, por conta da relativa juventude do Sr. Brown, eles decidiram investigar a questão.

– Quem são *eles*?

– A matriz do banco em Chicago. São eles que dão as cartas.

– E você não tem poder de decisão na questão?

– Não muito. Como eu disse, a apólice do Sr. Brown teve origem na nossa divisão corporativa, que é administrada pela matriz. A escolha do funcionário que prestará serviços pela empresa, no entanto, é baseada na proximidade com o cliente. Ou seja, se não fosse pela investigação pendente, eu já estaria cuidando de tudo.

– Se não é você que está fazendo isso, quem é?

– Ainda não me disseram, mas, se eu tivesse que adivinhar, diria que é um homem chamado John O’Hara.

– Você o conhece?

– Só de fama.

– Opa!

– O que houve?

– Quando disse isso, você franziu a testa.

– Não, não é nada de mais. O’Hara é supostamente um cara durão. Isso faz parte de ser investigador de seguros. Mas acredito que será um processo de rotina.

Quando Craig Reynolds segurou a xícara novamente, Nora fez mais uma anotação mental: sem aliança.

– Você gosta do de baunilha com avelã? – perguntou ela.

– O sabor é melhor que o aroma.

Nora se reclinou na cadeira. Já havia parado de chorar e deu a Craig Reynolds um sorriso agradável. Ele parecia gentil e simpático. Além disso, ela percebeu que duas covinhas surgiram em suas bochechas quando ele retribuiu o sorriso dela.

Pena que não tem dinheiro.

Não que Nora estivesse reclamando. Naquele momento, Craig Reynolds, o corretor de seguros, valia 1,9 milhão de dólares. Apesar de inesperada, era uma herança de que não estava disposta a abrir mão. O único obstáculo era a investigação, que, mesmo sendo aparentemente de rotina, já a estava deixando nervosa.

Mas não muito. Ela tinha um plano muito bom, feito para resistir a qualquer investigação, fosse da polícia, do legista ou de qualquer um que pudesse ficar no seu caminho. E isso certamente incluía a investigação de uma seguradora.

Mesmo assim, depois que Craig Reynolds deixou a casa naquela tarde, ela resolveu que talvez fosse uma boa ideia ficar afastada durante os próximos dias. Deveria ver Jeffrey naquele fim de semana de qualquer maneira. Não seria uma má ideia aparecer mais cedo e surpreendê-lo.

Afinal de contas, ele era seu marido.

capítulo 32

NA MANHÃ SEGUINTE, UMA SEXTA-FEIRA, Nora saiu da casa em Westchester e pôs a bagagem no porta-malas do Mercedes conversível estacionado na frente. O meteorologista da TV prometera apenas céu azul e sol, com a temperatura chegando a até 27°C. Um dia “perfeito em todos os detalhes”, se é que isso existia.

Nora apertou o botão do controle e ficou observando a capota do carro recuar silenciosamente. Foi quando outro carro chamou a sua atenção.

Que merda...?

Na Central Drive, estacionado sob grandes bordos e carvalhos, estava o mesmo BMW do dia anterior. Sentado no banco do motorista com seus óculos escuros estava Craig Reynolds, o corretor de seguros.

O que ele está fazendo aqui de novo?

Só havia uma forma de descobrir. Nora começou a caminhar em direção ao BMW. Bem que desconfiou que ele havia sido muito amistoso quando se conheceram. Agora isso... ele a vigiava. Era um pouco assustador. Ou, pior, um pouco suspeito. Por isso, era melhor não reagir de forma exagerada.

Craig a viu se aproximar e logo saiu do carro. Começou a caminhar na direção dela em seu terno bege de verão. Acenou amistosamente.

Os dois se encontraram no meio do caminho.

Nora inclinou ligeiramente a cabeça e sorriu.

– Se eu fosse desconfiada, diria que você está me espionando.

– Se fosse o caso, eu talvez devesse ter escolhido um esconderijo melhor, não? – Ele sorriu de volta. – Mil desculpas... não é o que parece. Na verdade, você pode culpar os Mets por isso.

– O time de beisebol?

– Sim, incluindo o gerente-geral. Eu estava estacionando na frente da sua casa quando a Fan anunciou que o clube estava prestes a fazer uma grande negociação com o Houston. Então eu parei para ouvir.

Ela lhe lançou um olhar indiferente.

- A Fan?
- É uma rádio só de esportes.
- Entendo. Então você não estava me espionando?
- Não. Não sou nenhum James Bond. Apenas um triste proprietário de ingressos para todos os jogos dos Mets.

Nora assentiu. Pensou que ou Craig Reynolds estava dizendo a verdade ou era um mentiroso nato.

- O que você queria comigo? – perguntou.
- Queria dar as boas notícias. John O’Hara, aquele cara da matriz de que lhe falei, foi mesmo escalado para cuidar da investigação da morte do Sr. Brown.
- Eu pensei que isso não fosse uma boa notícia.
- Não seria, mas eu conversei com ele hoje mais cedo, e ele me garantiu que não deve haver nenhum problema.
- Que bom.
- Melhor ainda, eu consegui acelerar o processo. Ele me deu o seu sermão linha-dura sobre não oferecer tratamento especial, mas pedi para fazer isso, uma vez que o escritório de Westchester tem sido uma grande fonte de lucros para a empresa. Enfim, só achei que você gostaria de saber disso.
- Muito obrigada, Sr. Reynolds. Foi uma boa surpresa.
- Por favor, me chame de Craig.
- Nesse caso, me chame de Nora.
- Está bem, Nora. – Olhou por cima do ombro dela para o conversível na entrada da garagem, com o porta-malas ainda aberto. – Vai viajar?
- Na verdade, sim.
- Vai a algum lugar interessante?
- Isso depende do que você acha do sul da Flórida.
- Como dizem, é um belo lugar para visitar.
- No que você trabalha? Se não se importa que eu pergunte.
- Sou designer de interiores.
- Sério? Deve ser divertido. Quero dizer, não deve haver muitos trabalhos em que se possa gastar o dinheiro dos outros, não é?

– É, acho que não. – Nora olhou para o relógio. – Opa! Alguém está quase se atrasando para o aeroporto.

– Culpa minha. Por favor, não se atrase.

– Bem, mais uma vez, Sr. Reyn... – ela se segurou. – *Craig*. Obrigada por passar por aqui. Foi muito gentil.

– Sem problemas, Nora. Eu a informarei quando houver alguma novidade a respeito da investigação.

– Eu agradeço.

Os dois trocaram um aperto de mão.

– Ah, sabe de uma coisa? – disse ele. – Acabei de me dar conta de que, com você viajando, talvez eu deva ficar com o número de seu celular.

Nora hesitou por uma fração de segundo. Ainda que dar o número fosse uma das últimas coisas que gostaria de fazer, também não queria parecer desconfiada diante do corretor de seguros.

– É claro – respondeu. – Você tem uma caneta?

capítulo 33

LIGUEI PARA SUSAN LOGO DEPOIS de voltar para o carro. Meus dois encontros iniciais com Nora mereciam um relatório para a chefe.

- Ela é tão bonita pessoalmente quanto nas fotos?
- *Essa é a primeira coisa que você quer saber?*
- É claro – respondeu Susan. – Ela não pode estar fazendo o que deve estar fazendo se não for linda. E então, como ela é?
- Tem alguma forma de responder a essa sua pergunta e ainda parecer profissional?
- Sim. Chama-se honestidade.
- Então: Nora Sinclair é uma mulher muito atraente. *Estonteante* não seria exagerado.
- Seu safado.

Ri.

- Qual foi sua impressão depois de conversar com ela?
- É cedo demais para dizer. Ou ela não tem nada a esconder, ou é uma mentirosa nata.
- Aposto dez dólares na segunda alternativa.
- Vamos ver se é uma boa aposta – falei.
- Com você cuidando do caso, tenho certeza de que descobriremos.
- Sabe, se você me elogiar mais um pouco, vou bater com a cabeça no teto.
- Desde que cumpra o combinado comigo...
- Ah, estou entendendo. O manual diz para trabalhar minha confiança.
- Confie em mim, não existe um manual que ensine como controlar você. Onde está agora?
- Do lado de fora da casa de Connor Brown.
- Você já fez o acompanhamento?
- Sim.
- Quanto tempo levou até ela ver você?
- Poucos minutos.

- Mets ou Yankees?
 - Mets – respondi. – Steinbrenner finalizou as negociações para o ano. Ao menos até a próxima temporada.
 - Você acha que teria como ela saber disso?
 - Não. Mas todo o cuidado é pouco.
 - Amém! – disse Susan. – Ela acreditou em você?
 - Tenho quase certeza que sim.
 - Que bom. Está vendo, eu sabia que você era o cara certo para a tarefa.
 - Ai!
 - O que foi?
 - Minha cabeça bateu no teto.
 - Quero que me mantenha informada sobre o que for acontecer a seguir.
 - Pode deixar, chefe.
 - Não seja puxa-saco.
 - Não vai acontecer de novo, chefe.
- Susan desligou na minha cara.

capítulo 34

NORA NÃO HAVIA ANDADO MUITO quando uma sensação irritante e torturante começou a perturbá-la. Bem no meio da estrada, na altura do campo de golfe Trump National, ela deu meia-volta. Cantando os pneus, o volante girou como uma roleta. Pensou que, caso se apressasse, talvez pudesse alcançá-lo.

Tem alguma coisa estranha em Craig Reynolds. E não tem nenhuma relação com o senso de humor dele.

Nora acelerou e começou a refazer o caminho de volta para a casa de Connor. Passou correndo por uma rua estreita cercada de árvores, por outra e desviou de um Volvo lerdo no meio do caminho. Um pouco mais adiante, uma senhora que passeava com um cocker spaniel lhe lançou um olhar de reprovação.

Por um breve instante, Nora duvidou de si mesma. Será que estava sendo paranoica? Será que aquilo era realmente necessário? Mas a sensação torturante se mostrou mais forte que qualquer dúvida que pudesse restar. Acelerou ainda mais. Estava quase lá.

Mas o quê...?

Nora afundou o pé no freio.

Foi surpreendida ao chegar à esquina da rua de Connor. O BMW preto ainda estava lá. Craig Reynolds não tinha ido embora.

Por que não? O que ele estaria fazendo agora?

Engatou a ré e voltou ao longo do meio-fio para trás de algumas moitas maiores e de uns pinheiros. A vegetação se mostrou útil, encobrindo a maior parte de seu carro e permitindo que ela enxergasse bem o dele. Daquela distância, porém, Craig Reynolds não passava de um vulto. Nora estreitou os olhos. Não conseguia dizer com certeza, mas ele parecia estar falando ao celular.

Por pouco tempo. Num minuto, as luzes traseiras do BMW cintilaram em meio a uma descarga de fumaça do escapamento. O corretor de seguros

estava finalmente indo embora.

Nora não fazia ideia de para onde ele estava indo, mas sua intenção era descobrir. O plano de surpreender Jeffrey em Boston foi trocado por um novo, que se chamava “Conhecendo o verdadeiro Craig Reynolds”.

capítulo 35

E LÁ FOI ELE.

Nora sabia que não poderia segui-lo muito de perto. Ele conhecia o carro dela, e não ajudava nada o fato de o conversível ser vermelho. *Que pena que a Mercedes não fazia conversíveis camuflados!*

CIDADE DE BRIARCLIFF MANOR
FUNDADA EM 1902

Mesmo antes de ver a placa, Nora se deu conta de que Craig estava a caminho do centro da cidade. Sorte dela. Depois de passar por dois sinais e de se misturar ao trânsito da Rota 9A, ela mal conseguia mantê-lo ao alcance da vista. Se ele estivesse dirigindo em qualquer outro lugar que não naquele vilarejo tranquilo, ela provavelmente o teria perdido.

Ela conhecia a cidadezinha porque tinha estado lá várias vezes com Connor. Era uma mistura de classe trabalhadora com sofisticação, de novos-ricos com eternos pobres. Postes de luz rústicos pontilhavam a rua principal em meio a bancos e lojas especializadas. (Cabeças grisalhas dividiam as calçadas com jovens supermães empurrando os melhores e mais modernos carrinhos de bebê.) O Amalfi's, um restaurante italiano que Connor adorava, estava lotado na hora do almoço.

Mais uma vez, Nora pensou que tivesse perdido Craig.

Suspirou de alívio quando viu de relance o carro preto fazer uma curva mais adiante. Quando o alcançou, Craig tinha estacionado e já estava na calçada.

Nora parou e ficou observando enquanto ele desaparecia no interior de um edifício de tijolos. O escritório dele, deduziu.

Passou lentamente de carro pela frente do edifício. Claro que havia uma placa acima das janelas do segundo andar. Dizia: SEGUROS DE VIDA CENTENNIAL ONE.

Bem, era um bom sinal, por assim dizer.

Nora deu meia-volta e estacionou a cerca de quarenta metros da entrada. Até ali, tudo bem. Reynolds parecia ser quem dizia ser. Mas ela ainda não estava satisfeita. Alguma coisa lhe dizia que havia nele algo além do que ele aparentava ser.

Acomodou-se para esperar, olhando fixamente para o edifício, uma caixa de sapatos de dois andares sem nada de especial. Não havia certamente nada chamativo ali. Os tijolos chegavam a parecer um pouco falsos, como os daquela técnica para revestimento de fachadas que vira na TV.

A espera não durou muito. Menos de vinte minutos depois, Craig saiu do prédio e entrou no carro. Nora se endireitou no assento e esperou que ele se afastasse do meio-fio.

Para onde agora, corretor de seguros? Aonde quer que vá, você tem companhia.

capítulo 36

A LANCHONETE BLUE RIBBON ERA o destino. Ficava alguns quilômetros a leste da cidade, não muito longe da Saw Mill River Parkway. O lugar tinha o estilo clássico das lanchonetes de antigamente: era uma construção quadrada, com detalhes em cromo e uma faixa de janelas ao redor.

Nora encontrou um lugar para parar o carro na lateral do estacionamento que tinha uma boa vista da porta de entrada. Olhou para o relógio: passava bastante do meio-dia.

Não havia tomado o café da manhã e, na verdade, estava faminta. Não ajudava nada o fato de ela estar parada exatamente embaixo do exaustor da cozinha. O cheiro das frituras e dos hambúrgueres sendo preparados fez com que ela começasse a revirar a bolsa atrás de um pacotinho de balas de menta pela metade.

Cerca de quarenta minutos depois, ele saiu da lanchonete. Enquanto observava, Nora registrou mais uma impressão sobre Craig. Ele era definitivamente um homem atraente que se movimentava com elegância. Tinha certa frieza. Certa confiança... ou arrogância.

A perseguição foi retomada.

Craig foi a mais alguns lugares e acabou voltando para o escritório. Por várias vezes durante o dia, Nora pensou em ir embora, mas sempre se convencia a continuar estacionada a cerca de uma quadra e meia do prédio dele. Estava curiosa principalmente com o que a noite iria trazer. *Será que Craig Reynolds tinha uma vida social? Estaria saindo com alguém? E o que exatamente ele chamava de casa?*

Por volta das seis horas, as respostas começaram a surgir.

As luzes se apagaram na Seguros de Vida Centennial One, e Craig saiu do edifício. No entanto, não foi a um bar, não tinha planos para o jantar nem um encontro com a namorada. Pelo menos não naquela noite. Em vez disso, comprou uma pizza no caminho e foi para casa.

E então Nora descobriu que Craig Reynolds escondia algo. Afinal, ele não estava nem perto de estar bem como fazia crer.

Pela aparência do local em que morava, estava claramente investindo todo o dinheiro no carro e nas roupas. O apartamento em Pleasantville era uma unidade decadente em meio a um monte de outras unidades decadentes no que parecia ser um antigo centro comercial. Alguns prédios brancos com laterais de vinil e janelas com persianas pretas. Cada unidade tinha um pequeno pátio ou uma varanda. Nada muito impressionante.

Será que Craig está pagando pensão alimentícia? Qual é a dele, afinal?

Nora chegou a considerar a possibilidade de passar mais um tempo do lado de fora do Ashford Court Gardens. Quem sabe Craig tivesse planos para mais tarde?

Ou, quem sabe, pensou Nora, talvez ela estivesse começando a delirar, por ter passado um dia sem comer. Olhar para a caixa de pizza que Craig levara para dentro de casa foi o suficiente para disparar mais uma rodada de roncos no estômago. As balas de menta já eram uma lembrança distante. Estava na hora de jantar. *Quem sabe o Iron Horse Grill, em Pleasantville? Jantar sozinha seria esquisito.*

Foi embora, satisfeita com a decisão de seguir Craig. Sabia que as pessoas nem sempre eram quem pareciam ser. Tudo o que precisava fazer era olhar no espelho. O que fez Nora se lembrar de outro dos seus mantras: “Melhor paranoica que arrependida.”

capítulo 37

O ANÚNCIO NO *WESTCHESTER JOURNAL* DIZIA que o apartamento tinha uma vista espetacular. Do quê, não faço ideia. A frente dava para uma rua lateral em Pleasantville e os fundos tinham uma vista incrível de um estacionamento, com o maior latão de lixo que já vi na vida.

A parte interna só piorava.

O piso era todo de vinil. Tinha uma poltrona preta de couro sintético e uma namoradeira que provavelmente não viu muito namoro. Se água corrente e eletricidade constituem uma “cozinha moderna”, então, caramba, era o que eu tinha. Porque duvido que balcões de fórmica amarela estivessem novamente na moda.

Pelo menos a cerveja estava gelada.

Larguei a pizza e peguei uma cerveja da geladeira antes de me atirar no sofá desconfortável no meio da minha “espaçosa sala de estar”. Que bom que eu não sofria de claustrofobia.

– Ela seguiu você? – perguntou ela imediatamente.

– O dia todo – respondi.

– E viu quando você entrou no apartamento?

– Sim.

– Ela ainda está lá fora?

Dei um bocejo exagerado.

– Quer dizer que eu realmente preciso me levantar do sofá para olhar?

– Claro que não. Leve o sofá com você.

Sorri sozinho. Sempre adorei mulheres com esse tipo de senso de humor.

A janela ao lado do sofá tinha uma velha persiana estropiada que estava completamente abaixada. Com cuidado, levantei uma das pontas e espiei.

– Hmmm – resmunguei.

– O que foi?

Nora havia estacionado a uma quadra de distância. Seu carro não estava mais lá.

- Acho que ela já viu o bastante – falei.
 - Que bom. Ela acredita em você.
 - Sabe, acho que ela ainda acreditaria em mim se eu tivesse um apartamento decente. Quem sabe alguma coisa em Chappaqua?
 - Alguém está reclamando?
 - É apenas uma observação.
 - Você não está entendendo. Assim ela irá achar que tem alguma coisa contra você – disse Susan. – Ter um carro e um guarda-roupa além das suas condições torna você mais humano.
 - O que aconteceu com simplesmente ser legal?
 - Nora parece legal, não parece?
 - Sim, na verdade, parece.
 - Sem mais perguntas.
 - Eu cheguei a falar sobre os balcões de fórmica amarela?
 - Qual é? O lugar não pode ser tão ruim assim – disse Susan.
 - Para você, é fácil falar. Você não precisa morar aqui.
 - É apenas temporário.
 - Graças aos céus! Caramba, talvez este apartamento seja justamente para isso – eu disse. – Vai me fazer trabalhar mais rápido.
 - Confesso que isso me passou pela cabeça.
 - Você não perde uma, não é?
 - Não se for possível. Mas, falando sério, você fez um bom trabalho hoje.
 - Obrigado.
- Susan me deu então um suspiro de fim de dia.
- Certo, é oficial: Nora Sinclair chegou aos bastidores de Craig Reynolds. E agora?
 - Isso é fácil – respondi. – Agora é a minha vez.

capítulo 38

HAVIA APENAS UM LUGAR VAZIO na primeira classe. Em circunstâncias normais, Nora teria lamentado que não fosse a poltrona ao seu lado. Mas normalmente ela não dividia o descanso de braço com um cara tão bonitinho. De lado, ele se parecia um pouco com Brad Pitt.

Durante a decolagem, Nora (que não estava usando sua aliança) conferiu o passageiro no assento da janela com um olhar furtivo. Tinha certeza de que ele estava fazendo a mesma coisa com ela. *Claro que estava. Que homem não faria isso?* Quando o capitão desligou o sinal de APERTAR OS CINTOS, percebeu que o cara estava pronto para agir.

– Eu sou um empilhador – ele disse.

Ela se virou fingindo que só então tinha se dado conta de que não estava sozinha.

– Como?

– A mesa de centro. – Ele deu um sorriso largo e apontou com a cabeça a revista *Architectural Digest* aberta no colo dela. Na página da direita havia a foto de uma espaçosa sala de estar. – Está vendo como as revistas estão espalhadas em cima da mesa de centro? – perguntou. – O fato é que há apenas dois tipos de gente neste mundo: os empilhadores e os espalhadores. De que tipo você é?

Nora o encarou, impassível. No quesito começo de conversa, ele merecia alguns pontos pela originalidade.

– Bom, isso depende. Quem quer saber?

– Você tem toda a razão – disse ele, dando uma risada franca. – Não se pode revelar uma informação tão pessoal a um estranho qualquer. Meu nome é Brian Stewart.

– Nora Sinclair.

Ele estendeu a mão aparentemente forte com as unhas bem-feitas, e os dois se cumprimentaram.

– Agora que nos conhecemos, Nora, acredito que você me deve uma resposta.

– Neste caso, talvez você goste de saber que eu sou uma empilhadora.

– Eu sabia.

– Ah, é mesmo?

– Sim. – Ele se inclinou ligeiramente na direção de Nora. – Você me parece bastante organizada.

– Isso foi um elogio?

– Para mim, sim.

Ela sorriu. Talvez o verdadeiro Brad Pitt fosse mais bonito, mas Brian Stewart certamente era charmoso. Motivo suficiente para manter a conversa por mais tempo.

– Diga, Brian, o que está esperando por você em Boston hoje?

– Uma dúzia de investidores. E uma caneta.

– Parece promissor. Suponho que a caneta seja para a sua assinatura.

– Algo assim.

Nora ficou esperando que ele desenvolvesse o assunto, mas Brian não continuou. Então sorriu ela.

– E pensar que me revelei uma *empilhadora* para você acabar ficando tímido comigo.

Ele se remexeu na poltrona, claramente se divertindo com a situação.

– Pela segunda vez, você tem toda a razão. Está bem. No ano passado eu vendi a minha empresa de software. Esta tarde, irei lançar a nova empresa. Entediante, não é?

– Não acho que seja entediante. De qualquer forma, parabéns! E esses investidores... eles estão investindo em *você*?

– De acordo com meu ponto de vista, por que investir o próprio dinheiro, quando há outros que estão dispostos a investir o deles?

– Não poderia concordar mais com isso.

– E quanto a você, Nora? O que está esperando por *você* em Boston hoje?

– Um cliente – respondeu ela. – Sou designer de interiores.

Ele assentiu.

– A casa de seu cliente fica na cidade?

– Fica. Só que não é essa casa que estou decorando. Ele acabou de construir uma casa de veraneio nas Ilhas Cayman.

– Lindo lugar.

– Eu ainda não conheço. Mas irei em breve.

Nora abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa. Então desistiu.

– O que você ia dizer? – perguntou ele.

Ela revirou os olhos.

– Uma bobagem, na verdade.

– Vamos lá, diga.

– É só que, quando falei sobre esse cliente a uma das minhas amigas, ela disse que ele provavelmente está construindo nas Ilhas Cayman para que possa ficar de olho no dinheiro de imposto que estava sonegando. – Sacudiu a cabeça com um convincente ar de ingenuidade. – Quer dizer, eu não quero me meter em nada que não deva.

Brian Stewart sorriu com uma expressão inteligente.

– Realmente não é tão sinistro quanto você possa estar imaginando. Ficaria surpresa com a quantidade de gente que tem contas no exterior.

– É mesmo?

Ele se inclinou para mais perto, ficando com o rosto a poucos centímetros do dela.

– Eu me declaro culpado – sussurrou ele. Pegou a taça de champanhe. – Será o nosso segredo, está bem?

Nora pegou sua taça e os dois brindaram. Brian Stewart estava mostrando ser uma pessoa que ela talvez quisesse conhecer melhor.

– Aos segredos – brindou ela.

– Aos empilhadores – brindou ele.

capítulo 39

— **O** QUE O SENHOR DESEJA? – perguntou ela.

Olhei para a comissária. Cansada, morta de tédio, mas tentando ser gentil mesmo assim. Ela e seu carrinho de bebidas finalmente estavam ao meu alcance.

– Quero uma Coca Diet – respondi.

– Ah, sinto muito... acabou.

– Então uma água tônica.

Os olhos dela vagaram pelas latas abertas em cima do carrinho.

– Hmmm – murmurou. Abaixou-se e começou a tirar uma depois da outra. – Sinto muito, também acabou.

– Por que não tentamos o contrário – sugeri, com um sorriso forçado. – O que você ainda tem?

– O senhor gosta de suco de tomate?

Só com muita vodca e um pedaço de aipo.

– Mais alguma coisa?

– Tenho um Sprite.

– Agora não tem mais.

Ela levou um instante para se dar conta de que esse foi meu jeito de dizer “Sim, então um Sprite, por favor”.

Ela serviu cerca de metade da lata de refrigerante e me entregou um saquinho de minipretzels. Enquanto ela levava o carrinho embora, levantei meu copo plástico. Se forçasse bem a vista, o líquido borbulhante poderia se passar pelo champanhe que Nora devia estar bebendo na primeira classe.

Enfie um minipretzel na boca e tentei mexer as pernas. Doce ilusão. Com a bandeja abaixada, elas estavam apertadas por todos os ângulos. A perda de circulação nas extremidades inferiores era apenas questão de tempo.

Foi quando me dei conta do traço comum daquela investigação. Em uma palavra: *aperto*.

Escritório apertado, apartamento apertado, poltrona apertada na última fileira da classe econômica, e que me obrigava a respirar os odores do banheiro apertado localizado bem atrás de mim.

Não que tudo estivesse perdido.

A única coisa boa de estar seguindo alguém num avião é que nunca é preciso se preocupar em perder a pessoa de vista durante o voo. A dez mil metros de altitude, ninguém consegue escapar pela porta lateral.

Olhei para a cortina azul-marinho bem, bem, bem no fim do corredor. Embora as chances de que Nora tivesse algum motivo para se aventurar naquela direção e se misturar a nós, pobres coitados da classe econômica, variassem entre pouca e nenhuma, eu ainda precisava me manter na ponta dos pés.

Não que eu pudesse sentir os meus pés.

Mais cedo, no aeroporto de Westchester, tive certeza de que Nora não havia me visto. Bem, ela podia até ter me visto, mas certamente não me reconheceria. Além do boné do Red Sox, dos óculos escuros e do casaco de ginástica com corrente de ouro, eu havia apelado para um bigode postiço. Acrescente-se um *Daily News* que nunca ficava a mais de trinta centímetros de meu rosto, e eu praticamente garanti que passaria incógnito.

Não, Nora não fazia ideia de que tinha companhia no voo. Isso eu sabia. O que eu não sabia era a resposta para a questão do dia. *O que tem em Boston?*

capítulo 40

SEGUI NORA E SUA ELEGANTE mala de rodinhas escada rolante abaixo, passando pela esteira de bagagens. Como sempre, vista de costas, ela estava muito bem. Tinha um jeito especial de caminhar... e um belo sorriso quando precisava. Não olhou nem uma vez sequer para as sinalizações no caminho. Dava para dizer com tranquilidade que não era sua primeira vez no Aeroporto Logan.

Ela saiu do terminal e parou abruptamente, olhando ao redor. Procurando o quê? Isso só ficou claro depois de poucos minutos.

Não era um táxi nem o carro de algum amigo. Era o micro-ônibus que transporta os passageiros para a Hertz, a locadora de veículos.

Assim que ela entrou no micro-ônibus, chamei um táxi.

– Leve-me ao estacionamento da Hertz! – gritei na nuca do motorista.

Ele se virou, um sujeito do tipo velho lobo do mar, que tem no rosto um verdadeiro mapa de rugas e marcas de expressão.

– *Por quê?*

– Me leve...

– Não, eu ouvi perfeitamente a parte do “onde”. O que estou dizendo é que há micro-ônibus para isso.

– Eu não gosto de esperar.

– Eu também não. – Esticando o indicador, ele apontou para a janela traseira. – Está vendo aquela fila de táxis atrás de mim? Eu não fiquei esperando ali por uma corrida de três dólares.

Olhei para o micro-ônibus de Nora, que se afastava cada vez mais.

– Muito bem, me diga um valor – disparei.

– Trinta pratas. É minha oferta final.

– Vinte.

– Vinte e cinco.

– Negócio fechado. Dirija.

capítulo 41

O CARA SAIU CORRENDO, E EU comecei a pesquisar em meu telefone. Tinha os números de todas as linhas aéreas, cadeias de hotéis e locadoras de veículos. Era um pré-requisito do trabalho.

Liguei para a Hertz. Depois de sofrer e aguentar um minuto inteiro de orientações automatizadas, consegui falar com uma agente disponível.

– Para quando o senhor precisará do carro? – perguntou ela.

– Para daqui a cinco minutos. Talvez menos.

– Ah.

Ela prometeu que faria o melhor possível. Apenas por precaução, caso o melhor da gente não fosse bom o suficiente, disse ao taxista que ele corria o risco de me conhecer um pouco melhor.

Felizmente, isso não foi necessário.

O motorista do micro-ônibus de Nora tinha um pé muito leve. Dirigindo assim tão lentamente, foi fácil ultrapassá-lo antes que chegasse ao estacionamento. Quando Nora entrou em um sedã prata conversível, eu já estava atrás do volante da minha minivan. É isso mesmo, uma minivan. Afinal, quem esperaria ser seguido por alguém dirigindo uma coisa dessas?

Mesmo assim, tomei o cuidado de manter certa distância. Isso até Nora deixar claro que não era uma motorista de micro-ônibus. Ela estava mais para corredora de Fórmula 1.

Quanto mais eu acelerava, mais rápido ela parecia ir. Em vez de me misturar aos outros carros, eu era forçado a passar correndo por eles. Era o fim da minha discreta minivan.

Merda!

Um sinal vermelho. Eu já havia passado por um, mas esse ficava em um cruzamento. Nora conseguiu passar. Eu não.

Enquanto ela se tornava um pontinho ao longe, não pude fazer nada além de xingar e esperar. A ideia de ter voado até aqui apenas para perdê-la estava me embrulhando o estômago.

Sinal verde!

Pisei no acelerador e buzinei ao mesmo tempo, cantando os pneus. Precisava virar o jogo que eu tinha grandes chances de perder. Olhei para o velocímetro: 100, 110, 120 quilômetros por hora.

Pronto! Consegui ver o carro de Nora mais à frente. Suspirei aliviado, diminuí a velocidade e tentei me aproximar. Podia usar duas pistas e o trânsito estava colaborando. Tinha como ir de um lado a outro sem ficar muito óbvio. As coisas estavam melhorando.

Se ao menos eu também estivesse.

capítulo 42

EU DEVIA TER VISTO A bifurcação, mas estava ocupado demais olhando fixamente para o grande caminhão de entregas de colchões à minha frente, e me preparando para ultrapassá-lo.

Péssima decisão.

Com o pé direito pisando fundo, passei ao lado do caminhão, que bloqueou minha visão de Nora. Ao me inclinar para a frente, estiquei o pescoço para ver onde ela estava.

Mas foi outra coisa que vi. Grandes caixas amarelas! Do tipo que são enchidas de água e empilhadas antes de divisórias de concreto, para que, em vez de se espatifarem, os carros apenas se molhem.

Olhei para o caminhão de entrega. Estávamos cabeça a cabeça, e o motorista me olhava.

Encarei aquelas enormes caixas amarelas. Elas estavam se aproximando rápido demais.

As pistas estavam prestes a se dividir. Eu estava na da esquerda, Nora, na da direita. Eu precisava mudar de pista. *Maldito caminhão!*

Assim que embiquei na frente dele, o caminhoneiro acelerou. Enfie a mão na buzina e pisei fundo.

Mais à frente, Nora passou pelas caixas amarelas e disparou pela direita.

Eu ainda estava preso na pista da esquerda e perdendo espaço. Rápido.

Merda!

Afundi o pé no freio. Se não ia conseguir cortar o caminhão, desviaria dele por trás. As duas toneladas da minivan começaram a guinar enlouquecidamente enquanto eu via o caminhão de colchões (de pelo menos dez toneladas) mudar de direção. Foi quando me dei conta de que ele queria vir para a minha pista.

Não ouvi as buzinas atrás de mim. Nem os pneus cantando. O único som que podia escutar era o do meu coração batendo forte enquanto a frente da minha minivan beijava a traseira do caminhão, metal contra metal.

Faíscas voaram. Perdi o controle do carro e girei descontroladamente, quase capotando. Teria morrido, não fosse um pequeno detalhe.

Litros e litros de água.

Meu rosto bateu no *air bag*, e as caixas amarelas fizeram o trabalho delas. Senti uma dor dos infernos, mas soube imediatamente que era um sortudo filho da puta.

O trânsito começou a andar de novo quando eu saí da minivan. Assim como eu, todos haviam sobrevivido quase sem nenhum arranhão. Havia água por todos os lados, poças e mais poças, mas nada além disso.

Idiota. Estava furioso comigo mesmo. Quando me recompus, fiz a ligação.

– Eu a perdi.

– O quê?! – explodiu Susan.

– Eu disse...

– Eu ouvi. Como você conseguiu perdê-la?

– Sofri um acidente.

Seu tom de voz mudou imediatamente, mostrando preocupação.

– Você está bem?

– Sim, estou ótimo.

– Neste caso, merda, *como conseguiu perdê-la?*

– A mulher dirige feito louca.

– E você não?

– Estou falando sério. Você precisava ver.

– Eu também estou falando sério – gritou ela. – Você não podia tê-la perdido de vista.

Estava apelando a mim mesmo para manter a calma. Porém, Susan não estava exatamente facilitando minha vida. Por mais tentador que fosse devolver toda a raiva dela na mesma intensidade, percebi que seria melhor para mim simplesmente dar a outra face.

– Você tem razão – falei. – Ferrei com tudo.

Ela se acalmou um pouco.

– Acha que ela pode ter visto você?

– Não. Ela não estava tentando me despistar. Ela só dirige muito rápido.

– Quanta bagagem ela levou?

- Uma mala de rodinhas pequena. Nem a despachou.
- Está bem, então. Não perca seu tempo e volte para Nova York. Aonde quer que esteja indo, é melhor supormos que muito em breve ela irá voltar para a casa de Connor Brown.

Decidi que seria uma boa ideia mudar de assunto.

- Alguma confirmação sobre a investigação? – perguntei.
- Está prosseguindo. A papelada deve sair logo. Mantereí você informado.

Eu me despedi, e tudo deveria acabar ali. Mas era com Susan que eu estava falando, então, para o caso de eu não ter entendido claramente sua decepção, ela me deu mais uma dica.

- Tenha um bom voo de volta. E tente não ferrar com mais nada hoje.

Eu a ouvi desligar e então balancei a cabeça lentamente. Comecei a caminhar, tentando dispersar a raiva. O que não aconteceu. Quanto mais caminhava, pior me sentia. A tensão começou a tomar conta do meu corpo e, antes que eu me desse conta, estava toda reunida em meu punho.

Crash!

E assim minha minivan alugada tinha uma janela a menos.

capítulo 43

NORA DEU MAIS UMA OLHADA pelo retrovisor. Alguma coisa tinha acontecido lá atrás, talvez um acidente.

Se fora esse o caso, garantiu a si mesma que era uma mera coincidência e não tinha nada a ver com a sensação esquisita que sentia no estômago.

A sensação de não estar sozinha que teve logo depois de deixar o estacionamento da Hertz.

Agora, ao chegar no coração de Back Bay, a sensação parecia ter desaparecido.

O trânsito na Avenida Commonwealth estava entre a lentidão arrastada e a completa inércia. Havia uma manifestação em Newbury e várias ruas estavam pagando o preço por isso. Nora deu sorte e encontrou uma vaga depois de dar apenas três voltas.

Tinha posto a aliança no dedo quando estava no micro-ônibus, ainda dentro do aeroporto. Depois da olhadela de sempre no espelhinho do carro, já estava pronta para seguir em frente. Tirou a mala e fechou a capota do conversível. *Estava na hora do espetáculo.*

Como sempre, Jeffrey estava trabalhando quando ela entrou. Nora havia aprendido que apenas três coisas o afastavam da escrita: comida, sono e sexo, não necessariamente nessa ordem.

Em vez de chamá-lo, Nora caminhou silenciosamente até os fundos do sobrado. Entre a concentração profunda e a música que escutava, não havia muita chance de que ele a ouvisse.

Ela abriu a porta que ficava depois da copa e chegou ao pátio interno. Com as suas altas treliças de flores-de-lis cobertas de trepadeiras e outras plantas estrategicamente escolhidas, aquela área aconchegante oferecia privacidade.

Levou apenas um minuto para se aprontar. Recostada numa *chaise longue* de vime almofadada, pegou o celular e ligou para o marido.

Segundos depois, ouviu o telefone tocar dentro da casa.

Por fim, Jeffrey atendeu.

- Querido, sou eu.
- Ah, não me diga que você não vem.

Ela riu.

- Não por enquanto.
- Espere um pouco. Onde você está?
- Dê uma olhada nos fundos da casa.

Ela levantou a cabeça quando Jeffrey apareceu na janela da biblioteca. O queixo forte dele caiu, e ele começou a rir, o que ela pôde ouvir claramente pelo telefone.

- Ah... nossa...

Nora estava nua na *chaise longue*, a não ser pela cinta-liga. Ronronou ao telefone:

- Está vendo alguma coisa de que goste?
- Na verdade, estou vendo muita coisa de que eu gosto. Não estou vendo nada de que não goste.
- Que bom. Não se machuque correndo escada abaixo.
- Quem falou em usar a escada?

Jeffrey abriu a janela, saltou para fora e desceu por uma calha. Bastante atlético. Tudo para o fascínio de Nora.

Qualquer que fosse o recorde mundial de um homem tirando as roupas, ele foi quebrado. Jeffrey subiu na *chaise*, ficando por cima de Nora. Ele enfiou as mãos por baixo das almofadas e abraçou. Era um homem muito sexy, desde que se conseguisse tirá-lo da frente do computador.

Nora fechou os olhos e os manteve fechados durante todo o tempo em que fizeram amor. Queria sentir alguma coisa por Jeffrey. Qualquer coisa. Mas não sentia nada.

Qual é, Nora? Você sabe o que precisa ser feito. Já fez isso antes.

A voz dentro dela não parecia a de uma velha amiga agora. Era mais como a de uma estranha nada bem-vinda, alguém que ela quase não conhecesse. Nora tentou ignorá-la, mas não adiantava. Ela só ficava mais alta. Mais insistente. Mais controladora.

Jeffrey gozou e rolou de cima dela, sem fôlego.

- Que surpresa incrível. Você é maravilhosa.

Pergunte se ele está com fome, Nora.

Queria gritar com a vizinha dentro de si. Mas seria apenas perda de tempo. Só havia um jeito de fazê-la parar.

E ela sabia qual era.

– Aonde você vai? – perguntou Jeffrey.

Nora havia se levantado sem dizer nada. Já estava entrando na casa.

– Para a cozinha – respondeu. – Vou ver o que posso fazer para o jantar. Quero cozinhar para você.

capítulo 44

AH, CARAMBA! O QUE FAZER, o que fazer? Foi um desastre até agora.

O Turista estava sentado sozinho no quarto pequeno e encardido, com mais uma cerveja. Já havia tomado quatro. Ou teriam sido cinco? Depois do que passara, perder a conta não era tão importante para ele. Nem o jogo dos Yankees que estava passando na TV. E muito menos comer a pizza de calabresa com cebola que estava esfriando em cima da mesa à sua frente.

Sobre a mesa também estavam os recortes de jornal sobre o tiroteio em Nova York. Havia pelo menos uma dúzia de reportagens sobre o “confronto da calçada”.

A história estava rendendo – o que necessariamente não surpreendeu o Turista. Ele havia deixado para trás uma vastidão de perguntas sem respostas. Muita tinta estava sendo dedicada a conjecturas e especulações. Algumas eram críveis, mas a maioria era só besteira. O bilhete que veio com os recortes resumiu tudo: *O circo está na cidade. Fique na sua, Turista. Entraremos em contato.*

Ele sorriu e leu os relatos contraditórios das testemunhas. *Como é possível, escreveu um colunista do Daily News, o mesmo acontecimento ser sido visto de maneira tão diferente por pessoas que estavam a menos de seis metros de distância?*

– Como é possível, não é mesmo? – ironizou o Turista em voz alta. Recostou-se na poltrona e pôs os pés em cima da mesa. Estava absolutamente confiante de que a sua identidade seria mantida em segredo. Havia tomado os cuidados necessários e limpado todas as suas pistas. Poderia muito bem ser um fantasma.

Havia apenas uma coisa que o estava incomodando agora, e muito.

Do que se tratava a lista que ele havia copiado do pen drive? Todas aquelas contas no exterior?

1,4 bilhão.

O que era aquilo?

Será que valia a vida de um pobre coitado do lado de fora da Grand Central Station?

Aparentemente, sim.

Será que valia a vida de outra pessoa?

Por exemplo, a dele?

Definitivamente, não.

Seria parte de uma trama maior que talvez viesse a fazer sentido mais tarde?

Quem poderia dizer? Ele esperava que pudesse.

capítulo 45

JEFFREY OLHOU PARA NORA POR cima da mesa iluminada por velas.

– Tem certeza de que você está bem?

– Claro que estou.

– Não sei, você pareceu um pouco contrariada quando sugeri que saíssemos, em vez de comer em casa.

– Não seja bobo. Isto aqui está maravilhoso. – Nora tentou fazer a linguagem corporal concordar com o discurso. Precisou atuar muito bem. Havia se decidido: ela devia estar no sobrado, ocupada com a preparação da última refeição dele.

Os dois estavam no restaurante preferido de Jeffrey. Nora nunca estivera tão tensa. Sentia-se como um cavalo de corrida diante de um portão de largada que se recusava a abrir.

– Adoro este lugar – disse Jeffrey, olhando ao redor. Os dois estavam no La Primavera, no norte de Boston. A decoração era simples e elegante, com toalhas de linho brancas, talheres reluzentes e iluminação suave.

Jeffrey pediu o ossobuco; Nora, o risoto de cogumelos porcini. Mas ela estava sem apetite. O vinho era um Poggio dell'Oliviera Chianti Clássico, reserva de 1994. Do vinho, ela precisava. Quando o garçom tirou os pratos, Nora mudou a conversa para o fim de semana seguinte. O negócio inacabado estava pesando muito em sua mente.

– Você se esqueceu de que eu vou viajar, querida? – disse Jeffrey. – Vou àquela feira do livro na Virgínia.

– É verdade. Eu realmente me esqueci. – Nora estava com vontade de gritar. – Não acredito que vou deixá-lo solto em meio a centenas de suas adoradas fãs.

Jeffrey cruzou as mãos diante de si e se inclinou sobre a mesa.

– Olhe só, eu tenho pensado um pouco – disse. – É sobre a forma como temos tratado nosso casamento. Ou melhor, como eu tenho tratado você... com todo esse segredo. Acho que não tenho sido justo.

– Você acha que isso está me incomodando? Porque...

– Não, na verdade você tem sido muito compreensiva, o que faz com que eu me sinta ainda pior. Quero dizer, eu tenho a mulher mais maravilhosa do mundo. Está na hora de o mundo saber disso.

Nora sorriu, como deveria ter feito, mas, por dentro, as luzes de alerta estavam piscando.

– Mas, e as suas fãs? – perguntou. – Todas aquelas mulheres que vão à Virgínia na semana que vem, desejando ver um dos *solteiros* mais atraentes e cobiçados, segundo a revista *People*?

– Eu quero é que elas se fodam.

– É exatamente o tipo de coisa que fazem pensando em você, querido – disse Nora.

Jeffrey segurou as mãos dela, apertando-as levemente.

– Você tem sido compreensiva, e eu, incrivelmente egoísta. Mas agora chega.

Nora percebeu que não conseguiria tirar a ideia da cabeça dele. Pelo menos não naquele instante. Era um cara muito previsível. Tinha uma ideia fechada sobre o que era melhor para *ela*, e não haveria como convencê-lo do contrário.

– Vamos fazer o seguinte. Vá à sua feira do livro, encante as mulheres com sua beleza, seu charme e sua erudição, e conversaremos quando você voltar.

– É claro – disse ele, num tom que sugeria o contrário. – Tem apenas um problema.

– O que é? – perguntou Nora. *Você quer me pedir em casamento de novo, no meio deste restaurante lotado?*

– Ontem eu dei uma entrevista para a revista *New York*. Abri o jogo e falei sobre você. Sobre o casamento em Cuernavaca. Você devia ter visto a cara da repórter. Mal podia esperar para acrescentar o furo à matéria dela. Perguntou se a revista poderia publicar fotos nossas. Eu disse que não haveria problemas.

A expressão indiferente de Nora finalmente cedeu.

– Você fez isso?

– Sim – respondeu ele, apertando mais as mãos dela nas dele. – Isso não é um problema, é?

– Não, não é um problema.

De jeito nenhum – ela pensou. *É um problemão.*

capítulo 46

NORA VOLTOU A MANHATTAN NO fim da tarde seguinte. Estava com saudade do seu loft, do conforto e do silêncio dele, das coisas que havia comprado para si mesma com o passar dos anos. Sentia falta do que considerava ser a sua vida *de verdade*.

Enquanto preparava um banho de banheira, ouviu os recados da secretária eletrônica. Sempre os conferia periodicamente quando viajava. Havia quatro novos. Os três primeiros eram relacionados com trabalho – clientes chatos. O último era de Brian Stewart, seu companheiro de voo na primeira classe para Boston – o sócio de Brad Pitt.

O recado era curto e fofo, como ela gostava. Brian disse que havia adorado conhecê-la e que gostaria muito de voltar a vê-la. “Devo estar de volta à cidade até o fim da semana e adoraria sair com você uma noite dessas. Vai ser divertido, prometo.”

Se você insiste, Brian.

Nora tomou um banho quente. Depois, pediu comida chinesa e conferiu a correspondência. Antes do fim do noticiário das onze, já estava dormindo profundamente no sofá, como um bebê. E dormiu até *tarde*.

No dia seguinte, pouco antes do meio-dia, Nora entrou no Hargrove & Sons, um antiquário no Upper East Side. Pessoalmente, achava a loja conservadora e chata demais, com muitos dos vendedores aparentemente mais velhos que as antiguidades que vendiam. Mas era a preferida do cliente, o veterano produtor de cinema Dale Minton, e ele insistira em se encontrar com ela ali.

Nora olhou as peças por alguns minutos. Depois de passar por mais um sofá xadrez, sentiu um tapinha no ombro.

– É *você mesmo*, Olívia!

O sujeito excessivamente empolgado diante dela era Steven Keppler, o advogado de meia-idade e cabelos penteados por cima da careca.

– Hã... oi – disse Nora. Rapidamente revirou a agenda mental e se lembrou do nome dele. – Como você está, Steven?

– Estou ótimo, Olívia. Chamei seu nome várias vezes. Você não me ouviu? Ela não se abalou.

– Ah, eu sempre faço isso. Quanto mais compro, menos ouço o que está acontecendo ao meu redor.

Steven riu e deixou passar. Quando começou o papinho do tipo “Que bom encontrar você aqui”, Nora se lembrou das suas tendências lascivas. Como podia ter se esquecido? Evidentemente, os olhos dele estavam começando a babar. Olhos babam? Bem, os de Keppler, sim. Enquanto isso, ela não tirava os dela da entrada do antiquário, à espera de Dale. Aquilo podia ser um desastre.

– E então, Olívia, você está comprando para si mesma ou para um cliente? – perguntou Steven.

– Um cliente – respondeu ela, olhando para o relógio.

Foi quando o viu. Dale Minton estava passando pela porta de entrada naquele exato instante, parecendo ser o dono do lugar. E certamente poderia ser, se quisesse.

– Ah, ali está ele – disse ela. Tentou não entrar em pânico, mas a imagem de Dale a chamando de Nora na presença de Steven estava abalando seus nervos.

– Vou deixá-la trabalhar – disse ele. – Apenas prometa que vai jantar comigo noite dessas. – O cara era sem dúvida um oportunista. Sabia o que ela sabia, que um “sim” era uma resposta muito mais rápida. Um “não” exigiria uma desculpa.

– Sim – disse Nora. – Seria bom. Me ligue.

– Vou ligar, sim. Sairei de férias na semana que vem, mas vou cobrar a promessa assim que voltar.

Steven Keppler se virou para ir embora quando Dale ainda estava a alguns metros de distância. Foi por pouco, mas ela conseguiu se safar. Até que...

– Foi muito bom ver você, Olívia – disse Steven em voz alta.

Nora lhe lançou um sorriso sem graça e olhou para Dale, que parecia completamente confuso.

– Aquele homem acabou de chamar você de *Olívia*? – perguntou.

Nora rezou para a deusa do raciocínio rápido. E ela atendeu. Nora se inclinou na direção de Dale e sussurrou:

– Eu o conheci numa festa há alguns meses. Disse a ele que o meu nome era Olívia... por motivos óbvios.

Dale assentiu, compreendendo a situação, e Nora sorriu. Suas duas vidas permaneciam seguramente separadas.

Pelo menos por enquanto.

capítulo 47

UMA MULHER LOURA CAMINHAVA DE uma peça de mobília antiga para outra, com os olhos protegidos por um par de óculos escuros. Estava bancando a detetive e se sentindo um pouco ridícula, para dizer a verdade. Mas *precisava* vigiar Nora Sinclair.

Se estivesse em qualquer outro lugar exceto Nova York, teria se destacado. Mas ali era o Upper East Side de Manhattan. Portanto, ela se misturou ao cenário. Era simplesmente mais uma cliente do Antiquário Hargrove & Sons.

A mulher loura parou diante de uma chapeleira de carvalho com brilhantes ganchos de bronze e fingiu olhar o preço da peça. Mas seus olhos e ouvidos permaneceram atentos à Nora.

Ou seria *Olívia* Sinclair?

Não sabia o que interpretar do encontro com o sujeito careca. *Qualquer pessoa que responda por dois nomes provavelmente é culpada de alguma coisa.*

Continuou a observar Nora, que agora estava acompanhada de um homem mais velho. Apenas por cautela, afastou-se dos dois algumas vezes. Ainda assim, conseguiu ouvir parte da conversa.

O homem mais velho era um cliente. Logo, Nora realmente era designer de interiores. Seus comentários e sugestões, o uso do jargão... ela definitivamente sabia do que estava falando.

A profissão de Nora, porém, nunca esteve em questão. O que gerava dúvidas era todo o resto de sua vida. Suas vidas, seus segredos. Mas ainda não havia prova de nada. E foi esse motivo que tinha levado a loura a dar uma olhada por conta própria.

– Com licença, você precisa de alguma ajuda? Posso ver algo para você?

A loura se virou e viu um vendedor idoso se aproximar. O homem usava uma gravata-borboleta, um paletó de tweed e óculos de aros de metal que pareciam tão velhos quanto ele.

– Não, obrigada – respondeu ela, falando quase num sussurro. – Estou só olhando. Mas não vi nada de que tenha gostado.

capítulo 48

DEPOIS QUE PERDI NORA DE vista em Boston naquele sábado, o resto do fim de semana podia ser facilmente resumido em duas palavras: *uma merda*.

Na minha lista de coisas impulsivas e idiotas a fazer, descarregar no vidro de um carro alugado pontuava bem alto. Felizmente não tinha quebrado a mão, ao menos de acordo com minha extensa e rigorosa autoavaliação médica, que consistia em responder a uma simples pergunta: *Você ainda consegue mexer os dedos, seu imbecil?*

Quando a manhã de segunda-feira finalmente chegou, passei pela casa de Connor Brown para ver se Nora estava lá. Não estava. Depois de percorrer o mesmo trajeto, com o mesmo resultado, no fim da tarde, decidi que havia chegado a hora de tentar o celular dela.

Peguei a caderneta em que tinha anotado o número que Nora me dera e liguei de dentro do carro.

Um homem atendeu.

– Sinto muito, acho que liguei para o número errado – falei. – Estava tentando falar com Nora Sinclair.

O sujeito não conhecia ninguém com esse nome.

Desliguei e comparei a minha anotação com a chamada registrada no celular. Sim. Eu havia digitado o número correto. Só que não era o de Nora.

Hmmm.

Fiquei olhando fixamente para o volante por um instante antes de pegar o telefone e ligar de novo. Dessa vez, quem atendeu foi uma voz feminina jovem e simpática.

– Bom dia. Seguros de Vida Centennial One.

– Muito convincente, Molly.

– É mesmo?

– Totalmente. Se não soubesse, eu diria que você estava lixando unhas.

Molly era minha nova recepcionista. Depois que Nora me seguiu até o escritório, decidiu-se que o “escritório de campo” não poderia mais ser uma

operação de um homem só.

– Você pode me fazer um favor? – pedi. – Confira o telefone da Nora.

– O número não está na pasta dela?

– Pode estar, mas eu quero ter certeza de que ela não o mudou recentemente.

– Está bem. Me dê dez minutos.

– Dou cinco.

– Isso é jeito de tratar a sua nova recepcionista?

– Você está certa. Faça em *quatro* minutos.

– Não é justo.

– Tique-taque, tique-taque...

Molly saíra da escola havia apenas dois anos. Embora ainda estivesse um pouco verde, segundo Susan, e propensa a cometer algumas falhas de julgamento, vinha se mostrando uma aprendiz rápida. Não foi surpresa, portanto, quando me ligou de volta em *três* minutos.

– O número que temos ainda é o mesmo – disse Molly. Leu o número para mim, e eu o comparei com o que Nora tinha me dado.

Fui obrigado a sorrir. A única diferença estava nos dois últimos dígitos. Eles estavam trocados.

Interessante.

Será que eu os troquei? Ou será que era isso que Nora queria que eu pensasse? Ou pelo menos deixar no ar.

– Precisa de mais alguma coisa? – perguntou Molly.

– Não, estou bem, obrigado.

Eu me despedi de Molly e pus o celular ao lado da caderneta. Propositalmente ou não, Nora me enganara mais uma vez. E agora?

No começo da carreira havia aprendido que às vezes existe uma diferença entre a informação que temos e a informação que podemos usar. Esse era um desses casos. Eu tinha o telefone correto de Nora, mas precisava agir como se não tivesse.

Com a mão machucada, escrevi um bilhete para ela e o deixei na porta da frente da casa de Connor Brown. Tinha quase certeza de que ela o leria. A questão era quando.

capítulo 49

FOI A NECESSIDADE DE COLOCAR um ponto final que fez Nora voltar a Briarcliff Manor dois dias depois. Apesar de a irmã de Connor ter lhe oferecido o uso da casa pelo tempo que desejasse, Nora queria seguir em frente. Na verdade, esperava nunca mais ver aquela vaca californiana.

Aceitaria, sim, a outra oferta de Elizabeth Brown: que ela ficasse com a mobília. Todos os três mil metros quadrados de mobília. Como designer de interiores, Nora sabia que tudo aquilo custava muito dinheiro. Na verdade, era uma pequena fortuna, e ela estava absolutamente satisfeita em embolsá-la e amenizar a culpa de Lizzie – ou o que quer que fosse.

Só precisava de uma ajudinha.

- Avaliação de bens, como posso ajudar?
- Olá, aqui é Nora Sinclair. A Harriet está?
- Claro, Nora, só um instante.

Nora trocou o celular de orelha. Estava no banco de trás da limusine que a levava à casa de Connor.

Harriet atendeu à ligação.

- Ora, se não é a minha decoradora preferida.
- Aposto que você diz isso a *todos* os decoradores.
- Na verdade, digo mesmo. E, imagine só, todos acreditam em mim. Como estão os negócios, Nora?
- Muito bem. É por isso que estou telefonando.
- Então quando posso esperar por você aqui na loja?
- Na verdade, preciso que você venha até onde estou.
- *Nossa!* E onde é isso, Nora? Diga. Espero que seja na cidade de Nova York.
- A Briarcliff Manor. Um cliente meu faleceu recentemente.
- Sinto muito por isso.
- Eu também – disse Nora calmamente. – Enfim, pediram que eu tratasse da mobília em nome do espólio.

- Você quer consignar as peças.
- Era o que eu estava pensando em fazer.
- Um atendimento em domicílio, é? De quantos ambientes estamos falando?
- Vinte e seis.
- Nossa!
- Eu sei. Foi por isso que liguei para você. Ninguém mais poderia fazer um trabalho bom neste caso.
- Aposto que você diz isso a todos os seus fornecedores.
- E, imagine só, todos acreditam em mim – disse Nora.

Nora ficou alguns minutos falando sobre parte da mobília e marcando uma data para que Harriet fosse dar uma olhada nas peças. Quando se despediu, a limusine estava parando em frente à casa de Connor.

Quando o motorista tirou a mala do carro, ela saiu e seguiu até a porta da frente. Foi quando viu o bilhete de Craig Reynolds.

Por favor, me ligue assim que possível.

capítulo 50

O TOQUE DO TELEFONE DO ESCRITÓRIO foi seguido pela voz de Molly.

– É ela.

Sorri. Só havia uma *ela* sobre quem Molly pudesse estar falando. Nora estava de volta à cidade. Já era hora.

– Eis o que quero que você faça, Molly: diga à Srta. Sinclair que falarei com ela em seguida. Então, deixe-a pendurada na linha por 45 segundos. Depois transfira a ligação.

– Pode deixar.

Recostei-me na cadeira e fiquei olhando para o teto. Era feito daquelas placas brancas acústicas que imploravam para ser atingidas por lápis bem-apontados. Eu poderia ter aproveitado o tempo para organizar as ideias, mas já as tinha organizado até demais durante a semana que havia passado. Não existia nem mesmo um pensamento meu desorganizado num raio de duzentos quilômetros.

Triiim.

Obrigado, Molly.

Atendi o telefone e fiz minha melhor interpretação de assoberbado.

– Nora, você ainda está aí?

– Ainda estou aqui – disse ela. Percebi imediatamente que ela não estava muito contente por ter que esperar.

– Espere só mais um instante, está bem?

Deixei-a na linha mais uma vez antes que ela pudesse protestar. Então voltei a olhar para o teto. *Um, dois, três...* quando cheguei ao trinta, retomei a ligação e soltei um suspiro profundo.

– Puxa, sinto muito por deixá-la esperando, Nora – falei, agora fazendo minha melhor interpretação de arrependimento. – Estava terminando de falar com um cliente na outra linha. Você viu meu bilhete?

– Sim, há alguns minutos. Estou em casa agora.

Hora de testar seu talento para a mentira.

– Como foi a viagem? Maryland, certo?

– Na verdade, foi para a Flórida.

Não. *Na verdade, foi para Boston*, tive vontade de dizer, mas sabia que não devia. Em vez disso, continuei:

– Ah, é mesmo. E correu tudo bem?

– Muito bem.

– Sabe, tentei entrar em contato por aquele número que você me deu, só que era de outra pessoa.

– Que estranho! Que número você discou?

– Deixe-me ver, estou com ele bem aqui...

Li o número para Nora.

– Ah, está explicado – disse ela. – Os últimos dois dígitos são oito e quatro, não quatro e oito. Meu Deus, espero que eu não os tenha trocado sem querer. Sinto muito, se foi o que aconteceu.

Ah, ela é boa nisso!

– Tudo bem. Provavelmente foi erro meu – disse. – Não seria meu primeiro caso de dislexia numérica.

– De qualquer maneira, estamos conversando agora.

– Pois é, estamos. Enfim, eu queria falar com você a respeito da investigação do seguro.

– Alguma novidade?

– Pode-se dizer que sim. – Hesitei antes de continuar. – Por favor, não leve a mal, mas acho que deveríamos discutir a questão pessoalmente.

– É alguma coisa ruim?

– Eu não disse isso.

– Só que, se a novidade fosse boa, você me contaria agora mesmo. Ao menos admita isso.

– Sim, está bem. Talvez não seja a melhor das novidades. Mas, não se preocupe tanto. Podemos nos encontrar mais tarde?

– Acho que posso ir ao seu escritório lá pelas quatro.

E eu acho que você não precisa do endereço, Nora, considerando que já ficou de tocaia por aqui.

– Às quatro horas está bom... ótimo, na verdade. Só que talvez seja melhor nos reunirmos em outro local que não aqui. Tem um pessoal pintando as paredes, e o cheiro está bem forte – menti. – Diga, você sabe onde fica a lanchonete Blue Ribbon?

– Claro, saindo da cidade, não é? Já estive lá.

Eu sei.

– Que bom. Então nos encontramos lá às quatro para um café. Ou, considerando-se a hora, devo dizer um lanche?

– Não se estivermos falando da mesma lanchonete.

Dei risada e concordei que era melhor ficarmos no café.

– Nos vemos às quatro, então – disse ela.

Pode contar com isso, Nora.

capítulo 51

A LANCHONETE BLUE RIBBON JAMAIS GANHARIA um prêmio nas categorias gastronomia, decoração e serviço, mas era bastante decente como lanchonete de subúrbio. Os ovos nunca eram moles demais, os potes de ketchup estavam quase sempre cheios e as garçonetes, embora não tivessem nenhuma chance em concursos de simpatia, eram bastante profissionais. Acertavam quase sempre os pedidos e eram rápidas com o refil de café.

Quando entrei, poucos minutos antes das quatro, o recepcionista me cumprimentou. Durante minha curta estada na região, a Blue Ribbon se tornara o local das minhas refeições. Embora eu tivesse certeza de que havia lugares melhores por ali, não estava muito interessado em encontrá-los.

– Na verdade, hoje a mesa é para dois – disse ao recepcionista, que automaticamente me entregara apenas um cardápio.

Ele era grego e usava um colete preto manchado por cima de uma camisa branca amarrotada. Sim, era um clichê ambulante, mas do tipo bom, a meu ver.

Nora chegou alguns minutos depois. Acenei de onde estava, uma cabine estofada em vermelho nos fundos da lanchonete. Ela estava vestindo uma saia escura, uma blusa cor de creme que parecia de seda e sapatos de salto alto.

Para mim, Nora? Não precisava.

Como estávamos no período entre a hora do almoço e a do jantar, a lanchonete estava meio vazia. Ela me viu com facilidade.

Nora se aproximou, trocamos um aperto de mão e nos cumprimentamos. Eu agradei a ela por ter ido até lá e notei que tinha um cheiro muito bom.

Cuidado, Craig.

Quando Nora se sentou, uma garçonne surgiu imediatamente. Num pequeno gracejo em meio ao seu comportamento completamente profissional, em seu crachá estava escrito EI, MOÇA!

Nós dois pedimos café, e eu pedi uma fatia de torta de maçã. Minha barriga não precisava daquilo, mas imaginei que seria uma boa estratégia. Afinal, como não confiar num sujeito que pede torta de maçã?

Ao olhar para Nora quando a garçonete saiu, percebi que deveria evitar as amenidades. Sua linguagem corporal estava sendo clara e direta. Tensa, controlada, em alerta. Ela estava lá para ouvir uma notícia ruim e não tinha interesse algum em prolongar o suspense.

Então fui direto ao ponto.

– Estou me sentindo péssimo – comecei. – Desde o início tenho falado sobre essa investigação como se fosse algo completamente rotineiro, como se não houvesse nada com o que se preocupar. Mas então, no outro dia... – Minha voz falhou e eu sacudi a cabeça, exasperado.

– O quê? No outro dia o *quê*?

– É esse maldito O'Hara! – falei. Não cheguei a gritar, embora o volume de minha voz tenha sido alto o suficiente para fazer algumas pessoas virarem a cabeça na nossa direção. Baixei um pouco o tom. – Não sei por que deixam que um cara fique encarregado de investigações. Simplesmente não é necessário.

Nora olhou para mim e aguardou, o que, aparentemente, era algo que ela não estava acostumada a fazer.

– Parece que ele entrou em contato com o FBI – continuei.

Ela franziu a testa.

– Não estou entendendo.

– Nem eu, Nora. O O'Hara deve ser o cara mais desconfiado que já conheci. Para ele, o mundo todo é uma conspiração. Ele é definitivamente um maluco.

– Que ótimo. – Nora se recostou na cabine, com os ombros caídos. Os olhos verdes piscavam, confusos. Quase senti pena dela. – O FBI? O que isso quer dizer?

– Algo que ninguém que tenha sofrido uma perda deveria ter que suportar – disse. Então dei uma pausa curta e dramática. – Infelizmente, acho que o corpo de seu noivo terá que ser exumado.

– O *quê*?

– Eu sei, é terrível, e se eu pudesse fazer qualquer coisa para mudar isso, eu faria. Só que não posso. Por qualquer que seja o motivo, esse idiota do O’Hara se recusa a aceitar que um cara de 40 anos possa morrer naturalmente de parada cardíaca. Quer que mais exames sejam feitos.

– Mas foi feita uma necropsia.

– Eu sei, eu sei.

– Esse tal O’Hara não acredita nos resultados?

– Não é bem isso, Nora. O que ele quer são exames mais detalhados. As necropsias regulares são... bem, são regulares. Nem sempre descobrem certas coisas.

– O que você quer dizer? Que tipo de *coisas*?

A pergunta ficou pairando no ar quando a garçonete voltou. Enquanto ela servia nossos cafés e minha torta de maçã, percebi que Nora foi ficando cada vez mais nervosa. Senti que suas emoções eram verdadeiras, mas seu motivo me parecia menos claro. Estava lamentando pelo noivo ou era a assassina preocupada com o risco iminente de ser descoberta?

A garçonete foi embora.

– Que tipo de coisas? – repeti sua pergunta. – Inúmeras coisas, imagino. Por exemplo, e eu estou falando apenas hipoteticamente, se Connor era usuário de drogas, ou se talvez houvesse alguma condição médica preexistente que não foi relatada na contratação do seguro... essas duas coisas, por exemplo, poderiam invalidar a apólice.

– Nenhum dos dois casos se confirma.

– Você sabe disso e, para ser sincero, que fique entre nós, eu também sei. Mas, infelizmente, John O’Hara não sabe.

Nora tirou a tampinha de papel da embalagem de creme de leite, que pôs no café. Acrescentou dois cubos de açúcar.

– Sabe de uma coisa? – perguntou ela. – Diga ao O’Hara que ele pode ficar com o dinheiro. Eu não quero.

– Gostaria que fosse simples assim, Nora. A Centennial One na verdade tem a obrigação legal de pagar a apólice, a não ser que haja qualquer discrepância. Por mais estranho que possa parecer, você não tem escolha nessa questão.

Ela apoiou os cotovelos na mesa. Então deixou cair a cabeça nas mãos. Quando levantou o rosto, pude ver uma lágrima correndo pelo seu rosto. Ela sussurrou:

– Vocês vão literalmente desenterrar o caixão do Connor? É isso que vão fazer?

– Sinto muito – disse, e realmente estava me sentindo mal. E se ela fosse inocente? – Entende por que eu não queria ter esta conversa por telefone? A única coisa que posso lhe dizer é que, se eu fosse o O’Hara, jamais faria algo assim.

Assim que disse isso, ao observá-la limpar as lágrimas com o guardanapo, não consegui deixar de pensar em meu pai e no que ele dizia.

As coisas nem sempre são o que parecem.

Ainda não conseguia dizer se as lágrimas de Nora eram sinceras ou falsas, mas de uma coisa eu tinha certeza: ela havia começado a desprezar John O’Hara. E quanto mais ela o odiasse, mais eu conquistaria sua confiança.

O que era bastante irônico, eu tinha que admitir.

Porque John O’Hara não estava em Chicago, na matriz da Seguros de Vida Centennial One.

John O’Hara estava sentado numa cabine da lanchonete Blue Ribbon, comendo uma fatia de torta de maçã e respondendo pelo nome de Craig Reynolds.

E seguros não eram exatamente meu negócio.

PARTE TRÊS

JOGOS MUITO PERIGOSOS

capítulo 52

SUSAN GRITAVA NO MEU OUVIDO. Estava furiosa.

- *Como assim? Você disse a ela que vamos exumar o corpo de Brown?*
 - Confie em mim, é para o nosso bem. Mais do que nunca, Nora está achando que eu estou do lado dela. Além disso, você mesma disse que desenterrar o corpo representava um risco. Ela poderia descobrir por conta própria.
 - Eu disse que representava um *pequeno* risco.
 - E o que eu estou dizendo é que nós usamos esse pequeno risco a nosso favor.
 - Não tem *nós* aqui, O'Hara. Foi você que fez isso, por conta própria, sem discutir comigo antes.
 - Ah, eu improvisei um pouco.
 - Não, você improvisou muito. É sua marca registrada, não é? É o que mete você em encrencas – resmungou ela. – Existe um motivo para termos um plano, sabia? E é para que ambos saibamos o que o outro está fazendo.
 - Qual é, Susan? Pelo menos concorde comigo que isso está a nosso favor.
 - A questão não é essa. Eu preciso que você trabalhe em equipe, está entendendo? Você não é mais um policial disfarçado.
- Hesitei por um instante, mas então disse:
- Você tem razão. Sou um agente federal disfarçado.
 - Não por muito tempo, se você continuar aprontando assim. Eu não gosto de caubóis.
- Nenhum de nós disse nada por alguns segundos. Então quebrei o silêncio.
- Sabe, eu gostava mais de você quando você estava me treinando.
- Susan controlou uma risadinha frustrada.
- Então me diga, gênio: agora que Nora sabe que estamos prestes a desenterrar o noivo dela, qual será seu próximo passo?
 - Isso é fácil – respondi. – Esperamos pelo resultado. Se o laboratório identificar alguma irregularidade, temos nossa assassina.

- Você ainda vai precisar de provas de que foi ela.
- Que são mais fáceis de conseguir quando se sabe o que se está procurando.
- E se o laboratório não descobrir nada?
- Nesse caso eu darei a boa notícia para Nora e me esforçarei ainda mais para desmascará-la.
- Você está se esquecendo de uma coisa.
- E o que é?
- Ela pode ser inocente.
- Isso vindo de alguém que acha que todo mundo é culpado.
- Só estou dizendo...
- Não, eu entendo. Tudo é possível. Mas a mulher esteve envolvida com pelo menos dois mortos em dois estados. Se for coincidência, então Nora Sinclair é muito pé-frio com os homens.
- Como eu sou boba! – disse Susan. – Nós vamos amarrá-la à cadeira elétrica.
- É isso aí, muito melhor! Por um momento, pensei que estivesse falando com outra pessoa.
- Por falar nisso, quais são as chances de Nora se interessar pelo seu alter ego?
- Nenhuma. Craig Reynolds não está à altura dela – respondi. – Ele não ganha o bastante.
- Nunca se sabe. Você tem me dito quanto ela acredita que você esteja do lado dela. Baseada nisso, talvez ela queira baixar o nível e variar.
- Então eu *tenho* o apartamento certo. Perfeito para baixar o nível.
- Você não vai começar com isso de novo, vai?
- Não, mas se eu passar mais tempo naquela espelunca, vou pedir adicional por insalubridade.
- O'Hara, se essa for a parte mais difícil desta missão, você será um homem de sorte.

capítulo 53

NORA ABRIU DEVAGAR A PORTA do quarto da mãe no Hospital Psiquiátrico Pine Woods e se esforçou para sorrir. Estava de péssimo humor e sabia disso. Emily Barrows e Patsy, a nova enfermeira, também sabiam, já que entraram em contato com ela quando chegou à ala psiquiátrica.

Por um tempo, fingiu que não havia tomado café com Craig Reynolds no dia anterior. Agiu como se ele nunca tivesse lhe contado que o corpo de Connor seria exumado.

– Oi, mãe.

Olívia Sinclair estava sentada sobre as cobertas usando sua camisola amarela. Olhou para Nora com um sorriso indiferente.

– Ah, oi.

As nuvens, que estiveram baixas no céu durante a maior parte do dia, começavam a se dissipar. A luz do sol agora ganhava o quarto através das persianas. Nora pegou a cadeira que estava no canto e a trouxe para perto da cama.

– Você está muito bem, mãe.

Qualquer filha teria dito isso. A diferença em Nora era que ela realmente acreditava no que estava dizendo. Não usava mais os olhos para ver a mãe. Apenas as lembranças. Nem que fosse pela força do hábito. Depois que Olívia foi mandada para a prisão, Nora nunca teve permissão de visitá-la. Enquanto crescia, a mãe parecia estar congelada no tempo. Nora passou por uma série de casas temporárias, e a *ideia* que fazia de Olívia era uma das poucas coisas constantes em sua vida.

– Eu gosto de ler, sabia?

Ah, merda.

– Eu sei que gosta, mãe. Mas infelizmente me esqueci de trazer um livro desta vez. As coisas andam... bem, elas andam...

Alguém ligou um cortador de grama no jardim. O barulho forte do motor entrou subitamente no quarto e deu um susto em Nora. De repente, ela se

sentiu paralisada e sem ar. A única coisa que funcionava nela eram as lágrimas. Sua fachada desmoronou e o mundo externo tomou conta. Secou os olhos.

– Sinto muito, mãe.

Pela primeira vez, Nora contou à mãe sobre um sonho recorrente que tinha: Olívia atirando no marido, seu pai. Como aquela noite se mantinha viva em sua mente! O que foi dito, o que todos estavam vestindo, até mesmo o cheiro de enxofre.

Qual é a importância disso? Ela nem sequer sabe quem eu sou.

Nora pegou um lenço de papel de cima da mesa de cabeceira. Era como se a represa tivesse se rompido. Suas lágrimas. Suas emoções. Tudo transbordando. Ela estava perdendo o controle. Sentia uma compulsão avassaladora para conversar com alguém.

Nora respirou muito fundo, obrigando os pulmões a se expandir. Depois de expirar, fechou os olhos e falou.

– Eu fiz umas coisas terríveis, mãe. Preciso lhe contar.

Nora abriu os olhos, com a verdade na ponta da língua. Mas foi onde ela ficou. Alguma coisa horrível estava acontecendo com Olívia.

Saltando da cadeira, Nora correu até a porta. Irrompeu no corredor e berrou:

– Socorro! Rápido! Preciso de ajuda! Minha mãe está morrendo!

capítulo 54

OS OLHOS DA ENFERMEIRA-CHEFE EMILY largaram o prontuário e a sua cabeça se virou na direção dos gritos. Reconheceu a voz de Nora imediatamente.

Saindo às pressas da enfermaria, gritou por Patsy, que estava no almoxarifado.

Chegando ao corredor, Emily viu Nora agitando freneticamente os braços. Cerca de trinta metros a separavam do quarto de Olívia Sinclair, e Emily começou a percorrê-los mais rápido do que seu corpo rechonchudo permitia.

– O que houve? – gritou Emily. – O que aconteceu?

– Eu não sei – respondeu Nora. – Ela está...

Emily passou correndo por ela e entrou no quarto. O que viu foi uma cena saída do filme *O exorcista*. Olívia Sinclair estava tendo uma convulsão na cama, com o corpo completamente esticado e os braços e as pernas se contorcendo em espasmos. O barulho da cama de metal era algo quase ensurdecedor.

Mesmo com tudo aquilo acontecendo, incluindo o estado de pânico absoluto de Nora, Emily Barrows logo se acalmou. Olhou por cima do ombro e viu Patsy, que chegava à porta.

– Me dê uma mão – disse à enfermeira mais jovem.

Patsy se juntou a ela com passos rápidos e nervosos.

– É seu primeiro paciente a ter uma convulsão? – perguntou Emily.

Patsy assentiu com a cabeça.

– Tudo bem, eis o que você deve fazer: vire-a de lado para que ela não se engasgue caso vomite – disse Emily. Cruzou os braços e fez um sinal com a cabeça para Patsy, que parecia paralisada. – Não fique aí parada, querida.

Entrando em ação, Patsy virou Olívia de lado.

– Pronto, e agora?

– Agora a gente espera.

– Espera o quê?

- O ataque parar.
- Só preciso fazer isso?
- Exatamente. Não tente contê-la de nenhuma maneira. Apenas fique atenta ao relógio. Em nove de cada dez casos não dura mais que cinco minutos. Se durar mais que isso, chamamos um médico.

Nora ficou ali, parada e duplamente chocada: Emily tinha transformado o ataque da mãe numa aula.

- Tem que haver alguma coisa mais que vocês possam fazer!
- Não há, Nora. Confie em mim, parece muito pior do que de fato é.
- E a língua dela?! Ela não pode engolir a própria língua?

Emily meneou a cabeça, tentando manter a paciência.

- Isso é um mito – respondeu. – Não há a menor possibilidade.

Nora ainda não estava satisfeita. Ia insistir em que chamassem um médico, quando, de repente, tudo parou. A cama, o barulho... as convulsões da mãe.

O quarto ficou em silêncio. Emily virou Olívia novamente, apoiando sua cabeça nos travesseiros baixos. Nora correu até a cama e agarrou a mão da mãe, apertando-a forte.

Pela primeira vez desde que podia se lembrar, realmente sentiu um aperto como resposta.

- Está tudo bem, mãe – disse Nora baixinho. – Está tudo bem.
- Pronto, pronto – sussurrou Emily, passando uma mão tranquilizadora no ombro de Nora. – Sei que você pensou que ela estivesse morrendo, mas, confie em mim, querida, a gente sabe quando alguém está morrendo. A gente sabe.

capítulo 55

A SETE PALMOS?

Eu realmente não sei de onde veio essa expressão. Definitivamente não do Cemitério Sleepy Hollow, da igreja Old Dutch, no condado de Westchester. Sete palmos foram escavados ao lado da cova de Connor Brown, mas ainda não havia nem sinal do caixão. Apenas quando o buraco estava com o dobro dessa medida, eu finalmente ouvi o *barulho surdo* da pá batendo na madeira.

Pelo menos eu não estava cavando naquele cemitério antigo famoso, onde supostamente estavam Washington Irving e vários ancestrais dos Rockefeller.

– Deviam chamar o seriado de *A quatorze palmos* – falei ao policial fumante compulsivo parado ao meu lado. Acho que ele não tinha HBO, porque não entendeu a piada. É claro que seu olhar indiferente também poderia ser apenas a combinação desanimada de cansaço com ressentimento.

Meu objetivo era entrar e sair o mais rápido e discretamente possível. Isso significava uma equipe reduzida, nenhum maquinário barulhento e um começo de trabalho às duas da manhã. Estar à luz do dia e com uma superprodução era a última coisa que eu iria querer.

Além do policial azedo, eu estava acompanhado por três funcionários do cemitério. Depois de instalar duas pequenas lanternas, eles cavaram durante uma hora. A outra pessoa conosco era um motorista do laboratório de patologia do FBI, que, ironicamente, não parecia ter idade para ter carteira de motorista.

Olhei mais uma vez para o policial ao meu lado.

– Isso que eu chamo de turno da noite, hein?

Não recebi nenhuma reação ou risada em resposta. *Que seja*, pensei.

Então voltei a atenção para o buraco que se abria no chão. Os três caras do cemitério estavam em cima do caixão de Connor Brown, prestes a prender

correias ao redor das alças, que não me pareceram suficientemente resistentes.

– Vocês têm certeza de que essas coisas vão aguentar todo esse peso? – perguntei.

Os três olharam para mim.

– Foram criadas para isso – disse o mais alto, que tinha menos de 1,70m. Ele falava inglês direito, porém os outros dois tinham fluência apenas em acenos de cabeça.

As correias foram presas e os três sujeitos saíram do buraco. Levantaram uma estrutura de alumínio com uma manivela conectada e a instalaram acima da cova, ligando-a à outra extremidade das correias.

De repente, um barulho.

Que merda era aquilo?

Ninguém realmente chegou a dizer isso, mas a expressão unânime em nossos rostos deixou claro que estávamos todos pensando a mesma coisa. Barulho de galhos quebrando ou de passos. *Será que o Cavaleiro Sem Cabeça estava dando um passeio noturno?*

Ficamos imóveis, só prestando atenção. Acima de nós, os grossos galhos dos carvalhos balançavam, estalando e gemendo. Mas o barulho cessara.

Os três funcionários do cemitério, não tão assustados quanto o restante de nós, voltaram ao trabalho e começaram a girar a manivela.

Lentamente, o caixão de Connor Brown começou a ser levantado.

Quase como se seguisse uma deixa, o vento ficou mais forte. O ar ficou mais frio e senti um arrepio na espinha. Não sou muito religioso, mas não conseguia deixar de questionar o que estávamos fazendo. Perturbando os mortos. Brincando com a ordem das coisas.

Estava ficando com uma sensação ruim a respeito daquilo.

Então houve outro barulho

O som atravessou o vento, ecoando na noite. *Não eram galhos.* O barulho era dez vezes mais alto. As alças de um dos lados do caixão haviam rachado, forçando as dobradiças a se abrirem com um terrível barulho, como se unhas arranhassem um quadro-negro. O conteúdo do caixão foi cuspidor em câmera lenta. O cadáver de Connor Brown.

– Jesus Cristo! – berrou o policial ao meu lado.

Corremos até a beira da cova e deparamos com um cheiro pútrido. Comecei a ter ânsias de vômito, e precisei me afastar... mas não sem antes dar uma espiada. Um rosto em decomposição, carne branca e fibrosa, e globos oculares vidrados, saltando das órbitas, me encarando.

Os caras do cemitério começaram a xingar em uma mistura de espanhol e inglês e o “menino” do laboratório de patologia só balançava a cabeça. Ao meu lado estava o policial... vomitando.

– Que fazemos agora? – perguntei.

A resposta veio em forma de uma escada. Os coveiros precisariam voltar para o buraco. A única maneira de pegar o corpo agora era carregando.

– Por favor, precisamos de ajuda – disse o porta-voz da equipe do cemitério.

Foi a decisão mais fácil que já tomei na vida.

Olhei para o policial, que ainda estava abaixado, cuspiendo os últimos restos do jantar. Ele retribuiu meu olhar com o rosto mais incrédulo e pálido possível.

– Eu? – perguntou ele, em meio a um engasgo. – Lá embaixo?

Meu sorriso disse tudo.

Sinto muito, parceiro, mas você devia ter rido das minhas piadas.

capítulo 56

NORA NÃO TINHA CERTEZA SE havia sido vista, mas não tinha dúvidas de que eles ouviram alguma coisa. O galho que se partiu sob seus pés quando tentou se aproximar soou como um fogo de artifício.

Quando todos se viraram para olhar, ela se agachou e se escondeu atrás da lápide mais próxima. Puxou os joelhos para bem perto do peito e prendeu a respiração. Era uma boa hora para se perguntar se havia se arriscado demais indo até lá.

Mas sabia que não podia ficar longe dali.

Precisava ver com os próprios olhos, por mais perturbador e macabro que fosse, o corpo de Connor sendo tirado de dentro da terra. Eles realmente iriam até o fim com aquilo?

Sim, iriam.

Ela estremeceu. De acordo com a lenda, uma bruxa tinha sido enterrada naquele cemitério numa cova não identificada. Mesmo usando um suéter, Nora podia sentir o granito gelado nas costas. Lentamente, virou-se para espiar por cima da lápide em que estava encostada. “Ufa! Eles voltaram ao trabalho.” Correias tinham sido presas numa estrutura acima da cova de Connor. Estavam começando a levantar o caixão.

Ficou assistindo à cena com incredulidade. A cada giro da manivela, ficava mais desapontada. Tudo estava indo tão bem! Não havia motivos para se preocupar. Estava livre e solta. E agora isso.

Quem esse tal O’Hara pensa que é? Bundão! Escroto!

Isso levou a outra questão: *Onde ele está?*

Nora tinha certeza de que, ao seguir Craig Reynolds naquela noite, conseguiria ver O’Hara. Era o principal motivo para estar ali.

Mas ele não era um dos três homens trabalhando com as pás. Certamente não era o policial. Além de Craig, havia apenas outro homem e ele parecia um adolescente. *Não havia possibilidade de aquele garoto ser John O’Hara,* Nora pensou.

Bem naquele instante, o caixão começou a se erguer acima da terra. Ao vê-lo, Nora se virou, sem poder assistir. Novamente apertando as costas contra a lápide, pôde ouvir o seu próprio coração batendo forte.

Um barulho horroroso veio direto da cova de Connor. Todos os músculos do corpo de Nora ficaram tensos. Não sabia o que havia acontecido e parte dela preferia continuar sem saber.

Mas precisava olhar.

Então espiou pela lateral da lápide.

Arregalou os olhos e ficou boquiaberta. Quase gritou. Um lado do caixão de Connor estava pendurado, com a tampa completamente aberta. Mentalmente, completou o resto da cena e, ao ver o policial vomitando, teve vontade de vomitar também.

Na verdade, teria feito isso, se não tivesse sido dominada por outra reação instintiva.

Correr!

capítulo 57

NO DIA SEGUINTE, NORA VOLTOU de carro para Manhattan e foi direto ao Bliss, um spa perto de seu apartamento, no SoHo. Fez um tratamento com máscara corporal esfoliante de cenoura e gergelim e recebeu uma massagem com óleo quente. A isso se seguiram manicure e pedicure. Normalmente, nada a deixava mais relaxada que um pouco de mimo.

Três horas e quatrocentos dólares depois, ela ainda não se sentia melhor. A noite anterior ainda pesava em sua mente. Era fim de tarde e a ideia de passar a noite sozinha estava lhe dando arrepios.

Pensou em ligar para Elaine e Allison. Talvez elas estivessem dispostas para um encontro de última hora. Quando pegou o celular, porém, mudou de ideia.

Pensou em outra coisa. Talvez fosse um jeito melhor de se distrair. Em vez de ficar relembrando o que havia acontecido, devia focar no que poderia acontecer. Em seu novo brinquedo.

Prepare-se, Brian Stewart.

Nora ligou para o rico magnata do software que conhecera no avião e perguntou se ele tinha planos para a noite.

– Nada que eu não possa cancelar – respondeu ele rapidamente. – Só me dê dois minutos. – Quando retornou a ligação depois de liberar a agenda, estava pronto para ocupá-la novamente. Com Nora.

– Espero que você não precise acordar muito cedo amanhã de manhã – alertou ele, dando uma risada. Empolgado, resumiu o que estava planejando.

Drinques no King Cole Bar.

Jantar no Vong.

E sair para dançar no Lotus, em West Village.

Nora não poderia ter gostado mais. Depois de passar um tempo no cemitério, uma noite na cidade parecia perfeita.

capítulo 58

TOMANDO UMA GARRAFA DE CHAMPANHE Perrier-Jouët no King Cole Bar, Brian Stewart a entreteve com histórias divertidas de sua infância. Nora o escutou, rindo. Ao mesmo tempo, não pôde deixar de notar que muitas das histórias envolviam família. Do jeito como Brian falava, era óbvio quanto todos deviam ser próximos. Isso a deixou com inveja. Em todos os anos que passara indo de uma casa provisória para outra, teria tido sorte se alguém ao menos se lembrasse de seu aniversário.

Não que fosse contar alguma coisa dessas a Brian.

A esta altura da vida, Nora havia aperfeiçoado a falsa história de sua criação. O pai arquiteto. A mãe professora. Os três morando felizes em Rolling Hills, em Litchfield, Connecticut. Quanto mais pessoas soubessem da história, mais facilmente a verdade seria esquecida. A ponto de, um dia, ela não precisar lembrar que a mãe havia matado o pai na sua frente.

Durante o jantar no Vong, Brian trocou o champanhe por vinho, e Nora, por água Pellegrino. Enquanto comiam e bebiam, os dois ficavam cada vez mais à vontade um com o outro. Ela acabou conseguindo olhar para ele sem pensar em Brad Pitt. Brian tinha a própria beleza.

Além disso, ele era divertido, o que não era muito comum em homens ricos. Os ricos que ela conhecera acabavam se mostrando exageradamente chatos e incrivelmente cheios de si. Homens ricos e empolgantes eram difíceis de encontrar. O que deixou Nora ainda mais feliz ao conhecer Brian.

O sentimento parecia recíproco.

Da forma como as coisas estavam caminhando, a impressão era de que os dois acabariam não indo dançar no Lotus. Nora tentou imaginar o apartamento dele. Claro que seria imenso, provavelmente uma cobertura. Talvez algum tipo de loft interessante. Descobriria muito em breve.

– Você está se divertindo? – perguntou ele.

– Muito.

Ele sorriu. Só que não foi exatamente um sorriso contente. Havia alguma coisa o incomodando, e ele parecia nervoso.

Nora se inclinou um pouco para a frente.

– Qual é o problema?

Ele remexeu a colher da sobremesa, quase como se estivesse tomando coragem. Pelo jeito, estava mesmo.

– Tem uma coisa que eu preciso confessar – disse ele.

– Droga, você é casado.

– Não, eu não sou casado, Nora.

– Então o que é?

A colher de sobremesa estava dançando no prato.

– É outra coisa que eu não sou. Ele largou a colher e respirou fundo. – O que estou tentando dizer é que eu não sou realmente um rico desenvolvedor de software.

As palavras pairaram no ar, assim como o silêncio que se seguiu a elas. Nora estava muda. Brian estava vermelho, e não era por causa do álcool. A confissão deixara ambos sóbrios.

– Estou dizendo isso porque não podia mais mentir.

– Por que você mentiu pela primeira vez?

– Fiquei com medo de que você não fosse se interessar por mim.

Nora piscou.

– O que você faz de verdade? – perguntou ela.

– Sou redator publicitário.

– Ah, sei, você ganha a vida mentindo. Então não havia nenhum investidor esperando por você em Boston?

– Não, apenas um cliente. Gillette.

Ela balançou a cabeça.

– Deixe-me ver se entendi... você achou que eu só me interessaria por você se você fosse rico?

– Acho que sim.

– Ou foi porque pensou que seria a única forma de eu dormir com você?

– Isso não é verdade.

Ela lhe lançou um olhar desconfiado.

– *É mesmo?*

– Está bem, é um pouco verdade – admitiu ele. – Pelo menos inicialmente. Mas, como eu disse, não podia mais mentir para você.

– *Alguma coisa* do que você me disse é verdade?

– Sim. Na verdade, tudo. Tudo, menos a parte sobre eu ser extremamente rico. Desculpe-me por ter mentido. – Você pode me perdoar?

Nora fez uma pausa, ainda que apenas para conseguir um efeito de suspense, antes de estender a mão e segurar a dele.

– Sim – respondeu ela. – Eu posso perdoar você. Eu perdoo você, Brian.

Alguns minutos mais tarde, quando tudo parecia estar bem de novo, ela pediu licença para ir ao toalete, que ficava na parte da frente do restaurante. Enquanto passava direto por ele, saía pela porta e chamava um táxi para voltar para casa, Nora se perguntou brevemente quanto tempo levaria para Brian se dar conta de que ela não iria voltar.

capítulo 59

A LOURA ALTA VIROU RAPIDAMENTE o rosto quando Nora passou por ela. Estavam tão próximas, que podiam sentir o calor do corpo da outra. Fora um momento perigoso. Não, fora um *erro* da sua parte.

A loura estava sentada no bar do Vong, tomando um martíni e observando Nora o tempo todo. Era claro que estava testemunhando um encontro, provavelmente um primeiro encontro, considerando-se a linguagem corporal. Não conseguia ouvir a conversa, mas era evidente que os dois estavam se dando bem.

O que tornou a saída repentina de Nora ainda mais intrigante.

Minutos se passaram. A loura ficou cutucando a azeitona de seu martíni com um palito, repassando mentalmente inúmeras possibilidades. Nora ter saído por um momento para fazer uma ligação, por exemplo. Mais plausível seria sair para fumar. No entanto, nunca vira Nora com um cigarro na mão.

A mulher olhou para a mesa em que o acompanhante de Nora aguardava. *Ele é realmente bonitão*, pensou. *Parece um pouco com o...*

– Com licença – disse uma voz por cima de seu ombro.

Ela se virou e viu um homem de meia-idade e cabelos grisalhos. Ele estava usando uma blusa de gola alta, paletó esportivo e muita loção pós-barba.

Olhou para ele, sem dizer nada, apenas esperando.

Ele pôs a mão no banquinho vazio ao seu lado.

– Este lugar está ocupado?

– Acho que não.

Ele lhe deu um sorriso forçado e se sentou.

– Como é possível haver um lugar vazio ao lado de uma mulher tão bonita? – perguntou ele, repousando o antebraço no balcão do bar. Inclinou-se na direção dela. – Posso lhe pagar outro drinque?

– Eu ainda não terminei este.

– Tudo bem, eu espero – disse ele, assentindo, confiante. – A noite toda, se for preciso.

A loura lhe deu um sorriso charmoso e ergueu a taça de martíni. Derramou a bebida na cabeça dele.

– Pronto, terminei.

Ela se levantou e se afastou. Mas não na direção da porta. Convencida de que Nora não iria voltar, seguiu até a mesa em que o acompanhante dela continuava sentado, sozinho.

– Com licença, você está esperando por Nora Sinclair?

Ele olhou para ela, um pouco intrigado.

– Hã... sim. Na verdade, estou.

– Infelizmente, acho que ela não vai voltar.

– O que você está querendo dizer?

– Acabei de vê-la sair do restaurante.

Intrigado, ele olhou por cima do ombro em direção à saída, varrendo o local com o olhar. Levantou-se.

– Não se dê o trabalho – disse ela. – Já faz uns cinco minutos.

Ele voltou a se sentar.

– Não estou entendendo. Você é amiga dela ou coisa parecida?

– Não, eu não diria isso. – Sentou-se na cadeira que estivera sendo ocupada por Nora. – Você se importa se eu lhe fizer algumas perguntas?

capítulo 60

NORA PRECISAVA SAIR DE NOVA York pelo menos por alguns dias. Felizmente, tinha aonde ir.

O trânsito estava tranquilo seguindo para o norte pela rodovia I-95. Cerca de meia hora ao sul de Boston, porém, tudo mudou. Um trator havia bloqueado o caminho e engarrafado tudo por muitos quilômetros, e Nora lembrou por que sempre preferia voar.

Ainda assim, não se importou.

Depois do cemitério e do jantar com Brian Stewart, o aspirante a Don Juan sem dinheiro algum, Nora queria um pouco de estabilidade na vida. Pés no chão. Tirar o dia para dirigir até Boston era bom para ela. Assim como passar a noite com o maridinho.

– Nossa, como eu senti sua falta! – disse Jeffrey, recebendo-a no saguão do sobrado em Back Bay. Ele a segurou nos braços, beijando-a na boca, no rosto, no pescoço e começando tudo de novo.

– Quase fico tentada a acreditar em você – provocou Nora. – Pensei que você me esqueceria completamente depois de sua feira do livro e daquelas adoráveis mulheres da Virgínia.

– Como eu poderia me esquecer *disto*? – perguntou Jeffrey.

– Concordo plenamente.

Os dois continuaram a se beijar e a brincar um com o outro até o segundo andar e a suíte principal. Com as roupas espalhadas pelo chão e os corpos suados, fizeram amor naquela tarde e de novo no começo da noite. O mais distante que um dos dois ficou da cama foi quando Jeffrey correu para atender o entregador que levava a comida vietnamita que os dois pediram.

Aninhados um ao outro, comeram saladas wakame, frango Cuu Long e carne com capim-limão, assistindo ao filme *Intriga internacional*. Nora adorava Hitchcock. Para ela, o diretor era um dos filhos da mãe mais doentios do mundo. Entretanto, quando Cary Grant apareceu pendurado no Monte Rushmore, Jeffrey já estava adormecido.

Nora esperou pacientemente. Quando Jeffrey começou a rressonar, ela saiu da cama e foi até o saguão de entrada. Entrou na biblioteca e foi para o computador.

Tudo estava dando muito certo. Nora entrou com facilidade na conta que o marido tinha no exterior, e examinou tudo o que Jeffrey havia guardado para imprevistos. Quase seis milhões de dólares.

O momento da verdade se aproximava depressa.

Mas prioridades deviam vir primeiro. Algumas pontas soltas precisavam ser acertadas em Briarcliff Manor. E isso incluía certo corretor de seguros e alguns resultados de exames. *O que o velho Alfie Hitchcock faria com isso? Certamente teria feito miséria com a cena do cemitério*, pensou Nora, sem conseguir conter um sorriso.

capítulo 61

O TURISTA, O POBRE TURISTA, ESTAVA se sentindo inquieto, frustrado e muito fora de forma. Havia pelo menos outros cem lugares onde preferiria estar naquele momento, mas aquele lugar, seu lar temporário longe de casa, era onde *precisava* ficar.

Ainda não havia compreendido a lista de contas no exterior. É claro que as pessoas naquele arquivo estavam sonegando impostos, certo? Mas *quem* eram elas? Qual era o preço da admissão à lista? E por que aquele arquivo valeria a vida de alguém?

Já lera o jornal e terminara um grosso livro de Nelson DeMille sobre o Vietnã. Agora estava sentado no sofá, lendo a última edição da *Sports Illustrated*. Quando estava no meio de uma matéria sobre os Red Sox de Boston e o fim da esperança de títulos para aquela temporada, o silêncio do quarto foi interrompido.

Tinha alguém à porta.

Sem fazer barulho, pegou a Beretta que estava a seu lado e se levantou. Caminhou até a janela e afastou a persiana para espiar quem estava na entrada. Para piorar as coisas, chovia horrores lá fora e tudo estava enlameado.

Parado diante da porta, um cara com uma caixa quadrada e achatada na mão. Atrás dele, no estacionamento, havia um Toyota Camry com o motor ligado.

O Turista sorriu. *O jantar tinha chegado.*

Enfiou a arma na cintura atrás das costas, por baixo da camisa, abriu a porta e cumprimentou mais um entregador da Pizzaria do Pepe. Já tinha feito meia dúzia de pedidos desde que chegara.

– Calabresa e cebola? – perguntou o rapaz.

Tinha jeito de universitário, mas talvez fosse um pouco mais velho. Era difícil enxergar por baixo da aba do boné dos Yankees.

– Isso mesmo. Quanto é?

– Dezesseis e cinquenta.

– A esta altura eu já devia saber o preço de cabeça – resmungou o Turista para si mesmo. Enfiou a mão no bolso das calças. A mão saiu sem nada. – Espere só um minuto, que eu vou pegar a carteira. – Estava prestes a se virar quando percebeu que o rapaz estava tomando chuva. – Por que você não entra? – ofereceu.

– Obrigado, muito obrigado.

O entregador entrou enquanto o Turista foi até a cozinha pegar a carteira.

– Está chovendo bastante lá fora, hein? – disse ele.

– É. O que significa que nosso movimento está maior que o normal.

– Aposto que sim. Por que sair na chuva para jantar, quando podemos ter alguém trazendo a comida para nós, não é?

O Turista voltou com uma nota de vinte dólares na mão.

– Aqui está. – Fique com o troco. Para compensar a chuva.

O rapaz entregou a pizza e pegou a nota de vinte.

– Obrigado, muito obrigado.

Enfiou a mão dentro da capa de chuva e sorriu.

– Só que não compensa.

O Turista levou a mão até as costas freneticamente, mas era tarde demais, lento demais. Sua arma estava um segundo atrás da que agora era apontada para seu peito.

– Não se mexa! – disse o entregador. Deu a volta e tirou a Beretta do jeans do Turista. – Agora ponha as duas mãos contra a parede.

– Quem é você?

– Eu sou o cara que vai fazer você desejar ter pedido comida chinesa, *O'Hara*.

capítulo 62

SENTINDO-SE INCRIVELMENTE IDIOTA, JOHN O'HARA, o Turista, se permitiu ser revistado. Não podia acreditar que tivesse sido enganado por aquele garoto, aquele fedelho, aquele pivete.

– Muito bem, vire-se devagar.

O'Hara deu meia-volta... bem lentamente.

– E então, onde está? – perguntou o cara. – A mala. O que está dentro dela. O que quer que você tenha pegado.

– Eu não sei. De verdade, cara.

– Não minta para mim... *cara*.

– Ei, eu estou dizendo a verdade. Entreguei tudo assim que peguei. Numa garagem em Nova York.

O rapaz apertou o cano da arma na testa de O'Hara. Com tanta força que doeu.

– Então acho que não temos mais sobre o que conversar.

– Se me matar, você estará morto em 24 horas. *Você. Você mesmo*. É assim que funciona.

– Acho que não – disse o entregador de pizza, girando a arma.

O'Hara tentou ler o olhar do rapaz. Não gostou do que viu: frieza e confiança. Esse cara provavelmente trabalhava para o vendedor original do arquivo. Talvez *fosse* ele o vendedor.

– Está bem, está bem, espere um pouco. Eu sei onde está.

– Onde?

– Estou com o arquivo aqui. Estive com ele esse tempo todo.

– Mostre.

O'Hara o guiou pelo corredor até o quarto. Dava para ouvir o som baixo do estéreo de um vizinho. Cogitou gritar por ajuda.

– Embaixo da cama – disse. – Deixe que eu pego. Está na minha mochila.

– Fique onde está. Eu olho embaixo da cama por nós dois.

O cara se abaixou para espiar. E claro que havia uma mochila preta lá embaixo. Ele sorriu.

- Você não sabe do que se trata, sabe? – perguntou o rapaz.
- Por que você está perguntando isso?
- Porque, se soubesse, não estaria dormindo aqui com ele.
- Então acho que eu devo ficar feliz de devolvê-lo a você.
- É isso mesmo. Agora tire a mochila daí. Bem devagar.
- Qual é sua parte nessa história? Você é o vendedor? Ou é outro mensageiro?
- Só pegue a mochila. Sim, eu sou um mensageiro. Como meu amigo. O cara que você matou na Grand Central Station. Ele era como um irmão para mim.

O Turista se ajoelhou e começou a enfiar o braço embaixo da cama lentamente.

- Fique com uma das mãos em cima da cama – disse o entregador de pizza.
- Você é quem manda. – Com a mão esquerda em cima dos lençóis, a direita desapareceu, procurando pela mochila.

E a arma colada nela.

- Pegou? – perguntou o entregador. – Não ferre comigo.
- Peguei, sim. Relaxe um pouco, tá? Nós dois somos profissionais, certo?
- Um de nós parece ser.

O'Hara tirou o braço de baixo da cama e deu dois tiros, cujas balas atravessaram o peito do cara. Ele caiu no chão, morto. Na verdade, havia *dois* caras mortos refletidos no espelho duplo do armário, o que era duplamente sinistro.

O'Hara procurou a identidade do sujeito. Não se surpreendeu ao não encontrar nada. Nem mesmo uma carteira.

Foi até a cozinha e fez o telefonema necessário. Viriam tirar o corpo e limpar as manchas de sangue do carpete. Eram muito eficientes. Até lá, havia apenas uma coisa a fazer.

Abriu a caixa de pizza e pegou uma fatia de calabresa com cebola. *A primeira mordida é sempre a melhor.* E, agora, enquanto mastigava a comida,

apareceram as questões mais complexas, as únicas que contavam. Quem havia mandado o entregador de pizza atrás dele? Quem sabia que ele estava ali? Quem o queria morto?

E como ele poderia usar alguma dessas coisas a seu favor no futuro?

Ah, sim... ele tinha algum futuro?

capítulo 63

— **O** QUE VOCÊ ANDA APRONTANDO, O'HARA?

– Ah, uma coisa e outra. Você me conhece: eu consigo me manter ocupado. E o exame do falecido Connor Brown?

– Nada... nadica... zero – disse Susan, decepcionada.

Depois de dois dias de espera no meu apartamento temporário, recebi uma ligação dela num fim de tarde. O relatório da segunda necropsia de Connor Brown havia acabado de chegar à sua mesa. Susan me explicou que os exames mais extensos mostraram basicamente o mesmo resultado. O cara morreu de parada cardíaca. Nenhum sinal de crime. “Nada. Nadica. Zero.”

– Houve *alguma coisa* desta vez que a primeira necropsia não mostrou? – perguntei.

– Só uma úlcera muito feia – disse ela. – Não é grande surpresa, considerando-se que o cara trabalhava com investimentos e morreu de parada cardíaca aos 40 anos.

– É, acho que não. E foi só isso? Mais nada?

– Ah, você quer dizer além das escoriações provocadas pela queda do corpo do caixão?

– Merda, o guri do laboratório dedurou, não foi?

– Não, na verdade foi o policial que ainda está vomitando, três dias depois, graças a você.

Eu me peguei sorrindo diante dessa velha imagem em minhas lembranças.

– Era um trabalho sujo, e alguém precisava fazê-lo.

– Alguém além de você, naturalmente.

– Ei, o cara não riu das minhas piadas.

– Não diga mais nada.

– Então acho que está na hora de ligar para a Nora.

– Eu pensei nisso. Talvez você devesse enrolar um pouco quanto aos resultados dos exames, para ver se ela começa a ficar abalada.

- Se fosse qualquer outra pessoa, eu concordaria. Mas não a Nora. No máximo, ela ficaria mais desconfiada. Acho que ela acabaria recuando.
- Tem certeza disso?
- Tanta quanto possível. Acho que só teremos resultados quando ela acreditar que está tudo às mil maravilhas.
- Algo do tipo... o dinheiro está a caminho?
- Isso mesmo. Vamos deixá-la ter certeza de que está prestes a se tornar um milhão e novecentos mil dólares mais rica.
- Isso faria com que eu me sentisse às mil maravilhas.
- Nós dois.
- Isso significa que você precisa trabalhar mais rápido – disse Susan. – Em termos de desculpas, “O cheque está no correio” não nos dá muito tempo.
- Isso não deveria ser um problema. Craig Reynolds conquistou a confiança dela. E vai conquistar ainda mais quando eu ligar com a boa notícia.
- Só não se esqueça de uma coisa – disse Susan. Para a chefe, sempre tem “uma coisa”.
- O que é? Qual é a “uma coisa” de hoje?
- Enquanto estiver trabalhando para fazer Nora baixar a guarda, garanta que você não baixe a sua.

capítulo 64

NÃO PERDI TEMPO. DEPOIS DO telefonema de Susan, liguei para o celular de Nora. Ela não atendeu. Deixei uma mensagem e tomei o cuidado de mencionar que tinha uma boa notícia.

Nora não perdeu tempo também. Retornou a ligação quase imediatamente.

– Estou precisando de uma boa notícia – disse ela.

– Achei que pudesse precisar mesmo. Foi por isso que liguei logo.

– E é sobre... – Sua voz foi baixando.

– Sim, chegaram os resultados da segunda necropsia. E embora eu não tenha certeza de que o termo “boa notícia” se aplique a este caso, acho que você vai gostar de saber que todos os novos exames confirmaram a conclusão original.

Ela não disse nada.

– Nora, você ainda está aí?

– Estou aqui – disse ela antes de voltar a fazer silêncio. – Você tem razão. “Boa notícia” não é exatamente uma boa descrição.

– Que tal “aliviada”?

– Acho que é isso – respondeu ela, começando a falar com a voz engasgada. – Agora Connor pode finalmente descansar em paz. – Nora começou a chorar baixinho, e devo admitir que ela parecia convincente. Com uma última fungada, ela se desculpou.

– Não há necessidade de se desculpar. Sei como isso tem sido difícil para você. Bem, na verdade, acho que não sei.

– É só que eu ainda não consigo parar de pensar nisso. Ter que desenterrar um caixão...

– Com certeza, foi uma das experiências mais desagradáveis que já tive neste emprego.

– Isso quer dizer que você estava lá.

“A verdade vai libertar você.”

– Infelizmente, sim.

- E o cara responsável por tudo isso?
 - O maluco do O'Hara?
 - Sim, algo me diz que ele adoraria ter ajudado.
 - Pode ser. Mas ele ainda está em Chicago. Aqui entre nós, ele não é do tipo que suja as mãos. Mas a boa notícia, e nesse caso acho que podemos chamar de boa notícia, é que O'Hara enfim está pronto para dar um fim à sua pequena inquisição.
 - Ele não está mais desconfiado?
 - Ah, ele sempre vai estar desconfiado – respondi. – De todos e de tudo ao redor. Quanto a esse caso, no entanto, acho que até ele já se deu conta de que os fatos são o que são. A Centennial One fará o pagamento. Um milhão e novecentos mil dólares até o último centavo.
 - Quando será isso?
 - Ainda há alguma burocracia. Você sabe, toda a papelada. Eu diria que o cheque deve ficar pronto em uma semana. Tudo bem para você?
 - Muito bem. Tem alguma coisa que eu precise fazer enquanto isso? Preencher algum formulário?
 - Tem um, sim, de liberação, mas esse você só preenche depois de estar com o dinheiro em mãos. Tirando isso, só há mais uma coisa que você precisa fazer.
 - E o que é? – perguntou ela.
 - Deixar que eu lhe pague um almoço. Por tudo o que fiz você passar, é o mínimo que posso fazer.
 - Isso realmente não é necessário. Além disso, não foi você quem me fez passar por coisa nenhuma. Você tem sido um doce. E estou falando sério, Craig.
 - Sabe de uma coisa, você tem razão – eu disse, dando risada. – Se há alguma refeição que deva ser paga pela empresa, é essa.
 - Amém! – disse ela, dando outra risada. Do tipo espontânea. Relaxada. Desinibida.
- Soou como música para meus ouvidos.
Como o som da guarda de alguém começando a cair.

capítulo 65

NA HORA DO ALMOÇO, SUSAN entrou no Angelo's, um dos mais antigos e melhores restaurantes de Little Italy e não muito longe dos escritórios do FBI. O Dr. Donald Marcuse estava esperando por ela em uma cabine privativa nos fundos.

– Susan. Que honra conseguir tirá-la do escritório!

Susan se pegou sorrindo. Donald Marcuse sempre sabia como deixá-la à vontade: com sarcasmo. Era um psiquiatra forense que costumava trabalhar com o FBI, mas ela se consultara com ele durante seis meses depois do fim do seu casamento.

– Seu cabelo está ótimo, aliás – disse ele.

Seus cabelos castanhos exibiam um corte Chanel curto e recentemente ela passara a ter que pintar os fios brancos, o que simplesmente a deixava para morrer.

– Apenas por curiosidade – disse Susan –, não que eu realmente dê a mínima para isso, mas essa é considerada uma observação machista hoje em dia?

O médico deu de ombros.

– Eis minha teoria: se uma mulher pode dizer, um homem também pode. Mas não sei se a teoria sobreviveria a uma análise mais minuciosa.

– Provavelmente não. Parece lógica demais.

Os dois pediram o almoço, e então conversaram sobre as novidades e as idiossincrasias de Nova York, até que Susan olhou para o relógio.

– Chega de diversão por hoje – disse Marcuse, sorrindo com simpatia. – O que está realmente passando pela sua cabeça?

Durante os minutos seguintes, Susan contou ao psiquiatra o que sabia a respeito de Nora Sinclair. Então pediu que ele preenchesse o máximo de lacunas possível. Queria saber o que havia transformado Nora numa assassina e que tipo de assassina ela era.

Como de hábito, Susan fez anotações enquanto Marcuse falava. Revisaria as anotações quando voltasse ao escritório e provavelmente as dividiria com O'Hara.

De acordo com Marcuse, uma “viúva negra” era uma mulher que sistematicamente assassinava maridos, parceiros sexuais e, em alguns casos, outros parentes. Uma alternativa à “viúva” era a assassina “por interesse”. Para esse tipo, tudo não passava de negócios. O motivo principal era o lucro.

– Quase todas as mulheres assassinas em série matam pelo lucro – disse Marcuse. E ele sabia disso.

O médico prosseguiu, num tom agradável e profissional. Nora provavelmente tinha uma crença muito forte de que os homens não são confiáveis. Ela mesma devia ter sido vítima em algum momento.

O mais provável era que sua mãe tivesse sido vítima de um ou mais homens quando Nora era jovem.

– Talvez Nora tenha sofrido abusos na infância. A maioria dos meus colegas diria isso. Eu não gosto muito desse tipo de resposta simples. Tira toda a diversão do trabalho.

Donald Marcuse finalmente parou de falar sobre Nora e olhou para Susan.

– Ela realmente está incomodando você, não é? Isso não é do seu feitio.

Susan ergueu o olhar das anotações.

– Ela é muito perigosa, Donald. Não dou a mínima se ela sofreu abuso. É uma mulher bonita e charmosa, e é uma assassina. E não vai parar de matar.

capítulo 66

O TELEFONE DA CASA DE WESTCHESTER tocou na manhã seguinte por volta das onze horas. Nora atendeu, achando que fosse Craig confirmando o almoço de mais tarde.

Estava errada.

– Nora, é você?

– Sim. Quem é?

– É Elizabeth – respondeu a pessoa. – Elizabeth Brown.

Merda. A irmã de Connor estava ligando de Santa Bárbara e Nora se sentiu um pouco idiota por não ter reconhecido a voz. Afinal, tecnicamente, era hóspede dela naquela casa.

A preocupação, no entanto, durou pouco. A doçura provocada pela culpa de Elizabeth foi retomada de onde havia parado. Ela não poderia ter sido mais gentil.

– Tenho estado preocupada com você – disse ela. – Está tudo bem?

Nora sorriu.

– Obrigada, Elizabeth. Estou levando a vida. Agradeço de verdade sua preocupação. Sabe, no começo eu me senti um pouco constrangida de ficar aqui. É claro que não quero abusar de sua generosidade.

– Ah, por favor, espero que você não esteja pensando que foi por isso que eu liguei. Essa seria a última coisa que eu faria.

– Tem certeza?

– Claro. Além disso, eu não teria tempo de lidar com a venda da casa nem que quisesse.

– Imagino que esteja ocupada com o trabalho.

– Sim. Tem dois prédios com projetos meus sendo construídos, e um terceiro está prestes a começar.

– A vida glamourosa de uma arquiteta, hein?

– Quem dera! – disse ela, suspirando. – Não, acho que sou um tanto clichê no que diz respeito a quantas horas tenho dedicado ao trabalho. Talvez seja

apenas a melhor forma de não pensar em Connor.

– Eu sei – disse Nora. – Peguei mais três clientes recentemente... três além dos que a minha agenda na verdade consegue acomodar.

As duas continuaram conversando por alguns minutos. Não houve nada forçado na conversa. Nenhuma hesitação. Cada frase parecia fluir naturalmente.

– Sabe, é uma pena – disse Elizabeth.

– O quê?

– As circunstâncias em que nós duas viemos a nos conhecer. Temos muitas coisas em comum.

– Tem razão, temos mesmo.

– Quem sabe, se suas viagens a trouxerem para estes lados, a gente não possa almoçar ou coisa parecida? Ou se eu for a Nova York?

– Eu gostaria disso – disse Nora. – Gostaria muito. Combinado.

Nos seus sonhos, Lizzie.

capítulo 67

UM POUCO ANTES DO MEIO-DIA e meia, parei diante da entrada da garagem da casa de Connor Brown. Era como eu sempre pensava no lugar: *a casa de Connor Brown*. Antes mesmo de eu parar, Nora já estava saindo pela porta da frente.

Usava um vestido leve de verão, sem mangas e com estampa floral verde e vermelho, que destacava muito bem seu bronzeado, sem falar em suas pernas. Entrou no meu carro e anunciou que estava morrendo de fome.

– Então somos dois – eu disse.

Fomos até um restaurante chamado Le Jardin du Roi, na cidade de Chappaqua. Era bacana, sem ser sofisticado demais, e acho que a mistura de toalhas brancas com vigas de madeira o qualificava como suburbano chique. Escolhemos uma mesa para dois num canto isolado.

O público se dividia entre almoços de negócios, ou almoços entre amigas. Como eu estava de terno e Nora com seu esvoaçante vestido veranil, parecíamos pertencer às duas metades. Nora era sem dúvida a mulher mais atraente do restaurante. E o fato de as cabeças de todos os homens de terno se virarem para vê-la confirmava isso.

Um garçom se aproximou.

– Posso trazer alguma bebida?

Nora se inclinou por sobre a mesa.

– Você pode se prejudicar se pedirmos um vinho? – perguntou.

– Depende de quanto – respondi, dando um sorriso. Quando ela sorriu de volta, garanti: – Não, eu não quebrarei nenhuma regra da empresa.

– Ótimo. – Pegou a carta de vinhos e a passou para mim.

– Não, vá em frente. Você decide.

– Se você insiste...

– Querem um tempo para pensar? – perguntou o garçom.

– Não, não será preciso – disse Nora. Puxou a carta de vinhos para si e imediatamente passou o indicador pela página, parando no meio do

caminho.

– O Châteauneuf-du-Pape – anunciou. Foi uma decisão tomada em menos de seis segundos.

– Uma mulher que sabe o que quer – eu disse. O garçom assentiu e foi embora.

Nora deu de ombros.

– Pelo menos no que se refere a vinhos.

– Eu estava pensando de um modo mais geral.

Ela me lançou um olhar curioso.

– O que você está querendo dizer?

– Sua carreira, por exemplo. Tenho a impressão de que você sempre quis ser designer de interiores.

– Não é verdade.

– Quer dizer que você não gostava de trocar a mobília na sua casinha dos sonhos da Barbie?

Ela riu, e pareceu estar se divertindo.

– Está bem, é verdade. Mas e você? Sempre soube o que queria fazer?

– Não. Quando era criança, só cheguei a vender limonada na minha barraquinha. Nenhuma apólice de seguro.

– Talvez seja isso que eu esteja perguntando. Não me entenda mal, mas tenho uma impressão diferente... de que você talvez tenha talento para outra coisa.

– Tipo o quê? Dê um exemplo. Como você me vê, Nora? O que eu deveria estar fazendo?

– Não sei. Alguma coisa...

– Mais emocionante?

– Não era o que eu ia dizer.

– Ia sim... e não tem problema. Não fico ofendido.

– E não deveria mesmo. Na verdade, deveria tomar isso como um elogio.

Dei risada.

– Agora você está abusando da sorte.

– Não, estou falando sério. Tem alguma coisa em você, um tipo de força interior... e você é divertido.

Fui poupado de ter que fazer um comentário porque o garçom voltou trazendo o vinho. Enquanto ele abria a garrafa, Nora e eu trocamos alguns olhares por cima dos cardápios. Ela estava flertando comigo?

Não, Einstein, nós estávamos flertando um com o outro.

Com um girar da taça e um gole, Nora aprovou o Châteauneuf-du-Pape. O garçom serviu. Quando ele saiu, ela propôs um brinde:

– A Craig Reynolds. Por ter sido tão incrivelmente gentil comigo durante toda essa situação.

Agradei e brindamos, encarando-nos fixamente.

E eu mal sabia que a situação de verdade estava apenas começando.

capítulo 68

O PESSOAL DE TERNO FOI EMBORA. Assim como as mulheres que almoçavam com as amigas. Havia apenas dois dos clientes da tarde no Le Jardin: Nora e *moi*. O patê da casa e a salada de palmito, o salmão assado e as coquilles St. Jacques... quase tudo tinha sido devorado, mas sem pressa. Tudo o que restava sobre a nossa mesa eram os últimos goles de vinho.

Da nossa *terceira* garrafa de Châteauneuf-du-Pape.

Veja bem, não fazia parte do meu plano original beber metade de um vinhedo durante o almoço. Mas, depois que começamos, houve algumas mudanças de plano. Afinal, o álcool é um ótimo soro da verdade. Que jeito melhor de descobrir algo a respeito de Nora? Quanto mais conversássemos, maiores seriam minhas chances. Pelo menos era essa a minha desculpa.

A certa altura, olhei para os funcionários, que estavam arrumando as mesas para o jantar. Um auxiliar varria preguiçosamente a área perto do bar. Voltei-me para Nora.

– Sabe, existe uma linha tênue entre demorar no local e morar nele, e acho que nós oficialmente a ultrapassamos.

Ela olhou ao redor para ver do que eu estava falando.

– Você tem razão – disse, com um sorriso constrangido. – É melhor sairmos daqui antes que ele nos varra junto com as migalhas de pão.

Fiz um sinal pedindo a conta ao nosso aliviadíssimo garçom. A gorjeta de trinta por cento que deixei significou uma saída relativamente livre de culpa para nós dois... ainda que não exatamente uma saída sóbria. Eu até esperava isso de Nora. Afinal, ela era magra feito um palito. Mas eu também estava sentindo os efeitos, apesar de ter cerca de quarenta quilos a mais que ela.

– Por que não caminhamos um pouco? – sugeri, quando saímos pela porta.

Fiquei mais seguro quando ela aceitou a proposta. Beber no horário de trabalho era uma coisa. Beber e dirigir era outra. Um pouco de ar fresco, e eu sabia que ficaria melhor.

– Podemos visitar os Clinton? – perguntou Nora, animada. – Eles moram mais à frente aqui nesta rua.

Decido deixar essa passar. Fácil demais. Caminhamos pela calçada olhando as vitrines. Parei diante de um armarinho.

– Isso me faz recordar minha mãe – eu disse. – Ela adora tricotar.

– Que tipo de coisas ela faz? – perguntou Nora, que era uma ouvinte surpreendentemente boa, não tão autocentrada quanto eu esperava que fosse.

– Ah, o de sempre. Mantas de lã, cachecóis, suéteres. Na verdade, eu me lembro de um Natal, quando eu ainda estava na escola, em que ela fez *dois* suéteres para mim: um vermelho e outro azul.

– Que amor.

– É, mas você não conhece minha mãe – eu disse, levantando o indicador.

– Quando cheguei à mesa para o jantar de Natal usando o suéter vermelho, adivinhe o que ela me disse? “O que houve? Você não gostou do azul?”

Nora me deu um empurrão no ombro.

– Você está inventando isso!

Sim, eu estava inventando.

– Não, é verdade. – Começamos a caminhar novamente. – E sua mãe? Ela faz tricô?

De repente, Nora pareceu desconfortável.

– A minha mãe... faleceu há alguns anos.

– Sinto muito.

– Tudo bem. Foi uma ótima mãe enquanto a tive comigo.

Continuamos caminhando, só que agora em silêncio.

Balancei a cabeça.

– Está vendo o que eu fiz?

– O quê?

– Peguei um momento perfeitamente bom e o estraguei.

– Não seja bobo – disse Nora, com um aceno de mão. – Ainda estamos tendo um momento perfeitamente bom. Na verdade, está sendo um dos melhores momentos dos últimos tempos. Eu estava mesmo precisando.

– Ah, você só está dizendo isso para que eu me sinta melhor.

– Não. Estou dizendo porque é *você* que faz com que eu me sinta melhor. Como pode imaginar, as duas últimas semanas têm sido terríveis. E então, do nada, você aparece.

– É, só que eu estava tornando as coisas ainda mais difíceis para você.

– No começo, sim. – Mas depois você acabou se revelando uma bênção disfarçada.

Tentei não reagir à ironia daquela última palavra quando paramos no cruzamento e ficamos esperando para atravessar. O sol da tarde estava começando a se esconder atrás das árvores. Nora cruzou os braços contra o peito e estremeceu levemente. Parecia vulnerável, na verdade.

– Aqui – eu disse. Eu havia tirado o paletó, que colocara sobre os ombros de Nora. Quando ela juntou as lapelas, nossas mãos se tocaram por um breve momento. À nossa frente, o sinal ficou verde, mas nós não demos um passo sequer. Em vez disso, ficamos ali parados, absolutamente imóveis, olhando um para o outro.

– Não quero que isso termine – disse ela. Então se inclinou para perto de mim: – Vamos para algum lugar?

capítulo 69

EU NÃO PRECISAVA SER NENHUM casanova para entender o que ela estava querendo dizer. *Vamos para algum lugar?* Até mesmo um zé-mané teria compreendido aquela dica nem um pouco sutil. Nora não estava falando em tomar uma xícara de café para curar o porre.

Não, a única coisa que não estava clara para mim naquele momento era o seguinte: *como John O'Hara reagiria?*

Durante todo o almoço, eu não me importei que Nora e eu estivéssemos nos sentindo cada vez mais à vontade um com o outro, flertando ou o que quer que estivéssemos fazendo. Na verdade, a ideia era essa. Mas agora, de repente, as coisas estavam ficando um pouco à vontade *demais*.

Será que ela estava interessada em mim? É claro que não seria realmente em mim, mas em Craig Reynolds, o corretor de seguros.

Talvez fosse efeito do vinho que ela tinha bebido. Ou quem sabe alguma outra coisa, algo que eu não estivesse vendo. Uma jogada dela, talvez. Uma coisa era certa: não era meu dinheiro que ela queria.

Vender seguro de vida não é uma atividade normalmente reconhecida como a de um homem rico. Até mesmo os melhores do ramo não são páreo para gente do calibre de um Connor Brown, administrador de fundos de investimentos e guru financeiro. Além disso, Nora vira onde eu morava como Craig. Já sabia que o BMW e os ternos bem-cortados eram fachada. Ainda assim, disse o que disse.

Vamos para algum lugar?

Fiquei ali parado, encarando profundamente seus olhos verdes na esquina daquele cruzamento no centro de Chappaqua. Para onde ir?

– Venha comigo – falei.

Voltamos até meu carro, que estava estacionado na frente do restaurante. Abri a porta do passageiro para ela.

– Aonde você vai me levar?

– Você vai ver – respondi.

Dei a volta e assumi o volante. Pusemos os cintos de segurança e liguei o motor, dando algumas aceleradas extras enquanto ainda estava parado. E então partimos.

capítulo 70

NORA SE DEU CONTA POUCO menos de dois quilômetros antes de chegarmos.

– Você está me levando para casa, não é?

Virei-me para ela e inclinei a cabeça lentamente.

– Sinto muito.

– Então somos dois. Mas você tem razão. Deve ter sido o vinho. Estou muito envergonhada.

Meu tom de voz, minha linguagem corporal... fiz parecer como se aquela tivesse sido uma decisão simples, que a ideia de ficar com ela jamais tivesse passado pela minha cabeça. Se ao menos isso fosse verdade.

Nora era uma mulher absolutamente linda que me fizera uma oferta incrível. Precisei usar cada grama de minha força de vontade para lembrar a mim mesmo por que eu estava com ela.

Ainda assim, eu não podia negar que existia alguma química, alguma conexão entre nós. Algo que eu estava convencido de que ela não conseguiria fingir. E mesmo se conseguisse, por que se incomodar?

Percorremos o último trecho do caminho que levava à “casa de Connor” em silêncio. Na última vez que olhei para ela, não pude deixar de notar que o vestido estava um pouco levantado. Coxas bronzeadas, magras e firmes. Uma lembrança do que eu estava deixando passar.

Parei no estacionamento, fazendo barulho no cascalho. Foi quando ela me liberou.

– Eu compreendo – disse ela. – Provavelmente não teria sido a melhor coisa a fazer. Ainda mais se considerarmos as circunstâncias.

– É, provavelmente não.

– Obrigada pelo almoço. Eu me diverti muito. – Ela se inclinou e me deu um beijo suave no rosto. Pude sentir seus cabelos em minha pele. E também seu perfume, muito bom, com um toque cítrico.

– Eu... hã... – limpei a garganta. – Entrarei em contato quando a papelada estiver ok, está bem?

– Claro, Craig. Você tem sido ótimo.

Nora saiu do carro e subiu lentamente os degraus da entrada. *Para fora da minha vida?* Esperei enquanto ela pegava na bolsa as chaves da casa. Desviei o olhar por alguns segundos para sintonizar o rádio. Quando olhei de volta, ela ainda estava tentando abrir a porta.

Baixei o vidro da janela.

– Está tudo bem?

Ela se virou, balançando a cabeça, dando um suspiro de frustração.

– A maldita chave está emperrada. Isso está ficando cada vez mais constrangedor.

– Espere um pouco.

Saí do carro para dar uma olhada. Claro que a chave estava enfiada apenas pela metade na fechadura.

Emperrada, no entanto, ela não estava.

Assim que a peguei, a metade que estava de fora entrou suavemente pela fechadura. Então me virei, e ali estava Nora, a centímetros de distância.

– Meu herói – disse ela, apertando o corpo contra o meu. Suas pernas eram muito firmes. Os seios, muito macios. Passou os braços ao meu redor e começou a beijar suavemente meu lábio inferior.

– Eu menti. Não acho que seja realmente uma má ideia.

Foi quando o instinto assumiu o controle e minha força de vontade fracassou completamente.

E eu retribuí o beijo de Nora.

capítulo 71

COMO UMA ONDA ARREBENTANDO, ENTRAMOS no saguão da casa. Fechei com um chute a porta atrás de nós.

O que você está fazendo, O'Hara?

Ainda havia tempo de parar com aquilo. Uma chance de recuar. Tudo o que eu tinha que fazer era parar de beijar Nora.

Mas não consegui. Ela era tão macia, tão perfeita em meus braços. Tinha um cheiro deliciosamente bom: o do corpo, o cabelo. Seus olhos verdes eram impressionantes vistos de tão perto.

Nora segurou minha mão e a guiou por baixo do vestido, pela parte interna de suas coxas. Prendeu a respiração quando cheguei à seda macia de sua calcinha e então me apertou com mais força, mexendo os quadris no ritmo do meu toque. Começou a gemer. Aquilo tinha que ser real, tinha que ser. Por que ela fingiria comigo?

Fiquei sem a camisa. E depois sem as calças. Paramos de nos beijar por apenas um instante, o tempo suficiente para que Nora tirasse o vestido pela cabeça.

– Me come – ela disse, arfante. Assim mesmo. Só que fez a frase parecer sexy e irresistível.

Nora me puxou para o chão e me prendeu entre suas pernas. Puxou a calcinha para o lado e me guiou para dentro dela. Mesmo no calor daquele momento, uma frase engraçada me passou pela mente: *Você está fodido, O'Hara.*

Eu estava tonto. O quarto estava girando. O quarto? Nós estávamos no saguão de mármore da casa de Connor Brown, o homem de quem ela era noiva. O homem que ela provavelmente matara. Pensei que a coisa não poderia ficar pior.

Pois deveria ter pensado melhor. De repente, ouvi um barulho perto dos meus pés. Levei um instante para me dar conta do que era.

Meu celular.

Meu Deus! Eu sabia quem era. Susan! Ela queria o relatório do dia. É isso que eu chamo de *timing*.

– Nem pense em atender – disse Nora.

Não se preocupe, não vou atender.

O telefone parou de tocar enquanto nós dois continuávamos, sem nos separar em nenhum momento. Estávamos no mesmo ritmo, incrivelmente sincronizados. Ela passou os lindos cabelos castanhos no meu rosto. Estava em cima de mim. Depois, embaixo. E então de quatro, quando a delicada curva das suas costas encobriu os gemidos profundos que pediam mais, até que nosso gozo ecoou no saguão.

Durante uns bons dois minutos, se não mais, ficamos apenas olhando fixamente para o teto, sem dizer nada, tentando retomar o controle da respiração.

Por fim, eu pisquei.

– Então a chave estava emperrada?

– Ei, foi você que caiu nessa!

– Eu caí mesmo, não foi? – concordei. Então começamos a rir, a rir de verdade, como se aquilo fosse a coisa mais engraçada que já nos acontecera. A risada de Nora era ótima quando ela se soltava. Dava vontade de rir junto.

– Você está com fome? – perguntou ela. – Quer um bife? Tenho kobe. Ou quem sabe uma omelete?

– E ela ainda por cima cozinha!

– Vou tomar isso como um sim. Se quiser, tem um chuveiro no quarto de hóspedes. É lá em cima, a primeira porta à direita.

– Seria ótimo.

Ela girou para o lado e me beijou.

– Não tanto quanto você, Craig Reynolds.

capítulo 72

SÁÍ DO CHUVEIRO E PASSEI a mão no espelho embaçado até conseguir ver meu reflexo. Balancei a cabeça. E a balancei mais uma vez.

Bem, agora você realmente aprontou, O'Hara.

O trabalho disfarçado exige certa aproximação estratégica. Mas aquilo estava ultrapassando os limites. Eu tinha ido muito além da obrigação, só que não da forma que faz com que recebamos uma medalha.

De agora em diante, tudo seria muito, muito complicado.

– Craig, você está bem?

Nora estava chamando ao pé da escada. Abri a porta do banheiro.

– A ducha estava ótima. Já estou descendo.

– Que bom – disse ela. – Porque a sua omelete vai ficar pronta num instante.

Penteei os cabelos para trás, vesti minhas roupas e desci a escada correndo para me unir a Nora na cozinha. Nossa! Ela estava uma visão, apenas de sutiã e calcinha e segurando uma espátula. Que corpo espetacular! E que sorriso incrível!

Notei que havia apenas um lugar posto na mesa.

– Você não vai comer nada? – perguntei.

– Não, belisquei um pouco do presunto. – Levantou uma garrafa d'água. – Vou no de sempre. Preciso ficar de olho em minha cintura.

– Eu estive de olho por você. Não há nenhum motivo para ficar preocupada.

Eu me sentei e fiquei observando enquanto ela cuidava da frigideira em cima do fogão. Melhor dizendo, fiquei *encarando*. Ela era tão impressionante de costas como de frente. E quanto à cintura... o que a preocupava?

Calma, O'Hara.

Mas, sinceramente, eu não podia ficar calmo. Era uma sensação esquisita, que imediatamente me fez pensar em alguém que eu conhecia. Um policial da delegacia de narcóticos, um amigo. Era um cara muito legal, um bom

policial. Pelo menos, até cometer um erro fatal. Estupidamente, experimentou a mercadoria e ficou viciado.

A lição era dura demais para esquecer. Mesmo depois da ducha, eu tinha a impressão de ainda sentir o cheiro de Nora na pele. Ainda podia sentir seu gosto. E tudo em que conseguia pensar era em quanto eu queria mais dela. Não sabia se conseguiria parar.

– Aqui está – disse ela.

Olhei para a omelete grande e fofa que ela pôs diante de mim.

– Parece deliciosa.

E eu estava com fome, naturalmente porque havia gastado toda a energia do almoço no saguão.

Peguei o garfo e comi um pedaço.

– Espetacular.

Ela virou a cabeça para o lado.

– Você não mentiria para mim, não é?

– Quem, eu?

– Sim, *you*, Craig Reynolds. – Nora se inclinou na minha direção e passou os dedos por meus cabelos. – Quer uma cerveja ou coisa parecida?

– Que tal uma água? – A última coisa de que eu precisava era mais álcool.

Ela foi até o armário para pegar um copo enquanto eu continuei comendo a omelete. Verdade seja dita, estava realmente deliciosa.

– Você pode passar a noite aqui? – perguntou ela, voltando com minha água. – *Por favor*, fique.

A pergunta me surpreendeu, embora provavelmente não devesse ter surpreendido. Comecei a olhar ao redor, cada vez mais ciente de a quem tinha pertencido a casa em que eu estava. Aquele lugar era profissional em todos os sentidos. Bonito, na verdade. Itens das melhores marcas do mundo espalhados por todos os cantos.

Nora olhou na direção do saguão. Seu vestido de verão ainda estava largado no piso de mármore.

– Acho que é um pouco tarde para constrangimentos – disse ela.

Ela tinha razão, e eu estava prestes a admitir isso, quando meu estômago começou a ficar muito estranho.

capítulo 73

— **O** QUE HOUVE? – PERGUNTOU NORA.

– Não sei – respondi. – Do nada, comecei a sentir...

Como se eu fosse vomitar por toda a cozinha.

Saí correndo da cadeira e fui para o banheiro, mal chegando à privada, onde caí de joelhos e tive uma ânsia violenta. A omelete veio toda. Assim como a maior parte do almoço.

– Craig, você está bem? – perguntou ela, por trás da porta.

Não, eu não estava bem. Tinha sido atingido por um maremoto de náusea e estava cambaleando. Minha visão estava embaçada. Tudo o que eu podia fazer era aguentar firme e esperar que aquilo passasse.

Se aquele policial do cemitério me visse agora.

– Craig? Você está me assustando.

Eu estava ocupado demais tendo ânsias de vômito para responder a qualquer coisa que ela dissesse. Estava zozinho demais e fraco demais.

– Você quer alguma coisa?

Abraçado à porcelana da privada, encarei um medo terrível: e se isso nunca passasse? Eis quão péssimo e apavorado eu estava me sentindo.

– Craig, por favor, diga alguma coisa.

No instante seguinte, porém, tudo havia passado. Estranhamente. Por sorte. Com a mesma rapidez com que veio, desapareceu. Simples assim.

– Estou bem – respondi. Eu me sentia tão surpreso quanto aliviado. – Estou bem agora. Sairei num minuto.

Cambaleei até a pia, lavei a boca e joguei um pouco de água fria no rosto. Mais uma vez, estava me encarando no espelho. Tinha que ser intoxicação alimentar, certo?

Mas não havia outra possibilidade. Eu estava sofrendo de pura e simples ansiedade depois de ter ferrado com tudo da pior forma possível. Sendo claro: a omelete não havia caído muito bem devido ao imenso e implacável buraco de culpa no meu estômago.

Pelo amor de Deus, O'Hara, controle-se!

Voltei à cozinha para uma Nora muito confusa.

– Você me assustou! – disse ela.

– Desculpe. Foi muito esquisito. – Fiz um esforço tremendo para dar uma explicação plausível. – Talvez tenha sido um ovo estragado.

– Pode ser. Ah, eu estou me sentindo terrível! Desculpe, Craig. Mas você está se sentindo melhor agora?

Assenti com a cabeça.

– Tem certeza? Não vá bancar o herói.

– Tenho, sim.

– Agora *sou eu* que estou me sentindo mal. Você nunca mais vai querer comer nada que eu prepare.

– Não seja boba, não foi culpa sua.

Ela curvou o lábio inferior. Parecia magoada e *assustada*. Então me aproximei e passei os braços ao redor de sua cintura.

– Eu a beijaria, mas...

Ela abriu um sorriso.

– Acho que consigo uma escova de dentes para você. Com uma condição.

– Qual é?

– Você terá que concordar em passar a noite aqui. *Por favor, por favor?*

Talvez, se ela não estivesse apenas de sutiã e calcinha. Talvez, se eu não estivesse abraçado a ela naquele momento. Talvez assim eu pudesse ter dito não. Talvez. Mas eu duvido.

– Com uma condição minha – eu disse.

– Sei o que você vai dizer, e eu nunca pensaria em fazer isso.

O que quer dizer que dormimos longe da suíte principal naquele dia. Não que tenhamos realmente dormido muito. Prometi a mim mesmo que seria apenas naquela noite. No dia seguinte, eu terminaria tudo. Descobriria outra forma de me aproximar dela sem que houvesse intimidade.

No entanto, no fundo eu percebia o que estava acontecendo. Dava para sentir em todo o meu corpo.

Eu estava ficando viciado em Nora.

capítulo 74

O BARULHO DA CAMPAINHA TOCANDO no andar de baixo funcionou como um despertador bastante rude na manhã seguinte.

Nora se levantou de sobressalto.

– Quem seria, assim *tão* cedo?

Olhei para o relógio.

– Merda.

– O quê?

– Não é muito cedo. São quase nove e meia.

A reação dela foi um sorriso alegre, que, de certa forma, conseguiu ser ao mesmo tempo simpático e sexy.

– Acho que deixamos um ao outro exaustos.

– Pode rir: eu devia ter chegado ao escritório uma hora atrás.

– Não se preocupe, eu mando um bilhete.

A campainha tocou de novo. Dessa vez, com insistência. Pareciam mensageiros do vento soando durante um furacão.

– Quem quer que seja, vou dispensar – disse Nora. Lindamente nua, ela saiu da cama e foi até a janela. Espiou pela cortina.

– Droga, eu me esqueci!

– Se esqueceu do quê?

– É a Harriet.

Eu não sabia quem era a Harriet, mas isso não tinha importância. Tudo o que eu sabia é que não queria nem ela nem qualquer outra pessoa à porta. Pelo menos não comigo ali dentro.

– Você consegue se livrar dela, certo?

– Na verdade, não. Ela vai me fazer um grande favor.

– E se ela me vir aqui com você?

– Isso não vai acontecer. Eu pedi que ela olhasse a mobília da casa para a loja dela, como consignação. Espere aqui, e eu vou cuidar para que ela não entre neste quarto. Não vai demorar muito.

Para John O'Hara, isso não seria exatamente um problema. Craig Reynolds, por outro lado, precisava ir para o trabalho.

– Nora, eu já estou bastante atrasado – observei. – Tem que haver uma maneira de eu sair por uma porta dos fundos, ou coisa parecida.

– Ela já viu seu carro. Se não estiver mais aqui quando ela for embora, vai me perguntar sobre ele. Nenhum de nós quer que isso aconteça.

Respirei fundo e perguntei:

– Quanto tempo vai levar?

– Eu já disse, não vai demorar muito. – Ela abriu a janela. – Desculpe, Harriet, já vou descer – gritou. – Que lindo *chapéu*, querida!

Nora deu meia-volta e, saltitante, voltou para a cama comigo.

– Agora, quanto a você ir trabalhar hoje, moço, acho que não é uma boa ideia – disse ela, pondo a mão embaixo do lençol.

– Ah, você acha, é?

– Sim. Acho que você deveria faltar, para nos divertirmos um pouco. E então?

Não importava o que eu dissesse. A mão de Nora embaixo do lençol já sabia o que eu estava pensando.

– Acho que posso tirar o dia de folga.

– Essa é a ideia.

– O que vamos fazer?

Nora olhou o lençol que estava me cobrindo.

– Bem, eu vou lhe dizer: parece que alguém está querendo acampar.

Levantou-se de novo da cama. *Com muita agilidade. Devia fazer muito exercício.*

– Espere, você não pode me deixar aqui *agora* – reclamei.

– Eu preciso. A Harriet está me esperando e eu preciso vestir alguma coisa.

– Olhou de novo para o lençol, com o mesmo sorriso alegre no rosto. – Continue nesta posição. Eu já volto.

capítulo 75

FIQUEI DEITADO NA CAMA, OLHANDO para o teto. Aquele era provavelmente um quarto de empregada, e ainda assim era muito melhor que o meu. Comecei a planejar o resto do dia, como, por exemplo, o lugar aonde Nora e eu poderíamos ir. Mais importante: como eu iria lidar com o início do nosso relacionamento, ou com o que quer que estivesse acontecendo entre nós.

Ela certamente sabia como conseguir o que queria. No entanto, a questão se mantinha: era realmente a mim que ela queria? E o que eu queria? Provar a inocência dela?

Disse a mim mesmo que parasse de pensar naquilo. A única questão que *realmente* importava era se ela tinha ou não alguma coisa a ver com a morte de Connor Brown e o desaparecimento do dinheiro dele. Este era meu trabalho: obter a resposta.

Fechei os olhos. Segundos depois, eles se abriram.

Eu me levantei da cama e corri até o terno pendurado na cadeira. Tirei do bolso das calças o celular que estava tocando e conferi o número para ver o que eu já sabia: *era Susan!*

Eu não poderia deixar de atendê-la duas vezes, não é? Ela sabia que eu estava sempre com o celular e que jamais o deixaria fora do meu alcance.

Seja você mesmo, O'Hara.

– Alô?

– Por que você está sussurrando?

– Estou num torneio de golfe.

– Rá, rá. Onde você está de verdade?

– Na biblioteca de Briarcliff Manor.

– Nessa eu acredito menos ainda.

– Pois é verdade. Estou tentando melhorar meu jargão técnico.

– Por quê?

– Nora tem feito muitas perguntas. É muito esperta. Não sei se está me testando ou se é apenas curiosa. De qualquer maneira, preciso saber do que

estou falando.

– Quando foi a última vez que você teve contato com ela?

Algo me disse que “a noite toda” não era a melhor resposta.

– Ontem – respondi. – Craig Reynolds a levou para almoçar para se desculpar por todas as dificuldades pelas quais John O’Hara a fez passar.

– Muito bem, espertinho. Obviamente você também avisou que o pagamento vai sair, certo?

– Sim, e ela pareceu aliviada. Mas foi aí que começou a fazer algumas perguntas.

– Você acha que ela suspeita de você?

– Isso é difícil de dizer.

– Precisa fazer com que ela se abra com você.

Engoli em seco depois dessa observação.

– Tive uma ideia. E se Craig Reynolds der continuidade ao almoço convidando-a para sair para jantar?

– Uma espécie de *encontro romântico*?

– Eu não daria esse nome, já que o noivo dela acabou de morrer. Mas, sim, uma *espécie de encontro romântico*. Você não quer que ela se abra mais comigo?

– Não sei – respondeu Susan.

– Certo, eu também não sei. Mas estou ficando sem alternativas... e tempo.

– E se ela não aceitar?

Dei risada.

– Você está subestimando meu charme.

– Dificilmente. É por isso que você está trabalhando nesse caso, parceiro. Mas, como você mesmo disse, Nora não parece o tipo de mulher que gosta de corretores de seguros.

Mordi a língua.

– Pessoalmente, achei que você fosse se preocupar mais com a possibilidade de Nora aceitar.

– Confie em mim, eu me preocupo – disse ela. – Mas acho que você tem um pouco de razão. Talvez seja nossa melhor jogada.

Estava prestes a concordar quando ouvi vozes do lado de fora do quarto. Nora e Harriet estavam subindo a escada, conversando.

- Droga!
- O que foi?
- Preciso desligar. Estou recebendo olhares furiosos de uma bibliotecária.
- Tudo bem, vá lá. Mas preste atenção: tome cuidado, O'Hara.
- Você tem razão. Bibliotecárias podem mesmo ser terríveis.
- Engraçadinho.

Desliguei, voltei para a cama e a olhar para o teto. Detestava ter que mentir para Susan, mas não tinha escolha. Ela queria saber se eu achava que Nora suspeitava de alguma coisa. Agora eu estava me perguntando a mesma coisa a respeito dela. Será que ela percebeu que eu estava mentindo?

Susan era uma das pessoas menos ingênuas que eu conhecia. Por isso era a chefe.

capítulo 76

NORA VOLTOU, TODA SORRIDENTE e animada. Era difícil resistir. Pulou na cama e beijou meu peito, meu rosto e minha boca. Revirou os olhos e fez uma expressão divertida que, em circunstâncias normais, poderia ter conquistado meu coração, o que certamente não era o caso ali.

– Sentiu minha falta?

– Muito – respondi. – Como foram as coisas com Harriet?

– Maravilhosamente bem. Eu disse que não demoraria muito. Eu sou boa. Você não acreditaria se soubesse quanto sou boa.

– Sim, só que me deixou preso neste quarto.

– Ah, coitadinho! – provocou ela. – Você está precisando de ar fresco. Mais um motivo para não ir trabalhar hoje.

– Você não vai aceitar um não como resposta, não é?

– Na verdade, não.

Apontei com a cabeça para o paletó e as calças atiradas na cadeira.

– Está bem, mas tem certeza de que quer passar dois dias seguidos comigo usando aquelas roupas?

Ela deu de ombros.

– Eu já as tirei uma vez. Não me importaria de tirar de novo.

Tomamos banho, nos vestimos e saímos com o carro dela para uma volta. O Mercedes vermelho.

– E então, aonde vamos? – perguntei.

Nora pôs os óculos escuros.

– Você está sob minha guarda agora.

Fomos primeiro a um mercado gourmet na cidade chamado Villarina's. Eu, naturalmente, agi como se conhecesse o lugar. Quando entramos, ela me perguntou se havia alguma coisa que eu não comia. “Além das minhas omeletes.”

– Não sou grande fã de sardinha – disse. – Tirando isso, pode ir fundo.

Ela pediu um pequeno banquete. Vários queijos, pimentas assadas, uma salada de macarrão, azeitonas, carnes curadas, pão francês. Eu me ofereci para pagar. Pegando a bolsa, ela disse que faria de conta que não havia me escutado.

A próxima parada foi em uma loja de bebidas.

– Que tal vinho branco hoje? Eu prefiro Pinot Grigio – disse ela.

Pegou a garrafa, conferindo se já estava gelada. Estávamos prontos para o piquenique.

Ainda mais quando Nora me mostrou o cobertor que levava no portamalas. De cashmere, com um logotipo da Polo. Ela o havia pegado enquanto eu estava tomando banho.

Ficamos próximos ao lago Pocantico e encontramos um lugar que oferecia certa privacidade, sem falar da maravilhosa vista para a propriedade dos Rockefeller, com todos os seus caros vales, colinas e tudo o mais.

– Está vendo? Isso não é muito melhor que ir trabalhar? – perguntou ela depois que estendemos o cobertor.

Só que eu estava trabalhando. Enquanto conversávamos, bebíamos e comíamos, eu estava sutilmente fazendo o máximo possível para tirar de Nora algo que pudesse indicar seu envolvimento na morte de Connor Brown e o que dera início a toda aquela investigação: a transferência do dinheiro.

Tentando avaliar quanto ela conhecia de computadores, casualmente me referi aos firewalls de um novo programa que eu estava usando no escritório. Quando ela assentiu com a cabeça, eu ataquei:

– E pensar que há apenas um ano eu achava que um firewall tinha a ver com bombeiros.

– Somos dois. Eu só sei o que é por causa de um dos meus ex-clientes. Ele era um desses bambambãs da internet.

– Um daqueles milionários pontocom, é? Meu Deus, o que eles fazem com aquele dinheiro todo?!

Nora fez outra careta engraçada.

– Para a minha sorte, decoram a casa. Você não pode imaginar!

– É verdade. Mas posso imaginar quanto esses caras devem pagar de impostos.

– Pois é. Mas é claro que eles têm como minimizar esse pagamento.

– Você está falando de sonegação? Como assim?

Ela olhou para mim por um instante.

– É, mais ou menos isso.

Ela cerrou ligeiramente os olhos. Um pouco de hesitação que beirava a desconfiança. O suficiente para me fazer recuar.

Assim, durante o resto da tarde, eu segurei a onda. Como um cara que estivesse apenas aproveitando um dia de folga do trabalho com uma linda mulher de quem não conseguisse se cansar.

capítulo 77

VÁ EMBORA, O'HARA. CORRA, SEU idiota.

Mas não fui embora.

Depois do piquenique, assistimos a um filme no cinema de arte de Pleasantville. Foi ideia de Nora também. Estava passando *Janela indiscreta*, e ela me confidenciara que era um dos seus preferidos.

– Eu adoro Hitchcock. Sabe por quê? Ele é engraçado e também entende o lado sombrio da vida. É como assistir a dois grandes filmes pelo preço de um.

Quando o filme terminou, havíamos comido tanta pipoca que desistimos do jantar que Nora planejava no Iron Horse Grill, ali perto. Fiquei parado no estacionamento da cidade com ela como se estivéssemos de novo na escola, sem saber como terminar nosso encontro.

Mas Nora sabia.

– Vamos para a sua casa.

Olhei para ela por um instante, analisando sua expressão.

Ela já tinha visto “a minha casa”, aquela caixa de sapato caindo aos pedaços. Será que estava me testando para ver como eu iria reagir? Ou ela realmente não se importava com o lugar no qual eu vivia?

– A minha casa?

– Tudo bem?

– Claro. Mas preciso avisar que talvez não seja o que você está esperando.

– Como assim? O que eu estou esperando?

– Digamos que está bem longe daquilo com que você está acostumada.

Então Nora me olhou nos olhos.

– Craig, eu gosto de você. É só isso que importa. Apenas você e eu. Está bem?

Assenti.

– Está bem.

– Posso confiar em você?

– Sim, é claro que pode confiar em mim. Sou seu corretor de seguros.

Com isso, fomos para a minha casa. Nora não piscou ao vê-la... pela segunda vez. Ashford Court Gardens, meu lar, doce lar.

De mãos dadas, entramos.

– Preciso ressaltar que a faxineira está em greve – falei, sorrindo. – Ela reclamava das “insuportáveis condições de trabalho”.

Nora conferiu minha bagunça.

– Tudo bem. Isso me diz que você não está vendo mais ninguém. Até gostei, na verdade.

Ofereci uma cerveja, e ela aceitou. Na cozinha, ao entregar a lata, me certifiquei de fazer uma piada sobre os balcões de fórmica amarela antes dela.

Nora tomou um gole e largou a bolsa de couro vermelho.

– E então, você não vai me mostrar a casa?

– Você está vendo praticamente tudo – respondi.

– Você tem um quarto, não tem?

Eu dissera a mim mesmo que aquilo precisava parar imediatamente. É claro que, se eu estivesse falando sério, nós jamais estaríamos na minha cozinha. Eu teria dito algo no cinema, feito um teatro sobre querer “levar as coisas mais devagar”.

Em vez disso, já estávamos nos beijando no caminho para o quarto. Eu estava prestes a me jogar nos lençóis com Nora mais uma vez, o que daria um novo significado à expressão *investigador particular*.

Mas eu realmente estava planejando virar aquilo a meu favor. E sabia exatamente por onde começar.

capítulo 78

— **C**OMO VOCÊ MEXEU NA BOLSA dela sem que ela soubesse? – perguntou Susan.

Bem, depois que fizemos um sexo louco e selvagem no meu ninho de solteiro, esperei que ela caísse no sono. Então fui até a cozinha e vasculhei a bolsa dela.

Pensando bem...

– Tenho meus métodos – respondi simplesmente. – Não foi por isso que você me escolheu para esse caso?

– Vamos dizer que você tem currículo, O'Hara. E estava disponível.

Era o dia seguinte e eu estava atrás da mesa no escritório atualizando Susan sobre meu “jantar romântico” com Nora. A principal preocupação da chefe era que eu estivesse pegando pesado demais e viesse a assustar Nora.

Acho que não.

Depois de garantir a Susan que não era o caso, sua atenção se voltou para o que eu tinha encontrado na bolsa de Nora.

– Qual é o nome do picareta mesmo? – perguntou ela.

– Steven A. Keppler.

– E ele é um advogado tributarista de Nova York?

– Era o que dizia o cartão.

– E quando você poderá falar com ele?

– Aí é que está. Eu liguei, mas o tal Keppler está viajando de férias até a semana que vem.

– Claro que ele pode não saber de nada.

– Ou pode saber de tudo. Sou um otimista, lembra?

– Ele vai alegar sigilo profissional, se é que Nora é mesmo uma cliente.

– É bem possível.

– Se isso acontecer, o que você pretende fazer?

– Como eu disse, tenho meus métodos.

– Eu sei. E é isso que me assusta. Lembre-se de que é preciso ter cuidado com advogados. Alguns deles, acredite se quiser, realmente conhecem as

leis.

- É curioso como isso funciona, né?
- E você vai me manter informada? Sim, você *vai* me manter informada.
- Eu sempre faço isso.

Depois de desligar, empurrei a cadeira de trabalho para trás e respirei fundo. Eu me sentia inquieto e nauseado. Meu computador estava mostrando a proteção de tela, então apertei a tecla de espaço do teclado com o salto do sapato. O monitor voltou à vida. Fui com a cadeira para a frente e abri meu arquivo sobre Nora. Comecei a olhar as fotos que havia tirado no começo da investigação, depois do funeral de Connor Brown.

Parei na última foto e fiquei observando.

Era a foto dela conversando com a irmã de Connor, Elizabeth, na entrada da casa. Nora estava de preto, com o mesmo par de óculos escuros que usara no piquenique comigo. Elizabeth Brown era quase tão bonita quanto ela, só que era uma loura da Califórnia. Arquiteta, segundo minhas anotações.

Eu me inclinei e continuei olhando com muita atenção para a fotografia. Aparentemente, não havia nada diferente naquilo que eu estava vendo. Mas esse era o problema: *percepção versus realidade*. Ou Nora não tinha nada a esconder... ou enganava todo mundo. A polícia. Os amigos. Elizabeth Brown. *Meu Deus!* Será que ela podia estar mesmo ali parada conversando com toda a calma com a irmã do homem que havia assassinado?

Será que Nora era tão convincente assim? A esse ponto? O que a tornava tão perigosa era que eu não sabia dizer ao certo. Nem mesmo agora.

Eu só sabia de uma coisa: mal podia esperar para vê-la novamente.

Fechei o arquivo, dizendo a mim mesmo que eu estava fora de controle. Eu precisava fazer alguma coisa. Estava parado perto demais da chama e o calor estava começando a ficar forte. Precisava me afastar. *Deixe esfriar, O'Hara*. Ao menos por alguns dias.

Tive uma ideia. Talvez uma forma de conseguir reorganizar minhas prioridades.

Liguei para Susan novamente e disse o que eu queria fazer.

- Preciso de dois dias de folga.

capítulo 79

NORA SAIU DO ELEVADOR NO oitavo andar do Hospital Psiquiátrico Pine Woods. Tomou um gole d'água e jogou a garrafa plástica vazia no latão de lixo. Como sempre fazia, foi até a enfermaria. Só que não havia ninguém lá naquela tarde. Nem Emily. Nem Patsy. Ninguém.

– Olá? – chamou.

Não ouviu nenhuma resposta, apenas o eco da própria voz.

Nora hesitou por um instante antes de resolver continuar seguindo pelo corredor. Não que ela precisasse se apresentar depois de todos aqueles anos.

– Oi, mãe.

Olívia Sinclair se virou para a filha, que estava parada na porta.

– Oi – respondeu, com seu sorriso inexpressivo de sempre.

Nora lhe deu um beijo no rosto e pegou uma cadeira.

– Você está se sentindo bem?

– Eu gosto de ler, sabia?

– Sim, eu sei que gosta – disse Nora. Deixou a bolsa no chão e enfiou a mão na sacola plástica que trouxera. Tirou de dentro dela um exemplar do último livro de Patricia Cornwell. – Aqui está. Desta vez, não me esqueci.

Olívia Sinclair pegou o livro e passou a mão lentamente pela capa. Com o dedo indicador, percorreu as letras em alto-relevo do título.

– Você está com uma aparência boa, mãe. Tem ideia de quanto me assustou da última vez?

Nora ficou observando enquanto o olhar da mãe se mantinha fixo na capa brilhosa do livro. *Claro que ela não tinha ideia.* Os muros que havia construído a seu redor eram largos demais.

Mas esse fato, normalmente a causa da dor de Nora a cada visita, era agora motivo de alívio. Desde o momento em que a mãe sofrera o ataque, passara a cogitar a hipótese de ter sido a responsável por aquilo. Suas lágrimas, suas emoções, a repentina compulsão para admitir seus pecados, tudo o que ela não poderia ter levado para aquele quarto, havia disparado a reação. Quanto

mais pensava nisso, mais Nora se convencia de que era o que havia acontecido.

Até agora.

Olhar para a mãe, tão ausente, tão completamente inconsciente, era saber que o incidente não tivera nada a ver com ela. Por mais estranho que pudesse parecer, ser a responsável pelo ataque teria lhe dado esperança.

– Acho que você vai gostar deste livro, mãe. Me diga da próxima vez, está bem?

– Eu gosto de ler, sabia?

Nora sorriu. Durante o resto da visita, falou apenas de coisas positivas e divertidas. Às vezes, a mãe olhava para ela, mas, na maior parte do tempo, ficava olhando fixamente para a televisão desligada.

– Está bem, vou embora agora – disse Nora depois de cerca de uma hora.

Viu a mãe pegar o copo plástico sobre a mesa de cabeceira. Estava vazio.

– Quer um pouco de água, mãe?

Olívia assentiu, e Nora se levantou para pegar a jarra.

– Opa, está vazia também!

Nora pegou a jarra e seguiu até o banheiro.

– Já volto.

A mãe assentiu mais uma vez.

Então ficou esperando. Assim que ouviu o barulho da pia, enfiou a mão embaixo da coberta e pegou a carta que tinha escrito. Explicava muitas coisas que queria dizer à filha havia muitos anos, mas que sabia que não podia dizer.

Agora era o momento de dizer a verdade a Nora.

Olívia desceu da cama de pés descalços e foi até a bolsa aberta da filha, apertando a carta na mão. Deixou-a cair dentro da bolsa. Depois de todo aquele tempo, foi tão simples como desistir.

capítulo 80

— **A**Í ESTÁ VOCÊ!

Uma Emily Barrows assustada ergueu o olhar da cadeira na enfermaria para ver Nora parada diante dela, mais linda que nunca. Não havia escutado seus passos: estava envolvida demais no livro.

– Ah, oi, Nora.

– Não vi você quando cheguei.

– Desculpe, querida, eu devia estar no banheiro – disse Emily. – Estou sozinha aqui hoje.

– O que aconteceu com aquela outra enfermeira... a que você estava treinando?

– Você quer dizer a Patsy? Ela ligou mais cedo dizendo que estava doente.

– Emily fez um sinal para o livro aberto à sua frente. – Por sorte está sendo um dia tranquilo.

– O que você está lendo?

Emily mostrou a capa. *Tempo de misericórdia*, de Jeffrey Walker. Nora sorriu.

– Ele é bom.

– O melhor.

– Nada mau para os olhos também, não é?

– Ah, para quem gosta de homens altos e de uma beleza mais rústica, acho que sim.

Emily viu Nora rindo. Definitivamente não era a mulher tensa e melancólica que estivera ali da última vez. Na verdade, parecia estar no melhor humor de toda a sua vida.

– Foi boa a visita à sua mãe, Nora? Parece que sim.

– Foi boa, sim. Certamente foi melhor que a da última vez que estive aqui.

– Nora ajeitou os cabelos atrás das orelhas. – Falando nisso, eu gostaria de pedir desculpas por meu comportamento naquele dia. Agi de maneira muito

emocional. Você, por outro lado, cuidou de tudo calmamente. Você foi ótima. Obrigada, Emily.

– De nada, mas é para isso que estou aqui.

– Bem, que bom que você estava aqui. – Nora olhou para o livro de Emily.

– Vamos fazer o seguinte: quando sair o próximo livro dele, vou lhe trazer uma cópia autografada.

– É mesmo?

– Claro. Eu conheço o Sr. Walker. Fiz um trabalho para ele.

Emily deu um sorriso radiante.

– Ah, Deus, isso faria eu ganhar o dia. A semana inteira!

– É o mínimo que posso fazer. – Nora deu um sorriso caloroso. – Afinal, para que servem os amigos?

Verdade ou não, Emily sabia que tinha sido uma coisa legal de dizer. Nora se despediu com um aceno e seguiu até os elevadores.

Depois de vê-la apertar o botão para descer, Emily retomou a leitura do livro de Jeffrey Walker. Só quando ouviu as portas do elevador se fechando, foi que ergueu o olhar novamente. E então viu.

A bolsa de Nora estava em cima do balcão.

Emily imaginou que Nora se daria conta do esquecimento quando chegasse ao saguão. Mesmo assim, avisou à segurança. Depois de desligar o telefone, voltou ao livro. Mas antes de terminar uma frase, seus olhos novamente se voltaram à bolsa preta com jeito de cara.

Percebeu que estava aberta.

capítulo 81

ELAINE E ALLISON MAL PODIAM acreditar nos próprios ouvidos. Não estavam acostumadas a ouvir Nora falando sobre mais um homem, não desde a morte repentina do marido, Tom.

Mas era o que a grande amiga das duas estava fazendo durante o jantar daquela noite entre as paredes de tijolos do Mercer Kitchen, no SoHo. Na verdade, “falar” não era o melhor termo. *Tagarelar* seria mais adequado. Era algo que tinha muito pouco a ver com Nora.

– Ele tem uma energia incrível, muito mais do que aparenta. Tem essa confiança silenciosa que eu simplesmente adoro. É pé no chão, mas é especial.

– Nossa! Quem diria que um corretor de seguros poderia ser tão sexy? – brincou Elaine.

– Eu certamente não – disse Nora. – Mas o Craig, bem, ele *não deveria* fazer isso da vida.

– O mais importante: como ele se *veste*? – perguntou Allison, sempre editora de moda.

– Ele usa bons ternos, mas nada careta. Gosta de usar camisa sem gravata. Acho que nunca o vi de gravata.

– Muito bem, vamos direto ao ponto – disse Elaine, abanando a mão. – Como ele é na cama?

Allison revirou os olhos:

– Elaine!

– O quê? A gente conta tudo umas às outras.

– Sim, mas os dois acabaram de se conhecer. Como sabe se já transaram? – Allison se virou para Nora e deu um sorriso maroto.

– A gente já transou.

Elaine e Allison apoiaram os cotovelos na mesa.

– *E?* – perguntaram as duas ao mesmo tempo.

Nora, com total controle da situação, tomou lentamente um gole de seu Cosmopolitan.

– O sexo foi bonzinho... não, estou brincando. Foi incrível.

As três riram como adolescentes.

– Que inveja! – disse Elaine.

Nora ficou séria de repente, surpreendendo até a si mesma.

– Eu não me sinto sozinha quando estou com ele. Não me sinto assim há muito tempo. Acho... acho que somos muito parecidos.

Elaine se virou para Allison.

– Talvez a gente esteja procurando no lugar errado. Estamos na cidade com um milhão de homens solteiros e ela conhece o Sr. Incrível no subúrbio.

– Você não nos disse o que estava fazendo lá, para começo de conversa – disse Allison.

– Tenho um cliente em Briarcliff Manor – disse Nora. – Eu estava em Chappaqua, num antiquário, e lá estava ele, procurando por velhos caniços de pesca. Ele coleciona.

– E o resto é história – completou Allison.

– Ela o *pescou* lá – acrescentou Elaine. – Vou repetir: *que inveja!*

Ela não estava realmente com inveja, e Nora sabia disso. A única coisa que Elaine estava era feliz. Feliz por saber que a amiga, que parecia não conseguir tocar a vida, tinha encontrado alguém. E Allison estava igualmente alegre por Nora.

– E então, quando vamos conhecer esse Craig? – perguntou ela.

– É – disse Elaine. – Quando vamos conhecer o Sr. Incrível?

capítulo 82

DEPOIS DO JANTAR NORA VOLTOU para seu apartamento com uma coisa em mente: Craig. Toda aquela conversa sobre a vida sexual dos dois fizera com que ela desejasse sua companhia naquele momento. Mas teria que se contentar com a voz. Depois de vestir o pijama, deitou-se na cama e ligou para ele.

O telefone tocou cinco vezes antes de ele atender.

– Acordei você?

– De jeito nenhum. Eu estava no quarto, lendo.

– Alguma coisa boa?

– Infelizmente, não. Trabalho.

– Parece uma chatice.

– E é. Mais um motivo para eu ficar feliz por você ter ligado.

– Você está com saudade de mim?

– Mais do que você imagina.

– Eu também – disse ela. – Queria estar aí. Tenho a sensação de que você não estaria lendo...

– Ah, é? O que eu estaria fazendo?

– Você estaria me abraçando.

– Mais alguma coisa?

Nora sussurrou ao telefone:

– Estaria me beijando.

– Beijando onde?

– Na boca.

– Suavemente ou com força?

– Primeiro suavemente, depois com força.

– E onde estariam minhas mãos? – perguntou ele.

– Em lugares diferentes e interessantes.

– Onde exatamente.

– Nos meus seios, para começar.

– Hmmm. Bom começo, pelo que me lembro. Onde mais?
– Entre as minhas coxas.
– Ah, eu gosto disso.
– Espere... suas mãos estão indo mais para cima. Lentamente. Você está me provocando.

– Eu gosto disso mais ainda.

Nora mordeu o lábio inferior.

– Eu também, na verdade.

– Você consegue me sentir? – sussurrou ele.

– Sim.

– Eu estou dentro de você?

Clique.

– O que foi isso? – perguntou ele.

– Merda, é a outra linha.

– Ignore.

Nora olhou o identificador de chamadas.

– Não posso, é uma das minhas amigas.

– *Agora* ficou animado – disse ele, dando uma risada.

– Engraçadinho. Espere um instante, está bem? Saí para jantar com ela mais cedo e, se eu não atender, ela vai ficar preocupada.

Nora atendeu a outra linha.

– Elaine?

– Você não estava dormindo, estava? – perguntou ela.

– Não, eu estava *bem* acordada.

– Espere um pouco, você parece sem fôlego.

– Estou na outra linha.

– Não me diga... com o Craig?

– Sim.

– E eu liguei bem na melhor parte, não é?

– Tudo bem.

– Sinto muito.

– Não se preocupe.

– Só queria dizer de novo quanto estou feliz por você, querida. Agora volte a fazer o que estava fazendo.

– Acho que vou mesmo.

– *Que invejaaaa!*

Clique.

– Você ainda está aí? – perguntou Nora.

– Estou aqui – disse ele.

– E então, onde estávamos?

– Estávamos no momento em que descubro que definitivamente não vou conseguir dormir nesta noite.

– Eu também não. Amanhã irei até aí para a coisa de verdade.

Nora esperou que ele dissesse alguma coisa. Em vez disso, ouviu apenas o silêncio. *O que será que ele estava pensando?*

– Amanhã eu não posso – disse ele, por fim.

– Por que não?

– Tenho um compromisso profissional em Chicago, na matriz. Na verdade, era por isso que eu estava lendo.

– Que tipo de compromisso? Você não pode simplesmente não ir?

– Ah, vontade não me falta! É um seminário. Só que eu sou um dos palestrantes convidados.

– Ah – disse ela, decepcionada. – Que droga!

– Estarei de volta em dois dias.

– Você me liga de Chicago?

– Pode apostar que sim. Talvez possamos inclusive retomar a conversa de onde paramos hoje.

– Talvez, se você se comportar direitinho.

– Ah, eu vou me comportar, sim – disse ele. – Não precisa se preocupar comigo.

capítulo 83

MAS NORA SE PREOCUPOU.

Durante toda a noite, na verdade. Disse que não iria conseguir dormir, e estava certa. O que ela queria, o que desejava, era saber se Craig estava lhe dizendo a verdade. Foi o jeito como ele falou sobre o seminário. Havia sentido a mesma desconfiança quando eles se conheceram. *Alguma coisa não estava muito certa.*

No dia seguinte, Nora acordou ao nascer do sol. Não tomou banho. Não se maquiou. Não havia tempo a perder. Vestindo um agasalho velho e um boné que escondia os olhos, foi até Westchester. A primeira parada foi na casa de Connor em Briarcliff Manor.

Lá, fez uma troca, deixando o Mercedes conversível e pegando um dos dois outros carros que estavam juntando poeira na garagem. Um Jaguar XJR verde.

Assim, Craig não a reconheceria. Além disso, ela gostava quase tanto do Jaguar quanto do Mercedes.

Vinte minutos depois, estava estacionada na rua do apartamento de Craig, esperando com um grande copo de café no colo. Tomava a bebida e observava.

Na primeira vez que o seguiu, não sabia o que esperar. Agora, era diferente. Ele lhe dissera que tinha um voo ao meio-dia.

Por volta das dez horas, a velha porta descascada da frente se abriu, e ele saiu. Vestia uma camiseta amarelo-clara e um casaco esporte bege. Estava bonito. O *timing* fazia sentido, se ele estava mesmo indo para o aeroporto. E o que era melhor: estava levando uma mala.

Sentiu-se aliviada.

Ficou observando enquanto Craig pegava o BMW. Estava com os cabelos penteados para trás, ainda molhados do banho. Pensou que a boa aparência dele parecia muito natural. Sentia a sua falta, e ele nem sequer deixara a cidade ainda.

Ele saiu da garagem e virou o carro na direção de Nora. Rapidamente, ela se abaixou no banco do motorista, esperando que ele passasse. O Jaguar verde era apenas mais um carro parado ao lado da calçada, embora fosse o melhor de todos.

Nora o seguiria por alguns quilômetros até ter a absoluta certeza de que ele estava a caminho do aeroporto. Aí tudo ficaria bem. *Melhor* que bem. Ele ligaria de Chicago à noite, e ela lhe diria quanto sentia a sua falta, o que não seria nada difícil de fazer. Brincaria com ele sobre ter um orgasmo patrocinado pela companhia telefônica.

Nora sorriu com a ideia. *Qual é o meu problema?*, perguntou a si mesma.

Seguia Craig mantendo uma distância de aproximadamente cem metros enquanto ele seguia para sudeste na direção do aeroporto de Westchester. Era um trajeto que ela conhecia bem. No caminho, se autocensurou:

– Melhor paranoica que arrependida – era seu mantra preferido, mas ela sentia que havia exagerado um pouco desta vez.

Já tivera essas mesmas dúvidas a respeito de Craig antes, mas, como na primeira vez, segui-lo acabou dando em nada.

Quer dizer, até ele acionar o pisca-alerta.

capítulo 84

HAVIA VÁRIAS FORMAS DE CHEGAR ao aeroporto de Westchester, mas, infelizmente, aquela não era uma delas. O caminho nem mesmo poderia ser qualificado como uma rota bonita. Quando Craig sinalizou e virou, Nora soube imediatamente: ele tinha outro destino.

Não queria tirar conclusões precipitadas. Havia uma coisa chamada mentira “do bem”, e ela manteve a esperança. Talvez ele estivesse preparando alguma surpresa para ela.

Quilômetros depois, quando viu uma placa bem à frente indicando Greenwich, Connecticut, pensou na sua joalheria preferida lá, a Betteridge. Tentou imaginar Craig a presenteando com uma caixinha amarrada com uma fita e dizendo que tinha inventado a viagem a Chicago para poder surpreendê-la.

Mas Greenwich chegou e ficou para trás.

E, com ela, muito da esperança de Nora também. Ainda não queria tirar conclusões precipitadas, mas estava o mais perto possível de um ataque de raiva. Raiva, mágoa, uma mistura de emoções... e nenhuma delas boa.

Foi quando Craig entrou na cidade de Riverside. Pela forma como dirigia, estava claro que tinha familiaridade com a região. Por quê? No fim, ele virou numa rua sem saída.

Nora ficou na esquina e parou o carro. Olhou ao redor. As casas não eram imensas, mas eram bem-cuidadas. Bem diferentes do apartamento dele em Westchester.

Então, o que ele está fazendo aqui em Connecticut? Por que a mala? Por que a mentira?

Mais ou menos no meio da rua, o BMW parou numa entrada de garagem logo depois de uma caixa de correspondência vermelha. Nora ficou observando atentamente enquanto ele saía do carro, apertando os olhos para compensar a distância.

Ele se alongou, e então foi até a escada na entrada da casa, uma construção branca em estilo colonial com venezianas verdes.

Antes que tocasse a campainha, a porta se abriu e dois meninos saíram correndo.

As crianças pularam em seus braços, e ele os abraçou e beijou de um jeito que de imediato eliminava as possibilidades de se tratar de um tio, primo ou padrinho. Craig Reynolds era definitivamente o pai dos dois.

Isso quer dizer que ele é... casado?

Os olhos de Nora se lançaram para a porta de entrada à procura de mais alguém. Sentia o coração bater forte e uma vontade de vomitar. Mas assim que viu a mulher parada na porta, se deu conta de que não poderia estar vendo a Sra. Craig Reynolds. A não ser que ele tivesse uma queda por mulheres do tipo vovós estrangeiras. Aquela mulher tinha a palavra *babá* escrita na testa.

Então outra coisa chamou a atenção de Nora. No segundo andar da casa, debruçando-se na janela mais distante, havia outra mulher. Atraente, de uma forma suburbana. Estava acenando. Tinha algo diferente escrito na testa.

Esposa.

Nora atirou a cabeça para trás no encosto e xingou como louca. Todos os palavrões possíveis.

– Craig, seu mentiroso de merda, escroto e filho da puta!

Nora continuou observando enquanto ele levava os dois meninos para dentro. Não conseguia parar de olhar para eles. Estava tentando entender toda a situação. Ainda havia uma parte que não fazia sentido: por que ele tinha um apartamento em Westchester, se vivia ali?

Mal acabou de formular a pergunta, a porta da frente se abriu de novo. Craig e os dois meninos saíram, rindo e brincando. Cada um dos filhos levava uma mochila. Craig levava uma grande bolsa. Os três entraram no BMW. Estavam saindo. Para ir aonde?

Nora olhou para a placa de RUA SEM SAÍDA à sua frente. Engatou o carro. Não poderia deixar que Craig notasse um segundo Jaguar verde estacionado perto dele no mesmo dia.

Virou na rua seguinte e ficou parada lá por alguns minutos, pensando no que iria fazer a seguir. Não estava nem aí para saber aonde Craig levaria os filhos. Certamente não seria a um seminário em Chicago que tivesse ele como palestrante convidado. O que mais precisava saber além do fato de que ele estava traindo a mulher?

Nada.

Resolveu voltar para Westchester. Mais tarde, Craig ligaria para ela. Isso seria interessante, não seria?

Mas Nora não conseguiu se controlar. Antes de pegar a estrada de volta, tinha que dar mais uma olhada na casinha bonitinha dele no subúrbio. Uma olhada mais atenta. Era quase como se não conseguisse acreditar no que tinha visto nos últimos minutos. Craig certamente era uma figura, não era? Na verdade, era mais parecido com ela do que ela jamais poderia ter sonhado. Será que era daí que vinha a atração?

Virou na rua de Craig e se aproximou lentamente da entrada da garagem. De repente, pisou fundo no freio e olhou fixamente. Do lado da caixa de correspondência havia um nome desbotado, mas ainda legível.

Nora *realmente* não conseguia acreditar no que estava vendo.

O nome na caixa de correspondência era O'HARA.

capítulo 85

ESTIMULADA PELA RAIVA, PELA TRAIÇÃO e talvez até por um pouco de coração partido, Nora dirigiu feito louca de volta a Westchester. Estava fora de si e fervendo de desprezo.

Mas também se viu dominada por perguntas não respondidas – perguntas perigosas. Por que aquele esquema montado por O'Hara? Será que realmente havia uma apólice de seguro? E o sexo... como entrava nessa história? A única coisa que ela sabia com certeza era que tinha sido ludibriada, e por um especialista.

Que tal, querida? Ludibriada por um profissional.

Chegou à casa de Westchester e teve um surto, quebrando objetos caros por todo lado. Virou uma mesa e rasgou um quadro. Atirou um vaso Baccarat na parede. Havia cacos de vidro em toda parte.

Agora era a vez de Nora se destruir.

Bebeu mais que meia garrafa de vodca, resmungando sozinha o tempo todo, até as palavras se tornarem um único grande discurso ininteligível. Jurou vingança, mas o planejamento e a execução teriam que esperar. No meio da tarde, ela estava desmaiada no sofá da sala de estar.

Não acordou até o dia seguinte. Apesar de terrível, a ressaca foi quase uma bênção, porque, para começo de conversa, desviou seus pensamentos do que a fizera beber.

Mas não por muito tempo. Enquanto preparava um café, toda a raiva voltou. Culpa do aroma. Baunilha com avelã. O mesmo café que havia tomado com Craig logo depois que ele se apresentou a ela.

Só que ele não era Craig. Nunca foi Craig.

A ressaca acabou diminuindo. Com a mente mais clara, retornou àquelas perguntas sem respostas. Primeiramente, por que O'Hara estava se fazendo passar por outra pessoa?

Esqueça a apólice de seguro. Será que a empresa Centennial One sequer existe?

Depois de ver o escritório na cidade, ela deduzira que existia. Agora, todas as apostas haviam mudado. Nora pegou o telefone e ligou para a central de informações de Chicago, perguntando pela suposta matriz da Centennial One.

– Por favor, aguarde o número – disse a telefonista.

Mas Nora não estava convencida de que isso provasse alguma coisa. Anotou o número e ligou em seguida.

– Bom dia. Seguros de Vida Centennial One – disse uma mulher com uma voz agradável.

– Bom dia. Posso falar com John O’Hara, por favor?

– Sinto muito. O Sr. O’Hara está viajando.

– Posso ter acesso à caixa postal dele?

– Infelizmente, o sistema de caixa postal não está funcionando no momento – disse a mulher.

– Que conveniente!

– Desculpe?

– Não é nada.

– Se desejar, posso anotar um recado,

– Não, tudo bem. – Nora estava prestes a desligar. – Sinto muito, qual é seu nome?

– É Susan.

– Na verdade, Susan, eu tenho mais uma pergunta. Você pode me dizer se ainda há um Craig Reynolds trabalhando na empresa?

– Só um instante, deixe-me consultar o sistema. Você disse Reynolds, certo?

– Sim.

– Ah, ele trabalha aqui, sim! O Sr. Reynolds trabalha em um dos nossos escritórios em Nova York. Em Briarcliff Manor, para ser mais exata. Você gostaria do telefone?

– Claro.

Nora anotou o telefone.

– Obrigada, Susan.

– Não há de quê, senhorita... — fez uma pausa. – Sinto muito, qual você disse que é seu nome?

– Eu não disse.

Nora desligou. Imediatamente, foi até a bolsa e recuperou o cartão de visita que “Craig” lhe dera. É claro que os números batiam.

– Ah, você é bom, O’Hara! – resmungou ela sozinha enquanto pegava as chaves do carro.

Mas a lua de mel havia terminado.

PARTE QUATRO

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

capítulo 86

NORA CONTINUOU APERTANDO O BOTÃO de busca automática do rádio, saltando de uma estação para outra durante todo o trajeto até Briarcliff Manor. Não tocava nem uma única música que ela quisesse escutar. A maioria era rap, o que lhe dava vontade de gritar. Por fim, foi o que fez! Estava ansiosa e agitada, e não apenas por causa de todo o café que havia tomado. Pensar em O'Hara a tinha deixado ligada.

Quando o celular tocou, ela quase saiu da estrada.

É ele.

Seu primeiro instinto foi o de confrontá-lo ali mesmo, com algumas palavras selecionadas especialmente para deixar claro que ela sabia quem ele realmente era. Mas quando atendeu ao telefone, decidiu pelo contrário. O'Hara não iria escapar com tanta facilidade.

Nora olhou para o identificador de chamada. Com o brilho do sol, não conseguiu ver o número. Ainda assim, tinha certeza de que era ele.

– Alô?

– *Por onde você andou?*

Era o fim da certeza. A voz levemente irritada na ligação pertencia a Jeffrey. Fazia dois dias que não retornava as ligações dele.

– Sinto muito, querido, eu tenho tentado ligar. Você foi mais rápido desta vez.

Instantaneamente, ele se desarmou.

– Puxa, eu estava ficando preocupado, querida. Não conseguia imaginar por onde você andava.

Ela precisava de uma desculpa, e que fosse boa.

– É aquela mesma maldita cliente... a cliente dos infernos. Você sabe, aquela que ameaçou me despedir se eu não escolhesse os tecidos pessoalmente com ela.

– Como eu poderia esquecer... ela me custou um fim de semana sem você.

Nora permaneceu em silêncio, o que era preocupante.

- Ah, não – reclamou ele. – Não me diga!
- Vou tentar me livrar.
- O que ela está exigindo agora?
- Quer que eu vá à casa dela em East Hampton para ver o novo conservatório. É uma boa cliente, uma das mais antigas.
- Já é sexta-feira, Nora. Quando você terá certeza?
- Ele está bravo. Só me chama de Nora quando está furioso.*
- Eu ia ligar para você hoje à tarde. Acredite em mim, a ideia de passar mais um fim de semana com essa mulher está me matando. E estou com *saudade* de você.
- Na verdade, você parece estressada, querida. Tirando o trabalho, está tudo bem?
- Sim, está tudo bem. – A imagem de O'Hara surgiu em sua mente. – Às vezes, basta uma pessoa para nos deixar mal, sabe?
- Mais um motivo para ficar com a única pessoa que pode deixar tudo melhor – disse Jeffrey. – Me liga mais tarde? Amo você.

Nora concordou e se despediu, terminando a ligação com um “eu também amo você”.

Ficou satisfeita com sua “manutenção” de Jeffrey de última hora, mas não muito. Estava ficando mais difícil manter a coerência das mentiras, o que significava risco. No entanto, não pretendia se comprometer com Jeffrey no fim de semana sem dar uma conferida melhor em O'Hara e no que ele estava aprontando.

Um minuto depois, chegou ao centro da cidade. Milagrosamente, encontrou uma vaga. Então saiu e olhou para a placa acima das janelas do segundo andar.

“Seguros de Vida Centennial One.”

Leu o nome lentamente, como se de alguma forma tivesse deixado algo escapar na primeira vez. Não ia tomar nada como certo.

Não mais, O'Hara.

capítulo 87

— OI, POSSO AJUDÁ-LA?

Através dos óculos escuros, Nora encarou a alegre jovem sentada atrás da mesa: 20 e poucos anos, olhos inteligentes. *Qualificada demais para o emprego.*

– Sim, estou aqui para ver Craig Reynolds. Ele está?

Observou enquanto a jovem hesitou um pouco.

Ela deve estar envolvida no teatrinho. E não é uma má atriz, na verdade.

– Sinto muito, o Sr. Reynolds não está no momento.

Nora olhou para o relógio.

– Ele está no almoço? Quem sabe no Amalfi's?

– Na verdade, ele está viajando.

– Sabe quando ele volta?

– Acredito que na segunda-feira – respondeu a jovem. – A senhora tinha um horário marcado com ele? Ou gostaria de marcar um?

– Não. Craig disse apenas que eu devia passar por aqui. Mas talvez você possa me ajudar. Estou tentando conseguir uma cópia de uma apólice de seguro.

Houve de novo uma leve hesitação, um pequeno desviar do olhar. Não fosse por isso, a garota seria excelente interpretando o papel.

– A apólice é sua? – perguntou ela.

– Não, eu sou a beneficiária.

– Entendo. – A jovem meneou a cabeça. – Infelizmente, só tenho como dar uma cópia ao segurado.

Nora olhou para a plaquinha com o nome em cima da mesa.

– Molly, certo?

– Sim.

– Bem, Molly, isso seria um pouco difícil neste caso, já que o segurado está morto.

– Ah, nossa, eu sinto muito!

– Sim, eu também. Ele era meu noivo.

Uma expressão de reconhecimento tomou conta do rosto de Molly.

– Você é a Srta. Sinclair, não é?

– Como você sabe?

Molly olhou em volta como se quisesse enfatizar o tamanho do escritório.

– Temos uma operação de apenas duas pessoas, de modo que tenho conhecimento do seu caso. Mais uma vez, eu sinto muitíssimo.

Nora tirou os óculos escuros e olhou Molly diretamente nos olhos.

– Então imagino que não seria um problema me dar uma cópia da apólice, certo?

Molly piscou algumas vezes antes de sorrir.

– Claro que não. Deixe-me ver se consigo localizá-la na sala do Sr. Reynolds.

Quando a moça se levantou e foi até a sala dos fundos, Nora olhou ao redor. Era um escritório pequeno, com todo o jeito de ser legítimo. Havia arquivos sobre as mesas e panfletos de divulgação. Ainda assim, alguma coisa não estava bem certa. Em outras palavras: Molly. Para alguém que supostamente sabia de tudo o que acontecia no escritório, ela estava improvisando um pouco demais.

Foi quando ela voltou com as mãos vazias e balançando a cabeça negativamente.

– Sinto muito, Srta. Sinclair, não consegui encontrar a apólice – disse.

Nora deu um tapa na testa.

– Sabe do que mais? Acabei de me dar conta de uma coisa. Craig me disse que a apólice estava na matriz de Hartford.

– Ele disse? Ah, bom, então é onde deve estar.

Observou Molly por um instante. A jovem havia improvisado demais. Aparentemente, seu “chefe” tinha se esquecido de lhe dizer que a matriz da Seguros de Vida Centennial One devia ser em *Chicago*.

Nora pôs os óculos escuros novamente.

– Neste caso, é melhor esperar até segunda-feira, quando Craig estiver de volta.

– Direi que você passou por aqui, está bem?

Tenho certeza disso, Molly.

Nora voltou para o carro e sem perder tempo pegou o celular. O efeito propagador que O'Hara estava exercendo em sua vida de repente parecia mais uma contracorrente. Nora apertou 2 na discagem rápida. A partir de agora a questão era esta: *rapidez*. Precisava agir rápido e atar todas as pontas soltas.

- Alô?
- Ótima notícia, querido – disse ela.
- Você conseguiu se liberar?
- Consegui. Então serei toda sua nesse fim de semana.
- Fantástico! – disse Jeffrey. – Estou morrendo de vontade de ver você.

capítulo 88

ESTAVA TUDO ABSOLUTAMENTE SILENCIOSO ENQUANTO nós três caminhávamos para nosso especialíssimo local de acampamento para a noite. Aquilo seria ótimo. Seria *perfeito*.

– Nós vamos nos encencar, papai?

Olhei para Max, o mais novo de meus dois meninos. Aos 6 anos, ele estava apenas começando a ter noção de responsabilidade. Enquanto isso, era o pai dele que talvez precisasse de um curso de reciclagem. Ainda que não nesse caso em especial.

– Não, nós temos uma autorização especial para estar aqui nesta noite – expliquei.

– É, bobão – soltou John Júnior. – O pai não nos traria aqui sem pedir primeiro. Certo, pai?

Aos 9 anos, John Júnior havia muito tempo descobrira a alegria detestável de ser o irmão mais velho.

– Calma, J.J. – eu disse a ele. – O Max fez uma pergunta boa e inteligente. Fez mesmo, Max.

– Viu? – exclamou Max. – Inteligente!

Sorri e apertei o passo.

– Vamos, meninos, estamos quase lá.

Em algumas viagens anteriores, eu os levava à montanha Bear e à trilha Mohauwk. Tínhamos ido até o Yellowstone por uma semana. Agora sentia necessidade de fazer alguma coisa realmente diferente. Ou talvez fosse minha culpa – por Nora – que eu estivesse tentando aliviar. De qualquer maneira, tinha uma noite com os meninos e estava decidido a torná-la incrível.

Olhei para eles quando paramos.

– E então, o que vocês acham?

Max e John Júnior arregalaram os olhos e ficaram boquiabertos. Para variar, estavam mudos... e eu estava adorando aquilo. Não havia muitos

pontos de acampamento no Bronx, mas eu tinha certeza de ter encontrado o melhor.

– Bem-vindos ao estádio dos Yankees, meninos.

Os dois imediatamente largaram as mochilas e correram até o campo. Era fim de tarde e não havia ninguém por perto. Ninguém além de nós três. O time estava em uma viagem à Costa Oeste e o lugar estava à nossa disposição. “Só feche tudo quando sair”, disse meu amigo da entrada. Ter uma dívida com um cara do FBI não seria a pior coisa que ele fez na vida.

Abri minha bolsa e tirei de dentro dela todos os equipamentos necessários. Tacos, luvas, camisetas e uma dúzia de bolas velhas.

– Muito bem, quem quer bater primeiro?

– Eu, eu, eu!

– Não, eu, eu, eu!

Até os últimos raios de sol desaparecerem atrás do imenso placar e das arquibancadas, meus dois filhos e eu nos divertimos horrores no estádio dos Yankees.

– A gente vai mesmo dormir aqui? – perguntou John Júnior, encantado.

– Claro que sim, bobão! – respondeu Max, animado, implicando com o irmão mais velho. – O papai já disse.

– É isso mesmo, eu disse. – Fui até a mochila e peguei a barraca desmontada. – E agora, vamos ficar virados para que lado?

Estava com um dedo apontando para o meio do campo e outro na direção da base do batedor.

– Vamos fazer o seguinte... ficar no meio-termo, perto da terceira base. Era onde meu Yankee preferido jogava quando eu era pequeno.

– É, o meu também – gritou John Júnior. – Alex Rodriguez! A-rod!

Montamos nossa pequena barraca. Na verdade, eu a montei enquanto Max e John Júnior continuaram correndo animadamente pelo campo. Ainda estavam explodindo de empolgação e era incrível vê-los assim. Talvez eu finalmente estivesse organizando minhas prioridades.

capítulo 89

OS DOIS SE ABRAÇARAM E se beijaram como um casal de adolescentes excitados no saguão da casa em Back Bay. Nora havia acabado de chegar.

– Que coisa boa! – disse Jeffrey, apertando-a nos braços. – Tenho você por um fim de semana inteiro. Imagine só.

– Não me venha com sarcasmo. Eu me sinto mal de mantê-lo longe de seu livro. Sei como está perto de acabar.

– Na verdade, não estou mais.

Ela olhou para ele, confusa, e então ele abriu um enorme sorriso.

– Você terminou?

– Ontem, depois de virar a noite. Acho que estava canalizando a frustração de não conseguir falar com você.

– Está vendo? – disse ela, dando um cutucão de brincadeira no peito dele.

– Eu devia deixá-lo em suspenso mais vezes.

– É engraçado você dizer isso.

– Como assim?

– A parte de ficar em suspenso. Eu mudei o fim. Agora o personagem principal morre enforcado.

– É mesmo? Deixe eu ler.

– Vou deixar, só quero lhe mostrar uma coisa antes. Venha.

– Sim, mestre. Aonde mandar.

Ele a pegou pela mão e a levou para o andar de cima. Passaram pela biblioteca e seguiram na direção da suíte principal.

– Se você vai me mostrar o que eu acho que vai me mostrar, eu já vi – ironizou ela.

Ele riu.

– Você só pensa nisso!

Poucos passos antes da porta do quarto, ele parou e se virou.

– Agora, feche os olhos – sussurrou.

Nora obedeceu, e ele a guiou para dentro do quarto.

– Pronto, pode abrir.

Nora abriu. E sua reação foi instantânea.

– Ai, meu Deus!

Olhou para Jeffrey e então de novo para cima da lareira. Aproximou-se lentamente. Uma pintura a óleo... dela.

– E então?

– É linda – disse ela, antes de se dar conta de como aquilo podia parecer estranho, considerando-se que era um retrato dela. – Quero dizer...

– Não, é linda mesmo. – Ele a abraçou por trás e pousou a cabeça sobre a dela. – Como poderia não ser?

Ela continuou olhando fixamente para o quadro. Por fim, seus olhos começaram a se encher de lágrimas. Ele realmente a amava. O quadro representava o que ele sentia, como a via.

Jeffrey a abraçou mais uma vez.

– Está vendo, não era um colchão. Era uma tela. – Olhou por cima do ombro para a cama com dossel de mogno. – Claro, agora que estamos aqui em cima...

Nora se virou para olhar de frente para ele.

– Você sabe mesmo como levar uma mulher para a cama, não é?

Ele deu um sorriso.

– Tudo o que for preciso.

– Eu amo isso – disse ela.

– E eu amo você.

Os dois se beijaram e tiraram as roupas, seguindo para a cama. Ele a levantou gentilmente, como se fosse uma pena em seus braços fortes. Deitou-a sobre o edredom e fez uma pausa antes de se unir a ela. Nem piscou, tudo o que queria era aproveitar a visão. E Nora deixou que ele fizesse isso. Ele merecia olhar para seu corpo nu. Ele era muito bom para ela.

No começo, fizeram amor lentamente. Depois, com mais ardor, sem amarras. Com os braços e as pernas entrelaçados como numa fusão. Até que, afinal, explodiram. Ao menos Jeffrey. Nora interpretou seu papel à perfeição, pelo menos tão bem como Meg Ryan em *Harry & Sally*, ainda que não com objetivos cômicos.

Os dois ficaram abraçados por um minuto, sem dizer palavra alguma. Suspirando fundo, Jeffrey finalmente se virou de lado e disse:

– Estou com fome. E você?

Usando o travesseiro, Nora ergueu a cabeça. Não pôde deixar de ver o retrato na parede, e por um instante, encarou os próprios olhos. Imaginou se haveria outra mulher no mundo igual a ela.

– Sim – respondeu Nora, afinal, falando baixinho. – Estou com fome também.

capítulo 90

NORA ESTAVA EM PÉ DIANTE do fogão de aço inoxidável polido, parecendo um sonho, quando Jeffrey entrou na cozinha.

– Você tinha razão – disse ele. – A ducha caiu muito bem.

– Está vendo? Eu sei o que é melhor para você.

Ele espiou a frigideira por cima do ombro dela.

– Tem certeza de que não tem nada que eu possa fazer aqui?

– Nadinha, querido. Estou com tudo sob controle.

Pegou a espátula. Não havia mesmo nada que ele pudesse fazer. Ela tinha tomado a decisão. Enquanto ele se sentava, ela dava a última virada na omelete.

Não há como voltar atrás. Preciso fazer isso. Hoje.

– Ah, eu me esqueci de dizer – começou ele. – Aquele fotógrafo da revista virá aqui no fim de semana que vem. Chegará no sábado à tarde para fazer nossas fotos para a reportagem.

– Isso significa que você pensou bastante e já tomou sua decisão?

– Sobre contar ao mundo que cara de sorte eu sou? Sim. Jeffrey Walker e Nora Sinclair são um casal feliz. Na verdade, estou me sentindo ainda mais confiante quanto a ir a público.

Ela prendeu o riso.

– O quê?

– Você faz a coisa toda parecer uma abertura de capital para o mercado – explicou ela. – Parece um negócio. – Nora se virou novamente para o fogão e passou a omelete de Jeffrey para um prato.

Durante um minuto silencioso, ela se sentou à mesa com ele e o observou engolindo garfada após garfada. Ele parecia feliz e contente. E por que não estaria?

– Conte sobre o livro – ela acabou por dizer. – Termina com um enforcamento?

Ele assentiu.

– Já escrevi sobre guilhotinamentos, duelos de espadas e esquadrões de fuzilamento, mas nunca sobre um bom e velho enforcamento. – De repente, levou as mãos ao pescoço e fez um barulho de engasgo antes de começar a rir.

Nora fez o máximo para sorrir também.

– Sabe, Nora, acho que precisamos falar sobre...

– O que houve?

Jeffrey abriu os olhos lentamente.

– Nada – disse ele, com um pigarro na garganta. Pigarreou. – O que eu estava dizendo? Ah, é... precisamos falar sobre a...

Mais uma vez, parou de falar. Nora observava o rosto dele cuidadosamente. A droga estava fazendo algum efeito, mas ela ficou preocupada de ter medido mal a dose.

A esta altura ele já deveria estar sofrendo. Alguma coisa deu errado.

– O que eu estava dizendo? – perguntou ele novamente, esforçando-se por se recompor.

Assim que terminou de pronunciar a pergunta, começou a se balançar na cadeira. Então começou a soar como um disco riscado.

– Precisamos falar sobre... falar sobre... sobre a lua de mel.

Agarrou o estômago, arfando de dor. Olhou desamparadamente nos olhos de Nora.

Ela se levantou, foi até a pia e encheu um copo com água. Virada de costas, rapidamente verteu o pó, uma overdose de prostigmina, ou, como seu primeiro marido, Tom, o cardiologista, gostava de chamar, o catalisador. Combinado com o fosfato de cloroquina que Nora havia misturado à omelete, a droga aceleraria o colapso respiratório e, por fim, levaria à falência cardíaca. Tudo enquanto ia sendo completamente absorvida pelo organismo.

– Tome isto aqui – disse a Jeffrey, passando-lhe o copo.

Ele tossiu e salivou.

– O... o que é isso? – perguntou, mal conseguindo focar a mistura borbulhante.

– Apenas beba.irá resolver tudo.

capítulo 91

ELE QUERIA RESPOSTAS. PRECISAVA FAZER a conexão correta. Precisava compreender as peças do quebra-cabeça.

De repente, aquilo tinha se tornado muito pessoal para O'Hara, o Turista.

O arquivo misterioso que ele havia recuperado em frente à Grand Central Station.

A lista de nomes, endereços, contas de bancos e quantias.

Um entregador de pizza tentara matá-lo.

Mas quem estava por trás daquilo? O vendedor original, o chantagista?

Sua própria gente?

O que eles queriam? Será que sabiam que ele tinha copiado o arquivo? Ou apenas suspeitavam disso? Ou eles estariam simplesmente se certificando, caso ele tivesse copiado?

Eles não confiam em mim. Eu não confio neles. Não é ótimo?

É como o mundo está, hoje em dia.

Assim, de qualquer forma, a cada instante livre que tinha, como depois de seu grande dia com os meninos no estádio dos Yankees, ele trabalhava nos nomes do arquivo, tentando compreendê-lo. A verdade, porém, era que ele não era exatamente um gênio nesse tipo de coisa.

Mas havia chegado à seguinte conclusão: todos os nomes do arquivo eram de pessoas que estavam guardando dinheiro ilegalmente em contas bancárias no exterior.

Mais de um bilhão de dólares.

Entrara em contato com alguns dos bancos da lista, mas esse provavelmente não era o melhor caminho a seguir.

Ligara para as casas de alguns dos indivíduos marcados. Mas esse também não era o melhor caminho. O que ele estava esperando? Que eles admitissem?

Então, no fim da noite de domingo, ele estava lendo a seção de estilo do *New York Times*. Por outros motivos, na verdade. Motivos relacionados com

Nora Sinclair. Coisas sobre as quais poderia conversar com ela.

E lá estava!

Bam!

Bingo!

Três, quatro, cinco, nove, onze nomes da “lista”, todos na mesma festa de figurões realizada no Waldorf-Astoria.

E ele finalmente entendeu... a chantagem, o golpe, o pânico em torno daquilo, e até mesmo o motivo de ele ter sido chamado para garantir que tudo saísse perfeitamente bem. E por que alguém queria matá-lo, só porque ele *poderia* saber alguma coisa.

O que, no fim das contas, ele definitivamente sabia.

O'Hara sabia muito mais do que gostaria de saber.

Sobre os *dois* casos em que atuava disfarçado.

capítulo 92

RÁPIDO, RÁPIDO, O'HARA. VAMOS EM frente. Susan queria uma prisão, e isso queria dizer que eu estava numa emergência, o que significava que, presumivelmente, não haveria problemas se eu flexibilizasse algumas regras. Pelo menos era essa a minha desculpa. É claro que às vezes eu só ouço o que quero ouvir.

Sentado numa cadeira diante de Steven Keppler, não pude deixar de notar algumas coisas logo de cara. Primeiro, o advogado tinha um terrível penteado para disfarçar a careca. Muita área para pouco cabelo. Segundo, o tributarista de Nora estava nervoso.

Claro que muita gente fica nervosa quando está perto de um agente do FBI. A maioria delas, sem motivo algum.

Dispensei qualquer conversa amena e peguei uma fotografia no bolso do meu casaco. Era a impressão de uma das fotos digitais que eu havia tirado no primeiro dia em Westchester.

– Você reconhece esta mulher? – perguntei, mostrando a foto a ele.

Ele se inclinou por cima da mesa e respondeu rapidamente:

– Não, acredito que não.

Estendi o braço para que ele pudesse ver melhor.

– Aqui, dê uma olhada melhor. Por favor.

Ele pegou a foto e, ao estudar a imagem, pareceu um ator de filme B: franziu as sobrancelhas, semicerrou os olhos e, por fim, encolheu exageradamente os ombros e balançou a cabeça em negação.

– Não, ela não me parece familiar – disse. – Mas é uma mulher muito bonita.

Steven Keppler devolveu a foto e eu cocei o queixo.

– Isso é realmente esquisito – disse.

– E por quê?

– Como essa linda mulher teria seu cartão de visita sem conhecê-lo?

Ele se remexeu desconfortavelmente na cadeira.

– Talvez alguém tenha dado a ela – respondeu.

– Claro, imagino que sim. Só que isso não explicaria por que essa mulher teria me dito que conhece você.

Keppler segurou a gravata com uma mão enquanto arrumava os cabelos com a outra. A inquietação estava agora oficialmente acima da média.

– Posso dar mais uma olhada na foto, por favor?

Entreguei a foto a ele e fiquei observando, certo de que estava prestes a presenciar um exemplar clássico de canastrice. Sem dúvida nenhuma.

– Ah, só um instante! Acho que sei quem ela é. – Bateu na fotografia algumas vezes com o indicador. – Simpson... Singleton?

– Sinclair.

– É claro, Olívia Sinclair.

– Na verdade, é *Nora*.

Ele meneou a cabeça.

– Não, tenho certeza de que o nome dela é Olívia.

Isso vindo de um sujeito que um minuto atrás tinha dito que não sabia quem ela era.

– Então imagino que ela seja cliente sua? – perguntei. – Linda, como você mesmo disse. Fico surpreso que não tenha se lembrado.

– Eu fiz um trabalho para ela, sim.

– Que tipo de trabalho?

– Agente O'Hara, você sabe que eu não posso lhe dar essa informação.

– Claro que pode.

– Você sabe o que estou querendo dizer.

– Sei, é? A única coisa que sei é que você alegou não reconhecer uma de suas clientes, que calhou de ser suspeita na minha investigação. Em outras palavras: você mentiu para um agente federal.

– Preciso lembrá-lo de que você está falando com um advogado?

– Preciso lembrá-lo de que eu posso estar de volta aqui em uma hora com um mandado de busca para revirar seu escritório?

Encarei Keppler, esperando que ele cedesse. Em vez disso, o sujeito demonstrou ter alguma coragem. Na verdade, partiu para a ofensiva.

– Suas ameaças podem funcionar em alguns lugares – disse ele, com o queixo erguido. – Mas eu protejo a privacidade de meus clientes. O senhor deve se retirar agora.

Eu me levantei.

– Você tem razão – eu disse, suspirando fundo. – Tem direito ao sigilo profissional, e eu agi de modo impensado. Sinto muito.

Enfiei a mão no bolso do casaco.

– Olhe só, aqui está meu cartão. Se mudar de ideia ou precisar de proteção policial, ligue para meu escritório.

O rosto dele ficou sério.

– Proteção policial? Você está me dizendo que essa mulher é perigosa? Olívia Sinclair? Por que exatamente ela está sendo investigada?

– Infelizmente, não posso lhe dizer, Sr. Keppler. Mas, ora, tenho certeza de que, se ela lhe confiou algum dos negócios dela, deve estar convencida de que você seria muito discreto e jamais divulgaria nada a respeito disso, certo?

A voz do homem subiu uma oitava.

– Espere um instante... onde Olívia Sinclair está agora? Quero dizer, você a está seguindo, certo?

– Aí é que está. Nós a estávamos seguindo, mas não sei onde ela está agora. Sr. Keppler, eu não posso lhe contar tudo sobre esse caso, mas posso lhe adiantar uma coisa: envolve assassinato. E, possivelmente, mais de um.

Acabou ali a coragem do advogado e a proteção à privacidade do cliente. Quando por fim conseguiu voltar a juntar palavras, ele pediu que eu me sentasse novamente.

– Como todo o prazer – respondi.

capítulo 93

O LIVRO DE JEFFREY TINHA SIDO escrito. Sua conta estava limpa e nenhuma autoridade suspeitara de nada. O fotógrafo da revista *New York* nunca tirou suas fotos e a entrevista foi cancelada. De modo geral, Nora sabia que deveria ficar satisfeita com o rumo que as coisas tinham tomado em Boston. No entanto, quando voltou a Manhattan e a seu loft no SoHo, sabia que tudo estava errado.

Ela estava pensando em O'Hara.

Fez uma pausa antes de pegar o celular. E alertou a si mesma: não podia deixar escapar o que sabia.

Digitou os números do telefone e aguardou.

– Alô?

Ora, ora, o próprio malandro.

– É o meu parceiro sexual telefônico? – perguntou Nora.

Ele deu uma risada:

– Mãe, é você?

Apesar de tudo, ela riu.

– Ai, que horror!

– Eu queria que tivesse graça.

– E então, Sr. Craig Reynolds, por que você não me ligou de Chicago? Estava ocupado demais?

– Eu sei. Sinto muito. Acabei me envolvendo demais no seminário.

– Deve ter sido um seminário e tanto! Você se saiu bem? Mostrou seu valor?

– Você não faz ideia de quanto.

Nora segurou a risada.

Faço mais ideia do que você imagina, John O'Hara.

– Vou recompensá-la – continuou ele. – Prometo.

– Sim, vai mesmo. O que vai fazer hoje à noite?

– A mesma coisa que fiz a tarde toda. Trabalhar.

– Achei que sua viagem tivesse sido justamente para isso.
– Acredite se quiser, preciso escrever um relatório sobre o seminário. Estou até o pescoço com isso...

– Mentira! – interrompeu Nora. – Estou vendo você neste exato instante. Você está vendo televisão. Parece um jogo de beisebol, se não estou enganada.

Ele ficou praticamente sem fala.

– Mas o quê...?

– Olhe pela janela, Craig. Está vendo o Mercedes vermelho? Está vendo a garota bonita no banco da frente? Ela está acenando para você. *Oi, Craig!*

Nora observou quando O'Hara apareceu na janela, parecendo tão perplexo quanto estava soando ao telefone.

– Há quanto tempo você está aí? – perguntou ele.

– Há tempo suficiente para pegá-lo numa mentira. Beisebol? Você prefere beisebol a mim?

– Eu estava fazendo um intervalo no relatório. Só isso.

– Claro que sim. E então, o Craig pode sair para brincar ou não?

– Por que você não entra?

– Prefiro sair para dar uma volta de carro – disse ela.

– Até onde?

– É uma surpresa. Agora, desligue o *trabalho*.

– Por falar em trabalho... – ele a interrompeu.

– O que foi?

– Acho que as circunstâncias do nosso relacionamento começaram a me afetar – explicou ele. – Tecnicamente, você é uma cliente, Nora.

– Acho que é um pouco tarde para questões técnicas, não acha?

Como ele não disse nada, Nora seguiu pressionando.

– Qual é, Craig? Você sabe que quer ficar comigo... e eu quero ficar com você. Na verdade, é muito simples.

– Eu tenho pensado nisso.

– E eu tenho pensado em você. Não sei o que é exatamente, mas você é diferente de todo mundo que eu já conheci – disse ela. – Tenho a sensação de que posso lhe contar qualquer coisa.

Houve uma pausa na ligação.

Ele suspirou.

– Uma volta de carro, é?

capítulo 94

EU NÃO ESTAVA REALMENTE COM vontade de dar uma volta de carro ao luar, mas lá estávamos nós. Apenas eu e Nora Sinclair.

A capota do conversível estava abaixada e o ar gelado da noite açoitava meu rosto. O asfalto, as placas... tudo passava como um borrão. Nora estava transformando as estradas do interior de Westchester em sua pista pessoal, e eu estava apenas ao seu lado para o passeio.

O que eu estou fazendo aqui?

Essa era a questão imediata. Pena eu não ter resposta.

A informação tão generosamente fornecida a mim por Steven Keppler, o advogado do penteado ruim, havia sido passada a Susan. Por sua vez, ela a repassara aos magos dos computadores do FBI, que iriam hackear a entrada na conta de Nora no exterior e rastrear seus depósitos e transferências. Todos eles. Quem saberia quantos haviam sido? Prestariam atenção especial em qualquer coisa que envolvesse um certo Connor Brown. Tanto antes quanto depois de sua morte. “Dê a eles 24 horas”, disse Susan. “No máximo, 36.”

Nesse meio-tempo, tudo o que eu precisava fazer era ficar longe de Nora.

No entanto, ali estava ela, sentada bem ao meu lado, mais linda, mais atraente, mais inebriante que nunca. Seria essa a saideira?

Seria negação?

Ou insanidade temporária?

Será que parte de mim esperava que os magos dos computadores não encontrassem nenhuma ligação, nada? Será que eu desejava que ela fosse inocente? Será que eu queria que ela se safasse de um assassinato?

Eu me virei para ela.

– Desculpe, o que foi?

Ela estava dizendo alguma coisa, mas eu não conseguia ouvir devido ao rugir do motor do Mercedes e do barulho ainda mais alto dentro de minha cabeça.

Ela tentou de novo.

– Eu disse: “Você não está feliz por ter vindo?”

– Ainda não sei – respondi, quase gritando. – Ainda não sei aonde estamos indo.

– É uma surpresa.

– Não gosto de surpresas.

– Não – disse ela. – Você só não gosta é de situações em que não está no controle. É bom saber disso.

Antes que eu pudesse responder qualquer coisa, ela entrou em uma curva fechada em alta velocidade, com o pé bem longe do freio. Os pneus cantaram quando o conversível inclinou e pareceu que iria virar.

Nora jogou a cabeça para trás e riu ao vento.

– Você não está se sentindo vivo?! – gritou ela.

capítulo 95

FOI PRECISO UM SINAL VERMELHO para que ela diminuísse a velocidade.

Depois de dirigirmos por pouco mais de meia hora, chegamos à cidadezinha de Putnam Lake. Havia um único cruzamento, e nós éramos o único carro parado ali. Faltavam poucos minutos para as nove da noite. Eu me lembro de todos os detalhes.

– Estamos chegando? – perguntei.

– Quase – respondeu ela. – Você vai gostar disso, Craig. Relaxe.

Olhei para a direita enquanto ela mexia no rádio. Havia um velho de boné num posto de gasolina abastecendo seu jipe. Por um instante, nossos olhos se encontraram. Ele se parecia um pouco com meu pai.

As coisas nem sempre são o que parecem.

O sinal ficou verde e Nora disparou.

– Você está com pressa?

– Na verdade, estou com tesão. Senti a sua falta. Você sentiu a minha?

Andamos alguns quilômetros sem dizer nada, com o rádio altíssimo competindo com todos os oito cilindros do motor. Eu mal consegui identificar a música que estava tocando, mas de repente tive um estalo. “Hotel California”, dos Eagles. Da forma como Nora estava dirigindo, deveria ser “Life in the Fast Lane”, a vida em alta velocidade.

Viramos novamente.

Não havia nenhuma placa de rua à vista e a estrada era estreita e escura. Olhei para o céu. A luz da lua crescente era agora obscurecida pelas árvores imensas. Estávamos oficialmente no meio do mato.

– Vou descartar a Disneylândia – falei.

Ela riu.

– Essa será nossa próxima viagem.

– Mas você sabe aonde vamos, não é?

– Alguém aqui não está confiando em mim?

– Só estava perguntando.

- Claro que sim – ela fez uma pausa. – Eu tinha razão, aliás.
- Sobre o quê?
- Você de fato não gosta de não estar no controle da situação.

Um minuto depois, a estrada pavimentada terminou, mas nós seguimos em frente. Não havia nada além de terra e pedras soltas sob os pneus e a estradinha era ainda mais estreita. O conversível funcionava muito mal como utilitário, e enquanto seguia fazendo um enorme barulho, eu me virei para encarar Nora de lado, em silêncio.

- Falta só um pouco – disse ela, sem alterar o sorriso.

De fato, depois de algumas centenas de metros, chegamos a uma clareira. Tentei identificar a silhueta diante de mim. Era um tipo de casinha. Atrás dela, um laguinho ou lagoa.

Nora parou o carro perto da escada da varanda e desengatou a marcha.

- Não é incrivelmente romântico?
- De quem é esse lugar? – perguntei.
- É meu.

Olhei para o chalé. Meus olhos estavam começando a se ajustar, e em combinação com os faróis altos do Mercedes, identifiquei os troncos compridos e grossos da estrutura. Era rústica, mas bem-cuidada, embora não se tratasse de um lugar que eu pudesse imaginar como propriedade de Nora.

– Surpresa! É uma boa surpresa, não? Você não gostou da minha casinha à beira do lago?

- Gostei, sim. Por que não gostaria?

Ela desligou o motor e descemos do carro. Era um lugar bonito mesmo, praticamente perfeito. Mas para quê?

- Sabe, eu não cheguei a trazer escova de dentes – disse.
- Não se preocupe, eu planejei tudo. *Você* está sob minha guarda, Craig.

Ela apertou o controle remoto e o porta-malas do carro se abriu. Estava lotado. Não havia nem um único centímetro quadrado livre.

– Você realmente veio preparada – disse, olhando para uma mochila e uma pequena sacola térmica.

Preparada para quê?

– Tudo que precisamos para uma maravilhosa ceia. Além de alguns itens básicos, incluindo, sim, uma escova de dentes para você. E então, o que está esperando?

Os reforços, quis dizer.

Peguei a mochila e a sacola térmica e subimos os dois velhos degraus de madeira. Depois que entramos, balancei a cabeça e sorri. Do lado de fora, o chalé se parecia com a casa da infância de Abraham Lincoln. Por dentro, era uma matéria de revista de design. Eu devia ter adivinhado.

– Isto aqui era de um antigo cliente – disse Nora, enquanto desempacotávamos a comida. – Sabia que ele tinha gostado do trabalho de decoração que eu havia feito, mas fiquei impressionada quando ele a deixou para mim de herança.

Ela se aproximou e passou os braços ao meu redor. Como sempre, tinha um cheiro delicioso, que parecia ainda melhor agora.

– Mas chega de falarmos do passado. Vamos falar do futuro. O que devemos fazer primeiro: sexo ou jantar?

– Hmmm, essa é difícil – respondi, impassível.

Claro que não era para ser. Nós dois sabíamos. O que ela não sabia era que eu realmente estava dizendo a verdade. Mais cedo ou mais tarde, o sexo teria que terminar.

Você não pode continuar fazendo isso, O'Hara. Pare!

Era mais fácil falar que fazer. Com o corpo dela apertado contra o meu, meus pensamentos se aceleraram e a tentação foi grande demais para suportar.

– Pode me chamar de maluco, mas eu não como nada desde cedo – eu disse.

– Certo, você é maluco, mas vamos comer primeiro. Tem só um probleminha.

– Qual?

Ela se virou e olhou para o fogão. Era um fogão a lenha, e não havia lenha.

– Lá fora, nos fundos. Há uma cabana a cerca de cinquenta metros de distância. Você poderia fazer as honras?

Peguei uma lanterna do aparador localizado ao lado da porta da frente e caminhei até a cabana. Mesmo com a lanterna, estava escuro do lado de fora. Não sou de me assustar com facilidade, mas ouvi um sonoro farfalhar em meio às árvores do caminho, e eu não estava pensando no Bambi.

Onde fica a merda dessa cabana?

Será que eu realmente deveria estar aqui fora?

Finalmente a encontrei e coloquei uma pilha de lenha nos braços, o suficiente para durar aquela noite. Então voltei pelo assustador caminho até o chalé. Talvez tenha sido o velho que eu vira no posto de gasolina na cidade, mas eu não conseguia parar de pensar em meu pai.

As coisas nem sempre são o que parecem.

capítulo 96

VOLTEI COM OS BRAÇOS CHEIOS de lenha e acendi o fogão. Então perguntei a Nora o que mais poderia fazer para ajudar.

– Absolutamente nada – respondeu ela, beijando minha bochecha. – Pode deixar que eu cuidarei de tudo a partir de agora.

Deixei Nora sozinha na pequena cozinha e relaxei no sofá da sala com o único item de leitura que havia lá, uma edição de quatro anos atrás da revista *Field & Stream*. Quando eu estava no meio de uma matéria chatíssima sobre pesca de salmão em Sheen Falls Lodge, na Irlanda, Nora me chamou:

– O jantar está na mesa.

Voltei para a cozinha e me sentei diante de um prato de vieiras grelhadas, arroz selvagem e salada de alface romana e chicória. Para beber, uma garrafa de Pinot Grigio. Bem ao estilo da revista *Gourmet*.

Nora ergueu a taça e fez um brinde:

– A uma noite memorável.

– A uma noite memorável – repeti.

Batemos as taças e começamos a comer. Ela me perguntou o que eu estava lendo e lhe falei da matéria sobre os salmões.

– Você gosta de pescar? – perguntou ela.

– Adoro – respondi, contando uma mentirinha inocente, e então me peguei *elaborando* um pouco. Inventar era o que eu mais fazia em meu relacionamento com Nora. – Vou lhe dizer: quando conseguimos fisgar um peixe grande, aquele pelo qual estávamos esperando, tudo vale a pena.

– Onde você gosta de pescar?

– Hmmm. Tem alguns bons lagos e riachos na região. Confie em mim, é possível pegar um peixe grande por aqui. Mas nada se compara às ilhas. Jamaica, St. Thomas, as Ilhas Cayman. Já estive lá?

– Estive, sim. Na verdade, estive nas Ilhas Cayman há pouco tempo.

– Em férias?

- A negócios.
- Ah.
- Fiz a decoração de uma casa de veraneio para um financista. Um lugar maravilhoso na beira do mar.
- Que interessante! – exclamei, assentindo com a cabeça. Comi mais uma garfada das vieiras. – Aliás, isto aqui está uma delícia.
- Que bom! – Ela estendeu a mão e a pôs em cima da minha. – E então, você está se divertindo?
- Estou, sim.
- Ótimo, porque eu estava um pouco preocupada com o que você disse mais cedo, sobre eu ser sua cliente.
- Na realidade tem mais a ver com o contexto – falei. – Vamos admitir que, se não fosse pela morte do Connor, nós não estaríamos aqui.
- É verdade, isso não dá para negar. Mas... – ela se interrompeu.
- O que você ia dizer?
- Algo que eu provavelmente não deveria.
- Tudo bem. – Olhei ao redor e sorri. – Não tem mais ninguém aqui além de nós.

Ela deu um meio sorriso.

- Não quero que isso pareça insensível, mas, se tem uma coisa que aprendi com a minha profissão, é que podemos nos apaixonar por mais de uma casa. Não é ingenuidade pensar que essa ideia não se aplicaria às pessoas?

Olhei profundamente nos olhos dela. Aonde ela pretendia chegar com aquilo? O que estava tentando me dizer?

- É disso que estamos falando, Nora? De amor?

Ela continuou a me encarar.

- Acho que sim. Acho que estou me apaixonando por você. Isso é ruim?

Eu a ouvi dizer aquelas palavras e engoli em seco. E então foi como se tudo relacionado àquela noite estranha explodisse no meu estômago.

De repente, fiquei enjoado. Seria uma reação ao que ela tinha dito?

Segure a onda, O'Hara.

Pensei no que havia acontecido da última vez que ela cozinhou para mim. Como eu poderia pôr a culpa disso numa vieira estragada?

Então não disse nada. Esperei que passasse. Teria que passar.

Mas não passou.

Antes que eu percebesse, não conseguia falar. Não conseguia respirar.

capítulo 97

NORA FICOU SENTADA OLHANDO QUANDO O'Hara tombou impotente da cadeira e rachou o crânio no piso de madeira. O sangue jorrou imediatamente de cima de sua sobrancelha direita. Foi um corte feio, mas ele não pareceu perceber. Estava claramente mais preocupado com o que acontecia dentro dele.

Eles sempre estavam.

Ainda assim, de todos os homens, incluindo Jeffrey, Connor e seu primeiro marido, Tom Hollis, O'Hara estava se mostrando o mais difícil. A atração pelo homem que conheceu como Craig Reynolds havia sido real, com a química sempre presente. Seu senso de humor, seu charme, sua aparência. A inteligência, tão parecida com a sua. Ele era o melhor de todas as formas, e ela já estava sentindo a sua falta, lamentando que tudo tivesse que acabar assim.

Mas tinha que acabar.

Ele estava se contorcendo de dor e se engasgando com o próprio vômito. Então tentou se levantar, mas não conseguiu ficar em pé. A droga inicial não deveria matá-lo, apenas prepará-lo. Mas agora estava preocupada se não teria usado demais.

Disse a si mesma que *esboçasse* uma reação, fingisse preocupação. Ela deveria ser a espectadora inocente que não sabia o que estava acontecendo. Seu pânico precisava parecer real para ele.

– Deixe-me pegar alguma coisa para você. Deixe-me ajudar.

Correu até a pia e encheu um copo com água. De um frasco que tirou do bolso, serviu o pó. Minúsculas bolhas subiram à superfície, como champanhe. Nora se virou da pia... e ele não estava mais lá.

Aonde teria ido?

Não podia ter ido muito longe. Deu dois passos e ouviu a porta do fim do corredor bater e ser trancada. Ele havia conseguido chegar ao banheiro.

Nora correu até a porta, com o copo na mão.

– Querido, você está bem? Craig?

Podia ouvi-lo lá dentro, tendo ânsias de vômito. Coitado. Por pior que pudesse parecer, era um bom sinal. Ele estava pronto para o efervescente. Só precisava conseguir que ele abrisse a porta.

Bateu de leve.

– Querido, tenho uma coisa para você. Vai fazer você se sentir melhor. Sei que não acredita, mas vai.

Como ele não respondeu, ela chamou de novo. Quando isso não funcionou, ela começou a bater forte na porta.

– *Por favor, você precisa confiar em mim.*

Por fim, entre uma ânsia de vômito e outra, ele gritou:

– É, tá bom!

– É sério, Craig, deixe eu ajudar você – disse ela. – Tudo o que precisa fazer é tomar isto aqui. A dor vai desaparecer.

– De jeito nenhum!

Nora ficou enfurecida. *Então é assim que você quer brincar, é? Que seja.*

– Tem certeza? – perguntou ela. – Tem certeza de que não quer abrir a porta... *O'Hara?*

Ouviu o silêncio que se seguiu, imaginando a surpresa que ele teve. Ah, como gostaria de ter visto a cara dele!

Então o provocou do outro lado da porta.

– Esse é seu nome verdadeiro, não é? *John O'Hara?*

A frase pôs fim ao silêncio.

– Sim – berrou ele em resposta, furioso. – Agente John O'Hara, do FBI.

Nora arregalou os olhos, com as suspeitas sendo confirmadas. Apesar de tudo, no entanto, começou a rir.

– Sério? Estou impressionada. Está vendo, eu disse que ser corretor de seguros era muito pouco para você! Acho que...

Ele a interrompeu, com a voz ganhando força.

– Acabou, Nora. Eu sei de tudo... e vou viver para contar. Você matou Connor pelo dinheiro dele, exatamente como fez com seu primeiro marido.

– *Você é um mentiroso!* – gritou ela.

– Você é que é a mentirosa, Nora. Ou seria Olívia? De qualquer maneira, pode se despedir de todo o seu dinheiro nas Ilhas Cayman. Mas não se preocupe... no lugar para onde você está indo, a hospedagem e as refeições são de graça.

– *Eu não vou a lugar nenhum, seu cretino! Mas você vai!*

– Vamos só ver. Se você me der licença, tenho uma ligação a fazer.

Nora ouviu os três bipes agudos vindos de dentro do banheiro. Ele estava ligando para o 911.

Mais uma vez, ela começou a rir:

– Seu idiota! Estamos no meio do nada... não tem sinal de celular aqui!

Então foi a vez dele de dar risada.

– Isso é o que você pensa, *querida*.

capítulo 98

EU ESTAVA ATIRADO NO CHÃO do banheiro, coberto de sangue, vômito e outros fluidos do meu corpo que claramente não deveriam jamais ter visto a luz do dia.

Mas eu estava feliz como pinto no lixo.

Não me importava com a dor espalhada por todo o meu corpo. *Eu estava vivo.*

E falando ao telefone.

– Emergência 911...

Os satélites haviam me conectado. O resgate estaria a caminho em minutos. Tudo o que eu precisava fazer era lhes dizer onde eu estava.

Falei com a telefonista:

– Aqui quem fala é o agente John O’Hara, do FBI, e eu estou...

Levando tiros!

Ouvi o disparo da arma e vi lascas de madeira voando da porta do banheiro. Uma bala passou raspando por minha orelha e quebrou o azulejo atrás de mim. Tudo ocorreu num instante, mas pareceu estar em câmera lenta.

Até que veio o segundo tiro. A única coisa que senti com esse foi agonia. Eu tivera sorte com o primeiro. Mas não tive a mesma sorte com o seguinte. A bala me pegou no ombro, atravessando de um lado a outro. Meus olhos se voltaram para o buraco em minha camisa de onde o sangue começou a jorrar.

Putá que pariu, fui atingido!

O telefone caiu da minha mão, e, por uma fração de segundo, congelei. Se tivesse sido por um segundo *inteiro*, eu estaria morto.

Em vez disso, o instinto tomou conta. Rolei para a esquerda, para longe da porta, para fora da linha de tiro.

O terceiro tiro de Nora explodiu através da porta e arrancou os azulejos da parede em que eu estava encostado um segundo antes. Teria me atingido

bem no peito.

– Que tal isto, O’Hara?! – gritou ela. – É a *minha* apólice de seguro!

Não disse nada. Falar seria pedir mais uma bala. Esperei que Nora dissesse mais alguma coisa, mas ela ficou em silêncio.

O único som era a voz abafada e metálica da telefonista do 911 que vinha do meu celular caído no chão.

– Senhor? O senhor está aí? O que está acontecendo?

Ou alguma coisa parecida. Não posso saber com certeza. Eu não me importava. A única coisa que importava naquele instante não era o celular.

Lentamente, levantei a perna esquerda e ergui a barra da calça. Não havia trazido uma escova de dentes, mas estava com outra coisa. Abri o coldre e tirei a Beretta 9mm. Se Nora estivesse pensando em invadir o banheiro, eu estaria pronto para ela.

Agarrei a arma com as duas mãos e fiquei esperando.

Onde está você, Nora, amor da minha vida?

capítulo 99

TUDO NO CHALÉ ESTAVA COMPLETAMENTE em silêncio, inclusive meu celular. O serviço de emergência tinha meu nome e, embora eu não tivesse informado a minha localização, os satélites informariam. Eu estava supondo que a telefonista faria a coisa certa. *Ela alertaria o supervisor, o supervisor alertaria o FBI, o FBI obteria as coordenadas que estavam pulsando do meu telefone equipado com GPS, e a unidade policial mais próxima seria enviada ao local. Parecia muito simples.*

Eu só precisava me certificar de que ainda estaria respirando quando eles chegassem.

O que levava à questão: *Por que eu não havia atirado em Nora?*

Eu sabia por quê. Só não sabia o que fazer com a resposta.

Tentei me levantar do chão do banheiro sem fazer barulho. A dor terrível que estava sentindo no ombro não ajudou muito. Fui na ponta dos pés até a porta e me apoiei na parede. Com uma mão, segurava a arma; com a outra, tentei alcançar a tranca da maçaneta, que girei lentamente.

Respirei fundo e pisquei várias vezes. Não sabia se Nora ainda estava do outro lado da porta, mas precisava descobrir. Minha única vantagem: a porta abria para longe de mim, na direção do corredor.

Três.

Dois.

Um.

Com todas as forças que ainda me restavam, empurrei a porta com o ombro, e ela se abriu completamente.

Saí correndo, abaixado, perto do chão. Com a arma em punho. Girei os braços para a esquerda e para a direita, em busca de qualquer tipo de movimento. Fiquei atrás de um abajur. Então quase atirei em meu reflexo num espelho que havia no fim do corredor.

Nada de Nora.

Saí caminhando de lado pelo corredor na direção da cozinha.

– Você não é a única com uma arma – gritei. – Eu não quero matar você. Nada dela.

Fui até a porta da sala de estar. Espiei rapidamente.

Nenhum movimento. Nada de Nora.

A cozinha estava a alguns passos de distância. Ouvi alguma coisa. Um rangido. Passos. Ela estava lá. Esperando por mim.

Abri a boca para dizer alguma coisa. Mas não disse nada. A tontura me pegou muito rápido. Procurei pela parede e tentei me equilibrar. Meus joelhos pareciam de borracha.

Ainda podia ouvir o rangido. Será que ela estava vindo? Levantei o braço e aponte a arma. O cano estava tremendo. Mais rangido. Estava ficando mais alto.

Por Deus, O'Hara!

Foi quando me dei conta. Os rangidos eram na verdade estalos. O que entregou foi o cheiro terrível. Alguma coisa estava queimando.

Eu me aproximei da porta da cozinha. Arrisquei uma espiada. Vi a panela sobre o fogão e fumaça. O resto de arroz estava fervendo em cima da boca do fogão. Agora estava queimando.

Soltei o ar. E dei um salto!

Ouvi o barulho de uma porta batendo. Do lado de fora. Seria Nora fugindo?

Manquei para fora do chalé quando o motor do Mercedes rugiu. Dei um passo em falso no primeiro degrau da escada de madeira. Voei para a frente e caí de lado. Fiquei completamente sem ar, sentindo uma dor inacreditável.

Nora engatou a marcha enquanto eu tentava me levantar. Por um instante, olhou por cima do ombro. Nossos olhares se cruzaram.

– Nora. Pare!

– Por quê, O'Hara? Pelo nosso passado?

Levantei o braço, mas ele estava tremendo. Mirei na traseira do conversível, que era o que eu conseguia ver sob a luz da lua.

– Nora! – gritei novamente.

Ela estava prestes a escapar, a desaparecer pela estrada de terra. Eu finalmente apertei o gatilho, tentando a sorte.

Então tudo ficou escuro.

capítulo 100

O ARROZ SELVAGEM QUEIMADO SOBRE o fogão cheirava a rosas em comparação com os sais de amônia usados para me despertar.

Quando levantei a cabeça e abri os olhos, estava sendo observado de cima por dois policiais locais. O mais velho estava pressionando um torniquete improvisado em meu ombro, enquanto o mais jovem, de 20 e poucos anos, olhava para mim incrédulo. Eu não precisava ser capaz de ler mentes para saber o que ele estava pensando.

Que merda aconteceu com você, parceiro?

Mas eu tinha a minha pergunta primeiro.

– Vocês a pegaram? – Minha voz saiu arrastada.

– Não – respondeu o policial mais velho. – Embora não saibamos exatamente quem é que estamos procurando. A única coisa que temos é um nome. Não sabemos como ela é nem o que está dirigindo.

Lentamente, disse a eles. Uma descrição completa de Nora, o conversível Mercedes vermelho e o endereço dela em Briarcliff Manor. Ou pelo menos o endereço de Connor Brown. Mas era altamente improvável que ela voltasse para lá. Ela não ousaria, não é?

O policial mais jovem pegou o rádio e repetiu as informações. Também confirmou o pedido de ambulância. Da minha ambulância.

– Eles já deveriam estar aqui – disse ele.

– Eu nunca fui prioridade – brinquei.

Enquanto isso, o parceiro dele terminava de arrumar a bandagem.

– Pronto, acho que isso vai segurar a hemorragia até a chegada dos paramédicos.

Agradei a ele. Agradei aos dois. De repente, me dei conta de que eles pareciam pai e filho. Perguntei e, claro, eles eram mesmo pai e filho. Policiais Will e Mitch Cravens, respectivamente. Se houvesse um exemplo melhor dos tempos de calma e prosperidade numa cidade pequena, eu ainda estava por conhecer.

Comecei a me levantar.

– Opa, opa, opa! – ouvi em uníssono. Tudo o que eu precisava fazer era ficar deitado lá e relaxar, disseram os dois.

– Preciso do meu celular.

– Onde ele está? – perguntou Mitch Cravens. – Eu pego.

– Está em algum lugar no banheiro. Você também precisa desligar o fogão.. Mitch fez um sinal com a cabeça para o pai.

– Já volto.

Quando o rapaz entrou no chalé, eu me lembrei de que Nora tinha me dito que era a proprietária do local, que fora deixado para ela por um ex-cliente.

– Ei, Will, talvez você até conheça a Nora – eu disse. – Este chalé é dela. Foi deixado por um ex-cliente que faleceu.

– Foi o que ela disse para você?

Da forma como ele perguntou, imaginei o que viria a seguir.

– Ela mencionou o nome do suposto cliente? – perguntou ele.

– Não. Mas ela tinha as chaves.

Will balançou a cabeça.

– Isto aqui pertence a um sujeito chamado Dave Hale. Embora ele possa ou não ter sido cliente dela, posso lhe garantir que está vivo da silva.

– Por acaso ele é rico?

O policial encolheu os ombros.

– Imagino que sim. Só estive com ele umas duas vezes. Ele mora em Manhattan. Por quê? Você acha que ele pode estar em perigo?

– Antes desta noite, provavelmente – respondi. – Agora acho que está a salvo.

Mitch voltou do chalé com meu celular na mão.

– Encontrei.

Peguei o aparelho e o abri. Estava prestes a ligar para Susan quando ele tocou. Ela tinha sido mais rápida que eu.

– Alô?

– Você sacaneou a mulher errada – disse a voz. – Você está completamente enrascado, O'Hara.

Meu palpite estava errado.

Ela não parecia histérica. Pelo contrário: estava completamente calma. Calma *demais*. Pela primeira vez, senti medo de Nora Sinclair.

- Agora vou machucar você onde dói, O'Hara... de verdade – ameaçou ela.
- Que me diz de *Riverside*?

Clique.

O celular caiu da minha mão. Levantei com as pernas bambas. Os dois policiais me seguraram.

- O que houve? – perguntou o filho, Mitch.
- Minha família – expliquei. – Ela está indo atrás da minha família.

capítulo 101

OS DOIS COMPREENDERAM IMEDIATAMENTE. Qualquer policial poderia ter compreendido, mas Will e Mitch Cravens, por serem pai e filho, compreenderam um pouco mais. Eu não podia ficar esperando pela ambulância. Eu preferia sangrar até a morte a perder mais um minuto que fosse no meio do mato.

Eu me encolhi no banco traseiro do carro patrulha. Mitch e seu reflexo jovem saíram com as sirenes ligadas enquanto Will passava pelo rádio uma mensagem solicitando que a polícia de Riverside fosse urgentemente até minha casa. Enquanto isso, eu ligava para lá.

– Vamos, vamos, vamos – resmunguei, enquanto o telefone tocava.

E tocava e tocava.

– Merda! Ninguém atende!

A secretária eletrônica finalmente atendeu, e eu deixei uma mensagem frenética para a minha ex-mulher pedindo que ela fosse para a casa dos vizinhos e esperasse pela chegada da polícia.

Pela minha cabeça não paravam de passar pensamentos terríveis e assustadores. Será que Nora já havia chegado lá? E como ela sabia *onde* era a casa?

Will desligara o rádio e agora olhava para mim.

– A polícia de Riverside estará na sua casa em poucos minutos. – Fez sinal com a cabeça para meu celular. – Não teve sorte?

– Não – respondi.

– Ela não tem um celular?

– Eu ia tentar agora.

Usei a discagem rápida e ouvi a chamada cair direto na caixa postal. Deixei a mesma mensagem com a mesma entonação sinistra. Parecia um filme. *É o John. Se você e os meninos estiverem em casa, saiam daí agora mesmo! Se estão a caminho de casa... não vão para lá.*

Atirei a cabeça para trás e soltei um grito de frustração. De repente, estava me sentindo zozinho de novo. Tentei me acalmar e não pensar no pior. Não era possível.

– Mais rápido, por favor!

Já estávamos andando acima de 120 quilômetros por hora. Havíamos atravessado a divisa de Connecticut e seguíamos ao sul em linha reta, para Riverside. Estava me sentindo completamente indefeso quando tive uma ideia. *Ligar para Nora.*

Talvez fosse isso que ela quisesse. Por sorte, talvez sua ameaça não passasse disso, e sua única intenção fosse me apavorar por completo e continuar com o jogo. Eu ligaria, e ela daria uma risada maligna. Riverside era apenas uma isca. Ela devia estar quilômetros na direção oposta.

Antes fosse.

Liguei para o número dela.

Dez toques seguidos.

Nada de caixa postal.

Nada de Nora.

O rádio da polícia deu sinal de vida numa explosão de estática. Estávamos sendo transferidos para um patrulheiro em Riverside. Ele estava do lado de fora da casa. As portas estavam trancadas e havia algumas luzes acesas. Até onde ele podia ver, não havia ninguém por perto.

Olhei para o relógio. Nove e dez da noite. Eles deveriam estar lá. Os meninos dormiam sempre às nove.

Will pôs o transmissor no viva-voz.

– Nenhum sinal de arrombamento?

– Negativo – ouvimos.

– Você conferiu com os vizinhos? – Mitch perguntou ao diminuir a velocidade para fazer uma curva mais fechada. Os pneus esquerdos cantaram.

– Ela provavelmente teria ido para a casa dos Picotte do outro lado da rua – acrescentei. – Mike e Margi Picotte. São amigos nossos.

– Vamos conferir agora – disse o patrulheiro. – A que distância vocês estão daqui?

- Dez minutos – disse Will.
- Agente O’Hara, você está aí? – perguntou o patrulheiro.
- Estou aqui – respondi.
- Eu gostaria de desmontar a fechadura de uma das portas da casa. Tudo bem? Apenas para me certificar de que não há ninguém lá dentro.
- Claro que sim. E pode usar um machado.
- Entendido.

A voz dele foi cortada por mais uma explosão de estática. Do lado de fora do carro, a sirene berrava na noite. Dentro, estávamos em silêncio. Dois policiais de cidade pequena, Will e Mitch Cravens, e eu.

Meu olhar cruzou com o de Mitch no espelho retrovisor.

- Eu sei, eu sei – disse ele. – *Mais rápido.*

capítulo 102

MITCH PISOU FUNDO E TRANSFORMOU os dez minutos do trajeto em cinco. Chegamos diante da minha casa cantando pneus. A rua estava iluminada pelos carros patrulha, com as luzes vermelhas e azuis reluzindo na noite. Grupos de vizinhos estavam reunidos nos gramados observando a ação, imaginando o que estaria acontecendo na casa dos O'Hara.

Naquele instante, não muita coisa.

Corri para entrar pela porta da frente e encontrei quatro policiais conversando no saguão. Havia acabado de fazer uma busca por todos os cômodos.

– Vazia – um deles me disse.

Entrei na cozinha. Havia algumas louças na pia e um rolo de filme de PVC sobre o balcão. *Eles haviam jantado*. Conferi o telefone na parede ao lado do refrigerador. A luz da secretária eletrônica estava piscando, mas havia apenas um recado. O meu.

Todos os policiais, incluindo Will e Mitch, haviam se reunido no cômodo ao lado. Fui até eles.

– Precisamos de um plano – falei. – Mas eu não tenho um. Não estou na minha melhor forma.

Um policial moreno e baixinho chamado Nicolo assumiu a liderança. Ele era muito organizado e disse que já havia um boletim geral para o Mercedes vermelho de Nora em toda a região. As seguranças dos aeroportos haviam sido notificadas. Ele estava me dizendo que queria usar a casa como “centro de comando” quando me dei conta de uma coisa.

O Mercedes vermelho... um carro... a garagem. Eu não havia olhado para ver se a minivan estava lá.

Dei apenas dois passos quando, por cima do meu ombro, toda a sala deu um suspiro coletivo de alívio. Virei para saber o que eles estavam vendo.

Lá, parados na entrada da cozinha, estavam Max e John Júnior, seguidos pela mãe. Estavam tomando sorvete.

Os três já estavam de queixo caído com a presença ostensiva da polícia. Quando me viram e perceberam meu estado, os mesmos queixos quase bateram no chão.

Corri para abraçá-los. Fiquei tão preso àquele instante que nem mesmo ouvi o telefone tocar.

Mitch Cravens ouviu. Aproximou-se e estava prestes a atender quando o pai o parou. Will Cravens pôs o indicador nos lábios, pedindo silêncio. Então atendeu o telefone usando o viva-voz.

– Que bom, tenho uma plateia! – disse a voz.

Todas as cabeças se viraram rapidamente. Nora realmente tinha uma plateia. Com atenção completa e absoluta, principalmente a minha.

Mas não era para mim que ela estava ligando desta vez.

– Eu sei que você está aí, Sra. O’Hara – disse ela, com o mesmo tom de voz calmo. – Eu só queria que você soubesse de uma coisa: eu ando trepando com seu marido. Aproveite o resto da noite.

Nora desligou.

A sala ficou num silêncio mortal quando olhei nos olhos de minha mulher. Na verdade, minha *ex*-mulher havia dois anos.

Ela balançou a cabeça.

– E você não sabe por que nós nos divorcíamos, seu cretino!

PARTE CINCO

FUGA

capítulo 103

FOI ASSIM. SIMPLES ASSIM. *O fim.*

– Ei, eu não reconheci você sem sua mochila preferida, Fitzgerald – disse o Turista.

– Muito engraçado, O'Hara. Eu não cheguei a agradecer por me salvar na Grand Central Station. Então, obrigada. Acho que eu teria conseguido dar um jeito nele, mas talvez não.

O Turista estava se encontrando com a menina da mochila numa mesa da praça de alimentação do Aeroporto La Guardia. O chantagista, o vendedor, estava para chegar a qualquer instante. Se tudo desse certo.

– Que loucura isso, hein? Você acha que ele vai aparecer? O vendedor? – perguntou ela.

O'Hara tomou um gole da Coca-Cola extragrande que havia comprado no McDonald's.

– Só se quiser o dinheiro, o que aposto que ele quer. Ele tem dois milhões de bons motivos para aparecer.

Fitzgerald franziu a testa e meneou a cabeça.

– Digamos que o vendedor *apareça*. Como vamos saber que ele vai abrir mão de tudo o que tem? As cópias. Como vamos saber que ele não vai tentar nos enganar?

– Quer dizer, como fizemos com *ele* na frente da Grand Central Station? Ou melhor, com o falecido representante dele...?

– Ei, ele é o bandido, lembra, O'Hara?

– Acho que me esqueci dessa parte. *Ele é o bandido, ele é o bandido.*

Naquele instante, O'Hara ouviu algo pela escuta.

– Ele está chegando. Sabemos quem é. Ele veio sozinho desta vez.

Fitzgerald ainda não havia entendido.

– Então, por que ele veio até aqui? Não sabia que podia ser uma armadilha? O'Hara se inclinou para perto dela.

– Por que você não pergunta ele? Aposto que ele tem uma boa resposta.

Um sujeito de 30 e poucos anos usando um terno azul, óculos escuros estilo aviador e pasta executiva se sentou à mesa com eles. Foi direto ao assunto.

– E então, tem meu dinheiro desta vez?

O'Hara balançou a cabeça.

– Não. Nada de dinheiro. Mas *não* se levante. Estamos espalhados por toda a praça de alimentação. Tirando sua foto para o *USA Today*, a revista *Time* e o *Sing Sing News*.

– Você está cometendo um grande erro, meu amigo. Você está ferrado – disse o cara de terno. E começou a se levantar.

Mas O'Hara fez com que ele se sentasse novamente.

– Claramente, nós não achamos isso. Agora, escute aqui, porque o trato é este: *you* não consegue dinheiro nenhum pelo arquivo que roubou e tentou nos vender de volta. Mas *you* consegue escapar de tudo isso. É claro que *you* deixa a pasta e as cópias que fez. Sabemos quem *you* é, agente Viseltear. Se nos procurar de novo, ou se qualquer coisa vazar, nós pegaremos *you*. E pegaremos *de verdade*. Esse é o trato. Nada mau, não?

O'Hara encarou o sujeito de terno por um longo momento. Viseltear, um analista da Quantico e um ladrão.

– Você compreendeu tudo? Você entendeu?

Viseltear balançou a cabeça lentamente.

– Você não me quer num tribunal – disse ele. – Isso não pode chegar aos tribunais. Entendi.

O'Hara encolheu os ombros.

– Se *you* nos procurar de novo, nós pegaremos *you*. *Essa* é a parte que eu preciso que *you* entenda.

E então deu um soco bem no queixo de Viseltear. Quase o derrubou no chão.

– Exatamente como *you* tentou me pegar com seu entregador de pizza em Pleasantville. Agora, saia daqui. E *deixe* a pasta.

Ainda esfregando o queixo, Viseltear se levantou da mesa.

Estava um pouco zonzo, mas foi embora. E tudo estava acabado.

Não exatamente acabado, O'Hara não pôde deixar de pensar. Porque ele sabia demais sobre o que realmente havia acontecido, não?

Ele olhou dentro da pasta, viu o pen drive e leu aquela matéria na seção de estilo do *Times*. Ele havia somado um mais um... e acabou com 1,2 bilhão de recompensa.

Mas talvez, só talvez, aquilo pudesse ser uma coisa boa para ele.

Ou talvez não.

As coisas nem sempre são o que parecem.

capítulo 104

– O’HARA.

- Susan. Que bom ver você.
- Mesmo diante das circunstâncias?
- Sempre. Diante de qualquer circunstância.

Estávamos a caminho da sala de Frank Walsh na Rua 12, no edifício do FBI, no centro de Manhattan. Susan e eu trabalhávamos sob a supervisão de Walsh, embora normalmente em divisões separadas. Frank Walsh controlava vários departamentos no escritório de Nova York.

– Susan. John – disse ele, mostrando os dentes quando entramos na sala. Walsh é um talentoso contador de histórias, risonho e simpático, mas isso não quer dizer que ele não seja inteligente. Afinal, é nosso chefe.

Levamos a conversa para a sala de reuniões.

– Eu queria bater um papinho com vocês dois, mas estou com o tempo muito apertado hoje. Talvez possamos jantar alguma noite dessas, mas hoje, Susan, você não poderá participar. Sinto muito.

– Sem problema – disse Susan. Ela não acha que Frank seja tão inteligente quanto eu acho, mas o tolera.

– Então vamos falar de trabalho – disse Walsh enquanto entrávamos na sala ao lado. – Que a audiência comece!

A sala tinha aquele ar desconfortável e tenso que dizia “que vergonha”. Era o tipo de ambiente que imediatamente anunciava, alto e bom som, sem que nenhuma palavra fosse dita: *Você fodeu com tudo lindamente, O’Hara.*

Eu me sentei na única cadeira que dava de frente para o comitê disciplinar. Desde a noite do desaparecimento de Nora, eu fui do hospital à cadeira elétrica, com o espaço de apenas uma semana para a recuperação do meu ombro. Isso sem falar de um pequeno trabalho disfarçado que encerrei no Aeroporto La Guardia. Imaginava que o grupo me quisesse bem e saudável antes de oficialmente me dar um chute na bunda.

Frank Walsh começou os procedimentos repassando rapidamente meu histórico. O grupo ouviu atentamente enquanto um gravador diante de Frank registrava cada palavra.

Agente John Michael O'Hara... ex-capitão do Exército dos Estados Unidos... ex-policia! do Departamento de Polícia de Nova York, condecorado duas vezes... atualmente é agente especial da Divisão de Contraterrorismo do FBI, especificamente da Seção de Operações de Financiamento Terrorista... diversas missões importantes como agente disfarçado...

– Frank? – disse uma voz.

Era um homem mais velho sentado na ponta direita da mesa. Além do envolvimento dele com o comitê disciplinar, seu trabalho cotidiano era na unidade de assassinatos em série. Seu nome era Edward Vointman.

– Você poderia, por favor, explicar como foi que o agente O'Hara se envolveu na investigação do caso Sinclair em primeiro lugar?

Segurei um sorriso. A questão levantada por Vointman era a forma politicamente correta de perguntar: *Por que eu não estava sabendo disso?*

Walsh fechou a cara. Em praticamente qualquer companhia, e sobretudo em uma agência governamental, a mão esquerda raramente sabe o que a mão direita está fazendo. Nessa situação, no entanto, a falha na comunicação era um pouco mais suspeita. A mão direita não sabia o que um de seus *dedos* estava fazendo.

Walsh estendeu a mão e desligou o gravador. Com a pausa na fita, deu uma pausa também na formalidade.

– Eis a história, Ed – começou ele. – A Força-Tarefa Antiterrorista de Nova York estava trabalhando com o grupo de financiamento da Divisão de Contraterrorismo e o Departamento de Segurança no monitoramento de tráfico de dinheiro para dentro e fora do país.

Vointman abriu a boca. Walsh o interrompeu no momento em que ele iria dizer algo como: “O que você quer dizer com monitoramento?”

– Eu não posso lhe dizer mais nada sobre isso, Ed, então nem se dê o trabalho. – Limpou a garganta. – De qualquer maneira, o que aconteceu foi que recebemos um alerta sobre uma grande transferência de um certo Connor Brown em Westchester há algum tempo. Depois de uma

investigação mais cuidadosa, encontramos uma curiosa coincidência. A noiva do sujeito, Nora Sinclair, havia sido casada com um médico de Nova York que também morreu. E, veja só, o médico era cardiologista. A boa notícia era que ela provavelmente não era uma terrorista. A má notícia era que ela provavelmente estava envolvida nas duas mortes.

Mais uma vez, Vointman abriu a boca, com a pergunta original ainda mais válida. Disse que, como líder da unidade de assassinatos em série, o caso definitivamente deveria ter sido mandado para ele.

Como antes, Walsh o interrompeu.

– É o seguinte – disse ele. – Nós não podíamos entregar o caso ao seu grupo, Ed, sem estar cem por cento seguros de que essa tal Nora não era laranja de alguém ou, por mais improvável que possa parecer agora, um tipo de agente secreta. Para encurtar a história, escolhemos O'Hara porque ele tinha experiência com os dois cenários. Ele trabalhou por quatro anos disfarçado para o Departamento de Polícia de Nova York e seu perfil combinava bem com o alvo. Ele estava inclusive trabalhando em outra missão relacionada na época. Em outras palavras: ele era a pessoa certa e, acreditávamos, sabia usar a cabeça.

Virou-se para mim com um olhar de reprovação.

– É claro que estávamos pensando na cabeça de cima.

Walsh estendeu a mão novamente e apertou o botão de gravação.

– Mas eu discordo – disse ele.

Daí em diante, foi tudo ladeira abaixo.

Durante a hora seguinte, eu respondi a perguntas sobre todos os aspectos da minha investigação a respeito de Nora Sinclair. Cada decisão que tomei e as que não tomei. O grupo era implacável. Eu me tornei a *piñata* humana deles, e todos queriam garantir uma paulada.

Quando tudo terminou, Walsh agradeceu a todos e pediu licença. Imaginei que eu também estivesse liberado para ir embora. Foi quando ele me disse que ficasse.

capítulo 105

O RESTO DO COMITÊ DISCIPLINAR SE retirou e ficamos apenas nós três: Walsh. Eu. O gravador. Tudo estava muito parado. Durante vinte ou trinta segundos, tudo o que ele fez foi ficar me encarando.

– Você quer que eu diga alguma coisa? – perguntei.

Ele balançou a cabeça.

– Não.

– *Você quer me dizer alguma coisa?*

– Provavelmente não. Mas vou fazer a pergunta mesmo assim. – Ele se recostou na cadeira e cruzou os braços apertados contra o peito. Fixou diretamente os seus olhos nos meus. – Eu vou receber um telefonema lá de cima, não vou?

O homem era misterioso.

– Por que diz isso?

– Digamos que é um palpite – disse ele, mexendo a cabeça lentamente. – Você é inteligente demais para ser tão burro assim.

– Acho que já recebi elogios piores.

Ele ignorou o sarcasmo.

– Você foi apanhado com as calças arriadas, literalmente, mas alguma coisa me diz que você ainda está coberto.

Não respondi imediatamente. Queria ver se ele continuava falando, talvez revelando a fonte de seu “palpite”. Mas ele não continuou.

– Estou impressionado, Frank.

– Não fique – disse ele. – Estava escrito na sua testa.

– Vou me lembrar de não jogar pôquer com você.

– Eu ainda posso tornar isso extremamente difícil para você.

– Eu tenho plena consciência disso.

– Nada muda o que você fez, quanto você ferrou com tudo.

– Também tenho plena consciência disso.

Ele fechou o arquivo.

– Você pode ir.

Eu me levantei.

– Ah, mais uma coisa, O'Hara.

– O quê? – perguntei.

– Eu sei tudo sobre sua *outra* missão. Sabia desde o começo. Eu estou por dentro. Sei que você é o Turista.

capítulo 106

QUANDO ENTREI NA SALA DE Susan alguns minutos depois, ela estava em pé na frente da janela, olhando para a tarde fria do lado de fora. Foi difícil não notar o simbolismo de ela estar com as costas viradas para mim.

- Foi muito ruim? – ela perguntou sem se virar.
- Foi muito ruim.
- Numa escala de um a dez.
- Dezoito, dezenove.
- Não, falando sério.
- Acho que um nove – respondi. – Mas não vou saber de nada antes de uma semana.
- E até lá?
- Estou acorrentado à minha mesa pelas canelas.
- Deviam acorrentar outra coisa.
- Para registro, essa é a segunda piada que ouvi hoje envolvendo meu pênis.
- E o que você esperava?
- Não sei, mas gostaria de não conversar com as suas costas.

Susan se virou. Ela era durona e quase sempre imperturbável, embora não desse para dizer isso ao ver o rosto dela naquele momento. A preocupação e a decepção eram inegáveis.

- Você prejudicou minha imagem, John.
 - Eu sei – disse rapidamente. Um pouco rapidamente demais.
 - Não, estou falando sério. Prejudicou *muito*.
- Olhei para meus pés por um bom tempo.
- Sinto muito – disse baixinho.
 - Que merda! Para começar, você sabia que fazer isso pelo meu departamento já era uma flexibilização das regras.

Não disse nada. Conhecer a Susan como eu conhecia era saber que ela estava tentando desabafar. A raiva, a frustração, a decepção. Imaginei que ela

possivelmente ainda tivesse um bom grito primal restando dentro dela antes de poder seguir em frente.

– *Caramba, John, como você pode ser tão burro?*

E lá estava.

Quando as fundações do prédio pararam de tremer, ela reassumiu seu comportamento calmo e estoico. Havia ainda o problema de uma assassina em série estar à solta e da necessidade de prendê-la. Infelizmente, os relatórios de campo ofereciam poucos motivos para otimismo. Até mesmo a cobertura da mídia não rendera nada. Nora parecia ter desaparecido completamente.

– E o nosso pessoal nas Ilhas Cayman? – perguntei.

– Nada – respondeu Susan. – O Caribe, toda a cidade de Briarcliff Manor, o apartamento dela na cidade e todos os pontos entre eles. Ela não foi localizada em lugar nenhum.

– Meu Deus, onde ela está?

– Essa é a pergunta de um milhão de dólares. – Susan olhou para um pedaço de papel sobre a mesa. Rabiscado nele estava a quantia de dinheiro congelada na conta de Nora. – Ou eu deveria dizer a pergunta de 18 milhões, 426 mil dólares?

Era um número espantoso.

– O que me lembra... E o advogado tributarista, Keppler?

– O que você coagiu?

– Prefiro o termo *persuadir*.

– De qualquer maneira, Nora não entrou em contato com o escritório dele.

– Talvez eu possa fazer mais uma visita ao sujeito e...

Ela me interrompeu.

– Você está acorrentado à sua mesa, lembra? E quem sabe o que vai acontecer depois. – Susan conseguiu dar um pequeno sorriso. – Olhe pelo lado bom: estando suspenso, talvez você tenha mais tempo para passar com seus filhos.

– Eu não sei. Será que a mãe deles vai permitir?

Susan se virou novamente e olhou pela janela.

– Sabe, se você fosse tão bom como marido quanto é como pai, nós nunca teríamos nos separado.

capítulo 107

EU SEMPRE FUI PÉSSIMO EM ficar parado. Agora eu devia fazer isso por um período indefinido. Depois de dois dias “acorrentado” à minha mesa, já estava completamente maluco. Havia muito trabalho burocrático a fazer, mas eu não estava fazendo. Só conseguia olhar fixamente pela janela do escritório para a melancolia cinzenta do centro de Nova York. E imaginar.

Onde ela está?

Os relatórios vindos do campo eram curtos, mas nada otimistas. Nenhum sinal de Nora em lugar nenhum. Nem rastro dela. Como ela conseguira desaparecer assim?

A rotina me deixava louco. O telefone tocava na minha sala, eu ouvia a informação e desligava com força. Estava sendo consumido pela frustração. O cartaz nas minhas costas era bem claro para todos: ATENÇÃO! CONTEÚDO SOB EXTREMA PRESSÃO.

O telefone tocou de novo. Atendi e me preparei para mais do mesmo.

– O’Hara – disse.

Não ouvi nada em resposta.

– Alô?

Nada ainda.

– Tem alguém aí?

– Eu senti sua falta – disse ela baixinho.

Dei um pulo na cadeira.

– E então, você não vai dizer alguma coisa? – perguntou Nora. – Você não sentiu falta de mim? Nem mesmo do sexo? Nem isso?

Eu já ia responder. Abri a boca, estava preparado para fazer um discurso furioso, mas me obriguei a parar. Eu precisava segurar Nora na linha.

Apertei o botão de gravação do telefone, seguido do botão ao lado dele, que dava início a um rastreamento da chamada. *Respirei fundo.*

– Como você está, Nora?

Ela riu.

– Ah, qual é, pelo menos grite comigo. O homem que conheci não era do tipo que se controla.

– Você quer dizer Craig Reynolds?

– Você não vai se esconder atrás do corretor de seguros, vai?

– Ele não era real. Nada era real, Nora.

– Você queria que fosse verdade. Agora, a única verdade é que você não consegue se decidir. Você não sabe se quer me comer ou me matar.

– Estou bem tranquilo em relação a isso – respondi.

– Isso é seu ego ferido falando – replicou ela. – Por falar em ferido, como você está se sentindo? Você não me pareceu muito bem naquela noite.

– Não, e graças a você.

– Vou lhe dizer uma coisa, O’Hara: dói saber que não nos veremos mais.

– Eu não teria tanta certeza disso – ameacei, com os dentes cerrados. – acredite em mim: vou encontrar você.

– Que palavra engraçada, não? Acreditar. Imagino que sua mulher não acredite muito em você ultimamente. Nossa, detesto pensar que eu tenha destruído seu casamento!

– Você pode ficar tranquila. Seu *timing* não foi dos melhores. Ela é minha ex-mulher há dois anos.

– Sério? Então você está disponível, O’Hara?

Olhei para o relógio. A ligação já tinha um minuto. *Continue falando, O’Hara.*

Mudei de assunto.

– Como você está se virando sem dinheiro? – perguntei.

Ela abafou o riso.

– Tem muito mais de onde veio aquele. Meu dinheiro está por todos os lados.

– É disso que tudo se trata? Dinheiro?

– Você fala como se fosse algo *ruim*. Uma garota precisa cuidar do próprio futuro, não?

– O que você fez vai um pouco além de um plano de previdência.

– Está certo, então talvez haja um pouco de prazer também. Nós temos raiva, O’Hara. A maioria das mulheres tem pavor dos homens. Acorde para

o mundo, querido.

Ela estava começando a ficar transtornada. Talvez eu tivesse tocado em algum nervo. Bom para mim.

- O que você tem contra mim, Nora?
- Você tem uma hora? Várias, na verdade?
- Tenho. Tenho todo o tempo de que você precisar.
- Mas infelizmente eu não. Está na hora de ir.
- Espere!
- Não posso esperar, O'Hara. Vejo você nos seus sonhos.

Clique.

Girei o pulso e travei no ponteiro dos segundos do relógio.

– Por favor – sussurrei. Liguei para o pessoal da tecnologia. – Digam que vocês conseguiram uma localização!

O silêncio inicial feriu meus ouvidos.

– Sinto muito – disseram. – Nós a perdemos.

Peguei o telefone, com a base e tudo, e o atirei contra a parede. O aparelho ficou completamente despedaçado.

Vejo você nos seus sonhos.

capítulo 108

O TÉCNICO GRISALHO QUE ESTAVA INSTALANDO meu novo telefone na manhã seguinte olhou para os pedaços espalhados do velho. Então olhou para mim com um sorriso sábio, de quem já viu tudo:

– Caiu de sua mesa, foi?

– Coisas mais estranhas já aconteceram – respondi. – Acredite em mim.

Minutos depois, o novo aparelho estava fazendo seu trabalho. Pelo menos alguma coisa estava. Eu continuava preso ao escritório, atormentado pelo tédio, sem falar na insegurança e num monte de culpa, toneladas de culpa.

O novo telefone tocou.

Meu primeiro pensamento foi o de que um bis estava a caminho. Nora queria mais uma conversa, mais uma chance de ajustar os ponteiros. Pensando melhor, eu sabia que não. Tudo na chamada do dia anterior dizia que aquele havia sido um acontecimento único.

Atendi. Claro que não era Nora.

Era a *outra* mulher da minha vida, que estava furiosa comigo. Desnecessário dizer que Susan e eu não estávamos exatamente no nosso melhor momento. Ainda assim, continuávamos sendo profissionais.

– Alguma notícia do laboratório de áudio? – perguntei imediatamente. A gravação da minha conversa com Nora estava sendo analisada em busca de possíveis sons de fundo que sugerissem sua localização aproximada, ou mesmo específica: barulho de ondas do mar, uma língua estrangeira sendo falada por alguém... Só porque eu não consegui ouvir, não significava que não estivesse lá.

– Sim, recebi o relatório – respondeu Susan. – Não conseguiram nada.

Tecnicamente, era mais uma notícia ruim, mas a forma como ela a contou, como se fosse irrelevante, me disse alguma coisa.

Susan sabia de algo.

– O que está acontecendo? – perguntei.

– “O que está acontecendo?” Você continua incrivelmente burro, John. Se pudesse me magoar, teria partido meu coração de novo.

Ela estava me escondendo algo.

– Eu sei disso, Susan. Tem mais alguma coisa.

Ela riu da minha intuição.

– Quanto tempo você leva para chegar até a minha sala?

capítulo 109

VINTE MINUTOS DEPOIS, SUSAN E eu estávamos correndo para o norte de Nova York e, depois de uma hora e cinquenta de estrada, entramos no Hospital Psiquiátrico Pine Woods, em Lafayetteville.

– Algo me diz que você vai achar isso interessante – disse Susan quando saímos do carro e seguimos em direção à entrada do edifício, uma construção de tijolos com oito andares. – Venha conhecer a família. A *mãe* de Nora mora aqui, O’Hara.

Dei um meio sorriso. Pude perceber que Susan estava gostando daquilo.

Logo estávamos sentados numa pequena sala de reuniões no último andar do hospital psiquiátrico. Sentada do outro lado da mesa estava a enfermeira-chefe da ala psiquiátrica.

Não soube identificar se a mulher grandalhona estava assustada ou simplesmente nervosa. De qualquer maneira, ela parecia extremamente desconfortável. Conhecer uma dupla de agentes do FBI faz isso com algumas pessoas.

– Agente John O’Hara, quero apresentá-lo a Emily Barrows – disse Susan, que tinha feito o primeiro contato com o pessoal do Pine Woods.

Virei-me para a mulher e estendi a mão:

– Muito prazer.

– Acho que Emily tem informações valiosas sobre Nora para nós – disse Susan.

Fiquei ali sentado com a ansiedade de uma criança em véspera de Natal. Nem uma vez tirei os olhos daquela mulher, que usava calças brancas e uma blusa simples da mesma cor, com os cabelos presos para trás com grampos. Era espartana até os sapatos de couro de sola de borracha.

– Bem – começou ela, com a voz trêmula –, uma de nossas pacientes é uma mulher chamada Olívia Sinclair.

Isso eu sabia.

– Nora é filha de Olívia – disse Emily. – Pelo menos, tenho quase certeza de que é. No entanto, só me dei conta agora de que nunca vi nenhuma prova disso.

– Eu vi – disse Susan. – Depois de falar com você ao telefone, Emily, busquei o arquivo da prisão.

Levantei a sobrancelha para Susan.

– Arquivo da *prisão*?

– Olívia Sinclair começou a cumprir uma sentença de prisão perpétua quando Nora tinha 6 anos – explicou ela.

– Pelo quê?

– Assassinato – respondeu Susan.

– Você está brincando comigo.

Susan balançou a cabeça.

– E melhora, O’Hara. Ela assassinou o marido. E a filhinha do casal, Nora, estava lá quando tudo aconteceu.

Susan continuou.

– Alguns anos depois de ir para a cadeia, Olívia Sinclair pareceu perder o contato com a realidade. Foi quando a transferiram para o Pine Woods. Enquanto isso, Nora pulou de uma casa provisória para outra. A menina foi transferida tantas vezes que nunca fizeram um arquivo coeso sobre ela.

Susan olhou para Emily, que agora parecia completamente perdida.

– Eu sinto muito – disse Susan a ela. – Temos bons motivos para acreditar que Nora matou o primeiro marido dela, há uns dois anos. Com base nisso, e em tudo o mais que aconteceu, temos motivos ainda maiores para acreditar que ela também matou o *segundo* marido.

– Ela e Connor Brown eram apenas noivos – lembrei a Susan.

– Estou falando de Jeffrey Walker – disse ela.

Agora eu estava mais perdido que Emily.

– Jeffrey Walker?

– Você sabe quem é... ele escreve aqueles romances históricos bobos. Ou pelo menos escrevia.

– Ah, sim, eu sei quem ele é! Você está me dizendo que Nora e ele eram...

– Casados.

– Meu Deus – exclamei, juntando as peças. – O noticiário informou que ele morreu de parada cardíaca. Agora deixe-me adivinhar – continuei. – Ele morava em Boston.

Susan confirmou.

– O que nos traz de volta a Emily – disse Susan, virando-se para a enfermeira. – Vá em frente, conte a ele o que você tem. É muito bom, O’Hara.

Emily assentiu com a cabeça e pediu que a seguissemos.

– Vou mostrar a vocês – disse ela. – Vamos ver Olívia.

capítulo 110

PERCORREMOS O CORREDOR DO HOSPITAL para conhecer a mãe de Nora, Olívia.

– Um dia eu estava conversando com Nora sobre o escritor Jeffrey Walker, e no dia seguinte li nos jornais que ele estava morto – disse Emily enquanto caminhávamos.

Susan e eu ficamos apenas escutando.

– É claro que eu não achei que houvesse nenhuma ligação. Eu nem sequer sabia que Nora estava com problemas até ver na TV.

Emily parou de caminhar. Havia obviamente algo que ela precisava nos dizer antes de entrarmos no quarto de Olívia.

– Há umas duas semanas, eu li sem querer um bilhete que Olívia escrevera para Nora. No bilhete, havia um segredo que nos deixou espantados. Mas também nos disse muito a respeito de Olívia, e talvez de Nora também. Vocês verão num instante.

Emily começou a caminhar novamente. Passou por mais algumas portas e então pegou numa das maçanetas.

– Este é o quarto de Olívia.

A enfermeira abriu a porta, e eu vi uma mulher muito velha sentada na cama. Ela estava lendo um livro e não levantou a cabeça quando nós três entramos no quarto.

– Olá, Olívia. Estes são os visitantes de que lhe falei – disse Emily num tom de voz alto e claro.

Por fim, Olívia ergueu o olhar.

– Ah, olá – disse ela. – Eu gosto de ler.

– Sim, Olívia gosta de ler – Emily assentiu, dando um sorriso com o canto da boca. A enfermeira se virou para nós. – Durante muito tempo, Olívia nos enganou a respeito de sua verdadeira condição. Ela costumava usar todos os tipos de truque para que acreditássemos que ela estava muito pior do que realmente estava. Certa vez, quando Nora veio visitá-la, ela fingiu estar tendo um ataque, porque a filha iria revelar algo que não deveria, e Olívia

sabia que gravamos todas as visitas aos pacientes. Olívia é uma ótima atriz, não é, querida?

Olívia estava observando Susan e eu, mas tinha escutado o que a enfermeira dissera.

– Acho que sim.

– Bem, nós concordamos em permitir que Olívia continuasse aqui no Pine Woods. Mas apenas se ela concordar em ajudar vocês.

Olívia assentiu, ainda olhando fixamente para Susan e para mim.

– Eu vou ajudar – disse ela num sussurro. – Que escolha eu tenho? – A esta altura, Olívia largou o livro e saiu da cama.

Enquanto Olívia ia até o armário, Emily disse:

– Toda vez que Nora fazia uma visita, trazia um novo livro para a mãe ler, muito embora não acreditasse que Olívia realmente lesse os livros.

Olívia estava procurando algo dentro de armário, de onde tirou uma caixa de papelão. Vi que a caixa estava cheia de livros e de papéis de embrulho e envelopes.

– Então Nora parou de fazer visitas. Mas chegou um pacote endereçado a Olívia. Era de Nora. Havia até mesmo um bilhete – disse Emily.

Comecei a ficar empolgado. Um *pacote*. Claro, bastava rastreamos de onde viera. Será que Nora teria sido tola o bastante para incluir um endereço de remetente? Isso seria bom demais para ser verdade.

E foi.

Emily explicou que não havia nada no pacote capaz de revelar qualquer coisa sobre a localização de Nora.

– Sem endereço de remetente. Nenhum selo estrangeiro nem marcas de nenhum tipo. Apenas um carimbo postal borrado e ilegível.

Virou-se para Olívia.

– Por favor, dê ao agente O'Hara o bilhete que você recebeu.

Peguei o papel, desdobrei e li o bilhete em voz alta.

– “Querida mamãe, sinto muito não poder visitá-la. Espero que goste do livro. Sempre com muito amor. Sua filha, Nora.”

Reli o bilhete e balancei a cabeça.

– O que isso tem de tão especial?

Susan respondeu a essa pergunta.

– Tudo. Por mais cuidadosa que Nora tenha sido, ela não foi cuidadosa o suficiente.

Susan encarou Emily.

Eu encarei Emily.

Por fim, Emily explicou o que obviamente já tinha dito a Susan.

– Olhe o pedaço de papel bem de perto, agente O'Hara. Segure-o contra a luz – instruiu ela. – Está vendo? No canto inferior direito.

Segurei o bilhete contra a janela e o posicionei perto dos olhos.

Caramba.

O papel de carta tinha uma marca-d'água personalizada.

Olhei para as outras e vi que Olívia havia começado a chorar.

– Ela é uma filha tão boa! Um amor.

capítulo 111

NORA FOI ATÉ SEU TERRAÇO privativo ao sol da tarde, vestindo apenas a parte de baixo de um biquíni azul-claro e um sorriso brilhante. Tomou um gole de uma garrafa Evian e a encostou no rosto, para amenizar o calor. Ainda não havia se cansado da vista da praia Baie Longue, nem de sua reluzente faixa de areia branca e da forma como ela parecia derreter nas águas cor de turquesa do Caribe. Ela própria não conseguiria projetar aquilo melhor.

La Samanna, na ilha de St. Martin, tinha uma merecida fama de resort exclusivo de retiro. Nora estava usando a parte do *retiro*. Durante o dia, atrás de seus óculos escuros Chanel, era uma socialite rica descansando à beira da piscina. À noite... bem, da forma como ela e Jordan vinham esquentando a cama, o jantar era sempre uma cortesia do serviço de quarto.

Na verdade, assim como casais em lua de mel, havia dias em que eles nem sequer saíam da casa de veraneio. Felizmente, La Samanna também tinha um excelente cardápio para o café da manhã e o almoço.

– Querida, você quer o Duval-Leroy ou o Dom Pérignon hoje? – perguntou Jordan do quarto.

Decisões, decisões...

– Você escolhe, amor – disse Nora.

Jordan Mauch, magnata do mercado imobiliário de Dallas, era um tomador de decisões nato. A decisão que lhe rendera mais dinheiro foi a de reconhecer Scottsdale, no Arizona, como a próxima West Palm Beach antes de todos os outros. Sua mais recente resolução, entretanto, envolvia a vida pessoal. *Que grande ideia contratar Nora Sinclair para decorar a casa nova perto de Austin e depois recompensá-la com uma viagemzinha ao Caribe!*

Ele a chamou novamente do quarto, com o pedido do almoço feito.

– Querida, você percebeu que não está exatamente vestida aí fora?

Nora respondeu, em tom irônico:

– Só estou tentando bronzear as marcas de biquíni. – Ela o ouviu dar risada. – Além disso, estamos no lado francês da ilha, querido.

No começo da semana, ela e Jordan tinham ido até depois de Grand Case, à praia de nudismo na Orient Bay. Se dependesse de Nora, ela teria tirado a roupa e se sentido em casa. Mas não Jordan. Não houve jeito. Aquele era um costume local que ele não tinha intenção de provar. Nora nem tentou convencê-lo. Já havia aprendido que homens muito ricos com contas no exterior nunca querem ficar sem roupa em público. Não há dúvida de que tem alguma relação com proteger os próprios bens.

Nora voltou para dentro da casa de veraneio e vestiu um dos roupões brancos felpudos do resort. O tecido lhe dava uma sensação agradável.

Ela subiu na cama com Jordan e se aninhou no peito largo dele.

Havia apenas um problema.

Ela não conseguia tirar John O'Hara da cabeça. O cheiro dele, o gosto dele, a forma como ele parecia entrar em sua mente melhor que qualquer outro homem com quem ela já estivera.

E isso a deixava furiosa. Ela não queria aqueles pensamentos, não queria estar nos braços de outro homem, fosse Jordan Mauch, fosse qualquer outro, e estar pensando em O'Hara. Doía demais.

O que há de errado comigo? Eu não me apaixono.

– Terra para Nora... – chamou Jordan.

Ela despertou do olhar distante.

– Desculpe, amor. Eu só estava pensando em como tudo está perfeito.

Ele sorriu.

– Apenas mais um dia no paraíso.

Os dois se beijaram e foram interrompidos por uma batida na porta. O almoço chegara.

Jordan saiu da cama e abriu a porta.

– Obrigado – disse ele quando os funcionários do serviço de quarto entraram com a mesa. Eles vestiam os sapatos Dockside e short de costume, com camisas de linho e chapéus de palha.

De repente, tiraram os chapéus.

– Olá, Nora! Eu disse que nos encontraríamos de novo – disse O'Hara.

– Não ouse conversar com ela! – disparou Susan. Ela sacou a arma e mirou perfeitamente em Nora, que permanecera na cama. – Você está presa, sua

vaca!

Então se virou para Jordan Mauch:

– E você... você é o homem mais sortudo do mundo.

capítulo 112

NAQUELA TARDE, UMA COISA MUITO estranha e inesperadamente legal aconteceu. Consegui um tempo de folga e o passei com Susan. Sabiamente, decidimos conferir a praia de La Samanna, que era longa, ampla e branca de uma forma impressionante. Havia até mesmo um velho navio naufragado no fim da faixa de areia.

– Tem certeza de que podemos confiar no pessoal local? – perguntei a Susan enquanto tomávamos um pouco de sol.

– Você está agindo como se eles fossem os três patetas ou coisa parecida – disse ela.

Eu estava me referindo à polícia de St. Martin.

Eles tinham detido Nora até que os documentos de extradição fossem finalizados e pudéssemos levá-la de volta a Nova York.

– Talvez seja uma coisa minha, mas acho difícil acreditar em policiais que vestem shorts. Não estamos nem falando ao menos de shorts normais. Você viu aquelas coisas? Eram tão justos que dava para ver qual a religião de cada um.

Susan se virou para mim com um olhar incrédulo que eu já vira muitas vezes.

– Cale a boca e beba sua bebida, John.

Ela tinha razão. Como sempre, ela tinha razão.

Nosso trabalho policial lá estava terminado. Nora estava detida em segurança e o caso estava fechado. Nós até mesmo ligamos para John Júnior e Max em casa, para ver se eles estavam bem com os avós, a mãe e o pai de Susan, que ainda gostavam um pouco de mim, apesar de tudo.

Mesmo que por um tempinho, Susan e eu merecíamos estar onde estávamos. Lado a lado em cadeiras de praia confortáveis naquele resort inacreditavelmente elegante, vendo o sol se pôr em um lindo céu cor de laranja. Caramba, nós até nadamos juntos.

Estendi o braço segurando meu *mai tai*.

– À enfermeira Emily Barrows.

Susan brindou com sua *piña colada*.

Eu me recostei na cadeira e suspirei profundamente. Sentia satisfação e alívio na mesma medida. Também sentia uma pontada de algo que não conseguia identificar direito, mas não era muito agradável. Vamos chamar de culpa.

Olhei para Susan, que estava incrivelmente linda e serena. Eu lhe provocara muita dor e me sentia terrível por isso. Ela merecia coisa melhor.

Segurei a mão dela e a apertei com suavidade:

– Sinto muito, muito mesmo.

Ela apertou de volta.

– Sei disso – disse ela, baixinho.

E ali estava. Um final feliz, se isso pudesse existir. Eu estava com um *mai tai* em uma mão e com a primeira mulher que amei de verdade na outra. E Nora Sinclair estava prestes a começar a cumprir uma pena de prisão perpétua pelos assassinatos que havia cometido.

É claro que eu deveria saber que não seria tão simples assim.

capítulo 113

NA SEXTA-FEIRA SEGUINTE, EU ESTAVA na sala de Susan, em Nova York. Tinha sido *convocado*. Ela acabara de falar ao telefone com Frank Walsh.

- O'Hara, nem sei como lhe dizer isso.
- Sem rodeios, imagino. Eu fiz minha própria cama, não foi?
- Não é isso, John. É que... vão retirar as acusações contra Nora Sinclair.

A notícia me atingiu como um soco. Duro, doloroso e completamente inesperado. Levei alguns segundos antes de conseguir formar uma frase.

- O que você quer dizer com “vão retirar as acusações”?

Susan ficou me encarando do outro lado da mesa, impassível. Pude ver em seus olhos quanto estava aborrecida, mas era uma raiva muito controlada.

Diferente da minha.

Comecei a andar de um lado para outro, a xingar e a ameaçar com tudo o que pude pensar, começando por uma visita ao *New York Times*.

- John, sente-se.

Eu não podia me sentar.

– Não consigo entender. Como puderam fazer isso? Ela é uma assassina fria.

- Eu sei que ela é. Ela é uma cobra. É maluca.

- Então por que vão deixá-la escapar?!

- É complicado.

- Complicado? Complicado o caramba! É inaceitável.

– Eu não discordo de você – disse Susan num tom de voz comedido. – E se gritar e berrar vai fazer você se sentir melhor, sinta-se à vontade. Mas depois que você terminar, não vai ter mudado absolutamente nada. A decisão já está tomada lá em cima.

Eu detestava quando ela estava certa. Como quando me disse que eu era autocentrado demais para salvar nosso casamento. Na mosca! Eu finalmente me sentei e respirei fundo.

- Está bem. Por quê?

– Na verdade, se você pensar bem... acho que já sabe.

Ela estava certa de novo. Pode chamar de negação, ou de otimismo exagerado, mas no fundo eu sempre soube que o indiciamento de Nora poderia representar um sério problema para os “mocinhos”. Meu comportamento viria à tona durante o julgamento e os poderosos do FBI não ficaram muito animados com a perspectiva de sofrer o constrangimento. Ainda assim, eles sofreriam, se era esse o único problema.

Mas eu sabia que havia mais... muito mais.

Caramba, eu estava envolvido nisso quando trabalhara disfarçado como o Turista.

A mala era parte de tudo. A lista de nomes e contas dentro dela era parte de tudo.

Meu namorico com a suspeita não era nada em comparação com uma preocupação maior. Alguma coisa muito mais sensível e potencialmente mais constrangedora. Isto é, se algum dia viesse a público.

Frank Walsh fizera uma alusão a isso durante minha audiência disciplinar: *o monitoramento do dinheiro que era traficado para dentro e para fora do país*. Desnecessário dizer que não estava sendo feito através de pesquisas voluntárias no banco local. Era realizado por meio de acordos privados entre o Departamento de Segurança, o FBI e vários bancos multinacionais. A lógica por trás disso tudo? A única coisa mais perigosa que um grupo terrorista é um grupo terrorista com sólido suporte financeiro. A lógica deveria ser simples. Parando o dinheiro deles, eles param. Ou, melhor ainda, *encontrando* o dinheiro deles.

E os encontrando.

A única regra era que não havia regras. O que quer dizer que muito disso era bastante ilegal. Ninguém era considerado seguro nem acima de suspeita. De cassinos a entidades beneficentes, de grandes corporações a operadores da bolsa. Em qualquer e todo lugar do mundo. Nós os hackeávamos todos. Se o dinheiro estivesse se movimentando, nós estaríamos observando. E se o dinheiro estivesse se movimentando em aparente segredo, nós estaríamos observando *de verdade*. De repente, contas de números privados eram qualquer coisa menos isso.

Olá, Connor Brown.

E olá, Nora.

– Então é isso, é? – perguntei a Susan.

– O que mais eu posso lhe dizer? Nora representa o menor dos males para eles. – Ela deu um sorriso. – Quero dizer, o que são alguns caras ricos, em comparação com manter o mundo a salvo para a democracia ou o que quer que seja. Eles vão libertá-la, O'Hara. Pelo que sei, ela já pode até estar livre.

capítulo 114

EM ALTA VELOCIDADE, NORA DIRIGIU o Mercedes vermelho pelo sul de Manhattan até estar segura de que ninguém a seguia. Nem a imprensa, nem a polícia. *Ninguém*. Então acelerou o carro até a decrepita montanha-russa conhecida como West Side Highway e seguiu para o norte, para Westchester. Precisava de um momento sozinha.

Pouco tempo depois, estava voando no conversível a quase 150 quilômetros por hora. Por Deus, estava livre! E aquilo era muito bom. Fora a melhor coisa que acontecera a ela. Ficaria alguns dias na casa de Connor, acabaria de vender toda a mobília e planejaria o próximo passo.

Curioso, ela estava pensando, *talvez esteja na hora de eu sossegar. De me casar com alguém de verdade, ter um ou dois filhos*. A ideia a fez rir, mas ela não a dispensou. Se coisas mais estranhas tinham acontecido... como ela escapar da prisão.

Antes que se desse conta, estava parando o Mercedes na frente da casa de Connor. A cena do crime, na verdade. Que estranho, e delicioso, era isso! Ela estava completamente livre. Havia se safado dos assassinatos. E os poucos dias que passara na cadeia, na famosa Ilha Riker, perto do Aeroporto La Guardia, na verdade tornava tudo aquilo ainda mais especial. Realmente extraordinário.

Saindo do carro, Nora pensou ter ouvido alguma coisa, o que a fez se lembrar de Craig, de O'Hara. O que fora aquilo tudo? Ela ainda não sabia, exceto que a atração tinha sido imensa e real e muito cheia de emoção para ela.

Mas ela havia esquecido Craig, certo?

Você o esqueceu.

Nora entrou na casa, que estava um pouco úmida e bastante empoeirada, mas não estava muito mal. Ficaria lá por pouco tempo, de qualquer maneira. Poderia suportar algumas adversidades, certo?

Ela entrou na cozinha e abriu a porta do refrigerador. *Ah, Deus, que desastre! Legumes e queijos apodrecendo!*

Pegou uma garrafa de Evian que estava na frente e fechou rapidamente a porta, antes que vomitasse.

– Que nojo!

Limpou a garrafa com uma toalha limpa, abriu a tampa e bebeu quase metade.

E agora? Um banho quente de banheira? Umas braçadas na piscina? Uma sauna?

Sua boca continuou aberta, mas não saiu mais nenhuma palavra.

Apenas um gemido.

E então um grito.

E uma dor incrível!

De repente, Nora estava segurando o estômago. Mas conseguia ficar em pé. *Meu estômago está queimando*, pensou. Olhou ao redor, mas não havia mais ninguém na cozinha.

A dor explodiu na garganta e Nora sentiu como se não conseguisse respirar. Queria vomitar, mas também não conseguia fazer isso. Tudo estava girando, até que ela caiu, não pôde evitar.

Poderia ter caído de rosto no piso de cerâmica, mas não se importou. Nada mais importava além daquele fogo incrível que a estava consumindo de dentro para fora. A visão embaçara. A pior dor que sentira na vida estava tomando conta de seu corpo, dentro dela.

Então Nora ouviu alguma coisa... passos se aproximando da cozinha.

Havia mais alguém na casa.

capítulo 115

NORA PRECISAVA DESESPERADAMENTE DESCOBRIR quem era. Não podia ver direito. Tudo estava muito vago. Tinha a sensação de que seu corpo estava se desintegrando.

– O’Hara? – chamou ela. – É você, O’Hara?

Então viu alguém entrar na cozinha. Não era O’Hara. *Quem, então?*

Uma loura. Alta. Havia alguma coisa familiar nela. *O que era?* Finalmente, ela estava em pé acima de Nora.

– Quem é você? – sussurrou Nora enquanto a queimação terrível ardia na garganta e no peito.

A mulher levantou a mão e levou-a à cabeça. Arrancou os *cabelos*. Era uma peruca.

– Isso ajuda, Nora? – perguntou ela. – Está me reconhecendo agora?

A mulher tinha cabelos curtos e louro-avermelhados. Nora soube quem era.

– *Você!* – falou, ofegante.

– Sim, eu.

Elizabeth Brown, a irmã de Connor. Lizzie.

– Eu segui você durante muito tempo, Nora. Apenas para me certificar do que você havia feito. Assassina! Eu não sabia nem mesmo se você se lembraria de mim – disse ela. – Às vezes eu não sou muito marcante.

– Me ajude – sussurrou Nora. A queimação terrível agora estava na cabeça, no rosto, por todo o corpo. E era terrível. A pior dor que ela poderia imaginar.

– Por favor, me ajude – implorou ela. – Por favor, Lizzie?

Nora não conseguiu mais ver o rosto da irmã de Connor, mas ouviu o que ela disse.

– Nem que nevasse no inferno, que é para onde você está indo, Nora.

capítulo 116

ALGUÉM HAVIA LIGADO PARA A polícia de Briarcliff Manor com uma mensagem misteriosa: “Eu apanhei a assassina de Connor Brown para vocês. Ela está na casa dele, agora. Venham pegá-la.”

A polícia entrou em contato comigo em Nova York e cheguei a Westchester em tempo recorde, cerca de quarenta minutos de direção temerária pela cidade, depois pela Saw Mill Parkway e finalmente pela traiçoeira Rota 9A.

Havia alguns policiais locais e carros de patrulha da polícia estadual parados no estacionamento circular da casa. Havia também uma ambulância do centro médico de Westchester. Respirei fundo, expirei lentamente, e corri para dentro. Cara, eu estava tremendo feito vara verde!

Tive que mostrar o distintivo a um patrulheiro no saguão.

– Estão na cozinha. Fica bem...

– Eu sei onde fica.

Eu me dei conta de que não estava pronto para aquilo quando passei pelas salas de estar e de jantar a caminho da cozinha. Tudo naquela casa me era familiar, e talvez isso tornasse as coisas mais difíceis, não sei. Eu estava lá, mas também não estava. Era como se observar personagem de um pesadelo muito, muito ruim.

Os técnicos forenses já estavam trabalhando, o que significava que os investigadores haviam terminado. Reconheci Stringer e Shaw do escritório de campo de White Plains. Eu trabalhara brevemente com os dois quando montamos o esquema do seguro para pegar Nora.

O corpo dela ainda estava lá, caído ao lado do balcão da cozinha. Perto dela havia uma garrafa d’água quebrada e cacos de vidro espalhados pelo piso. Um fotógrafo da polícia estava trabalhando, e os flashes me pareciam explosões.

– Bem, alguém a pegou. – Shaw se aproximou e ficou parado ao meu lado.

– Ela foi envenenada. Alguma ideia brilhante?

Balancei a cabeça. Eu não tinha nada nem perto de uma ideia brilhante.

– Não. Mas de alguma forma não acho que a gente vá tentar resolver esse caso com muito afínco.

– Ela recebeu o que merecia, não é?

– Mais ou menos. Mas de um jeito muito ruim de morrer.

Eu me afastei de Shaw porque estava sentindo vontade de lhe dar um empurrão ou um soco, o que ele na verdade não merecia.

Depois, fui ver Nora.

Acenei para o fotógrafo se afastar.

– Me dê um minuto.

Eu me agachei, preparei-me da melhor maneira possível e olhei para seu rosto. Ela sofrera no fim, isto era claro, mas ainda estava bonita. Ainda era Nora. Reconheci a blusa de linho branco que ela estava vestindo e seu bracelete de diamantes preferido no pulso.

Não sei o que eu deveria sentir, mas fiquei incrivelmente triste por ela e estava começando a me engasgar. Fiquei também um pouco triste por mim mesmo, e por Susan, e por nossos filhos. Como tudo aquilo havia acontecido? Não sei por quanto tempo fiquei olhando para o corpo de Nora, mas quando enfim me levantei, vi que a cozinha silenciara e que todo mundo estava me observando.

Inadequado, eu sabia. Devia ser meu nome do meio.

capítulo 117

VOLTEI PARA MANHATTAN NAQUELA TARDE. O rádio estava ligado num volume muito alto, mas isso não importava muito. Minha cabeça estava em outro lugar. Eu sabia exatamente o que queria fazer agora. A morte de Nora havia me esclarecido algumas coisas. Eu estava seguro até mesmo de que nunca a amara. Nós usáramos um ao outro, e o resultado fora simplesmente terrível.

Voltei para minha sala e fiquei lá apenas tempo suficiente para pegar um arquivo. Havia outra sala que eu precisava visitar imediatamente. No andar de cima, onde ficavam os figurões.

– Ele vai receber você agora – disse a secretária de Frank Walsh.

Entrei e me sentei diante da imponente mesa de carvalho de Walsh.

– John, a que devo o prazer da visita?

– Preciso conversar com você sobre algumas coisas. Nora Sinclair está morta, por sinal.

Walsh pareceu surpreso, e me perguntei se aquilo era sincero. Ele não deixava escapar muita coisa e provavelmente era assim que ele vinha sobrevivendo tantos anos com o escritório de Manhattan.

– Acho que isso simplifica as coisas – disse ele. – Você está bem?

– Estou bem, Frank.

Ele uniu os dedos magros e grunhiu:

– Mas não muito bem, certo? O que houve?

– Quero uma licença. Remunerada, Frank. Tenho trabalhado demais. Com turnos dobrados e tudo o mais.

Bom, pelo menos alguma coisa ainda era capaz de surpreender Frank Walsh.

– Nossa! – exclamou ele, por fim. – Antes de eu negar seu pedido, John, tem alguma outra coisa que você gostaria de me dizer?

Assenti com a cabeça.

– Fiz uma cópia – falei.

Então passei a ele o arquivo.

– Quer me dizer o que tem aqui dentro?
– O conteúdo de uma mala muito viajada, Frank. Havia também umas roupas, que eu imagino que estivessem lá só para fazer volume, ou talvez para o caso de a pessoa errada abrir a mala.

Walsh assentiu.

– Parece que a pessoa errada abriu a mala.
– Ou talvez a pessoa certa. Susan disse que se tratava de tornar o mundo mais seguro. De monitorar fundos de terroristas e a movimentação para dentro e para fora do país, conferindo contas ilegais no exterior. Foi como descobrimos Nora, por acidente. Ela transferia muito dinheiro o tempo todo, e nós a pegamos.

Walsh assentiu, e então sorriu. E foi o sorriso amarelo que o entregou. Um pouco falso, definitivamente nervoso.

– Foi o que aconteceu, John.
– Mais ou menos – continuei. – Não exatamente. Susan acreditou na sua história, Frank, mas eu não. E daí que o FBI e o Departamento de Segurança estavam rastreando fundos terroristas e distorcendo as leis aqui e ali? A opinião pública provavelmente compreenderia.

Frank Walsh não estava mais sorrindo, mas ouvia atentamente.

– Então, é isso mesmo: eu olhei dentro da mala. Quando fiz isso, achei que pudesse precisar de alguma vantagem algum dia e talvez o que houvesse lá dentro pudesse me ajudar. Vasculhei à vontade. Eu não fazia ideia de porra nenhuma. Abra o envelope pardo, Frank. Dê uma olhada. Prepare-se para se espantar. Ou quem sabe não.

Ele suspirou profundamente, mas abriu o envelope.

O que encontrou era mais ou menos do tamanho de um dedo indicador. Era um pequeno pen drive. *Minha* cópia do original.

– Tem uma versão impressa do arquivo também. Mas é curioso. *Não* se trata de fundos de terroristas, Frank.

– Não? – disse Walsh, balançando calmamente a cabeça. – Do que se trata, John?

Por fim, tive que sorrir.

– Sabe, eu não estou cem por cento seguro, preciso antes deixar claro que não sou grande fã de nenhum dos partidos políticos. Eu até gostei de alguns presidentes com o passar do tempo, de *ambos* os lados. Não sei o que isso faz de mim. Agnóstico?

– O que tem no arquivo impresso, John?

– O que eu acho é que alguém do FBI rastreou dinheiro entrando e saindo de várias contas no exterior. Gente tentando esconder dinheiro, montes de dinheiro, perto de um bilhão e meio de dólares. E o máximo que consegui perceber, Frank, foi que todos no arquivo eram contribuintes ou “amigos” do partido político de oposição. Que tal? Se isso aparecer durante o julgamento do assassinato de Nora Sinclair, *será* constrangedor para o FBI e para quem estiver no poder. Muito ilegítimo e extremamente antiético. Até pior que trepar com Nora Sinclair, do que estou muito envergonhado, aliás.

Eu me levantei e percebi que estava com as pernas um pouco trêmulas. Por algum motivo estranho, estendi a mão e apertei a de Frank Walsh, talvez porque ambos soubéssemos que eu estava dizendo adeus.

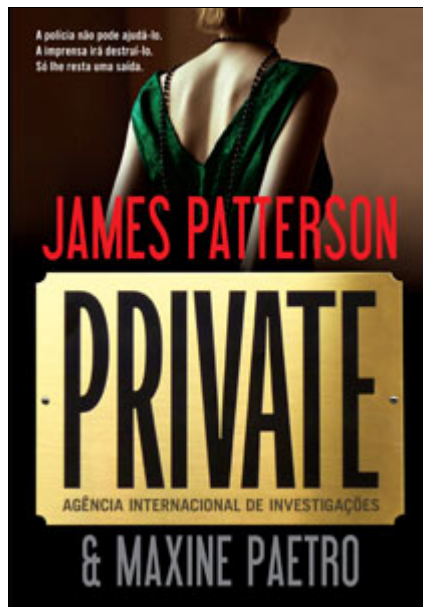
– Licença remunerada – disse ele. – Você conseguiu, John. Você merece.

Então saí pela porta e fui para casa: Riverside.

Para Max, John Júnior e Susan... se ela me aceitasse. E vou dizer, durante todo o caminho até Connecticut, rezei para que ela aceitasse.

E Susan – a incrível e maravilhosa Susan – acabou aceitando.

CONHEÇA OS TÍTULOS DA SÉRIE PRIVATE



Private

James Patterson com Maxine Paetro

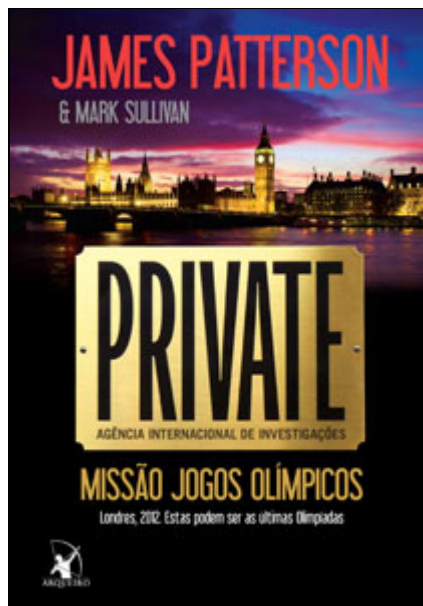
Anos após seu pai ter abandonado o negócio, Jack Morgan assumiu a Private. Sob sua direção, a empresa de Los Angeles se expandiu, abrindo filiais em Nova York, Londres e Paris.

Além de Jack, a agência reúne um seleto time de investigadores: a psiquiatra Justine Smith, o impulsivo ex-fuzileiro naval Rick Del Rio, o charmoso Emilio Cruz e os gênios do laboratório Dr. Sci e Mo-bot.

A equipe – Justine em especial – está completamente dedicada a pegar um criminoso que há dois anos vem matando colegas a intervalos regulares. Às voltas com esse caso intrigante, a agência também é contratada para investigar possíveis manipulações nos resultados dos jogos da NFL – a liga profissional de futebol americano – e para encontrar o assassino da esposa do melhor amigo de Jack.

Juntos, esses três casos quase levarão Jack ao limite de sua energia.

Com um ritmo alucinante, *Private* é um dos livros mais envolventes de James Patterson.



Private: Missão Jogos Olímpicos
James Patterson com Mark Sullivan

Aproveite os dias de glória olímpica antes que um psicopata apague a chama para sempre.

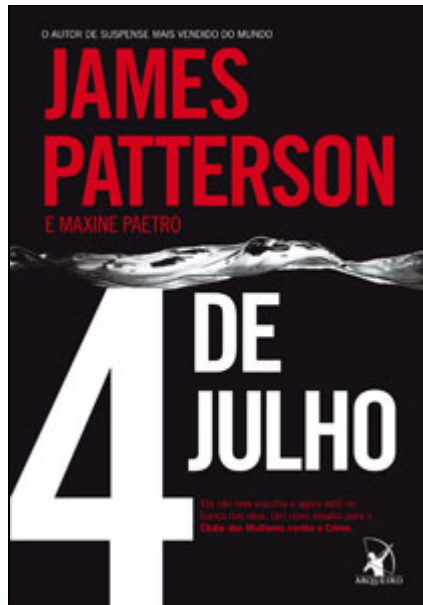
Peter Knight é agente da filial de Londres da Private. Depois que quatro de seus colegas morrem tragicamente num acidente de avião, Knight se vê sobrecarregado: agora liderando a agência, que foi contratada para dar apoio à segurança dos Jogos Olímpicos, ele ainda tem que cuidar sozinho de seus filhos gêmeos, Luke e Isabel, de apenas 3 anos.

A pressão sobre ele aumenta quando, na véspera da abertura das Olimpíadas, o corpo de Sir Denton Marshall é encontrado decapitado no jardim da própria casa. Sir Denton era um membro importante do Comitê Organizador – e noivo da mãe de Knight.

Algumas horas depois do crime, a jornalista Karen Pope recebe uma carta de um homem chamado Cronos, que assume a autoria do assassinato. Ela procura a Private para ajudá-la a desvendar o mistério.

Logo fica claro que a morte de Sir Denton não é um caso isolado – e que Cronos não está sozinho. Enquanto o psicopata e suas três Fúrias cometem outros atentados, Karen e Knight correm contra o tempo para evitar que uma catástrofe ainda maior aconteça.

CONHEÇA OS TÍTULOS DA SÉRIE CLUBE DAS MULHERES CONTRA O CRIME

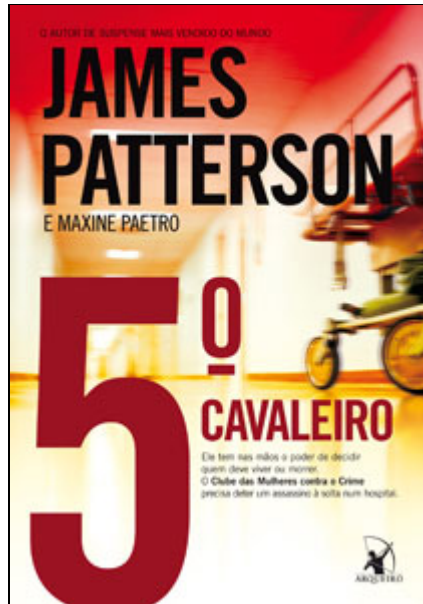


4 de julho

James Patterson com Maxine Paetro

Ao fim de um dia de trabalho, Lindsay se encontra com Claire Washburn e Cindy Thomas num bar. As três amigas compõem o Clube das Mulheres contra o Crime, grupo que tenta solucionar os casos ocorridos na cidade. Após alguns drinques, a tenente recebe uma ligação do inspetor Warren Jacobi. Ele acaba de localizar um veículo suspeito, visto na cena de um crime. Após perseguir o veículo, a abordagem policial acaba fugindo do controle, e o resultado é uma menina morta e um garoto tetraplégico.

Enquanto aguarda o julgamento, Lindsay decide passar uma temporada em Half Moon Bay. Mas a pacata cidade vem sendo palco de crimes brutais e a polícia parece não fazer nada. Mesmo de licença e fora de sua jurisdição, a tenente resolve investigar os assassinatos, com a ajuda de Claire e Cindy. Para sua surpresa, ela encontra ligações entre aquelas mortes e um caso ocorrido 10 anos antes, que ainda é uma mancha em sua carreira.



5º cavaleiro

James Patterson com Maxine Paetro

No meio da madrugada, Jessica Falk acorda sentindo uma forte dor no peito. Lembra que está internada e tenta pedir ajuda. Ao olhar para o lado, percebe um vulto. Estica o braço num pedido de socorro, porém sua visão fica turva e o ar se recusa a chegar a seus pulmões.

Na manhã seguinte à morte de Jéssica, o Hospital Municipal de São Francisco não sabe responder à incômoda pergunta levantada: por que, nos últimos tempos, 20 pessoas internadas ali perderam a vida de maneira suspeita?

O caso vai parar na Justiça, o processo contra o hospital acaba mobilizando São Francisco e especialmente o Clube das Mulheres contra o Crime. Yuki Castellano, a mais nova integrante do Clube, vive um drama pessoal: sua mãe está internada na UTI do centro médico e, ao que tudo indica, corre um sério risco, pois há suspeitas de que um maníaco à solta pelos corredores se acha no direito de decidir quem deve viver ou morrer.

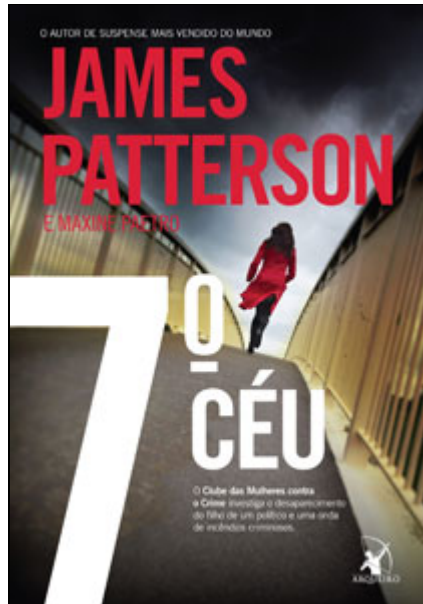


6º alvo

James Patterson com Maxine Paetro

Quando um homem abre fogo contra uma balsa lotada no porto de São Francisco, a tenente Lindsay Boxer é imediatamente convocada e se depara com um cenário assustador: três pessoas estão mortas e sua amiga Claire Washburn encontra-se gravemente ferida. Trabalhando com o inspetor Richard Conklin, Lindsay consegue prender o assassino.

Assim que o julgamento começa, outro caso desperta a atenção da polícia. Várias crianças estão sendo raptadas, mas sem qualquer pedido de resgate. Numa corrida contra o relógio, a tenente sabe que precisa encontrar os pequenos reféns antes que seja tarde.



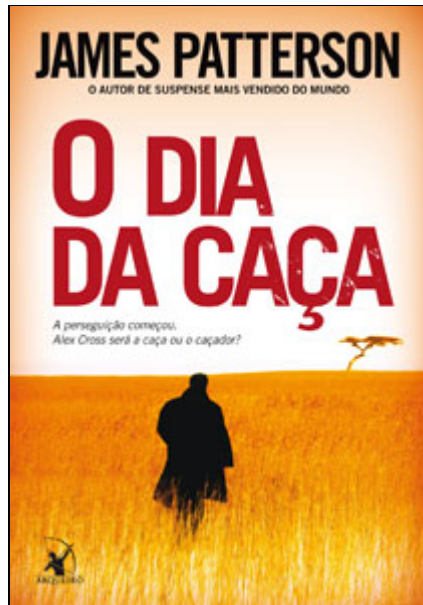
7º céu

James Patterson com Maxine Paetro

Enquanto trabalha no caso do desaparecimento do Michael Campion, filho do ex-governador da Califórnia, a sargento Lindsay Boxer e seu colega Richard Conklin também precisam investigar uma onda de incêndios criminosos em mansões da cidade. Diante de dois dos casos mais difíceis de sua carreira, Lindsay se aproxima perigosamente de Richard, colocando em risco seu namoro com Joe Molinari.

Ao mesmo tempo, ela participa do julgamento que coloca uma ardilosa advogada no caminho da assistente de promotoria Yuki Castellano.

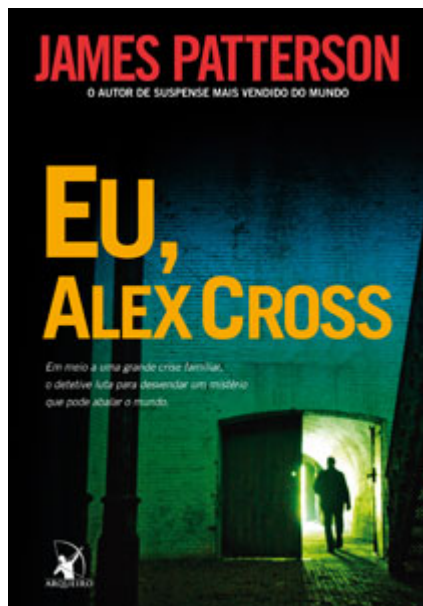
CONHEÇA OS TÍTULOS DA SÉRIE ALEX CROSS



O dia da caça *James Patterson*

Cross se vê diante de um dos piores crimes com que já se deparou: uma família inteira foi morta dentro de casa. O que descobre é pior do que imaginava: os responsáveis por tamanha atrocidade são apenas meninos. Quando outro crime com os mesmos traços de barbárie vitima mais uma família inteira, dando indícios de que o assassino viajou para a África, Cross não hesita nem por um instante: ele parte para a Nigéria em busca de justiça.

Ao chegar lá, é capturado, espancado, mas descobre que o criminoso conta com a ajuda de pessoas muito poderosas e influentes. Com um ritmo eletrizante, *O dia da caça* é uma aventura de tirar o fôlego e deixa claro por que James Patterson é o autor de suspense mais lido do mundo.



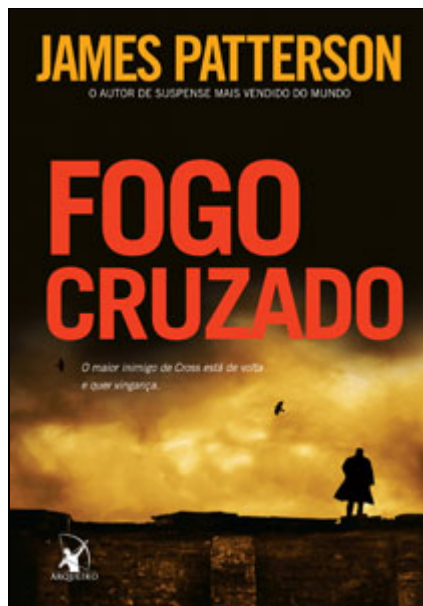
Eu, Alex Cross

James Patterson

Alex Cross está comemorando seu aniversário quando recebe uma ligação de trabalho: Caroline Cross, sobrinha do detetive, foi brutalmente assassinada. Cross se lança às investigações e descobre algo desconcertante. Caroline trabalhava como garota de programa.

Logo Cross fica sabendo que outras moças e rapazes envolvidos com prostituição também estão desaparecidos. Em meio aos pertences de alguns deles, o detetive encontra sequências de letras anotadas, todas muito parecidas. Ele decifra o código e percebe que as sequências revelam números de telefone de pessoas famosas e poderosas.

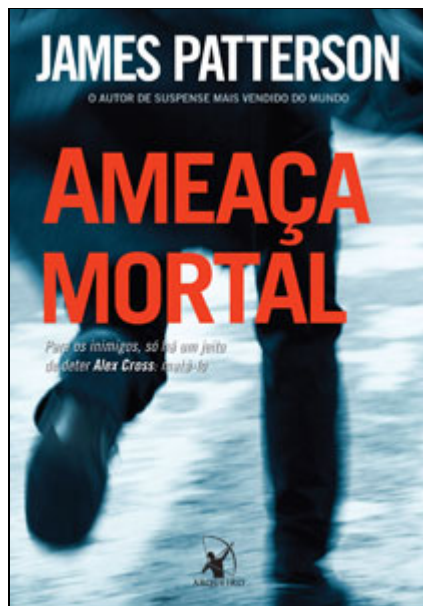
Quando é convocado a contar tudo o que sabe a um dos principais agentes do Serviço Secreto, o detetive começa a desconfiar que está envolvido em algo muito maior do que havia imaginado.



Fogo cruzado
James Patterson

Em meio aos preparativos para seu casamento com a detetive Bree Stone, Alex Cross é chamado para resolver o assassinato de dois dos homens mais poderosos – e corruptos – da cidade. Quando o ardiloso homicida age novamente, exterminando outros integrantes da alta-roda, fica claro que o autor dos disparos sabe de detalhes da rotina das vítimas que só alguém que conhece o círculo íntimo delas poderia descobrir.

Enquanto se divide entre o franco-atirador e os planos para o casamento, o detetive recebe um telefonema de seu maior inimigo, Kyle Craig. Ele escapou da penitenciária de segurança máxima, para onde foi mandado por Cross, e não vai descansar até conseguir se vingar.



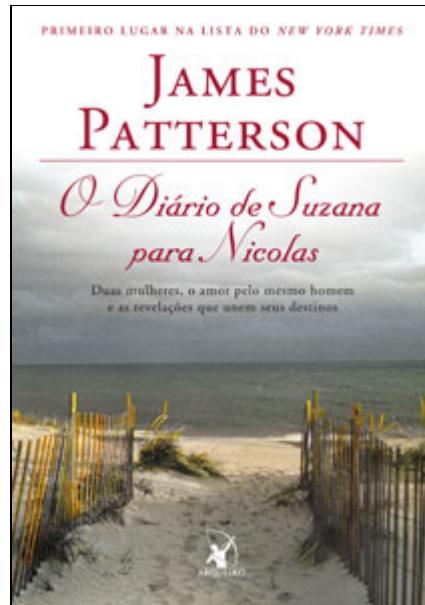
Ameaça mortal
James Patterson

Num ato de ousadia, criminosos enganam os agentes do Serviço Secreto e desaparecem com Ethan e Zoe Coyle, filhos do presidente dos Estados Unidos. Atendendo a um pedido especial da primeira-dama, o FBI e o Serviço Secreto acabam convidando o detetive Alex Cross por sua experiência com sequestros.

Em meio às investigações, a Inteligência americana descobre que um grupo terrorista está planejando vários ataques em território nacional. Os atentados contra a comitiva do secretário de Estado põem a capital em alerta, além de levantar a suspeita de que esses atos possam ter ligação com o sequestro de Ethan e Zoe.

Alex Cross precisa agir rápido. Junto com a CIA e o FBI, ele começa uma corrida contra o tempo para encontrar os filhos do presidente e impedir que novos atentados coloquem o país em risco.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR



O diário de Suzana para Nicolas *James Patterson*

Depois de quase um ano juntos, o poeta Matt Harrison acaba de romper com Katie Wilkinson. A jovem editora, que não tinha qualquer dúvida quanto ao amor que os unia, não consegue entender como um relacionamento tão perfeito pôde acabar tão de repente.

Mas tudo está prestes a ser explicado. No dia seguinte ao rompimento, quando Katie volta para casa, encontra um pacote deixado por Matt. Dentro dele, um pequeno volume encadernado traz na capa cinco palavras, escritas com uma caligrafia que ela não reconhece: “Diário de Suzana para Nicolas”.

Ao folhear aquelas páginas, Katie logo descobre que Suzana é uma jovem médica que, depois de sofrer um infarto, decidiu deixar para trás a correria de Boston e se mudar para um chalé na pacata ilha de Martha’s Vineyard. Foi lá que conheceu Matt. E lá nasceu o filho deles, Nicolas.

Por que Matt teria lhe deixado aquele diário? Agora, confusa e sofrendo pelo fim do relacionamento, é nas palavras de outra mulher que Katie buscará as respostas para sua vida.

O diário de Suzana para Nicolas é uma história de amor que se constrói ao virar de cada página. Cada revelação é mais uma nuance sobre seus personagens. Cada descoberta é um fio a mais a ligar vidas que o destino entrelaçou.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Prólogo

Parte um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Parte dois

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Parte três

Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84

Capítulo 85

Parte cuatro

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Parte cinco

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Capítulo 110

Capítulo 111

Capítulo 112

Capítulo 113

Capítulo 114

Capítulo 115

Capítulo 116

Capítulo 117

Conheça os títulos da Série Private

Conheça os títulos da Série Clube das mulheres contra o crime

Conheça os títulos da Série Alex Cross

Conheça outro título do autor

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos